Rumores da escrita, vestígios do passado

JULIANA SIMÕES FONTE

RUMORES DA ESCRITA, VESTÍGIOS DO PASSADO

UMA INTERPRETAÇÃO FONOLÓGICA DAS VOGAIS DO PORTUGUÊS ARCAICO POR MEIO DA POESIA MEDIEVAL

Cultura Acadêmica
Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.editoraunesp.com.br
feu@editora.unesp.br

CIP – Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

F762r

Fonte, Juliana Simões
Rumores da escrita, vestígios do passado: uma interpretação fonológica das vogais do português arcaico por meio da poesia medieval / Juliana Simões Fonte. – São Paulo : Cultura Acadêmica, 2010.
Apêndices
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7983-102-7

1. Afonso X, O Sábio, Rei de Castela e Leão, 1221-1284. Cantigas de Santa Maria. 2. Língua portuguesa – Vogais – História. 3. Língua portuguesa – Português arcaico – Até 1400 - Fonologia. 4. Língua portuguesa – Português arcaico – Séculos XV-XVIII – Fonologia. 5. Poesia portuguesa – Até 1400 – História e crítica. 6. Poesia portuguesa – Período clássico, 1500-1700 – História e crítica. 7. Poesia medieval – História e crítica. I. Título.

11-0098. CDD: 869.1
CDU: 821.134.3-1

Este livro é publicado pelo Programa de Publicações Digitais da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

Editora afiliada:

Asociación de Editoriales Universitarias de América Latina y el Caribe

Associação Brasileira de Editoras Universitárias

Aos meus pais,
Aparecida e Antonio,
que compartilharam do meu sonho
e me ajudaram a concretizá-lo.

Agradecimentos

Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

De modo especial, agradeço:

- a Deus, pela presença constante em minha vida, por iluminar meus caminhos, pela superação aos desafios, pelas oportunidades, pelas pessoas especiais que colocou em meu caminho, pelos momentos de paz e de sabedoria, por mais esta conquista e por me mostrar que milagres existem e que eu posso alcançar absolutamente tudo, se Ele estiver ao meu lado;
- a minha orientadora, professora Gladis Massini-Cagliari, que, com toda a dedicação e sabedoria peculiares, indicou-me tantos caminhos e ajudou-me a percorrê-los. A você, minha orientadora, que representa um verdadeiro modelo de profissionalismo e competência, a quem devo esta conquista, a minha eterna admiração;
- a Samir pelo companheirismo e incentivo, pela compreensão de minhas ausências, pelos abraços fortalecedores e, principalmente, por todo o amor e carinho que dedicou a mim, durante a elaboração deste livro;
- aos professores Luciani Ester Tenani e José Sueli de Magalhães, pelas contribuições valiosas; Gisela Collischonn, Marco

Antônio de Oliveira e Seung-Hwa Lee, pelas relevantes sugestões; Luiz Carlos Cagliari, meu mestre, por todos os seus ensinamentos. Aos demais professores dos Departamentos de Linguística, Literatura e Letras Modernas da FCL/Unesp, por terem contribuído para minha formação;

- a José Domingos Ibelli, secretário do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, que sempre foi tão prestativo e gentil ao esclarecer minhas dúvidas e atender meus pedidos;
- a Daniel, Lívia, Maíra, Marcela, Márcia, Patrícia, Suzana, Niguelme, Talita, Juliana e Marília, pela amizade, pela experiência partilhada, pelos conselhos e por todos os momentos divertidos e inesquecíveis que passamos juntos. Agradeço especialmente à Natália, companheira de todas as horas, que sempre esteve pronta para me ajudar, nos momentos de angústia e desespero, com quem partilhei tantas alegrias, vitórias, medos e lamentações;
- a Bia, Isabela, Paula e Wendy, pela amizade, pelo afeto, por me ajudarem a superar os momentos difíceis, e tornado mais felizes meus dias em Araraquara. Saibam que, mesmo distantes, vocês estiveram presentes.

"Sonhar
Mais um sonho impossível
Lutar
Quando é fácil ceder
Vencer o inimigo invencível
Negar quando a regra é vender
Sofrer a tortura implacável
Romper a incabível prisão
Voar num limite improvável
Tocar o inacessível chão
É minha lei, é minha questão
Virar esse mundo
Cravar esse chão
Não me importa saber
Se é terrível demais
Quantas guerras terei que vencer
Por um pouco de paz."

(Chico Buarque,
"Sonho impossível")

"Havia em mim uma curiosidade incessante, um desejo movido pela esperança de ler e aprender."

(Pamuk, 2007, p.21)

"Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve [...]. Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois, no fim dá certo."

(Rosa, 2006, p.60)

Lista de abreviaturas e símbolos

CSM *Cantigas de Santa Maria*
CBN *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*
E Códice dos músicos – El Escorial, Real Monasterio de San Lorenzo, MS B.I.2
F Códice de Florença – Firenze, Biblioteca Nazionale Centrale, Banco Rari, 20
M Legendas das miniaturas nos códices T e F
PA Português arcaico
PB Português brasileiro
PE Português europeu
T Códice rico. El Escorial, Real Monasterio de San Lorenzo, MS T.I.1
To Códice de Toledo. Madrid, Biblioteca Nacional, MS 10.069
[ ] Fone
/ / Fonema
< > Grafema
˘ Vogal breve
¯ Vogal longa
˳ Vogal fechada
˛ Vogal aberta
ω Palavra fonológica

Sumário

Introdução 15

1 O português arcaico e as *Cantigas de Santa Maria* na história da língua e da literatura portuguesa 23
2 As vogais do português 71
3 A pesquisa linguística em textos do português arcaico 95
4 O sistema vocálico do português arcaico nas *Cantigas de Santa Maria* 105

Conclusão 207
Referências bibliográficas 213
Apêndices 219

Introdução

A proposta deste livro é oferecer ao leitor uma descrição fonológica das qualidades vocálicas vigentes na primeira fase (período trovadoresco) do português arcaico[1] (doravante, PA), com base na análise das rimas e da grafia das *Cantigas de Santa Maria* (de agora em diante, CSM), de Afonso X, o Sábio, rei de Leão e Castela, elaboradas na segunda metade do século XIII.

Por meio da análise das rimas de textos poéticos, é possível obter pistas satisfatórias sobre a realização fônica das vogais portuguesas, em um momento passado da língua, do qual não se têm registros orais, já que não havia tecnologia disponível para a gravação da fala. Para Mattos e Silva (2006, p.37), as cantigas medievais fornecem dados essenciais para o conhecimento da língua da época:

---

1 Optou-se pelo rótulo "português arcaico" em detrimento de "galego-português" porque nosso objetivo é estabelecer o percurso de possíveis mudanças fonológicas no português (e não no galego). É importante observar que, na fase trovadoresca, o galego e o português eram reconhecidos pelos falantes como sendo a mesma língua, embora houvesse, muito provavelmente, variações entre esses dois falares. Sobre isso, Melo (1967, p.114) afirma: "o que até o século XII era a mesma língua já são duas línguas diferentes no século XVI, dois co-dialetos, o português e o galego".

> O fato de serem poemas de estrutura formal em versos rimados os torna fundamentais, no que concerne a estudos de história da língua, para o conhecimento de fatos fonéticos desse período, como sejam, por exemplo, questões referentes aos encontros entre vogais (hiatos/ditongos), ao timbre vocálico (abertura/fechamento), vogais e ditongos nasais/orais.

A relevância da presente obra consiste no fato de não haver, ainda, um estudo detalhado e específico sobre as vogais do PA que tome como base as CSM. Há diversos trabalhos que fazem referência às vogais do período arcaico, mas a maioria deles é de natureza diacrônica, cujo objetivo principal é descrever a história das vogais portuguesas, de um modo geral, não se detendo muito em um momento particular da língua. Dessa forma, pode-se dizer que há muitos estudos sobre a história das vogais portuguesas, mas poucos trabalhos específicos sobre a ocorrência dessas vogais no período arcaico, que visem a uma descrição sincrônica de um momento passado da língua.

As gramáticas históricas do português, por exemplo, como o próprio nome indica, descrevem a história das vogais portuguesas, demonstrando as transformações por que passaram essas vogais ao longo da história da língua: desde o latim clássico até o momento atual do português. As alusões ao PA, quando aparecem nesses estudos, são bastante gerais e concisas, já que o objetivo deles não é apresentar uma descrição sincrônica de sucessivas épocas do português. Enquadram-se, nesses estudos, os tradicionais trabalhos de Williams (1975), Nunes (1960), Silva Neto (1952), Coutinho (1974), Bueno (1967), entre outros.

Entre esses estudiosos, destacam-se Nunes (op. cit.), Williams (1975) e Silva Neto (op. cit.), que fazem algumas considerações a respeito das vogais do PA, com base nas rimas da poesia medieval. Nunes (op. cit., p.53) aponta para o fato de que, no passado, alguns adjetivos do português grafados com *-or* final, como *maior* e *melhor*, eram pronunciados com um *o* fechado, já que rimavam, na poesia de então, com termos que possuíam, em suas sílabas tônicas, uma vogal média posterior fechada (como *amor*). Williams (op. cit., p.45) e Silva Neto (op. cit., p.413) afirmam que, no português antigo, pa-

lavras como *eu, meu, teu, seu, deu, Deus* e *judeu* eram pronunciadas com um *e* aberto, já que jamais aparecem rimando, nos primitivos cancioneiros, com a terceira pessoa do singular do pretérito perfeito dos verbos terminados em *-er* (como *perdeu* e *temeu*). Os autores, entretanto, apenas mencionam o fato, sem maiores discussões, uma vez que estavam mais preocupados em mostrar que, em algum momento do português, o timbre da vogal média desses termos correspondia à duração da vogal que herdaram do latim clássico, do que em descrever sua realização fônica no PA.

Há alguns (poucos) trabalhos que se dedicam especificamente ao período arcaico, como os conhecidos estudos de Mattos e Silva (2006) e Clarinda Maia (1997). Nenhum deles, no entanto, está particularmente relacionado aos sistemas vocálicos do PA, embora ambas as autoras façam referência às vogais da época. Além disso, as informações fornecidas por Maia (idem), referentes às qualidades vocálicas do PA, não são baseadas na análise de textos poéticos remanescentes daquele período da língua, já que a autora considera como *corpus* documentos notariais da época.

Conforme observado anteriormente, os textos poéticos, a partir de suas rimas, fornecem pistas muito mais seguras, no que diz respeito à realização fônica de vogais em um momento passado da língua, do que os textos em prosa. Pode-se dizer, portanto, que o presente livro, ao analisar as rimas de um *corpus* poético (as CSM), poderá trazer informações sobre as vogais do PA que não foram contempladas por Maia (idem), na observação dos textos em prosa não literária.

Especificamente sobre o sistema vocálico do PA, há o trabalho de Granucci (2001), que desenvolveu um estudo como o que se pretende desenvolver aqui. A autora, todavia, considerou como *corpus* as *cantigas de amigo*, contidas no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*, a partir das quais obteve um quadro dos sistemas vocálicos do PA.[2]

---

2 O trabalho de Granucci (2001), assim como este livro, está vinculado ao projeto "Fonologia do português: arcaico & brasileiro", registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq e coordenado pela professora Gladis Massini-Cagliari. Do projeto coletivo, participam alunos da graduação e da pós-graduação da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara da Universidade Estadual Paulista (Unesp).

Consideramos que seria inviável atribuir qualidades vocálicas ao PA com base na observação de um único *corpus* remanescente daquele período. Os textos poéticos do período trovadoresco podem ser divididos em duas vertentes: uma profana, da qual fazem parte as *cantigas de amor,* as *cantigas de amigo* e as *cantigas de escárnio e maldizer* (cf. Spina, 1991; Tavani, 1993; Massini-Cagliari, 1999, 2007b), e outra religiosa, da qual fazem parte as 420 CSM, que louvam a Virgem e narram seus milagres. Como Granucci (2001) obteve um quadro dos sistemas vocálicos do PA por meio da análise de um *corpus* profano, que contempla apenas uma das vertentes da poesia trovadoresca (as *cantigas de amigo*), faz-se necessário observar a ocorrência dessas vogais nas cantigas religiosas, a fim de obter-se um quadro mais completo e seguro dos sistemas vocálicos do PA.

Além disso, estudos revelam que as CSM, em termos de léxico e de rima, são mais ricas do que as cantigas profanas. Leão (2007, p.152-3) chama atenção para a maior riqueza lexical das CSM em relação às cantigas profanas:

> Do ponto de vista do léxico, as *Cantigas* apresentam uma riqueza imensa (como também, embora em menor grau, as cantigas de escárnio), pois não se limitam à tópica amorosa como as cantigas de amigo e de amor. Ao contrário, elas nos falam não só da vida religiosa, mas da vida em toda a sua complexidade, constituindo talvez o mais rico documento para o conhecimento da mentalidade, dos costumes, das doenças, das profissões, da prostituição, do jogo, dos hábitos monásticos, de todos os aspectos enfim do quotidiano medieval na Ibéria.

Massini-Cagliari (2005) e Costa (2006) mostram que, no léxico das CSM, há registro de termos proparoxítonos, diferentemente do que ocorre com as *cantigas de amigo*, em cujo léxico só podem ser identificadas palavras oxítonas e paroxítonas. Esse fato aponta, pois, para uma maior riqueza das cantigas medievais religiosas, em relação às *cantigas profanas*, no que diz respeito às pautas prosódicas de palavras do PA.

Do ponto de vista das rimas, as CSM também podem ser consideradas mais ricas do que as *cantigas de amigo*. As rimas das cantigas religiosas são todas perfeitas (soantes), diferentemente do que ocorre com as *cantigas de amigo*, cujas rimas podem ser perfeitas ou imperfeitas (toantes), de acordo com Granucci (2001). Segundo Goldstein (1985, p.44), nas rimas soantes, a partir da vogal tônica, todas as vogais e consoantes possuem a mesma qualidade, enquanto, nas rimas toantes, apenas as vogais tônicas são semelhantes (*pinno/amigo* e *ramo/amado*, por exemplo, nas *cantigas de amigo*).

Dessa forma, pode-se dizer que as rimas presentes nas CSM contribuem muito mais para o estudo das qualidades vocálicas do PA do que as rimas das *cantigas de amigo*, por exemplo, uma vez que as rimas das cantigas religiosas, por serem todas perfeitas, permitem-nos inferir que, a partir da vogal tônica, todas as vogais e consoantes dos termos que rimam entre si apresentam a mesma qualidade, em termos fonológicos, bastando conhecer a qualidade vocálica de apenas um desses termos, no período arcaico, para descobrir a qualidade vocálica dos demais termos do grupo rimante.

Nesse sentido, sendo as cantigas religiosas muito mais ricas em temática e formatos poéticos do que as cantigas profanas, nosso objetivo é desenvolver, com base na análise das CSM, um estudo complementar ao desenvolvido por Granucci (op. cit.), a fim de encontrar novas informações e confirmar ou não aquelas identificadas pela autora na observação das *cantigas de amigo*. Dessa forma, será possível obter uma descrição mais completa e segura dos sistemas vocálicos da língua falada, em Portugal e Galiza, na época dos trovadores, ao compararmos suas duas vertentes: a profana e a religiosa.

Neste livro, foi considerada a edição de Mettmann (1986a, 1986b, 1989) das CSM. São quatro os códices originais contendo as cantigas da coleção afonsina: o *códice de Toledo* (To), o códice rico de El Escorial (T), o códice de Florença (F) e o códice dos músicos de El Escorial (E). Também foram consultados os microfilmes dos quatro manuscritos originais, bem como as edições fac-similadas dos manuscritos de Toledo e do Escorial, quando persistiram algumas dúvidas, mesmo após consultar a edição de Mettmann (idem).

O estudo de um momento passado da língua pode trazer informações relevantes para a compreensão de muitos fenômenos recorrentes em seu estado atual. A esse respeito, Mattos e Silva (2006, p.48) declara:

> *a teoria da gramática* do gerativismo atual começa a considerar fatos pretéritos das línguas como argumentos significativos para a construção de gramáticas possíveis para as línguas naturais; *a teoria da mudança* da Sociolingüística considera que o passado pode informar sobre as variações e mudanças em curso no presente, da mesma forma que a análise de variação e mudança no presente abre caminhos para uma melhor interpretação de fatos do passado.

Pode-se dizer, portanto, que este livro, ao apresentar uma descrição fonológica das vogais do PA, também traz informações que poderão contribuir para o estudo dos sistemas vocálicos do português brasileiro atual (doravante, PB), na medida em que muitos dos processos identificados entre as vogais do período arcaico, principalmente no que diz respeito ao levantamento de vogal pretônica, por exemplo, podem ser identificados no momento atual da língua.

Este livro está estruturado em quatro capítulos. O primeiro está dedicado à delimitação temporal do PA, na história da língua, e à apresentação das principais características do *corpus* adotado. Nesse capítulo, foram abordadas questões sobre a estruturação, a autoria e a linguagem das CSM. Além disso, ele traz uma breve descrição de cada um dos manuscritos que contêm as cantigas da coleção afonsina.

O segundo capítulo traz o testemunho dos estudiosos a respeito dos sistemas vocálicos do português (arcaico e brasileiro), além de informações sobre a história das vogais portuguesas. Foram considerados, nesse capítulo, além dos estudos específicos sobre as vogais do PA e do PB atual, trabalhos relacionados à história da língua, como as gramáticas históricas e os manuais de filologia do português.

No terceiro capítulo, descrevem-se as metodologias de estudo adotadas. A metodologia empregada na interpretação das vogais tônicas e átonas finais do PA baseia-se no mapeamento de todas as

vogais que aparecem em posição de rima, nas CSM, buscando, assim, identificar as qualidades fônicas dessas vogais naquele momento da língua. Para as vogais pretônicas, fez-se um estudo baseado na variação gráfica, com base nas informações contidas no glossário organizado por Walter Mettmann (1972), no qual estão registrados todos os termos, e suas variantes, presentes nas CSM.

No quarto capítulo, são apresentados e interpretados os dados obtidos por nós, com base no *corpus* considerado. Nesse capítulo, há informações sobre os sistemas vocálicos do PA em posição tônica, pretônica e postônica, por meio da análise das rimas e da grafia das CSM. Por fim, apresentamos as conclusões sobre as qualidades vocálicas do PA e sobre a eficácia da metodologia empregada neste estudo.

1
O PORTUGUÊS ARCAICO E AS *CANTIGAS DE SANTA MARIA* NA HISTÓRIA DA LÍNGUA E DA LITERATURA PORTUGUESA

Português arcaico

Segundo Hauy (1989, p.23), inicialmente, a Península Ibérica era habitada pelos "iberos". Posteriormente, segundo essa autora, os celtas, civilização de origem indo-europeia, invadiram a península, surgindo, assim, as chamadas nações "celtiberas". De acordo com Hauy (idem), na fusão entre iberos e celtas, a língua dos últimos teria predominado. Dessa forma, no século II a.C., quando os romanos ocuparam a Península Ibérica – após as Guerras Púnicas (entre Roma e Cartago)[1] –, encontraram, muito provavelmente, o celta como a língua nativa do território.

De acordo com Câmara Jr. (1979, p.16), após a ocupação romana da Península Ibérica, o latim, pouco a pouco, estabeleceu-se no território, fazendo desaparecer as demais línguas da península.[2]

---

1 Segundo Hauy (1989, p.24), Cartago dominava a Península Ibérica desde 238 a.C. Roma ocupou o território, de acordo com a autora, no século II a.C., após vencer Cartago nas Guerras Púnicas.

2 Silva Neto (1956, p.65) afirma que o latim tomou emprestados alguns termos (poucos) da língua dos povos celtiberos, principalmente para nomear particularidades da Península Ibérica que os romanos, até o momento, desconheciam. De acordo com o autor, são palavras ibéricas no português: *abóbora, arroio,*

No século V d.C., quando os povos germânicos (suevos e visigodos) invadiram a Península Ibérica, encontraram, pois, o latim (com variações regionais e já bastante modificado) como a nova língua nativa do território (idem, p.16).

De acordo com os estudiosos, mesmo após as invasões germânicas, o latim continuou a ser a língua falada na Península Ibérica. Silva Neto (1956, p.66) afirma que os germânicos, embora fossem os conquistadores, aceitaram a língua dos vencidos, já que estavam em menor número do que eles. Esse autor considera ainda a hipótese de que os visigodos já falassem latim quando invadiram a península.

Teyssier (1994, p.5) reconhece que a contribuição dos suevos e visigodos à língua e à cultura da Península Ibérica foi mínima.[3] Entretanto, esse autor afirma que, com a invasão dos povos germânicos, rompeu-se a unidade romana que havia na Península Ibérica, antes de sua chegada, e o latim falado diversificou-se, distanciando-se ainda mais do latim escrito.

Para Silva Neto (op. cit., p.66), o século V marca não apenas o início de uma nova era (a Idade Média) na Europa Ocidental, mas também o início uma nova fase linguística, isto é, a fase do romanço. De acordo com o autor, o *romanço* corresponde a "um falar intermediário entre o latim corrente e as línguas neolatinas".[4]

---

barro, lousa e *sarna*. Hauy (1989, p.13) aponta alguns vestígios da língua dos celtas, especificamente, na língua portuguesa: *berço, bico, cabana, caminho, camisa, carro, cavalo, cerveja, gato, lança, légua, manteiga, saia, saio, vassalo*; e os topônimos da Lusitânia: *Coimbra, Bragança, Évora* e *Lisboa*.

3 Silva Neto (1956, p.66) e Hauy (op. cit., p.16) apontam alguns termos de origem germânica no português: *dardo, elmo, escaramuça, espora, guerra, trégua* (termos de guerra); *arauto, baluarte, banda, bando, bandeira, espeto, feltro, feudo, orgulho, roupa*, *sopa* (termos de uso geral); além dos verbos *brandir, galopar, roubar, trotar, trepar*; e dos adjetivos *branco, franco, fresco, liso, morno, rico, tacanho*.

4 Segundo Câmara Jr. (1979, p.12), são línguas românicas (ou neolatinas) nacionais e literárias de diversos países: o português, o espanhol ou castelhano, o italiano, o francês e o romeno. De acordo com os estudiosos, as línguas românicas provêm do latim vulgar, ou seja, da língua falada, de caráter popular, e não do latim clássico, literário. A esse respeito, Michaëlis de Vasconcelos (1946, p.6) declara o seguinte: "Não é da língua cultíssima de Cícero e de César, os deuses maiores da prosa clássica, que as línguas românicas procedem, e muito menos da

No que diz respeito ao romanço lusitânico (falado na região da Lusitânia, onde se formaria Portugal séculos mais tarde), Silva Neto (1956, p.66) declara que corresponde ao período da língua situado entre os séculos V e IX.

Dois fatos históricos, de acordo com os estudiosos, contribuíram para a formação e desenvolvimento do romanço lusitânico: a invasão, na Península Ibérica, dos bárbaros germânicos (suevos e visigodos) no século V, como já mencionado, e a invasão dos árabes no século VIII.

Câmara Jr. (1979, p.16), ao relatar a invasão dos povos islâmicos (árabes maometanos vindos da África mediterrânea) na Península Ibérica, ainda não menciona o termo *romanço*, mas reconhece que esses povos encontraram um latim já bastante distante de suas origens quando invadiram o território no século VIII. Segundo o autor, os muçulmanos deixaram esse latim subsistir, em seu império islâmico-hispânico, sob o domínio oficial do árabe.[5]

---

linguagem poética, sublimada, de Horácio, Catulo, Vergílio. É do latim falado por todas as classes, mas sobretudo pelo verdadeiro povo; do *latim de conversação* despreocupada, com fins meramente práticos, sociais, como instrumento de comércio, de pessoa a pessoa, que elas procedem indubitavelmente". Seguindo esse mesmo raciocínio, Silva Neto (1956, p.65) afirma: "Com muitas razões podemos dizer que as línguas neolatinas são fases atuais do latim. Não, porém, do latim clássico, pois este é uma criação artística, uma criação estética, mas é a fase atual do latim corrente, outrora divulgado pelos colonos e soldados". Câmara Jr. (1979, p.21) também discute a origem das línguas românicas: "É justo dizer que as línguas românicas provêm do latim vulgar, no sentido relativo de que resultaram de um latim dinâmico, essencialmente de língua oral, em processo de perene evolução. Elementos do latim clássico, que estão nas origens românicas, são os que se integraram no processo evolutivo, fazendo-se 'vulgares'".

5 Silva Neto (op. cit., p.67) afirma que há inúmeras palavras de origem árabe no português e que todas elas revelam a cultura e o progresso dos povos islâmicos já no momento da invasão da Península Ibérica. São termos árabes no português, de acordo com Silva Neto (idem) e Hauy (1989, p.16), os seguintes: *acelga, açúcar, alecrim, alface, alfafa, algodão, arroz, azeite, azeitona, azenha, cenoura, espinafre, laranja, limão, tâmara, tremoço* (termos agrícolas); *alambique, alcatrão, álcool, almofariz, almude, alvará, cânfora, elixir, xarope* (termos da ciência); *açafata, acicate, açoite, açougue, alarido, alcaide, alcova, aldrava, alfaiate, alfanje, alforje, alguidar, alicate, alicerce, almofada, alqueire, armazém, arroba, cáfila, ceifar, chafariz, enxaqueca, enxoval, girafa, giz, jarra, javali, quilate, quintal, refém, sáfaro, xadrez* (demais termos).

Leite de Vasconcellos (1959) chamou de português pré-histórico esse período da língua que, para Silva Neto (1956), corresponde ao romanço lusitânico. De acordo com Vasconcellos (op. cit., p.121), o português pré-histórico tem início nas origens da língua (momento em que ela deixa de ser reconhecida como latim vulgar)[6] e vai até o século IX. Esse período da língua, de acordo com o estudioso, não aparece testemunhado em documentos escritos e só pode ser reconstituído com base em deduções. A esse respeito, Leite de Vasconcellos (idem, p.122) declara:

> compreende-se que entre a época do latim vulgar, em que se dizia *medecina (*medicina*), e as épocas histórico-portuguesas, onde nos documentos se encontra *mezinha* e *meezinha*, houvesse um tempo em que se dissesse **medecina* e **meezina*, formas que já não têm caráter latino, e que portanto são portuguesas pré-históricas.

Para Silva Neto (idem, p.67), a partir do século IX, o português propriamente dito já devia existir – mas somente como língua falada, uma vez que, até o final do século XII, os documentos ainda eram escritos em latim. Michaëlis de Vasconcelos (1946, p.14) também considera que o português já existia como língua falada, provavelmente "um ou mais séculos antes" do surgimento dos primeiros documentos escritos na língua, ao final do século XII.

Segundo Leite de Vasconcellos (op. cit., p.123), do século IX em diante, podem ser identificados traços do português em determinados textos escritos em latim bárbaro.[7] Esse fato levou o estudioso a

---

6 É importante observar que Leite de Vasconcellos (1959, p. 121) reconhece que a passagem do latim vulgar ao português pré-histórico, como toda mudança relacionada à língua, não ocorre de uma hora para outra, de maneira abrupta, mas aos poucos, após um longo período de transição, conforme declara: "uma língua não nasce de pronto como um indivíduo, em dia e hora suscetíveis de se marcarem no calendário e no quadrante, mas evoluciona lentamente, como o feto no seio materno".

7 Michaëlis de Vasconcelos (1946, p.13) declara que "latim bárbaro" é um nome apropriado para designar a língua em que foram escritos certos documentos da Lusitânia entre os séculos IX e XII. De acordo com a estudiosa, esses textos

classificar de português proto-histórico o período da língua situado entre os séculos IX e XII, no qual o português transparece em documentos redigidos em latim bárbaro. Em nota, Leite de Vasconcellos (1959, p.123) afirma que "português proto-histórico é a língua que se revela por baixo do latim bárbaro".

Nesse sentido, pode-se dizer, com base nos estudos consultados, que, embora o português pudesse existir como língua falada, em um período que antecede o século XII, somente a partir desse século (cf. Vasconcellos, 1959; Michaëlis de Vasconcelos, 1946; Williams, 1975; Said Ali, 1964; Coutinho, 1974), a língua aparece documentada em textos escritos que testemunham e comprovam a ocorrência do português na região lusitânica. Antes do século XII, portanto, há apenas indícios do português em determinados documentos de natureza tabelionária escritos em latim bárbaro (cf. Souto Cabo, 2003).

Michaëlis de Vasconcelos (op. cit., p.14) declara que, no final do século XII, ainda eram raríssimos os documentos escritos em português. Segundo essa autora, somente a partir do século XIII (de 1250, mais especificamente), esses documentos começam a aparecer com maior frequência, multiplicando-se. Além disso, a estudiosa revela que a língua dos poucos documentos remanescentes do final do século XII, embora fosse a portuguesa – "bem caracterizada pelas suas feições especiais" (idem) –, ainda apresenta algumas formas do latim bárbaro.

Para Mattos e Silva (2006, p.38), é uma questão problemática a que se refere à localização, no tempo, dos primeiros documentos escritos em português, e não mais em latim, como era a tradição. A autora cita, por exemplo, um estudo do padre Avelino de Jesus da Costa, intitulado *Os mais antigos documentos escritos em português – revisão de um problema histórico-lingüístico*, no qual o estudioso

---

consistem em documentos públicos, como contratos de compra e venda, doações, testamentos etc., e jurídicos, como diplomas, leis, forais, cartas, inquirições sobre propriedades, entre outros documentos, cuja língua não corresponde nem ao latim vulgar, nem ao português propriamente dito. Segundo a autora, os tabeliães, obrigados a escrever em latim, língua que não dominavam totalmente, acabavam incorporando traços do romanço lusitânico.

mostra que os documentos antes considerados como os mais antigos do português – o *Auto de partilhas* e o *Testamento de Elvira Sanches* – não são de 1192 e 1193, respectivamente, como se acreditava até então, mas são ambos do final do século XIII. Segundo Mattos e Silva (2006, p.38), o estudo do padre revela que datam de 1192 e 1193 os documentos originais, escritos em latim, e não em português, referentes ao *Auto de partilhas* e ao *Testamento de Elvira Sanches*, respectivamente.[8]

Segundo Mattos e Silva (idem, p.37), considera-se o *Testamento de Afonso II*, terceiro rei de Portugal, datado de 1214, como o mais antigo documento jurídico – com data indiscutível, é importante que se esclareça, escrito em português.[9] Em seguida, de acordo com essa autora, viria a *Notícia do Torto*, escrita, muito provavelmente, entre 1214 e 1216.[10]

---

8 Teyssier (1994, p.102) também menciona o estudo do padre Avelino de Jesus da Costa, que demonstra que o *Auto de partilhas* e o *Testamente de Elvira Sánchez* são, na verdade, do final do século XIII, e não do XII, conforme se acreditou durante muito tempo. Sobre as constatações do padre, Teyssier (idem, p.103) declara: "segundo o autor, o texto primitivo destes dois documentos, redigidos respectivamente em 1192 e 1193, era em latim e as versões galego-portuguesas que nos chegaram são traduções efectuadas uma centena de anos mais tarde, no fim do século XIII".

9 A própria Michaëlis de Vasconcelos (1946, p.14) aponta para o valor do *Testamento de Afonso II* em relação aos documentos que o precederam, remanescentes do final do século XII, afirmando que o testamento do rei (de 1214) é superior aos precedentes, "em correção e estilo".

10 É importante observar que Souto Cabo (2003) procura demonstrar a ocorrência do galego-português já em documentos do século XII, anteriores, portanto, ao *Testamento de Afonso II* e à *Notícia do Torto*. O autor aponta diversos textos do século XII em que o galego-português pode ser observado. Contudo, em nenhum desses documentos apontados pelo estudioso, o galego-português aparece como língua única e exclusiva, mas sempre divide espaço com formas latinas (em maior ou menor grau, dependendo do documento). Souto Cabo (2003, p.331) reconhece, assim, que o galego-português aparece, em rigor, pela primeira vez, como língua exclusiva, apenas no *Testamento de Afonso II*. Para o autor, no entanto, a presença do latim, nesses documentos, não deveria constituir um empecilho para considerá-los como os primeiros testemunhos do galego-português, principalmente porque, em alguns desses textos, a ocorrência do latim chega a ser mínima e, por isso, irrelevante.

Mattos e Silva (2006, p.38) revela ainda que esses são documentos *extemporâneos*, isto é, exemplos singulares e isolados de uma época, uma vez que, somente a partir de 1255, voltam a aparecer documentos escritos em português. A partir desse período e ao longo do século XIII, segundo a autora, esses documentos multiplicam-se, até a língua portuguesa tornar-se, no reinado de D. Dinis (1279-1325), o idioma oficial de Portugal, substituindo, oficialmente, o latim nos documentos jurídicos.

Além disso, Mattos e Silva (idem) declara que a datação dos mais antigos documentos jurídicos escritos em português é uma questão em aberto, na medida em que não está descartada a possibilidade de serem encontrados novos documentos, com datas anteriores aos já identificados, que venham a substituí-los no rótulo de mais antigos, conforme menciona:

> Embora seja esse o estado da questão, não é essa uma questão difícil de se reabrir, porque ainda não está concluída uma investigação que tenha esgotado a documentação jurídica remanescente nos arquivos portugueses e em arquivos estrangeiros que guardem documentação de Portugal, tarefa onerosa, mas que não é impossível de ser feita.

No que diz respeito à poesia do período arcaico, Mattos e Silva (idem, p.22) lembra-nos de que, recentemente, Giuseppe Tavani (1988, p.41) propôs que se recue para 1196 a data do mais antigo texto poético do português – uma *cantiga de escárnio*, de Joam Soares de Paiva, iniciada pelo seguinte verso: "Ora faz ost'o senhor de Navarra". Mattos e Silva (op. cit., p.22) afirma que, para Tavani (1988), os fatos narrados nessa cantiga ocorreram em 1196 e o *ora* (*agora*), presente no primeiro verso, indica que o poema é contemporâneo aos acontecimentos que narra e, portanto, é de 1196.[11] Ainda sobre

---

11 Para Michaëlis de Vasconcelos (1946, p.14), a mais antiga cantiga trovadoresca, "que se conseguiu datar com alguma probabilidade", é de 1189. Há outras ainda, segundo a estudiosa, do reinado de D. Sancho I e de D. Afonso II, e muitas do reinado de D. Sancho II, anteriores a 1250.

a datação das primeiras cantigas medievais, Mattos e Silva (2006, p.22) acrescenta: "Entre os fins do século XII e XIII, as cantigas circulavam na tradição oral e, pode-se admitir, em folhas escritas soltas com poemas de um poeta ou mesmo em 'livros' de poemas com o conjunto de sua produção".

Baseado no surgimento dos primeiros textos escritos em português, Vasconcellos (1959, p.123) considerou o século XII como o início da "época histórica" ou "arcaica" da língua portuguesa. Michaëlis de Vasconcelos (1946, p.14) afirma que o reinado de D. Sancho I, de 1185 a 1211, marca o início do português histórico ou arcaico. Segundo essa estudiosa, o próprio rei já versificava em português, no período de seu reinado.

No que diz respeito ao final do período arcaico, estudiosos como Leite de Vasconcellos (op. cit.), Silva Neto (1956), Coutinho (1974) e Câmara Jr. (1979) consideram o século XVI como o início de uma nova fase na história da língua.[12] Contudo, diferentemente do que ocorre com o limite inicial do PA, que é baseado no surgimento dos primeiros documentos escritos em língua portuguesa, não há um fato específico que indique seu limite final.

Para Mattos e Silva (op. cit., p.22), embora os estudiosos considerem o século XVI como o marco de uma nova fase na história da língua, o limite final do PA ainda é uma questão em aberto, à espera de um estudo diacrônico detalhado, com bases linguísticas, que identifique transformações na passagem de um período ao outro, estabelecendo, assim, uma delimitação baseada no desaparecimento de características linguísticas que configurem o PA em oposição ao português moderno.[13]

---

12 Michaëlis de Vasconcelos (1946, p.15) afirma que "o período arcaico prolonga-se até 1500 ou mesmo ainda mais além dessa data". Para Said Ali (1964, p.18), o PA, que o autor chama de "português antigo", "é a linguagem escrita usada até fins do século XV e ainda nos primeiros anos do século seguinte".

13 É claro que Mattos e Silva (2006, p.22) leva em consideração o fato de que não há um ponto específico, mas uma linha de transição delimitável no tempo, em que o PA deixa de ser reconhecido como tal e passa a ser classificado de português moderno. A esse respeito, Michaëlis de Vasconcelos (op. cit., p.15) declara: "Claro que os limites entre os dois períodos são vagos, e que houve uma época

Assim, a autora afirma que, enquanto não se estabelece essa delimitação baseada em dados linguísticos, alguns fatores extralinguísticos devem ser levados em consideração. Dessa forma, Mattos e Silva (2006, p.22) cita três acontecimentos extralinguísticos que apontam o século XVI como um marco na história do português:

- o surgimento do livro impresso, nos fins do século XV, em substituição aos manuscritos medievais que existiam até então;
- o desenvolvimento da expansão imperialista portuguesa no mundo, que se refletiu na língua e na cultura da sociedade portuguesa europeia, em função do contato com novas culturas e novas línguas;
- o surgimento das primeiras gramáticas da língua portuguesa: a gramática de Fernão de Oliveira, de 1536, e a de João de Barros, de 1540.

A respeito desses fatores extralinguísticos, Mattos e Silva (op. cit., p.23) declara:

> Os acontecimentos históricos numerados são de fato extralingüísticos, mas, na história de qualquer língua, os fatores extralingüísticos, tanto culturais como sociais, são condições que podem favorecer os processos de mudanças nas línguas. Os três acontecimentos mencionados inter-relacionados e outros que possam ser destacados favoreceram, muito provavelmente, mudanças lingüísticas que vieram a eliminar as características que em geral se apresentam para a fase arcaica do português.

A autora afirma, entretanto, que faltam ainda estudos que desenvolvam uma investigação detalhada da documentação remanescente do período arcaico, comparando-a aos documentos do século XVI. De fato, com base em estudos dessa natureza que forneçam infor-

---

de transição. O que já dissemos do latim vulgar e do neo-latim tem aplicação também aqui. 'Uma língua não nasce em dia e hora certa', nem evoluciona num momento, de um estado a outro. Algumas transformações realizam-se muito devagar; outras, muito depressa".

mações baseadas em dados linguísticos, poderíamos falar com maior precisão sobre o limite final do PA.

Para Messner (2002, p.101), quase todos os estudiosos que se debruçaram sobre a questão da periodização do português – Leite de Vasconcellos, Silva Neto, Vázquez Cuesta, Lindley Cintra, Paul Teyssier, Clarinda Maia, Ivo Castro, entre outros – "seguem o mesmo esquema, sem oferecer novidades, sem basear-se em estudos próprios, repetindo o que outros já disseram". Messner (idem, p.102) afirma que as denominações atribuídas aos diferentes períodos do português são as mesmas, na maior parte dos estudos, e que os termos empregados não estão relacionados à linguística, e sim à literatura. O autor propõe, pois, que sejam desenvolvidos estudos com bases linguísticas, comparando documentos de mesma natureza e de períodos diferentes, a fim de se obter uma periodização mais precisa e confiável do português.

Alguns estudiosos até demonstram algumas diferenças linguísticas entre o português arcaico e o português moderno, mas, em geral, são informações muito genéricas, na medida em que não se estabelece uma comparação detalhada entre documentos específicos, de mesma natureza, pertencentes a séculos distintos. Coutinho (1974, p.66), por exemplo, indica algumas características linguísticas que se verificavam no PA, mas que desapareceram no português moderno:

- na língua arcaica, os nomes terminados em *-nte, -or* e *-ês* eram uniformes: *a infante, mha* (*minha*) *senhor, língua português*;
- alguns substantivos apresentavam gêneros diferentes no português antigo: *fim, mar, planeta, cometa* etc. eram femininos, enquanto *tribo, coragem* e *linguagem* eram masculinos;
- algumas formas que não se modificam no plural flexionavam-se no PA: *ourívezes, alférezes* etc.;
- o morfema de segunda pessoa do plural do presente do indicativo era *-des* no português arcaico: *amades, devedes, ouvides*. O autor explica que, no português moderno, *-des* aparece marcando a segunda pessoa do plural do presente do indicativo apenas em formas monossilábicas ou em formas em que essa desinência é precedida de consoante nasal ou *r*;

- o particípio passado de verbos de segunda conjugação terminava em *-udo* no português arcaico: *perdudo, conhoçudo, escondudo*;
- no português arcaico, a terminação da terceira pessoa do singular do pretérito perfeito era *-om*: *ouverom, amarom* etc.

Conforme se pode observar, Coutinho (1974, p.66) mostra algumas diferenças linguísticas entre o português arcaico e o português moderno, mas suas informações são muito genéricas e não nos permitem identificar, com precisão, a partir de que período específico essas diferenças podem ser observadas na língua. O autor, ao indicar apenas as diferenças entre o PA e o português moderno sem estabelecer uma comparação entre documentos específicos, com datas diferentes e precisas, deixa vaga a informação sobre o período de transição a que se refere, uma vez que, quando se fala em diferenças entre PA e português moderno, pode-se pensar em uma distância relativamente grande ou pequena entre esses períodos, dependendo de que ponto está se partindo: pode-se pensar, por exemplo, na diferença entre o português do século XIII e o do XVIII; ou entre o português do século XIV e o do XVI.[14] Nesse sentido, pode-se dizer que Mattos e Silva (2006, p.23) tem razão quando afirma:

> Falta ainda [...] uma investigação sistemática da documentação remanescente do português arcaico, em confronto com a do século XVI, que, com maior rigor e precisão, nos permita dizer não apenas que o período arcaico termina nos fins do século XV ou na primeira metade do século XVI.[15]

14 É importante observar que Michaëlis de Vasconcelos (1946, p.16-7) aponta muitas dessas transformações linguísticas indicadas por Coutinho (1974), mas a autora considera que elas diferenciam o galego-português do português exclusivamente nacional, e não o PA do português moderno, como Coutinho. Para a autora, a transformação referente à desinência *-des* de segunda pessoa do plural, por exemplo, já era um fato consumado na primeira metade do século XV.

15 Messner (2002, p.111) apresenta alguns dos resultados obtidos com base em um estudo dessa natureza (comparativo, com bases linguísticas) que o autor vem desenvolvendo: "empreendi reunir um *corpus* baseado numa única categoria

Portanto, enquanto os estudos não fornecem uma delimitação temporal mais precisa, pode-se dizer, com base no que foi apresentado anteriormente, que o PA corresponde ao período da língua que se inicia em meados do século XII (entre o finalzinho do século XII e o início do XIII) e termina em meados do século XVI (entre fins do século XV e a primeira metade do XVI).

Michaëlis de Vasconcelos (1946, p.15-6), no entanto, considera extenso demais o período atribuído ao PA e, baseada na produção literária medieval, propõe que se faça uma subdivisão desse período em: *período trovadoresco*, até 1350, cuja língua seria o galego-português; e *período da prosa histórica verdadeiramente nacional*, de 1350 a meados do século XVI, em que o português e o galego teriam tomado rumos diferentes, tornando-se línguas distintas:

> Na época trovadoresca, a língua fora galego-portuguesa, substancialmente igual (se abstrairmos de algumas particularidades dialetais) à que se desenvolvera do outro lado do Minho.[16] Na época da prosa nacional, afastou-se dela mais e mais, ao passo que o galego ou galiziano se ia aproximando mais e mais do castelhano.

Silva Neto (1952, p.405) segue a medievalista Michaëlis de Vasconcelos (op. cit.) e considera, pois, que o PA deve ser dividido em dois períodos distintos: o *trovadoresco*, até 1350, e o período do *português comum*, de 1350 em diante.

A respeito dessa subperiodização do PA, Mattos e Silva (2006, p.23) declara:

> Com a dicotomia galego-português/português se faz necessário ressaltar uma face do problema que é de caráter não apenas diacrônico, mas também diatópico. Esse enfoque para a questão da subperiodização não é apenas baseado na produção literária, como

---

textual: o jornal *Gazeta de Lisboa* entre 1715 e 1850. Ainda restrito o material reunido, já permite analisar a evolução de alguns fenômenos da língua portuguesa".

16 O Rio Minho corresponde à antiga fronteira entre a Galiza e Portugal (cf. Mattos e Silva, 2006, p.24).

são, explicitamente, o de Carolina M. de Vasconcelos e Serafim da Silva Neto, mas tem a ver com a possível diferenciação dialetal da língua falada a que se poderia opor uma primeira fase do período pré-moderno, em que haveria uma unidade galego-portuguesa, refletida na documentação escrita, e uma segunda fase, em que se poderia definir a distinção entre o diassistema do galego e do português. Fatores históricos direcionaram a diferenciação entre o galego e o português que, na sua origem, constituíam uma mesma área lingüística em oposição a outras áreas ibero-romanas.

No que diz respeito aos "fatores históricos" mencionados por Mattos e Silva (2006), Teyssier (1994, p.5) afirma que a invasão muçulmana e o movimento de Reconquista foram determinantes no desenvolvimento das três línguas que se formaram na Península Ibérica: o galego-português, a oeste; o castelhano, no centro; e o catalão, a leste.[17]

De acordo com Hauy (1989, p.25), durante o período da Reconquista, quando os cristãos expulsavam os muçulmanos para o sul da Península Ibérica e recuperavam, pouco a pouco, o território conquistado pelos árabes, formaram-se os reinos cristãos de Leão, Aragão, Navarra e Castela. A autora declara que, no século IX, havia, na Península Ibérica, os seguintes "falares hispano-românicos": o leonês, o aragonês, o catalão e o galego-português.

Câmara Jr. (1979, p.17) afirma que, a princípio, os reinos de Leão, a oeste, e de Aragão, a leste, eram os mais importantes da península. Segundo o autor, o leonês era, inicialmente, a língua falada no reino de Leão. Contudo, de acordo com Câmara Jr. (idem), com a supremacia da província de Castela, no extremo norte do país, o castelhano impôs-se ao dialeto leonês, tornando-se, assim, a língua oficial do reino, que passou a se chamar reino de Leão e Castela. Ao

17 Hauy (1989, p.25) afirma que, pelo fato de o movimento de Reconquista cristã ter partido do Norte da Península Ibérica, expulsando os árabes para o Sul, a influência linguística e cultural dos muçulmanos foi menos intensa no Norte do que no Sul. Segundo a autora, na região onde se formou o galego-português, a influência árabe foi superficial.

mesmo tempo, segundo esse autor, o catalão, falado na região da Catalunha, passa a ser a língua nacional e literária de todo o reino de Aragão.

No que diz respeito ao galego-português, Câmara Jr. (1979, p.17) afirma que, na área atlântica, o condado de Portugal, cujo centro era a região de Porto (Porto Gale), separa-se, no século XI, do reino de Leão e Castela, consolidando como língua nacional seu romanço peculiar[18] – que era o mesmo falado na região da Galiza (no extremo norte do litoral Atlântico), de acordo com o autor. Câmara Jr. (idem) afirma ainda que a Galiza continuou subordinada ao reino de Leão e Castela e, até hoje, conserva o galego como dialeto regional, sob o domínio do castelhano.

De acordo com Hauy (1989, p.26), Portugal separa-se da Galiza no século XII quando o galego-português era o idioma falado em toda a região da Galiza e da nascente nação portuguesa. Segundo a autora, durante os três séculos seguintes, o galego-português foi a língua utilizada na produção poética trovadoresca, em toda a Península Ibérica, até adquirir, no século XIV, um novo aspecto, que a caracterizou como língua portuguesa.[19]

A respeito do distanciamento entre o galego e o português no século XIV, Mattos e Silva (2006, p.24) declara:

---

18 Segundo Câmara Jr. (1979, p.18), a princípio, a região de Porto era o centro linguístico de Portugal. Bem cedo, entretanto, de acordo com o autor, "o grande centro linguístico passou a ser a cidade de Lisboa, às margens do Tejo, conquistada aos Mouros pelo primeiro rei português, Afonso Henriques, e feita afinal capital do reino". Câmara Jr. (idem) declara que, com a conquista do Algarve aos mouros, no extremo sul do litoral Atlântico, na segunda metade do século XIII, Portugal firmou seu território definitivo.

19 Segundo Hauy (1989, p.26), vários fatores determinaram o prestígio da Galiza e do galego-português em toda a Península Ibérica: "a fé cristã, envolvendo Santiago de Compostela, na Galiza, com a auréola do misticismo religioso, tornou o lendário túmulo do apóstolo Iago o maior centro de devoção da Idade Média; conseqüentemente, a intensa peregrinação fez da Galiza um centro de desenvolvimento comercial que se refletiu nos aspectos sociopolíticos e culturais da região". Esse autor declara que a Galiza tornou-se o centro irradiador da produção poética trovadoresca, onde se realizava a educação dos reis e membros da nobreza.

> parece procedente uma subperiodização do português arcaico, em que se considere uma primeira fase galego-portuguesa e outra que se definirá como portuguesa, sobretudo a partir da centralização política no eixo Coimbra-Lisboa. Definidos os limites do novo reino português, sela-se um destino histórico diferenciado para o português e o galego. Esse fato culmina com a decisão de Dom Dinis, que falece em 1325, de legalizar o português como língua oficial de Portugal.

Segundo Michaëlis de Vasconcelos (1946, p.16), após 1350, "as musas emudeceram", a poesia trovadoresca (provençalismo) "morreu de inanição" e a língua sofreu significantes alterações – principalmente após as lutas com Castela e a vitória de Aljubarrota, quando se exaltaram os ânimos nacionalistas.

Conforme se pode observar, Michaëlis de Vasconcelos (idem), quando propõe a subperiodização para o PA, também está considerando que a prosa literária é mais tardia do que a poesia em língua portuguesa, uma vez que afirma que a fase da *prosa histórica verdadeiramente nacional*, em língua exclusivamente portuguesa, teve início somente no século XIV, após a decadência da poesia trovadoresca, escrita em galego-português.

Para Mattos e Silva (2006, p.40), no entanto, é demasiadamente simplificadora essa complementaridade cronológica que considera que a prosa literária só começa em meados do século XIV, exatamente quando a produção poética trovadoresca desaparece da documentação remanescente da época. A autora afirma que é um equívoco e tanto acreditar que a poesia desapareceu no século XIV, quanto acreditar que a prosa literária só teve início nesse século. Segundo a estudiosa, o fato de não haver documentação poética remanescente entre meados do século XIV até a segunda metade do XV não significa que houve um século sem poesia. Da mesma forma, no que diz respeito à prosa literária, Mattos e Silva (idem, p.41) aponta uma série de argumentos que nos levam a acreditar que "já se escrevia em prosa, não apenas a documentação jurídica, pelo menos na passagem do século XIII para

o XIV ou, quem sabe, mesmo antes", embora os mais antigos textos remanescentes em prosa literária sejam posteriores.[20]

Voltando ao galego-português, língua veículo da produção poética trovadoresca em toda a Península Ibérica, durante os séculos XIII e XIV, Michaëlis de Vasconcelos (1946, p.18) afirma que, embora seja uma língua utilizada na poesia, não deve ser, de maneira alguma, interpretada como artificial ou distante da realidade linguística da época:

> Não menor erro é supor que a linguagem desses (trovadores), evidentemente mais unitária e escolhida que a falada, era artificial. Três quartas partes, talvez, dos vocábulos antigos são idênticas às modernas, ou pelo menos semelhantes, ex.: *Rosa, mesa, mês, mar, jurar, falar, levar, querer, poder*. Não vale a pena citar mais exemplos porque são infinitos.

Silva Neto (1952, p.404) também afirma que o galego-português não deve ser considerado uma língua artificial e exclusivamente literária:

> O que as cantigas trovadorescas representam é, na verdade, uma estilização da língua falada contemporaneamente na região Entre-Douro-e-Minho, língua que, em relação àquela que mais tarde se tornou padrão, mostrava aspecto conservador. Na doce linguagem dos trovadores há frescura e espontaneidade – ela não é, como poderia parecer a quem não levasse na devida conta o que afirmamos, nem artificial, nem muito menos um organismo "imóvel, convencional e puramente literário".

É importante observar, entretanto, que o galego-português não era apenas a língua veículo dos textos literários da época (das cantigas medievais trovadorescas, mais precisamente), mas era também

20 Segundo Mattos e Silva (2006, p.41), há alguns poucos textos em prosa literária remanescentes do final do século XIV, mas a grande maioria é do século XV em diante.

a língua utilizada nos documentos jurídicos, de natureza notarial ou tabeliônica, como mostra Maia (1997). Em seu livro, essa autora analisa 168 documentos notariais, escritos entre os séculos XIII e XVI (de 1255 a 1516), em Portugal e Galiza, e aponta o processo de diferenciação entre o português e o galego, ao longo do período estudado. Mattos e Silva (2006, p.24) declara que o estudo de Maia (op. cit.) vem confirmar as propostas que defendem uma primeira fase galego-portuguesa e uma segunda fase, em que o português e o galego tomaram caminhos diferentes, tornando-se línguas distintas.

Nesse sentido, com base nos estudos abordados, pode-se dizer que, até meados do século XIV, havia uma unidade galego-portuguesa que pode ser observada na documentação poética e jurídica remanescente da época, escrita em galego-português. A partir do século XIV, de acordo com os estudiosos, o português adquire características próprias e distingue-se do galego, iniciando-se, assim, a segunda fase do PA, exclusivamente portuguesa, que pode ser observada na prosa literária, remanescente do século XIV em diante.

Cantigas de Santa Maria

As CSM constituem uma coleção de 420 cantares em homenagem à Virgem Maria e correspondem, de acordo com Bertolucci Pizzorusso (1993a, p.142), à maior coletânea medieval em louvor da Virgem. Mettmann (1986b, p.8) também considera que esse conjunto de cantigas medievais religiosas corresponde ao monumento literário de maior destaque da Península Ibérica, no que diz respeito ao culto mariano da época, e afirma que esse cancioneiro representa uma das fontes mais ricas do galego-português antigo. Parkinson (1998, p.179), por sua vez, declara que as CSM constituem um monumento literário, musical e artístico da mais elevada importância. Para Leão (2007, p.21), esse cancioneiro mariano é "de longe a maior e mais rica coleção produzida nos vernáculos românicos da Idade Média sobre esse tema".

Mettmann (op. cit., p.7) afirma que, das 420 CSM (descontadas sete repetições), 356 são narrativas e relatam os milagres da Virgem,

e as demais, excetuando-se uma introdução e dois prólogos, são cantigas de louvor (*loor*) ou referem-se a festividades do calendário cristão, relativas a episódios da vida de Santa Maria ou de seu filho Jesus Cristo.[21]

De acordo com Leão (2007, p.23), as cantigas de louvor (*loor*) são manifestações claras do gênero lírico na coletânea. Em relação às cantigas de milagre (*miragre*), a autora declara que, embora pertençam ao gênero narrativo, também apresentam "freqüentes traços de lirismo laudatório, sobretudo nos refrães e nos finais de milagres". Diante dessa constatação, a estudiosa conclui que as cantigas de *miragre* dedicam, como as cantigas de *loor*, louvores à Virgem e que, de uma forma geral, todo o cancioneiro deve ser considerado um canto de louvor.[22]

No que diz respeito à proporção, na coletânea, entre cantigas de milagre e de louvor, Leão (idem, p.24) afirma que há predominância das primeiras sobre as segundas em uma relação de nove por um, isto é, a cada nove cantigas de milagre, segue-se uma de louvor, remetendo-nos, assim, a uma estrutura de rosário:

> A estruturação das cantigas obedece, pois, a um ritmo regular, em que as cantigas de louvor ocupam sempre as dezenas, enquanto as de milagre têm números terminados pelas unidades de um a nove, comparando-se esse sistema, aproximadamente, a de um rosário.

Nas cantigas de louvor, segundo Leão (idem, p.24, 28), o rei Afonso X aparece louvando a beleza e as virtudes da Virgem e oferecendo-lhe sua devoção. A autora compara a atitude do "trovador

21 Mais adiante, neste capítulo, estão indicados o número exato de cantigas de festas (de Santa Maria e de Jesus Cristo) e os manuscritos em que elas aparecem. Também estão apresentados, mais adiante, maiores detalhes sobre a cantiga de introdução, os prólogos e as demais cantigas que compõem a coleção (além das cantigas de milagre e de louvor), tais como a *Petiçon* (*Pitiçon*) e o *Epílogo*, bem como os códices em que essas cantigas aparecem.

22 A esse respeito, Parkinson (1998, p.179, tradução nossa) declara: "Vale lembrar que, conforme afirmara Jesus Montoya (1987), todas as Cantigas são, de um modo geral, de louvor, já que a intenção desta coletânea sempre foi a de louvar a Virgem e promover a devoção mariana".

da Virgem" ao comportamento masculino encontrado nas *cantigas de amor*, nas quais "o *trovador da dona* se prostra diante dela para enaltecer-lhe a beleza ou *bon parecer* e também para louvar-lhe o valor moral ou *prez*, o equilíbrio ou *mesura* e todas as outras qualidades que fazem dela a *Sennor* sem par, perfeita, *comprida de bens*".

No que tange às cantigas de milagre, Leão (2007, p.23) declara que "narram intervenções miraculosas da Virgem em favor de seus devotos, ocorridas nos mais diversos ambientes". Baseado na procedência e no cenário dos fatos narrados nas cantigas de milagre, Mettmann (1986b, p.11) divide essas cantigas em três grupos: ao primeiro grupo pertencem os milagres ocorridos em todo o Ocidente cristão (milagres internacionais); do segundo grupo, constam os milagres relacionados à Península Ibérica (milagres nacionais); por fim, integram o terceiro grupo os milagres relacionados ao próprio rei Afonso X ou a membros de sua família e de sua corte (milagres pessoais).[23]

---

23 Na Tabela 1, Mettmann (1986b, p.12) distribui as 427 CSM em quatro grupos – cada um constituído de aproximadamente cem cantigas. Essa distribuição segue, pois, a ordem cronológica em que as cantigas foram elaboradas: conforme veremos mais adiante, neste capítulo, tudo indica que o projeto inicial de Afonso X era homenagear a Virgem com uma coletânea de apenas 100 cantigas (que compõem o códice de Toledo (To), o primeiro entre os quatro manuscritos que contêm a coleção afonsina). Afonso X, no entanto, foi além do projeto inicial, duplicando o número de cantigas iniciais: primeiro, de cem a duzentos CSM; depois, de duzentos a quatrocentos CSM. Dessa forma, a tabela mostra que, das primeiras cem CSM, 89 eram cantigas de milagres (geralmente, o total de milagres, a cada cem cantigas, é noventa, porque são dez louvores e noventa milagres, mas, no caso das cem primeiras CSM, Mettmann está considerando que uma das noventa cantigas – talvez o prólogo – não corresponde exatamente a uma cantiga de milagre. Desses 89 milagres, 75 são internacionais, e 14, nacionais. As cantigas *pessoais* estão dentro da categoria *nacionais*, e, por isso, o total de milagres (por exemplo, 89, entre as 100 primeiras cantigas) equivale à soma dos milagres *internacionais* (75) e *nacionais* (14). Pode-se dizer que a tabela de Mettmann ilustra perfeitamente o que afirma Massini-Cagliari (2005, p.66): "A evolução do projeto inicial ao final da coleção das CSM também pode ser sentida com relação ao conteúdo dos milagres retratados. Schaffer (2000, p.189-92) mostra que histórias de milagres marianos 'internacionais', ou seja, de tradição européia, predominam no conjunto das primeiras cem CSM. A proporção dessas cantigas com relação às demais diminui drasticamente conforme se avança a cada grupo de 100 cantigas.

Tabela 1 – Distribuição das cantigas de milagres de acordo com sua origem

Cantigas	Milagres	Internacionais	Nacionais	Pessoais
1-100	89	75	14	1
101-200	90	46	44	3
201-300	90	36	54	8
301-427	87	19	68	13

Fonte: Mettmann (1986b, p.12)

Bertolucci Pizzorusso (1993a, p.143) afirma que a coletânea das CSM reúne alguns milagres marianos provenientes de santuários europeus, sobretudo franceses e ibéricos, que já eram conhecidos em latim. De acordo com essa estudiosa, além dos milagres provenientes de fonte confirmada e bem conhecida, há aqueles cuja procedência é, ainda hoje, desconhecida, sendo, muito provavelmente, oriundos de relatos exclusivamente orais.

Entre os milagres narrados na coletânea, destacam-se, de acordo com Leão (2007, p.26): "ressurreições, socorro em perigos, cura das mais variadas enfermidades, engravidamento de mulheres estéreis, punição de delinqüentes ou salvação de devotos da Virgem que caíram em tentação".

As CSM são acompanhadas de notações musicais e de iluminuras (miniaturas) que ilustram e complementam o conteúdo textual das cantigas. Para Bertolucci Pizzorusso (op. cit., p.144), a coletânea das CSM é uma obra para ser vista e ouvida, na qual "uma milagrística por imagens junta-se à milagrística em versos". Justamente por apresentarem um perfeito equilíbrio entre texto, melodias e pintura, as CSM, na visão de Mettmann (1986b, p.8), ocupam um lugar privilegiado na literatura medieval e revelam que, para seu principal idealizador, o rei Afonso X, a música e a pintura não eram menos importantes do que o "contar", o "trovar" e o "rimar". A esse respeito, Leão (op. cit., p.30-1) declara:

Contrariamente, a cada grupo de 100 cantigas, a proporção de narrativas localizadas na Península Ibérica aumenta. E, no final, há um aumento considerável de focalização em eventos associados ao Rei Afonso X diretamente, ou a membros de sua corte ou de sua família".

> Conforme se reconhece hoje, os textos, as iluminuras e as notações musicais, em conjunto, fazem das *Cantigas de Santa Maria* uma das obras mais ricas de toda a Idade Média – o que justifica que tenha sido caracterizada por Menéndez y Pelayo como "a Bíblia estética do século XIII".

Cada cantiga de milagre é seguida de uma página inteira de iluminuras, que se dividem em seis quadros (ou vinhetas).[24] Para Leão (2007, p.27):

> Enquanto a narrativa verbal se expressa em sintético poema cheio de subentendidos, a narrativa visual a acompanha através da seqüência das iluminuras, podendo às vezes extrapolá-la para preencher eventuais lacunas da narrativa poética.

Leão (idem) conclui, assim, que os milagres são relatados a partir de três narrativas complementares: uma narrativa textual, em versos; uma iconográfica em iluminuras; e outra textual, referente às legendas que aparecem acima de cada um dos quadros da sequência de iluminuras.[25]

A seguir, está reproduzida uma das iluminuras que acompanham as cantigas de milagres no códice rico de El Escorial (T).

---

24 Algumas cantigas, no entanto, são acompanhadas de miniaturas com doze vinhetas, que ocupam duas páginas, em vez de uma, conforme veremos mais adiante, neste capítulo. Essas cantigas correspondem às "quintas", isto é, a cada cinco cantigas, nos códices das histórias (T e F), uma é acompanhada por uma iluminura que ocupa duas páginas, em vez de uma, e contém doze vinhetas, em vez de seis. É importante adiantar que, somente nos manuscritos T e F, as cantigas de milagre são acompanhadas de iluminuras. No manuscrito E, conforme veremos mais adiante, as cantigas de louvor também são acompanhadas de miniaturas, que são diferentes, no entanto, daquelas que acompanham as cantigas de louvor em T e F. Parkinson (1998, p.180) elaborou um quadro minuciososo que indica perfeitamente o conteúdo artístico de cada manuscrito.

25 No códice rico de El Escorial (T), as miniaturas das CSM 2 a 25 apresentam legendas em castelhano, conforme indica o já referido quadro de Parkinson (idem).

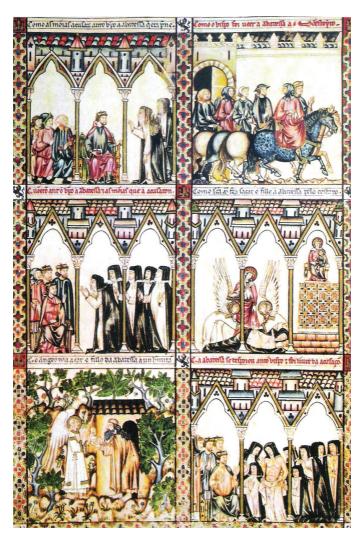



Figura 1 – CSM 7. Códice rico de El Escorial (T).

Fonte: Leão (2007, p.34).

Nas iluminuras das cantigas de louvor, de acordo com Leão (2007, p.28), é comum aparecer a figura do rei Afonso X, sempre em postura humilde, diante da Virgem. Na miniatura a seguir, o rei aparece acompanhado de músicos louvando a Virgem e o Menino Jesus.

Figura 2 – Primeira vinheta da CSM 120. Códice rico de El Escorial (T), T120, fólio 170v.
Fonte: Reproduzida de Alvarez (1987, lâmina IX apud Massini-Cagliari, 2005, p.21).

A figura do monarca, no centro da iluminura, acompanhado de poetas, escribas e músicos, aparece em outras iluminuras, conforme se pode observar nos exemplos apresentados a seguir.

Figura 3 – Miniatura de abertura. Códice dos músicos de El Escorial (E), fólio 29r.
Fonte: Reproduzida de Alvarez (1987, lâmina I apud Massini-Cagliari, 2005, p.81).

Figura 4 – Miniatura que acompanha o prólogo no códice rico de El Escorial (T).

Fonte: Reproduzida de Alvarez (1987, lâmina VIII apud Massini-Cagliari, 2005, p.62).

No códice dos músicos de El Escorial (manuscrito E), acompanham as cantigas de louvor miniaturas com um ou dois músicos tocando ou preparando seus instrumentos, conforme se pode observar nos exemplos a seguir.

Figura 5 – Miniaturas. CSM 400 e 220. Códice dos músicos de El Escorial (E), E400, fólio 359r; E220, fólio 201v.

Fonte: Reproduzida de Alvarez (1987, lâminas VIII e V apud Massini-Cagliari, 2005).

Figura 6 – Miniaturas. CSM 350 e 250. Códice dos músicos de El Escorial (E), E350, fólio 313v; E250, fólio 227r.

Fonte: Reproduzida de Alvarez (1987, lâminas VII e V apud Massini-Cagliari, 2005).

No que diz respeito à estrutura das CSM, Mettmann (1986b, p.40) revela que há uma variedade extraordinária de formas métricas nessa coletânea: entre as 420 cantigas, há mais de 280 combinações métricas distintas, das quais cerca de 170 não aparecem mais do que uma única vez em todo o cancioneiro. De acordo com o estudioso, a forma estrófica predominante é o *virelai* (ou *zejel*), empregada em mais de 380 cantigas. Fidalgo (2002, p.178-9) também considera que a forma estrófica presente na grande maioria das CSM é o *virelai* ou *zejel*,[26] que pode ser definido da seguinte maneira: há um refrão inicial, geralmente composto por um ou dois versos rimados,[27] seguido de um número indeterminado de estrofes que, de modo geral, são constituídas de quatro versos, dos quais os três primeiros

26 *Zejel* (ou *zéjel, zéxel, zadjal*) corresponde à terminologia moçárabe empregada ao *virelai* francês (cf. Parkinson, 1998, p.191).

27 Fidalgo (2002, p.178-9) afirma que, às vezes, os versos longos podem ser divididos em dois versos menores, e o refrão passa a ser formado por quatro versos curtos (ou até mais, dependendo da divisão). Essa divisão em versos menores também pode ocorrer nas demais estrofes do poema.

rimam entre si e o último retoma a rima do refrão (a volta). Segundo a autora, o refrão (ou estribilho inicial) é repetido ao final de cada estrofe, conforme se pode observar no exemplo a seguir:

(1.1)

Esta é como Santa Maria se queixou en Toledo eno dia de ssa festa de agosto,
porque os judeus crucifigavan ũa omagen de cera, a semellança de seu fillo.

O que a Santa Maria mais despraz,
é de quen ao seu Fillo pesar faz.

E daquest' un gran miragre | vos quer' eu ora contar,
que a Reinna do Ceo | quis en Toledo mostrar
eno dia que a Deus foi corõar,
na sa festa que no mes d'Agosto jaz.
O que a Santa Maria mais despraz,
é de quen ao seu Fillo pesar faz.

O Arcebispo aquel dia | a gran missa ben cantou;
e quand' entrou na segreda | e a gente se calou,
oyron voz de dona, que lles falou
piadosa e doorida assaz.
O que a Santa Maria mais despraz,
é de quen ao seu Fillo pesar faz.

E a voz, come chorando, | dizia: "Ay Deus, ai Deus,
com' é mui grand' e provada | a perfia dos judeus
que meu Fillo mataron, seendo seus,
e aynda non queren conosco paz."
O que a Santa Maria mais despraz,
é de quen ao seu Fillo pesar faz.

Poi-la missa foi cantada, | o Arcebispo sayu
da eigreja e a todos | diss' o que da voz oyu;
e toda a gent' assi lle recodyu:
"Esto fez o poblo dos judeus malvaz."
O que a Santa Maria mais despraz,
é de quen ao seu Fillo pesar faz.
(Mettmann, 1986a, p.88-9 – trecho da CSM 12)

Mettmann (1986b, p.13) afirma que, nos poemas narrativos (*cantigas de miragre*), cuja estrutura conserva-se, de modo geral, invariável, há predominância da forma *virelai*, que aparece em mais de 90% das cantigas. Segundo o autor, o refrão apresenta a ideia principal do poema: uma lição a ser passada que, muitas vezes, aparece em forma de provérbio ou sentença. Nas três primeiras estrofes, de acordo com o estudioso, há, normalmente, a indicação mais ou menos concreta do lugar e do tempo em que ocorreram os fatos narrados na cantiga, a apresentação das personagens envolvidas nos relatos, além de informações (sempre vagas) sobre a fonte do milagre relatado. Além disso, é importante lembrar, como bem o faz Leão (2007, p.38), que todas as cantigas de milagre "iniciam-se por um título-ementa, em prosa, onde se mencionam as personagens principais e se resume o milagre, em uma única frase", conforme se pode observar nos exemplos a seguir.

(1.2)

Esta é como Santa Maria livrou a abadessa prenne,
que adormecera ant' o seu altar chorando.
(Mettmann, 1986a, p.75 – título-ementa da CSM 7)

(1.3)

Esta é como Santa Maria levou en salvo o romeu que caera no mar,
e o guyou per so a água ao porto ante que chegass' o batel.
(idem, p.140 – título-ementa da CSM 33)

(1.4)

Como Santa Maria guareceu o pintor
que o demo quisera matar porque o pintava feo.
(idem, p.242 – título-ementa da CSM 74)

Com relação às cantigas de louvor, Mettmann (1986b, p.14) afirma que não apresentam, como as cantigas de milagre, um modelo concreto que possa ser identificado na maioria das cantigas. Para o autor, pelo fato de a adoração e súplica à Virgem Maria constituírem um assunto constante em poemas da Idade Média, todos os temas, epítetos, imagens e comparações presentes nas cantigas de louvor afonsinas têm antecedentes ou paralelos na literatura medieval anterior ou contemporânea às CSM. No entanto, de acordo com o autor, embora as cantigas de louvor tenham sido inspiradas na literatura da época, elas não seguem modelos determinados, no que diz respeito a sua estrutura. Nesse sentido, segundo o estudioso, o que se pode dizer sobre esses poemas líricos está relacionado ao assunto de que tratam: a maioria celebra a Virgem como auxiliadora, mediadora e procuradora.

Ainda sobre estrutura das CSM, é importante mencionar que o esquema de rima adotado na primeira estrofe é rigorosamente seguido nas estrofes seguintes dessa cantiga – e isso ocorre em todo o cancioneiro afonsino (cf. Clarke, 1955, p.96).

Autoria

No que concerne à autoria das CSM, como bem notou Parkinson (1998, p.181), parece bem estranho perguntar quem foi o autor desse cancioneiro mariano se, quase por definição, a elaboração da coletânea é atribuída a D. Afonso X, o Sábio, rei de Leão e Castela. Parkinson (idem, p.182), no entanto, mostra que a questão sobre a autoria das CSM é bastante pertinente e aparece constantemente nos estudos que investigam as características da obra.

Para Parkinson (idem, p.183), estando Afonso X tão empenhado no projeto mariano, é bem provável que o monarca tenha acompanha-

do de perto o processo de estruturação e composição da obra. Contudo, considerando-se o caráter extenso da coletânea e o fato de que Afonso X, na condição de rei de um vasto território,[28] deveria ter muitos outros compromissos a dedicar-se, torna-se difícil de acreditar que ele, sozinho, tenha composto as 420 cantigas que integram o cancioneiro mariano. Conforme aponta Parkinson (1998, p.183), embora a lógica indique que Afonso X não poderia ter composto todas as 420 CSM, é improvável que ele, sendo poeta, não tenha escrito, pelo menos, algumas dessas cantigas religiosas. A questão que se coloca, então, é a de saber quais cantigas do cancioneiro mariano podem ser atribuídas ao rei. Além disso, se o monarca não é o autor de todas as CSM, resta saber quem escreveu os demais poemas que compõem a coletânea.

Mettmann acredita que uma fração considerável desse cancioneiro mariano pode ser atribuída a um único autor, enquanto o restante da obra, por apresentar certa diversidade estilística, leva-nos a supor a colaboração de vários autores, e "que o número de autores não tenha passado de meia dúzia" (1986b, p.17-8, tradução nossa). Para Mettmann (1986b, p.20), a autoria desse conjunto de cantigas, que corresponde a uma parte considerável da coletânea, poderia ser atribuída ao poeta Airas Nunes, cujo nome aparece grafado, no manuscrito E (códice dos músicos de El Escorial), entre as duas colunas da CSM 223. Mettmann (idem) afirma que há semelhanças notáveis entre as cantigas remanescentes desse conhecido trovador galego e certas cantigas presentes no cancioneiro mariano afonsino.[29]

---

28 Segundo Leão (2007, p.18): "Afonso X tinha na Península um domínio muito maior do que o território dos reinos de Castela e Leão, o qual se estendia da Galiza até Aragão, em toda a faixa Norte, e da Galiza até o Sul, na faixa litorânea, contando-se ainda numerosas cunhas encravadas nos territórios muçulmanos, como Badajós, Sevilha, Córdova, Múrcia e tantos outros burgos que ia tomando aos mouros nas lutas da Reconquista".

29 Parkinson (1998, p.184), no entanto, aponta alguns estudos de Marta Schaffer (1995, 1997 apud Parkinson, 1998), nos quais a autora mostra não haver evidências linguísticas e paleográficas suficientes para indicar Airas Nunes como o principal autor das CSM. Para Schaffer (1995 apud Parkinson, 1998), o nome de Airas Nunes, grafado na margem de mais de uma cantiga (223 e 298), no manuscrito E, bem pode estar indicando sua colaboração

Ao rei Afonso X, Mettmann (1986b, p.18) credita a autoria das cantigas em que o monarca aparece em primeira pessoa, falando de suas vivências, seus desejos e problemas (pessoais e políticos). A respeito dessas cantigas com caráter autobiográfico[30] de Afonso X, Bertolucci Pizzorusso (1993a, p.145) afirma o seguinte:

> De facto, o rei castelhano não só assume para si a primeira pessoa do falante nos textos líricos, como se faz protagonista de textos narrativos como sujeito de intervenções milagrosas da Virgem Maria por ocasião de doenças e de situações problemáticas de outro gênero resolvidas graças a eles; além disso, estende a outros membros da sua real família e a personagens da corte muito próximos dele esse mesmo privilégio.

Mettmann reconhece, assim, a participação efetiva do rei na composição de oito ou dez cantigas, que se destacam das outras, de acordo com o autor, pelos temas de que tratam e pelo estilo nelas empregado. O estudioso, entretanto, afirma que "não se pode excluir por completo a possibilidade de que o rei tenha composto mais poemas do que aqueles mencionados, mas isso parece pouco provável" (1986b, p.20, tradução nossa). Além disso, o autor considera a possibilidade de o monarca ter conferido a um "*poeta profesional*" a tarefa de escrever em seu nome (em primeira pessoa), falando de suas vivências particulares.[31]

---

como copista (inclusive musical). Parkinson (1998, p.184) afirma que os poemas que Mettmann (1986b) atribui a Airas Nunes formam um grupo heterogêneo, no que diz respeito aos traços estilísticos empregados.

30 Para O'Callaghan, a coleção inteira das CSM pode ser considerada uma biografia poética de Afonso X: "Estudos revelam que algumas cantigas relatam fatos que ocorreram durante o reinado de Afonso X. A intervenção da Virgem Maria na vida do rei é atestada em poemas escritos, senão pelo rei, em primeira pessoa, sob seu comando evidente. Dessa forma, pode-se dizer que as *Cantigas de Santa Maria*, além de serem uma homenagem à Virgem Maria, são uma espécie de biografia poética do rei, única nos anais da Europa medieval" (O'Callaghan , 1998, p.2-3, tradução nossa).

31 A respeito das afirmações de Mettmann (1986b) sobre a participação direta do rei Afonso X na criação dos poemas, Fidalgo declara: "M. Schaffer, em um

Filgueira Valverde (1985, p.31) aponta outros poetas que também poderiam ter contribuído no processo de composição do cancioneiro afonsino. Segundo o estudioso, é bem provável que frei Juan Gil de Zamora tenha sido um dos colaboradores de Afonso X, já que era confessor e amigo do rei, além de ser o autor do *Liber Mariae*, no qual são relatados 70 milagres da Virgem, dos quais, de acordo com Filgueira Valverde (idem), 50 coincidem com milagres narrados na coletânea afonsina. Outro nome sugerido por Filgueira Valverde (idem), como um dos prováveis colaboradores do cancioneiro mariano, é o do clérigo Bernardo de Brihuega, de quem Afonso X também teria encomendado algumas obras hagiográficas (sobre a vida dos santos) e historiográficas. Filgueira Valverde (idem, p.32) também aponta o nome do já referido poeta Airas Nunes como um dos possíveis envolvidos no processo de criação das CSM.

Snow (1987, p.476), por sua vez, sugere também a participação de D. Dinis na elaboração do cancioneiro mariano, já que ele era, de acordo com o autor, um dos netos favoritos de Afonso X, tendo seguido o exemplo do avô em vários aspectos, sobretudo na paixão pela poesia.[32]

Para Parkinson (1998, p.186), embora possa ter havido mais de um colaborador envolvido no projeto afonsino, cabe a Afonso X o título de autor dessa obra, na medida em que foi ele seu principal idealizador, aquele que "mandou fazer" o cancioneiro mariano, que encomendou a coletânea, contando com a colaboração de várias pessoas, tanto na criação dos textos poéticos quanto na elaboração dos manuscritos, tão ricos em conteúdo artístico. Pode-se dizer, pois, que participaram da elaboração do projeto mariano idealizado por Afonso X: tradutores de milagres franceses, castelhanos, latinos, portugue-

trabalho considerável, analisa o processo de composição, não só do Cancioneiro Mariano, mas também de outros códices da lírica profana galego-portuguesa, além de analisar os elementos extratextuais dos códices afonsinos, para concluir que não há dados confiáveis para confirmar a autoria do próprio rei, nem identificar a participação de seus colaboradores, de modo que a exata intervenção do monarca, na composição das CSM, continua sendo um enigma" (Fidalgo, 2002, p.62, tradução nossa).

32 Segundo Snow (1987, p.476), D. Dinis tinha 23 anos no ano da morte de seu avô (1284).

ses; poetas encarregados de versificar os milagres e louvar a Virgem; músicos; copistas; e miniaturistas (cf. Parkinson, 1998, p.185).[33]

Leão (2007, p.20) compara o trabalho de Afonso X, na elaboração do cancioneiro mariano, ao trabalho cooperativo desenvolvido nas corporações de ofício medievais, "onde toda obra se fazia sob a direção de um 'mestre', cuja responsabilidade e autoridade lhe garantiam o direito de autoria sobre o trabalho realizado por 'companheiros' e 'aprendizes'". Essa autora considera, pois, que Afonso X foi esse "mestre de obras", em sua área, no que diz respeito à realização plena das CSM.

Castro (2006, p.44) também compara o trabalho de Afonso X, nas CSM, ao trabalho de um mestre de obras e identifica características do estilo gótico nesse cancioneiro mariano:

> Como um mestre de obras, um arquiteto medieval que cuidava de uma catedral, D. Afonso era o coordenador que supervisionava o trabalho de vários artífices para formar uma obra cuja grandiosidade espelharia a imensidão da fé e dos poderes divinos. A dimensão e a qualidade das *CSM* serviam para refletir a grandeza do reinado, tal como as catedrais inspiravam orgulho e admiração nas comunidades que as ergueram.

Para Montoya Martínez (1999, p. 280), a autoria das CSM pode ser comparada à autoria da Bíblia, que teria sido escrita por diversos autores a partir de uma inspiração divina: Deus é considerado seu autor principal, na medida em que foi ele quem "ordenou" que se escrevessem os Livros Sagrados – da mesma forma que Afonso X é o autor das CSM, uma vez que foi ele quem encomendou a obra.

Sobre a atividade cultural do rei Afonso X, Bertolucci Pizzorusso (1993b, p.37) afirma:

---

33 Filgueira Valverde (1985, p.28-9) já havia chegado à conclusão de que o trabalho direto de Afonso X, no cancioneiro mariano, foi intenso, embora o rei tenha contado com a colaboração de pessoas da corte, cuja tarefa seria, na visão do estudioso: a busca de temas em coleções e histórias, e sua tradução; a ajuda ao rei na versificação; e a criação e adaptação da melodia a serviço da poesia.

> A sua figura [de Alfonso X] está no centro da actividade poética ibérica do século XIII, por ele encorajada e patrocinada antes de ser por ele próprio praticada; a sua corte foi o lugar de encontro de um grande número dos poetas galego-portugueses mais representativos e de muitos trovadores provençais, que encontraram em Alfonso X não só o patrono como também o inteligente e interessado interlocutor para questões requintadamente literárias e científicas, cujas autorizadas respostas são por alguns deles versificadas.

Em seu *scriptorium*, localizado na cidade de Toledo, bem no centro de Castela, Afonso X recebia poetas de todo o ocidente românico (sobretudo da Provença), que se abrigavam sob seu mecenato, assim como músicos, desenhistas, miniaturistas, tradutores e intelectuais das mais variadas áreas e origens (cf. Leão, 2007, p.20). Nesse ambiente cultural e científico, eram elaboradas compilações jurídicas, históricas e científicas, além de obras literárias, entre as quais estão as cantigas religiosas e profanas escritas em galego-português (cf. Filgueira Valverde, 1985, p.19). Ainda sobre o *scriptorium* de Afonso X, Leão (2002, p.1) declara o seguinte:

> No mesmo *scriptorium* também se compilavam leis, ou se registravam em códigos várias normas consuetudinárias; escreviam-se tratados de várias ciências; registrava-se a história da Espanha, bem como uma história geral da humanidade; traduziam-se obras do hebraico, do árabe ou do grego por via do árabe; compunham-se obras sobre jogos e lazeres, como o xadrez e os dados; produziam-se poemas profanos e sacros, cujos textos eram copiados, musicados e miniaturados em belíssimos manuscritos.

Leão (op. cit., p.19) afirma que, para Afonso X, o trono representava um fardo não tanto pelas lutas contra os mouros, mas principalmente pelas divergências familiares e pelas intrigas da corte. Segundo a autora, o monarca teria encontrado refúgio nos estudos, que lhe renderam o cognome de "o Sábio".[34] Filgueira Valverde (op. cit., p.19)

---

34 Ao rei também agradavam as viagens e as mulheres, de acordo com Leão (2007, p.19).

declara que, embora Afonso X tenha fracassado na conquista do tão almejado Sacro Império Romano, o rei foi compensado pelo resultado de suas atividades no âmbito cultural, no qual alcançou indiscutível soberania. Na elaboração das CSM, Leão (2007, p.22) afirma que Afonso X trocou "a coroa e a espada pelo pergaminho e pela pena, para transformar-se no humilde, mas excelso trovador da Virgem Maria".

Pelo fato de a figura de Afonso X estar no centro do processo de composição do cancioneiro mariano, sua biografia, conforme lembra Massini-Cagliari (2005, p.62), é um fator determinante no que se refere à datação das CSM. De acordo com Filgueira Valverde (1985, p.11, 13), Afonso X nasceu em Toledo, a 22 de novembro de 1221, e morreu em Sevilha, a 4 de abril de 1284. Filho de Fernando III, rei de Leão e Castela, e de Beatriz de Suábia, Afonso X tornou-se rei em 1252, tendo permanecido no trono durante trinta e dois anos, até sua morte (cf. Bertolucci Pizzorusso, 1993b, p.36). Com base em tais dados biográficos, considera-se que as CSM foram compostas durante a segunda metade do século XIII.

A linguagem na coletânea afonsina

De acordo com Leão (2002, p.2), embora a língua materna de Afonso X fosse o castelhano, o rei escreveu toda a sua obra poética em galego-português, tendo empregado o castelhano apenas em seus textos em prosa, que apresentavam todos, segundo a estudiosa, uma finalidade pragmática. Para Leão (idem), o motivo que teria levado Afonso X a não empregar a língua de Castela, em sua principal obra poética (as CSM), e sim a língua do noroeste ibérico, o galego-português, está diretamente relacionado ao fascínio "exercido por uma língua que se mostrava como apta, ou até como ideal, para a poesia". Além do galego-português, a autora aponta outras duas línguas da Europa medieval que gozavam da preferência dos trovadores: o provençal, no domínio galo-românico, e o toscano, no âmbito ítalo-românico. A respeito da influência dessas línguas na poesia da época, Leão (idem) declara o seguinte:

> O seu prestígio era tão amplamente reconhecido que muitos trovadores, no ato de trovar, deixavam de lado suas respectivas línguas maternas e adotavam uma das três grandes línguas poéticas de então. Foi o que ocorreu com D. Afonso X. Compôs suas próprias cantigas e dirigiu ou supervisionou a composição de outras pelos seus colaboradores, utilizando o galego-português.

Alguns estudiosos consideram a hipótese de que Afonso X tenha passado a infância na Galiza, e que, durante esse período, o futuro monarca teria aprendido a língua local, ou seja, o galego-português. A esse respeito, Peña afirma:

> O fato de o rei ter escrito em galego-português a parte de sua obra que pode ser considerada a mais íntima e pessoal, as Cantigas, surpreendeu muitos eruditos. Esse fato, no entanto, não será tão estranho se levarmos em conta que o rei foi, muito provavelmente, criado na Galiza. (Peña, apud Leão, 2002, p.2, tradução nossa)

Para Filgueira Valverde (1985, p.11), Afonso X certamente passou parte de sua infância na Galiza, nas terras de García Fernández de Villaldemiro, que era casado com uma dama galega, dona Mayor Airas. De acordo com Leão (2007, p.18), Afonso X teria recebido desse casal de nobres a educação devida a um futuro rei. Segundo Filgueira Valverde (op. cit., p.14), Afonso X esteve sob os cuidados de García Fernández e de sua esposa, entre 1223 e 1231, dos 2 aos 12 anos, portanto – bem na fase de aquisição da língua materna, conforme observa Massini-Cagliari (2005, p.22).

Para Leão (2002, p.3), no entanto, embora Afonso X possa ter aprendido o galego-português, sua língua materna não deixa de ser o castelhano, "o que torna inevitáveis as interferências dessa língua no galego-português do texto, principalmente se a cantiga é da lavra do próprio Rei". A autora acredita que há diferenças entre o galego-português das cantigas religiosas e o galego-português das cantigas profanas. Retomando a questão da unidade – pelo menos na língua escrita – entre o galego e o português, que se verificava no século XIII,

e a futura separação por que passaram essas línguas, Leão (2002, p.3) afirma que a língua das cantigas profanas está mais voltada para o padrão português, enquanto a língua das cantigas religiosas está mais próxima do galego:

> Considerando o problema da identidade lingüística, o galego-português literário do século XIII constituía ainda uma unidade, mas certamente já começava a fragmentar-se no uso oral. Porém, mesmo dentro daquela unidade artificial da língua literária, já se percebiam prenúncios da separação que, da língua oral, penetravam no texto. Não é necessário falar aqui das razões sócio-políticas dessa separação, que gerou, de um lado, o galego e, de outro, o português, pois são fartamente conhecidas de todos. Dentro da relativa unidade da língua literária, a tendência à separação pode notar-se, aliás, no conjunto da poesia trovadoresca. A linguagem dos três cancioneiros profanos se encaminha, pouco a pouco, para o padrão português em formação, enquanto que a linguagem das *Cantigas de Santa Maria*, pelo menos no que diz respeito à fonologia e à morfologia, tende para o padrão galego, que também se vai formando e firmando.[35]

Gonçalves (1985, p.19), por sua vez, acredita que tanto as cantigas profanas quanto as cantigas religiosas estão escritas em uma "língua uniforme com características bastante uniformes, o galego-português".

Massini-Cagliari (2007a, p.122), ao comparar as duas vertentes da lírica trovadoresca, a profana (*cantigas de amor, de amigo* e *de escárnio e maldizer*) e a religiosa (CSM), conclui, no que diz respeito aos elementos prosódicos investigados por ela, que não há diferenças entre o sistema vigente nas cantigas profanas e o sistema presente nas CSM: "em outras palavras, trata-se de uma e a mesma língua". Massini-Cagliari (2005, p.320) traz, assim, uma série de elementos que "comprovam a legitimidade das CSM como fonte primária do galego-português, para o estudo do passado da nossa língua".

35 Ferreira (1994, p.66) afirma que, no manuscrito E, há um grande número de formas que denotam uma forte influência castelhana.

Massini-Cagliari (2005, 2007a) revela que não identificou, ao comparar os dois *corpora*, distinções no que diz respeito à tipologia dos fenômenos avaliados – estruturação silábica, acento, ritmo, processos de sândi e paragoge. Segundo Massini-Cagliari (2005, p.318, 321), as diferenças encontradas, na comparação entre os dois *corpora*, estão relacionadas, principalmente, à frequência e ao uso estilístico desses fenômenos em cada uma das vertentes (profana e religiosa):

> Devido à maior riqueza lexical encontrada nas cantigas medievais religiosas (em comparação às cantigas palacianas de amor e de amigo), padrões excepcionais de acentuação (proparoxítonas e oxítonas terminadas em sílaba leve) puderam ser mais freqüentemente mapeados no *corpus* de cantigas religiosas do que no de profanas.

> As diferenças encontradas entre os dois *corpora* são, sobretudo, de uso. São casos em que os poetas optam por desvios do padrão, com finalidades artísticas muito bem definidas [...] Sendo uma lírica mais "elevada" (afinal, destinava-se à Virgem em pessoa, e não a um mero mortal), é natural que efeitos de estilo sejam mais freqüentes no *corpus* de cantigas religiosas do que no de profanas.

Leão (2002, 2007) também aponta para uma maior riqueza lexical e artística das CSM em relação às cantigas profanas (sobretudo às *cantigas de amor* e *de amigo*. Conforme já mencionado, as cantigas medievais religiosas, por não se limitarem à temática amorosa (como as *cantigas de amor* e *de amigo*), falam sobre diversos assuntos (que vão além da vida religiosa), valendo-se, pois, de um amplo vocabulário, relacionado aos mais variados campos. Sobre o elevado valor artístico das CSM, Leão (2002, p.3) afirma:

> A versificação das *Cantigas de Santa Maria* é extremamente sofisticada, tanto na escolha e combinação dos metros, quanto na construção das estrofes e na disposição das rimas, deixando longe a simplicidade estrutural das cantigas de amigo e mesmo das cantigas de amor.

Leão (2002, p.2), no entanto, acredita que, exatamente por tratar-se de um instrumento literário e artístico, não se pode tomar a linguagem empregada nas CSM como um registro da língua oral corrente na época: "a língua escrita, na modalidade literária, tem vocação para a permanência, resistindo às mudanças inevitáveis da língua oral ou adotando-as com grande atraso". Leão (idem, p.3) chama atenção para algumas construções sintáticas, presentes nas CSM, que estão distantes do padrão de língua oral, mas que podem ser explicadas a partir dos recursos de versificação empregados nas cantigas medievais religiosas, ou seja, a ordem habitual das palavras, dentro dos sintagmas (bem como a ordem dos sintagmas na oração), teria sido alterada para completar uma rima ou manter um determinado traço de versificação, criando-se, assim, "uma sintaxe retorcida, distanciada do padrão oral". Além disso, Leão (idem, p.3) considera que algumas dessas inversões sintáticas refletem o padrão latino: "algumas frases têm construção tão arrevesada em relação à língua oral, que se diriam cunhadas nos moldes latinos", já que muitas das fontes utilizadas por Afonso X estavam, provavelmente, escritas em latim, de acordo com os estudiosos.

Leão (idem, p.3), entretanto, reconhece que há inegáveis traços de oralidade nas CSM:

> O trovador muitas vezes recorre a ditos populares, ou estes explodem à sua revelia, na língua literária. Isso sem contar que todo bom narrador – e D. Afonso é um ótimo narrador – dá um cunho de irrecusável oralidade aos seus diálogos. Há, nas *Cantigas de Santa Maria*, diálogos tão naturais, que quase nos fazem ouvir as vozes dos interlocutores.

Filgueira Valverde, por sua vez, afirma que há muitas características da língua oral nas CSM:

> A língua dos trovadores não era artificial, mas um produto artístico, sincero, inspirado no galego vulgar, que hoje permanece com muitas características daquela língua que, nas Cantigas, é próxima à língua falada, por várias razões. (Filgueira Valverde ,1985, p.39, tradução nossa)

Para Massini-Cagliari (2005), a linguagem corrente do século XIII está refletida nas CSM na medida em que a construção dos versos e das rimas desse *corpus* poético (como a de todo material poético) é baseada na linguagem oral, ou seja, na metrificação e nas rimas dos textos poéticos. Conforme já mencionamos anteriormente, é possível obter informações a respeito da língua falada na época dos trovadores, relacionadas ao timbre vocálico, a encontros vocálicos, à nasalização de vogais, além de questões relacionadas ao acento, ao ritmo e à estruturação silábica das palavras:

> Porque os textos poéticos metrificados levam em conta o número de sílabas e/ou a localização dos acentos em cada verso, eles acabam por trazer muitas das informações necessárias para uma pesquisa sobre a prosódia de línguas mortas, uma vez que, a partir da observação de como o poeta conta as sílabas (poéticas), pode-se inferir os limites entre as sílabas das palavras e, a partir daí, sua estruturação interna; e localiza os acentos em cada verso, podem ser inferidos os padrões acentuais e rítmicos da língua na qual os poemas foram compostos; da localização dos acentos poéticos, pode-se concluir a localização do acento nas palavras, ou seja, os padrões de acento lexical da língua, e, da concatenação desses acentos dentro dos limites de cada verso, os padrões rítmicos da língua em questão. (idem, p.19)

Mais uma vez, portanto, Massini-Cagliari (idem, p.321) mostra que "o testemunho das CSM pode e deve ser considerado um representante legítimo do galego-português".

Fontes

As CSM encontram-se distribuídas em quatro manuscritos provenientes do final do século XIII:

- O códice de Toledo (To), que, inicialmente, pertencia à Biblioteca da Catedral de Toledo (daí a abreviação To) e, desde

1869, encontra-se na Biblioteca Nacional de Madri (cf. Ferreira, 1994, p.59).

- O códice rico de El Escorial (T), que foi transferido, ao final do século XVI, de Sevilha para a Biblioteca Real de El Escorial (Real Monasterio de san Lorenzo, na Espanha),[36] onde permanece até hoje (idem, p.60).
- O códice de Florença (F), que se encontra, atualmente, na Biblioteca Nacional Central de Florença (idem).
- O códice dos músicos de El Escorial (E), que, como T, foi transferido, ao final do século XVI, de Sevilha para a Biblioteca Real de El Escorial (Real Monasterio de san Lorenzo), onde permanece desde então (idem, p.62).

Parkinson (1998, p.180) afirma que, dos quatro manuscritos, o menor e mais antigo é o códice de Toledo (To); o mais rico em conteúdo artístico é o códice rico de El Escorial (T), que forma, junto com o manuscrito de Florença (F), os chamados códices das histórias; e o mais completo é o códice dos músicos de El Escorial (E). Schaffer (2000, p.207) lembra que To é o único manuscrito que chegou a ser terminado: T, F e E estão todos inacabados.

Segundo Parkinson (op. cit., p.187), esses quatro manuscritos revelam um processo de ampliação e evolução contínua da coleção.

1) Inicialmente, elaborou-se, de acordo com Parkinson (idem,), uma coleção de cem cantigas, o códice de Toledo, contendo histórias geralmente tiradas de fontes europeias bem conhecidas, que representava um testemunho da devoção do rei à Santa Maria. Mettmann (1986b, p.21-2) afirma que, além das cem cantigas, essa primeira coleção idealizada por Afonso X continha uma *Introdução* (A), falando do objetivo do rei em homenagear a Virgem por meio de cem cantigas, um *Prólogo* (B) e uma *Petiçon* (*Pitiçon*), ao final da coleção, concluindo a obra: "*macar cen cantares feitos acabei*". A coleção foi estruturada, conforme mencionado anteriormente, em grupos de dez cantigas: a cada nove cantigas de milagre, a décima corresponde

36 Ver Massini-Cagliari (2005, p.63).

a uma cantiga de louvor[37] (cf. Parkinson, 1998, p.187; Mettmann, 1986b, p.22). Além dessa estruturação, verifica-se, em To, uma distribuição em grupos de 50: a primeira cantiga fala sobre os sete gozos de Maria, enquanto a CSM 50 fala sobre as sete dores da Virgem (cf. Parkinson, idem; Mettmann, idem). Em um determinado momento, o rei decidiu incluir mais alguns poemas a essa primeira coleção: foram inseridas, assim, logo após a *Petiçon*, cinco cantigas de festas de Santa Maria e cinco cantigas de festas de Jesus Cristo, além de um apêndice contendo mais algumas cantigas de milagres, conforme indicam as seguintes *rubricas explicativas* que constam do manuscrito de Toledo (apud Parkinson, op. cit.):

(1.5)

Pois que el Rey fez cãtares de miragres & loores de santa maria & ouue feita sa pitiçon teue por ben de fazer outras cinco cantigas das sas festas do ano. (To, fólio 136)

(1.6)

Pois que el Rey fez cinco cantigas das cinco festas de santa maria, teve por ben fazer outras cinco cantigas das cinco festas de noso senor iesu cristo. (To, fólio 144)

(1.7)

Depois que el Rey fez estas cinco cantigas das cinco festas de ñro sennor, fez estas outras cantigas de miragres de santa maria. (To, fólio 148)

2) Terminada a primeira coleção, o rei decidiu dobrar o número de cantigas e elaborar um segundo manuscrito, que fosse ilustrado. Surge, assim, o códice rico de El Escorial (T), cujas cantigas são acompanhadas de miniaturas que fazem referência ao conteúdo do

37 Essa estrutura de rosário, já mencionada neste capítulo, constituiria um princípio básico na elaboração de todos os manuscritos seguintes, de acordo com Parkinson (1998, p.187).

texto. Parkinson (1998, p.187) afirma que, para acentuar o aspecto decorativo da coleção, o texto e a música de cada cantiga deviam ocupar uma ou mais páginas inteiras, para que as miniaturas pudessem acompanhar o texto completo. Além de aparecer, como sempre, uma cantiga de louvor ao final de cada grupo de dez cantigas de milagre, a cada cinco cantigas do códice rico, aparece uma miniatura que ocupa duas páginas do manuscrito, em vez de uma, como nas demais cantigas, respeitando, assim, uma estruturação baseada nas "quintas" (cf. Parkinson, idem, p.188; Mettmann, 1986b, p.22). Parkinson (op. cit., p.180) mostra que, embora o índice do códice rico indique a presença de duzentas cantigas na coleção (além do prólogo), há apenas 192 cantigas com música, havendo lacunas em oito delas: CSM 40, 150, 151, 196, 197, 198, 199, 200. O índice revela, pois, a provável intenção de Afonso X na elaboração desse segundo manuscrito das CSM: duplicar o número de cantigas de To, passando de cem a duzentas, além de inserir iluminuras. Segundo Parkinson (op. cit., p.188), T inclui a maioria das cantigas de To, embora não siga a mesma ordem da primeira coleção.

3) Novamente, ao que tudo indica, o rei quis dobrar a coleção de CSM e encomendou um segundo volume para T, do mesmo formato, porém, com uma redução no tamanho das páginas do texto (cf. Parkinson, idem). Surge, assim, o códice de Florença (F), que, segundo Parkinson (idem), acabou ficando incompleto:[38] sem música, com muitas lacunas e desordenado, contando com apenas 113 cantigas, em uma ordem que pouco (ou nada) corresponde à ordem do códice dos músicos (E), o mais completo dos manuscritos.

Sobre o códice E, Mettmann (op. cit.) declara que começa com um *Prólogo das cinco cantigas de festas de Santa Maria*, que é seguido, no entanto, de doze *cantigas de festas* marianas, embora somente cinco, na visão do autor, corresponda ao gênero: as outras sete (entre elas, duas

38 Schaffer (2000, p.212, nota 46) afirma que as deficiências de F são apontadas (sabiamente) com bastante frequência, mas que as partes incompletas de T são raramente mencionadas. A autora aponta, assim, algumas deficiências de T. Para Parkinson (2000b, p.271), F deve ser considerado danificado, em vez de inacabado, já que faltam as cinco últimas páginas desse manuscrito (cf. Massini-Cagliari, 2005, p.63-4).

repetições) correspondem a cantigas de louvor, segundo o estudioso; seguem as doze *cantigas de festas* o *Índice*, a *Introdução* (A), o *Prólogo* (B), quatrocentas cantigas, a *Petiçon* e uma última cantiga que contém "rogos".[39] De acordo com Parkinson (1998, p.188), o manuscrito E reproduz quase perfeitamente a ordem de T, sem apresentar, no entanto, o mesmo conteúdo decorativo do códice rico.[40] Parkinson (idem) afirma que há sete cantigas repetidas, em E, o que indica, muito provavelmente, um esforço desesperado para se chegar ao fim da coleção, que deveria conter as quatrocentas cantigas (de milagre e de louvor). Mettmann (1986b, p.22) também acredita que as repetições, no manuscrito E, revelam uma certa pressa em terminar a coleção: "Para realizar o projeto, eram necessárias 359 cantigas de milagres, mas, ao terminar o códice *E*, ainda faltavam algumas cantigas. Resolveu-se o impasse repetindo-se sete milagres (373, 387, 388, 394-397)". Além disso, faltam as notações musicais das duas últimas cantigas de E (*Pitiçon* e *Epílogo*), conforme nota Parkinson (op. cit.). Para o estudioso, F e E foram, muito provavelmente, elaborados ao mesmo tempo, valendo-se dos mesmos materiais, sem, no entanto, combinar a ordem das cantigas. Haveria, assim, duas equipes trabalhando na elaboração desses códices: uma preocupada em reunir, em um único manuscrito (E), todas as cantigas afonsinas dedicadas à Virgem; e outra, preocupada em elaborar um segundo volume (F) para T.

Segundo Parkinson (1998, p.189, tradução nossa), a coleção das 420 CSM corresponde a:

> 2 cantigas iniciais: título e prólogo (Mettmann A/B)
> 2 cantigas finais: Petição, Nembressete Maria (números 401-402 na edição de Mettmann)

---

39 Parkinson (1998, p.180-8) chama essa última cantiga, presente em E, de *Epílogo* ou *Nembressete Maria*.

40 Os elementos artísticos adicionais de E, em relação aos códices T e F, são as já referidas miniaturas com músicos, que acompanham as cantigas de louvor. Não há, em E, as mesmas iluminuras (divididas em seis ou doze vinhetas) que acompanham as cantigas dos códices das histórias (T e F). Além das miniaturas com músicos, que encabeçam as cantigas de louvor, há, no manuscrito E, apenas a iluminura que acompanha o Prólogo (B), na qual Afonso X aparece no centro da figura, acompanhado de músicos, poetas e escribas. Essa miniatura (que acompanha o Prólogo) também já foi indicada anteriormente neste capítulo (Figura 3).

40 cantigas de louvor (das quais duas se repetem nas cantigas de festas de E)
353 milagres (mais sete milagres em E que repetem outras cantigas)
11 cantigas das festas de Santa Maria (números 410-422 na edição de Mettmann) mais duas repetidas
7 cantigas de milagre de To e F que não foram incluídas em E (números 403-409 da edição de Mettmann)
5 cantigas de festas de Jesus Cristo de To, que não foram incluídas em outros manuscritos (números 423-427 da edição de Mettmann)

Sobre o códice de Toledo (To), Mettmann (1986b, p.25) afirma que contém 160 folhas de pergaminho (além das folhas de papel de guarda), que medem 315 mm de altura por 217 mm de largura. O texto ocupa, segundo o estudioso, um espaço de 225 mm por 151 mm, e está escrito em duas colunas, com 27 linhas cada uma. A letra, utilizada em To, é a francesa, típica dos códices do século XIII, de acordo com Mettmann (1986b, p.25).

De acordo com Parkinson (2000a, p.133), foram utilizadas três cores de tinta (preto, vermelho e azul) nas letras do códice de To. As iniciais, segundo o autor, são decoradas, mas não são iluminadas, semelhante ao que ocorre em E, nas cantigas múltiplas de dez. Para Parkinson (idem, p.134), em alguns aspectos, To mostra-se mais decorativo do que E, fazendo, por exemplo, um uso mais extensivo das tintas vermelha e azul.

De acordo com Parkinson (1998, p.180, tradução nossa), To é constituído de:

Título, Índice de 100 cantigas; prólogo, 100 cantigas numeradas; petição;
5 cantigas das Festas de Santa Maria, precedidas de rubrica explicativa
5 cantigas das Festas de Jesus Cristo, precedidas de rubrica explicativa e com indicações marginais sobre o uso litúrgico;
16 cantigas adicionais em apêndice, precedidas por rubrica explicativa.

O códice rico de El Escorial (T), de acordo com Mettmann (1986b, p.29), está escrito em 256 folhas de pergaminho, medindo

485 mm de altura por 326 de largura. O texto, segundo o autor, aparece em duas colunas, cada uma com 44 linhas, também escrito em letra francesa.

Segundo Massini-Cagliari (2005, p.71), T "é conhecido como códice rico, dada a riqueza do material com que foi feito, o cuidado e o capricho de suas notações musicais e das letras das cantigas e a riqueza e beleza das suas miniaturas".

Parkinson (1998, p.180) afirma que o códice rico contém: índice (de duzentas cantigas), título, prólogo e 192 cantigas com música (havendo lacunas em oito delas). Além disso, conforme mencionado anteriormente, o códice rico apresenta uma decoração complexa: cada cantiga está ilustrada por seis ou doze miniaturas (acompanhadas de legendas), que ocupam uma ou duas páginas completas do manuscrito.

Mettmann (op. cit., p.31) declara que há mais de 1.250 miniaturas em T, distribuídas em 210 páginas. Segundo o autor, cada miniatura de página inteira mede 334 mm de altura por 230 mm de largura, e cada uma das vinhetas que compõem as miniaturas que acompanham as cantigas de milagre e de louvor mede, geralmente, 109 mm por 100 mm (algumas medem, em pé, 65 mm de altura).

Quanto ao códice de Florença (F), Mettmann (idem, p.32) afirma que é composto, na versão atual, de 131 folhas de pergaminho, que medem 456 mm de altura por 320 mm de largura.[41] Os textos, de acordo com o estudioso, foram escritos em letra gótica francesa (do final do século XIII) e estão distribuídos, geralmente, em duas colunas – algumas vezes em três ou, mais raramente, em apenas uma – de 44 linhas.

41 Mettmann (1986b, p.32) acredita que as folhas deveriam medir mais, antes da atual encadernação, "pois se vê bem claramente que foram cortadas, especialmente na parte inferior, onde, em consequência disso, acontece muitas vezes faltar o número, em algarismos romanos, de uma antiga paginação que se observa ainda no verso de muitas folhas". Segundo o autor, essa antiga paginação indica que *F*, que contém atualmente 131 folhas, continha 166 (ou mais) antigamente.

Parkinson (1998, p.180) mostra que o manuscrito F contém 103 cantigas (algumas incompletas) com pautas musicais, porém sem notação musical. Muitas das cantigas, segundo o autor, são seguidas por uma ou duas páginas de miniaturas (sem legendas correspondentes), com decoração semelhante à de T. Parkinson (idem) afirma que algumas páginas de F estão apenas preparadas para miniaturas. A esse respeito, Mettmann (1986b, p.34) declara: *"Das paginas miniaturadas, 48 são completamente acabadas; muitas teem apenas parte dos quadrinhos terminada; algumas foram apenas desenhadas e outras teem sómente o friso pintado e os quadrinhos traçados"*.

Massini-Cagliari (2005, p.71) aponta algumas particularidades, relacionadas ao *layout* de T e F, que diferenciam esses manuscritos de To e E:

> A diferença de T/F, com relação a E/To, está, no entanto, na adoção de um *layout* muito mais complicado, que vislumbra a presença de miniaturas como parte integrante de cada cantiga – o que não acontecia em E/To, em que os textos/músicas das cantigas se seguem uns aos outros, sem troca de página nem espaços demarcatórios intermediários.

Segundo Parkinson (2000b, p.245), o rótulo de códice rico, inicialmente atribuído ao manuscrito T, acabou estendendo-se a F, já que este é reconhecido como um segundo volume daquele. Dessa forma, esses dois manuscritos passaram a ser designados códices ricos, respeitando, pois, a unidade que representam.

Por fim, o códice dos músicos de El Escorial (E), o mais completo dos quatro manuscritos, é composto por seis folhas de papel de guarda e 361 de pergaminho, de acordo com Mettmann (op. cit., p.27). Ao final do manuscrito, segundo o autor, há restos de outras três páginas, que estavam, provavelmente, em branco e foram cortadas do códice. Mettmann (idem) informa que a altura de cada folha é de 402 mm, e a largura, de 274 mm. O texto, de acordo com o estudioso, ocupa duas colunas, de 40 linhas cada, e também está escrito em letra francesa. O espaço dedicado ao texto, em cada folha, mede 303 mm ou 309 mm por 198 mm, e a largura de cada coluna é de 92 mm.

O códice E contém, segundo Parkinson (1998, p.180): 12 cantigas numeradas das Festas de Santa Maria (precedidas de um prólogo), índice, título, prólogo, quatrocentas cantigas numeradas, com música para a primeira estrofe (em alguns casos excepcionais, há notação musical para todas as estrofes), *Petiçon* e epílogo (sem música). O autor afirma que a decoração de E é semelhante à decoração de To: o adicional, em E, conforme mencionado anteriormente, são as famosas miniaturas com músicos que encabeçam as cantigas de louvor.

Figura 7 – Miniatura. CSM 300. Códice dos músicos de El Escorial (E), E300, fólio 268v.

Fonte: Reproduzida de Alvarez (1987, lâmina VI apud Massini-Cagliari, 2005, p.315).

Conforme se pôde observar, ao longo deste capítulo, as CSM, de fato, constituem um monumento literário, musical e artístico da mais elevada importância, como bem destacou Parkinson (idem, p.179).

2
As vogais do português

Neste capítulo, investigamos o que dizem os estudiosos a respeito das vogais do português: desde sua origem, no latim clássico, passando pelo PA, e chegando ao estágio atual da língua. Consideraram-se tanto estudos diacrônicos do português, como as gramáticas históricas e os manuais de filologia, quanto aqueles mais específicos sobre o PA, como os trabalhos de Mattos e Silva (2006), Maia (1997) e Ramos (1985). No que diz respeito às vogais do PB atual, baseamo-nos nas considerações de Câmara Jr. (2007). Quando se fez necessária alguma relação com os sistemas vocálicos do português europeu (doravante, PE), consultou-se Mateus & D'Andrade (2000).

Sistemas vocálicos: do latim ao português

De acordo com as gramáticas históricas e os manuais de filologia do português, o sistema vocálico fonológico do latim clássico era constituído de dez vogais: cinco longas e cinco breves, representadas, na escrita, pela sobreposição dos diacríticos *macron* (¯) e *braquia* (˘), respectivamente: ă, ā, ĕ, ē, ĭ, ī, ŏ, ō, ŭ, ū. Os cinco grafemas vocálicos do latim clássico (*a, e, i, o, u*) correspondiam, portanto, a dez vogais, em seu sistema fonológico, uma vez que cada um desses cinco

grafemas podia ser realizado como longo ou breve, de acordo com sua duração. Dessa forma, pode-se dizer que a duração tinha, no latim clássico, um valor fonológico, ou seja, uma função distintiva, opositiva, conforme declara Câmara Jr. (1979, p.40):

> No latim clássico, a quantidade tinha função distintiva: na flexão nominal e verbal, distinguiam-se, por exemplo, as desinências -*ā*, de ablativo, e -*ă*, de nominativo, para um mesmo nome, e, entre palavras, havia oposições como – *mālum* "maçã": *mălum* "mau", *dĭco* "consagro": *dīco* "digo", *cĕras*, "uma planta" (nom. sing.): *cēras* "cera" (ac. pl.), *mōlĭs* "massa" (gen. sing.): *mŏlīs* "moinho" (dat. abl. pl.), *sŭdis*, uma espécie de pau : *sūdis* "seco" (dat. abl. pl.).

Na passagem para o sistema vocálico do português,[1] a duração perdeu esse caráter distintivo, deixando de ser fonológica. Isso não significa, entretanto, que as vogais do português tenham perdido suas características duracionais, uma vez que, segundo Cagliari (2007, p.99): "Quer as vogais, quer as consoantes, podem ser articuladas de maneira variável em sua duração. A duração dos sons de uma língua só pode ser avaliada quando comparamos uns com os outros".

Dessa forma, é importante que se esclareça que o que convencionalmente se chamou de perda da "quantidade" das vogais latinas diz respeito à perda da duração com valor fonológico, e não à perda da duração em si, já que as vogais do português podem ser avaliadas quanto a sua duração.

---

1 Os estudiosos (cf. Vasconcellos, 1959; Williams, 1975; Coutinho, 1974; Teyssier, 1994; Ramos, 1985; Mattos e Silva, 2006) consideram que o sistema vocálico do latim vulgar já desconhecia essa duração com valor fonológico das vogais do latim clássico. É importante observar que estamos considerando, aqui, como latim vulgar o latim falado, em oposição ao latim literário, isso é, o latim clássico. Nesse sentido, são oportunas as seguintes palavras de Câmara Jr. (1979, p.21): "É justo dizer que as línguas românicas provêm do latim vulgar, no sentido relativo de que resultaram de um latim dinâmico, essencialmente de língua oral, em processo de perene evolução".

Além da perda da quantidade, ou seja, da duração com valor fonológico, ocorreu outra mudança significativa, na passagem do sistema vocálico do latim clássico para o sistema vocálico do português, relacionada à incidência (ou não) do acento sobre as vogais. Conforme mencionado anteriormente, o sistema fonológico do latim clássico era constituído de dez vogais, e esse sistema era o mesmo independentemente da tonicidade da sílaba de que faziam parte essas vogais – em outras palavras, o sistema vocálico era o mesmo tanto para as vogais em posição tônica quanto para as vogais em posição átona (pretônicas e postônicas). Na passagem para o sistema vocálico do português – ou melhor, já no latim vulgar –, o acento adquiriu um papel relevante na caracterização das vogais, na medida em que determinou o surgimento, no português, de sistemas vocálicos distintos para as vogais tônicas, pretônicas e postônicas, conforme declara Câmara Jr. (1979, p.40):

> a intensificação do acento destruiu esse delicado jogo quantitativo no latim vulgar. Ao mesmo tempo, as vogais passavam a ser condicionadas pela incidência ou não do acento e, quando átonas, pela sua posição antes ou depois do acento. Assim se eliminou a quantidade como traço vocálico distintivo e se estabeleceram três quadros diversos para as vogais, conforme tônicas, pretônicas ou átonas finais.

Os itens apresentados a seguir trazem as informações dos estudiosos sobre as vogais tônicas, pretônicas e postônicas do português.

Vogais tônicas

Na diacronia do português

De acordo com as gramáticas históricas e os manuais de filologia do português, o quadro de dez vogais do latim clássico corresponde

a sete vogais (/i, e, ɛ, a, ɔ, o, u/), em posição acentuada, no latim vulgar, conforme mostra Nunes (1960, p.40-1):

> *ă* e *ā* reduziram-se a *a*
> *ĕ* e *ae* reduziram-se a *é* (aberto)
> *ē*, *oe* e *ĭ* reduziram-se a *ê* (fechado)
> *ī* reduziu-se a *i*
> *ŏ* reduziu-se a *ó* (aberto)
> *ō* e ŭ reduziram-se a *ô* (fechado)
> *ū* reduziu-se a *u*

Nesse sentido, a principal diferença que se verifica, no quadro das vogais tônicas do latim vulgar, em relação ao sistema vocálico do latim clássico, diz respeito à substituição da quantidade do latim clássico pela diferença de timbre entre as vogais médias do latim vulgar, criando-se, assim, uma oposição distintiva entre vogais médias abertas e vogais médias fechadas, ou seja, entre *e* aberto (/ɛ/) e *e* fechado (/e/), assim como entre *o* aberto (/ɔ/) e *o* fechado (/o/).

Silva Neto (1952, p.175), no entanto, afirma que: "ao contrário do que ainda pensam muitos romanistas, não houve, no latim imperial, permuta da quantidade pelo timbre, mas permanência deste e perda daquela". Para Silva Neto (idem), as vogais do latim clássico eram concomitantemente longas e fechadas ou breves e abertas, isto é, o autor considera que a quantidade e o timbre conviviam, lado a lado, no latim clássico, tendo ocorrido, no latim vulgar (latim imperial), perda da primeira e permanência da segunda.

É muito interessante a questão levantada por Silva Neto, assim como é importante conhecer a discussão dos estudiosos sobre as diferenças entre o sistema vocálico do latim clássico e o do latim vulgar, mas o que interessa, de fato, é saber qual era o sistema vocálico do PA, objeto de estudo deste livro. A seguir, trataremos das vogais tônicas do PA com base nas considerações dos estudiosos que se debruçaram sobre o assunto.

No português arcaico

Segundo Teyssier (1994, p.9), o PA herdou o sistema vocálico do latim vulgar, sendo, portanto, constituído de sete fonemas vocálicos, em posição acentuada:[2]

(2.1)

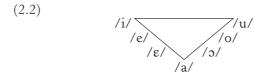
/i/ /u/

/e̥/ /o̥/

/ę/ /ǫ/

/a/

Ramos (1985, p.90-1) também considera que o sistema vocálico do PA, em posição tônica, era constituído de sete vogais (herdadas do latim vulgar), que a autora representa esquematicamente da seguinte maneira:

(2.2)

Granucci (2001, p.145), após estudo detalhado sobre o sistema vocálico do PA, considerando como *corpus* as cantigas medievais profanas – as *cantigas de amigo*, mais precisamente –, conclui que, no PA: "em contexto acentuado, há um sistema grafemático de cinco vogais que se realizam em sete fonemas vocálicos: /i/, /e/, /ɛ/, /a/, /ɔ/, /o/, /u/".

Mattos e Silva (2006, p.52) não só considera que o sistema vocálico do PA, em posição acentuada, era constituído de sete vogais, herdadas do latim vulgar, como também afirma que esse sistema

2 Os símbolos /e̥/, /o̥/, /ę/ e /ǫ/ correspondem às vogais /e/, /o/, /ɛ/ e /ɔ/, respectivamente, na representação da International Phonetic Association (IPA).

"persiste na maioria dos dialetos contemporâneos da língua portuguesa". Esse raciocínio leva a autora a considerar conservador o sistema vocálico do português em posição acentuada.

No português atual

De acordo com Câmara Jr. (2007, p.43), o sistema vocálico oral do PB atual é constituído de sete fonemas, em posição tônica, esquematizadas pelo autor da seguinte maneira:[3]

(2.3)

altas	/u/		/i/	
médias	/o/		/e/	(2º grau)
médias	/ɔ/		/ɛ/	(1º grau)
baixa		/a/		
	posteriores	central	anteriores	

Conforme notou Mattos e Silva (2006, p.52), o sistema vocálico do PB atual conserva o mesmo número de fonemas, em posição tônica, do sistema vocálico do PA. Esses dados levaram a autora a considerar conservador o sistema vocálico do português em posição acentuada, conforme mencionado anteriormente. Contudo, parece-nos mais apropriado afirmar que é a posição tônica que se mostra, de uma maneira geral, mais conservadora em relação às posições átonas, na história do português, conforme se pode observar nas seguintes palavras de Nunes (1960, p.55-6):

3 Em (2.3), mantivemos a mesma ordem em que as vogais aparecem representadas no esquema de Câmara Jr. (2007, p.43), no qual as vogais posteriores estão posicionadas à esquerda da vogal central, e as vogais anteriores, à direita. Essa mesma ordem aparecerá nos demais esquemas vocálicos elaborados pelo autor, referentes às vogais átonas (pretônicas e postônicas) do PB. Nos esquemas de Câmara Jr., as vogais posteriores e anteriores ocupam, pois, uma posição inversa àquela que ocupam nos esquemas vocálicos representados neste estudo, nos quais as vogais anteriores precedem a vogal central, e as vogais posteriores sucedem-na. É importante observar que a ordem estabelecida por Câmara Jr. só aparecerá, neste estudo, nos momentos em que citamos o autor e reproduzimos seus esquemas.

> Em conseqüência de sobre elas incidir o acento predominante ou tônico, as vogais que por este fato tem tal nome conservam-se invariavelmente, como vimos, enquanto as restantes da palavra estão sujeitas a vários acidentes, que vão desde o seu enfraquecimento até à sua elisão; aquelas não só persistem sempre, mas, devido ao esforço com que são proferidas, chegam a atrair a que se lhes segue na sílaba imediata. As vogais átonas partilham da sorte das sílabas do mesmo nome; como estas, alteram-se e por vezes até desaparecem, mas, quando persistem, tomam um som fraco e por vezes tão sumido que mal se faz sentir. Desta circunstância resulta [...] que tanto o *é* como o *ó* se confundem com *ê* e *ô*, não se fazendo distinção, entre essas vogais, senão quando a palavra é proferida com ênfase: daqui nasce serem as vogais átonas apenas cinco: *a, e, i, o, u*, número que se reduz ainda a três: *a, e, o*, quando finais.

Mais adiante, neste capítulo, nos itens referentes às vogais pretônicas e átonas finais do PA, serão retomadas as questões levantadas por Nunes (1960) referentes aos sistemas vocálicos do português em posição não acentuada.

Sistema fonológico de vogais tônicas do português

Com base no que foi anteriormente exposto sobre as vogais tônicas do PA, pode-se constatar que os estudos abordados, neste livro, foram incontroversos ao apontar, para o PA, um sistema vocálico constituído de sete fonemas (/i, e, ɛ, a, ɔ, o, u/), em posição acentuada, e que esse sistema, de acordo com os estudiosos, herdado do latim vulgar, permanece o mesmo no PB atual, conforme já demonstrado.

Os estudos abordados aqui levam-nos a afirmar, portanto, que a substituição da quantidade das vogais do latim clássico pela diferença de timbre entre as vogais médias do português em posição acentuada que já se verificava no latim vulgar permaneceu a mesma na passagem para o PA e persiste no PB atual.

Nesse sentido, podemos identificar, tanto no PB atual quanto no PA, exemplos de palavras que são o resultado dessa correspondência entre o sistema vocálico do latim clássico e o sistema vocálico do português (arcaico e atual), conforme indicam os quadros a seguir.[4]

Quadro 1 – Origem histórica da vogal portuguesa /a/

Vogal /a/	
ă > *a*	**ā > *a***
amăricu- > amargo	afflāre > achar
ăqua- > água	bonitāte- > bondade
ăquila- > águia	cāsa- > casa
căpulo- > cabo	grātia- > graça
cărru- > carro	mātre- > madre
făba- > fava	natāre > nadar
măre- > mar	prātu- > prado
păce- > paz	

Quadro 2 – Origem histórica da vogal portuguesa /e/

Vogal /e/		
ē > *e*	**ĭ > *e***	**oe > *e***
acētu > azedo	capĭstru- > cabresto	coena- > cea > ceia
arborētu- > arvoredo	cĭrca- > cerca	foedu- > feo > feio
bēstia- > besta	cĭsta- > cesta	
candēla > candea > candeia	cĭto > cedo	
catēna- > cadea > cadeia	consĭliu- > conselho	
cēra- > cera	ĭlle > ele	
debēre > dever	pĭra- > pera	
mēnse- > mês	sĭccu- > seco	
mercēde- > mercee (arc.) > mercê	sĭte- > sede	
plēnu- > cheo > cheio	spĭssu- > espesso	
prēnsu > preso	vĭce- > vez	
tēla- > tea > teia	vĭde > vee (arc.) > vê	
vēna > vea > veia	vĭr(i)de > verde	
vidēre > veer > ver		

4 Os exemplos apontados foram retirados das gramáticas históricas e dos manuais de filologia do português (Coutinho, 1974; Nunes, 1960; Williams, 1975; Silva Neto, 1952; Bueno, 1967) consultados para a realização deste estudo.

Quadro 3 – Origem histórica da vogal portuguesa /ɛ/

Vogal /ɛ/	
ĕ > ɛ	**ae > ɛ**
castĕllu- > castelo	caecu- > cego
cĕrtu- > certo	caelu- > céu
dĕce- > dez	quaero > quero
dominicĕlla- > donzela	
fĕlle- > fel	
hĕrba- > erva	
lĕpore- > lebor (arc.), lebre	
mĕlle- > mel	
nĕbula- > névoa	
pĕde- > pé	
pĕtra- > pedra	
tĕrra- > terra	

Quadro 4 – Origem histórica da vogal portuguesa /i/

Vogal /i/
fīcu- > figo
fīliu- > filho
fīlu- > fio
formīca- > formiga
nīdu- > nīo (arc.) > ninho
rīpa- > riba
rīvu- > rio
spīca- > espiga
spīna- > espinha
vacīvu- > vazio
vīnea- > vinha
vīta- > vida
vīte- > vide

Quadro 5 – Origem histórica da vogal portuguesa /o/

Vogal /o/	
ō > *o*	**ŭ > *o***
amōre- > amor	bŭcca- > boca
colōre- > coor (arc.) > cor	gŭtta- > gota
cōrte- > corte	lŭpu- > lobo
flōre- > flor	lŭtu- > lodo
formōsu- > formoso	pŭteo- > poço
ōvu- > ovo	pŭtre- > podre
prōra- > proa	rŭptu- > roto
serōtinu- > serôdio	scŭpa- > escova
sudōre- > suor	sŭppa- > sopa
tōtu- > todo	tŭrre > torre
	ŭnde- > onde

Quadro 6 – Origem histórica da vogal portuguesa /ɔ/

Vogal /ɔ/
chŏrda- > corda
cŏlŏbra- > coovra (arc.) > cobra
lŏcu- > logo
nŏtula- > nódoa
nŏve- > nove
ŏp(e)ra > obra
pŏrta- > porta
prŏba- > prova
rŏsa- > rosa
rŏta- > roda
sŏcra- > sogra
sŏrte- > sorte

Quadro 7 – Origem histórica da vogal portuguesa /u/

Vogal /u/
acūme- > gume
acūtu- > agudo
cūpa- > cuba
fūmu- > fumo
lūce- > luz
lūna- > lua
nūdu- > nu
pūlica- > pulga
pūru- > puro
rūga- > rua
salūte- > saúde
scūtu > escudo
secūru > seguro
ūva > uva
verrūca- > verruga

Contudo, embora sejam muitos os exemplos de palavras do português atual em que o esquema de substituição das vogais latinas pelas portuguesas pode ser identificado, há inúmeros casos de exceção à regra anteriormente descrita de substituição das vogais do latim clássico pelas vogais médias do português. A seguir, estão apontados alguns casos, retirados das gramáticas históricas e dos manuais de filologia do português, de palavras que representam uma exceção à regra de substituição das vogais latinas pelas vogais médias anteriores e posteriores do português.

(2.4)

mĕu > m/e/u
dĕus > D/e/us
Galilaeu > galil/e/u
Pharisaeu > faris/e/u
invĭdia > inv/ɛ/ja

meliōre > *melh/ɔ/r*
peiōre > *pi/ɔ/r*
maiōre > *mai/ɔ/r*
minōre > *men/ɔ/r*
formōsa > *form/ɔ/sa*
gloriōsa > *glori/ɔ/sa*
jŏcu > *j/o/go (substantivo)*
sōlem > *s/ɔ/l*
vōcem > *v/ɔ/z*

Os estudiosos sugerem, para esses casos que representam uma exceção à regra de substituição, ou explicações fonéticas de natureza assimilatória, como a metafonia,[5] ou explicações analógicas. Dessa forma, a vogal média fechada /e/ do pronome *meu*, por exemplo, seria explicada pela influência da semivogal *u* que a teria fechado. Da mesma forma seriam explicadas as vogais médias abertas em *inveja* e *formosa*, que teriam sofrido influência da vogal átona final /a/. Já a presença da vogal média aberta (/ɔ/) em *maior* seria atribuída à analogia com o termo *mor*, resultado da contração de *oo*: maor > moor > mor.

No quarto capítulo deste livro, investigamos a ocorrência, no PA, de todos esses casos que representam uma exceção ao esquema de substituição do sistema vocálico do latim clássico pelo sistema vocálico do português em posição acentuada. No referido capítulo, observamos a ocorrência de todas essas palavras nas rimas das CSM, a fim de verificar se, no PA, tais palavras já haviam passado pelos processos de transformação que os estudiosos apontaram como os responsáveis pela alteração do timbre vocálico original dessas palavras.

5 Os estudiosos classificam a metafonia como um processo assimilatório responsável pela mudança de timbre da vogal tônica por influência de uma vogal átona final. Para Xavier & Mateus (1990, p.245), o processo de metafonia corresponde à mudança, no timbre da vogal tônica, por assimilação ao timbre de um segmento vocálico ou semivocálico contíguo.

Vogais pretônicas

Na diacronia do português

Segundo Câmara Jr. (1979, p.41), o quadro latino, constituído de dez vogais, ficou reduzido a cinco (/a, e, i, o, u/) no sistema fonológico de vogais pretônicas do português:[6]

(2.5)

ī - i u - ū

ĭ, ē, ĕ > e̥ ŭ, ō, ŏ > o

ā, ă > a

Os quadros apresentados a seguir apontam alguns resultados dessa correspondência entre as vogais do latim vulgar e as vogais do português em posição pretônica.[7]

Quadro 8 – Origem histórica da vogal pretônica /a/ do português

Vogal /a/	
ă > *a*	**ā > *a***
ăgustu > agosto	nārice > nariz
ăpertu > aberto	mātiana > maçã
ăprile > abril	rādice > raiz
cătena > cadeia	sāpone > sabão
lăcartu > lagarto	
lăcusta > lagosta	

6 Os símbolos e̥ e o̥ utilizados por Câmara Jr. representam as vogais médias fechadas /e/ e /o/, respectivamente.

7 Exemplos retirados de Nunes (1960) e Williams (1975).

Quadro 9 – Origem histórica da vogal pretônica /e/ do português

Vogal /e/		
ĕ > *e*	**ē > *e***	**ĭ > *e***
fĕroce > feroz	dēbere > dever	cĭconea > cegonha
mĕliore > melhor	pēnsare > pensar	dĭspensa > despesa
pĕtire > pedir	sēcuru > seguro	pĭcare > pegar
sĕniore > senhor	sēcretu > segredo	
	vērano > verão	

Quadro 10 – Origem histórica da vogal pretônica /i/ do português

Vogal /i/
ī > *i*
dīcere > dizer
fīducia > fiúza
prīmariu > primeiro

Quadro 11 – Origem histórica da vogal pretônica /o/ do português

Vogal /o/		
ŏ > *o*	**ō > *o***	**ŭ > *o***
cŏcina > cozinha	plōrare > chorar	sŭperare > sobrar
dŏlere > doer	rōdere > roer	sŭperbiam > soberba
dŏrmire > dormir		
fŏrmica > formiga		
jŏcare > jogar		
mŏlinu > moinho		
mŏneta > moeda		
pŏtere > poder		

Quadro 12 – Origem histórica da vogal pretônica /u/ do português

Vogal /u/
ū > *u*
crūdele > cruel
dūrare > durar
dūritia > dureza
mūralia > muralha
mūtare > mudar
sūdore > suor

No português arcaico

Especificamente em relação ao PA, Teyssier (1994, p.25) aponta um sistema fonológico constituído de cinco vogais em posição pretônica:

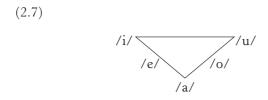
(2.6)

/i/ /u/

/e/ /o/

/a/

Ramos (1985, p.94) também apresenta, para o PA, um sistema vocálico constituído de cinco fonemas em posição pretônica:

(2.7)

Granucci (2001, p.93), com base em seu estudo sobre o sistema vocálico do PA, considerando como *corpus* as *cantigas de amigo*, conclui: "no período arcaico, fase trovadoresca, ocorre o desaparecimento das oposições /ɛ/ e /e/, /ɔ/ e /o/, ficando o sistema vocálico, nessa posição, composto por cinco fonemas vocálicos orais".

Conforme se pode observar, os estudiosos afirmam que, em posição pretônica, não se verifica a oposição de timbre entre as vogais médias do PA, ou seja, não ocorre a distinção fonológica entre *e* aberto (/ɛ/) e *e* fechado (/e/), assim como entre *o* aberto (/ɔ/) e *o* fechado (/o/), diferentemente do que acontece entre as vogais médias em posição tônica, como já apontado anteriormente neste capítulo. Dessa forma, tanto as vogais médias longas (ē, ō) do latim clássico quanto suas vogais médias breves (ĕ, ŏ) deram origem, no PA, às vogais médias fechadas (/e, o/) em posição pretônica.

Se compararmos os esquemas de substituição das vogais do latim pelas vogais tônicas e pretônicas do PA, veremos que só não há correspondência entre os dois esquemas (para as tônicas e para as pretônicas) exatamente na substituição das vogais médias breves (ĕ, ŏ) do latim clássico, que originaram, no PA, as vogais médias abertas (/ɛ, ɔ/), entre as vogais tônicas, e as vogais médias fechadas (/e, o/), entre as vogais pretônicas, cujo sistema, no PA, de acordo com os estudos mencionados, não conhecia a oposição entre vogais médias abertas e fechadas.

Comparemos, pois, as correspondências entre latim clássico e PA nos dois sistemas vocálicos do português, ou seja, em posições tônica e pretônica:

(2.8)

Vogais tônicas	**Vogais pretônicas**
ā e *ă* > /a/	*ā* e *ă* > /a/
ī > /i/	*ī* > /i/
ū > /u/	*ū* > /u/
ĭ > /e/	*ī* > /e/
ŭ > /o/	*ŭ* > /o/
ē > /e/	*ē* > /e/
ō > /o/	*ō* > /o/
***ĕ* > /ɛ/**	***ĕ* > /e/**
***ŏ* > /ɔ/**	***ŏ*** > /o/

Mattos e Silva (2006, p.61), entretanto, levanta uma questão referente às vogais médias abertas (/ɛ/ e /ɔ/), em posição pretônica, no PA. Embora a autora admita, para o PA, um sistema vocálico constituído de cinco vogais – /a, e, i, o, u/ – em posição pretônica, ela não deixa de considerar a seguinte questão: "haveria variação fonética entre vogais médias abertas e médias fechadas do tipo [e] / [ɛ], [o] / [ɔ]?".

Segundo Teyssier (1994, p.43), por volta de 1500 – fase final do PA, portanto –, o sistema vocálico em posição pretônica passa a ser constituído de oito vogais, a saber:

(2.9)

/i/ /u/

/ẹ̥/ /ọ̥/

/ä/[8]

/ę̣/ /ǫ̣/

/a/

As vogais médias abertas, de acordo com Teyssier (1994), seriam resultado da contração de antigos hiatos do português, tais como: *escaecer* > *esqueecer* > *esqu/ɛ/cer*; *preegar* > *pr/ɛ/gar*; *coorar* > *c/ɔ/rar*. Esse sistema vocálico, entretanto, como foi já observado, não é válido para o português do século XIII.

Os estudos aqui abordados, portanto, nada comprovam a respeito da possibilidade de existir, no PA do século XIII, variação fonética entre vogais médias abertas (/ɛ, ɔ/) e vogais médias fechadas (/e, o/). Pode-se afirmar, com base na literatura considerada, que o sistema vocálico do PA em posição pretônica era constituído de cinco vogais – /a, e, i, o, u/ –, não havendo, pois, distinção fonológica entre vogais médias abertas e fechadas.

No português atual

No que diz respeito ao PB atual, Câmara Jr. (2007, p.44) aponta o seguinte sistema vocálico para as vogais pretônicas:

(2.10)

/u/ /i/

/o/ /e/

/a/

8 O símbolo /ä/, apontado por Teyssier, representa um *a* fechado [ɐ] no padrão da IPA.

No tangente ao sistema de vogais pretônicas do PE atual, Mateus & D'Andrade (2000, p.20) afirmam que, enquanto no PB as vogais médias (/e, o/) são mantidas, no PE permanecem apenas as altas (/i, u/) – pelo menos na variedade padrão de Lisboa. Dessa forma, pode-se dizer que a realização das vogais pretônicas, no PE, é diferente da realização dessas vogais no PB atual – se considerarmos, para o PB atual, o sistema de vogais pretônicas já apontado, que Câmara Jr. (2007) apresentou para a variedade padrão do Rio de Janeiro.

Na verdade, o caso das vogais pretônicas do PB atual mostra-se um tanto mais complicado. Estudos variacionistas,[9] desenvolvidos em diversas regiões do país, revelam que, em determinadas variedades do PB atual, ocorre variação entre as vogais [e] e [i], assim como entre [o] e [u] em posição pretônica. Tais estudos investigam o contexto fonológico em que aparecem essas vogais, com o intuito de relacionar o alçamento da vogal pretônica a processos fonéticos de natureza assimilatória, tais como a harmonia vocálica.[10] Além disso, alguns desses estudos variacionistas mostram que há variedades do PB atual em que ocorrem, em posição pretônica, as vogais médias abertas [ɛ] e [ɔ].

Conforme se pode observar, o sistema fonológico de vogais pretônicas do PB atual mostra-se um tanto complexo, em função da ocorrência das muitas variações entre essas vogais, condicionadas por fatores linguísticos e extralinguísticos, nas diferentes variedades da língua. Não nos cabe aqui discutir mais detalhadamente a situação atual das vogais pretônicas do PB, já que nosso objeto de estudo é o PA. Além disso, cabe ressaltar que os aspectos abordados neste livro baseiam-se em dados de escrita com o propósito de obter as informações relacionadas à realização fônica das vogais pretônicas

9 Ver, por exemplo, Viegas (1987, 2003), Silva (1989), Bortoni (1992), Oliveira (1992), Freitas (2001), Collischonn & Shwindt (2004), Celia (2004), Lee (2009) e Carmo (2009).

10 De acordo com Xavier & Mateus (1990, p.200), a harmonia vocálica corresponde "ao modo como a articulação de uma vogal é influenciada pelas propriedades de outra(s) vogal(ais) na mesma palavra ou no mesmo grupo de palavras". Crystal (2000, p.137) afirma que, no português, "dá-se harmonização vocálica nos casos em que as vogais médias pré-tônicas passam a altas, quando a vogal tônica é alta".

no PA, ao passo que os estudos variacionistas atuais, que investigam as características das vogais pretônicas do PB, contam com a disponibilidade dos dados de fala (orais, portanto) para alcançar seus resultados. Trata-se, portanto, de trabalhos distintos, já que não são baseados em dados de mesma natureza.

Sistema fonológico de vogais pretônicas do português

Como já mencionado, de acordo com as gramáticas históricas e os manuais de filologia do português, as vogais altas breves do latim *ĭ* e *ŭ* originaram, no português, as vogais médias fechadas /e/ e /o/, respectivamente, conforme indicam os seguintes exemplos retirados dos quadros 9 e 11:

(2.11)

cĭconea > cegonha
dĭspensa > despesa
pĭcare > pegar
sŭperare > sobrar
sŭperbiam > soberba

De acordo com esses estudos sobre a história das vogais portuguesas, as vogais altas (/i, u/) do português em posição pretônica são provenientes das vogais altas longas (*ī, ū*) do latim, conforme observado anteriormente. Entretanto, em alguns termos do PB atual, há a ocorrência de vogais altas (/i, u/) correspondentes às vogais altas breves (*ĭ, ŭ*) do latim clássico, como se pode observar nos exemplos a seguir:

(2.12)

ĭmperadore > imperador
fŭgere > fugir
mŭliere > mulher

Quanto ao PA, Ramos (1985, p.93) mostra que, naquele momento da língua, os termos exemplificados em (2.12) apresentavam uma vogal média fechada em posição pretônica:

(2.13)

Ĭ > /e/

B*Ĭ*BERE > b**e**ber
C*Ĭ*BARE > c**e**var
*Ĭ*MPERATORE- > **e**mperador

Ŭ > /o/

ACC*Ŭ*RRERE > ac**o**rrer
F*Ŭ*GERE > f**o**gir
M*Ŭ*LIERE > m**o**lher

Considerando os dados de Ramos (idem), somos levados a acreditar que, em determinados casos, há uma diferença entre PA e PB atual no que diz respeito à realização das vogais pretônicas provenientes das vogais altas breves (*ĭ, ŭ*) do latim. No quarto capítulo, investigamos a ocorrência dessas vogais no PA.

Vogais átonas finais

Na diacronia do português

De acordo com Ramos (idem, p.94), o quadro de dez vogais do latim clássico ficou reduzido a três no sistema fonológico de vogais átonas finais do português:

(2.14)

Ă, Ā > /a/
Ĕ, Ē, Ĭ, Ī > /e/
Ŏ, Ō, Ŭ, Ū > /o/ ou /u/

No português arcaico

Mattos e Silva (2006, p.55) resume o sistema fonológico de vogais átonas finais do PA da seguinte forma: "pode-se propor como possível, na distribuição final, um sistema de três membros – uma vogal central e duas vogais, uma da série anterior outra da série posterior, com realizações fonéticas variáveis que oscilariam, respectivamente, entre [e] e [i], e entre [o] e [u]".

Ao analisar as *cantigas de amigo*, Granucci (2001, p.82) também identificou, para as vogais átonas finais do PA, um sistema vocálico constituído de três vogais, representadas no esquema a seguir:

(2.15)

/e/ /o/
/a/

Conforme se pode observar, os estudos abordados consideram que, no PA, já se verificava a neutralização, em posição átona final, entre [e] e [i], na série das vogais anteriores, e entre [o] e [u], na série das vogais posteriores.

No português atual

Segundo Câmara Jr. (2007, p.44), o sistema de vogais átonas finais do PB atual é constituído de três vogais, representadas pelo autor da seguinte maneira:

(2.16)

/u/ /i/
/a/

Câmara Jr. (idem) considera, pois, que, para a vogal átona final, há, no PB atual, neutralização entre /o/ e /u/ e entre /e/ e /i/, e /u/

representa o fonema da série de vogais posteriores, e /i/, o fonema da série de vogais anteriores. Para esse autor, a escolha da grafia com <o> ou <u>, entre as vogais posteriores, e com <e> ou <i>, entre as vogais anteriores, é mera convenção no que diz respeito à representação gráfica dos fonemas vocálicos em posição átona final.

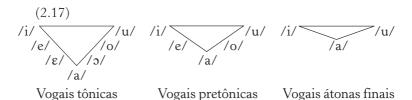
Sistema fonológico de vogais átonas finais do português

Os estudiosos consultados, tanto para o PA quanto para o PB atual, afirmam que não há distinção fonológica entre [e] e [i], na série de vogais anteriores, e entre [o] e [u], na série de vogais posteriores, em posição átona final. Esses estudos abordados consideram, portanto, que há neutralização entre [e] e [i] e entre [o] e [u], no sistema fonológico de vogais átonas finais do PA e do PB atual.

No capítulo 4, investigamos o que as rimas e a grafia das CSM revelam a respeito dessa neutralização entre as vogais átonas finais do PA.

Chegamos, pois, aos seguintes sistemas vocálicos, em posição tônica, pretônica e átona final, respectivamente, que os estudiosos consultados propuseram para representar as vogais do PA:

(2.17)

Vogais tônicas Vogais pretônicas Vogais átonas finais

Como se pode observar, a neutralização das vogais átonas, proposta por Câmara Jr. (2007), na interpretação dos sistemas vocálicos do PB atual, já se verificava no PA se considerarmos os sistemas vocálicos indicados em (2.17). Ao compararmos o quadro de vogais tônicas com o de vogais pretônicas, verificamos uma neutralização entre vogais médias abertas (/ɛ, ɔ/) e vogais médias fechadas (/e, o/).

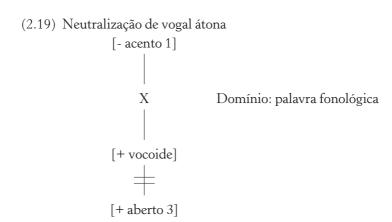
O número de vogais torna-se ainda mais reduzido no quadro das átonas finais, em que ocorre neutralização entre as vogais altas (/i, u/) e médias (/e, o/) do português.

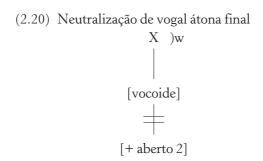
Com base na teoria da fonologia autossegmental, Wetzels (1992) reinterpreta a neutralização proposta por Câmara Jr. (2007). Wetzels (1992, p.22), ao adotar o modelo de geometria de traços de Clements (1985), propõe a seguinte representação para as vogais tônicas do português:

(2.18)

Abertura	i/u	e/o	ɛ/ɔ	a
Aberto 1	–	–	–	+
Aberto 2	–	+	+	+
Aberto 3	–	–	+	+

Com base nesses traços, que constituem o sistema vocálico, em posição acentuada, do PB, Wetzels (op. cit.) interpreta os sistemas vocálicos átonos da língua. No caso das vogais pretônicas, o autor considera que a neutralização entre as vogais médias abertas e fechadas ocorre em razão do desligamento do traço [aberto 3], em vogais que não recebem o acento principal, na palavra fonológica, conforme mostra o seguinte esquema, retirado de Wetzels (op. cit., p.24):

(2.19) Neutralização de vogal átona

No caso das vogais átonas finais, Wetzels (1992, p.27) considera que a neutralização entre vogais médias e altas pode ser atribuída ao desligamento do traço [aberto 2] em vogais que estejam localizadas em sílaba postônica final, conforme indica o esquema a seguir:

(2.20) Neutralização de vogal átona final

Se considerarmos os sistemas vocálicos indicados em (2.17), que a literatura abordada aqui apontou para representar as vogais do PA, somos levados a acreditar que o desligamento de traços, proposto por Wetzels (idem) para interpretar a neutralização entre as vogais átonas do PB atual, já se verificava no século XIII.

No quarto capítulo, investigamos a ocorrência das vogais tônicas, pretônicas e átonas finais a fim de verificar se os dados obtidos por nós confirmam um sistema fonológico constituído de sete vogais, em posição tônica no PA, e se esse sistema se reduz a cinco e três vogais, respectivamente, nas posições pretônica e átona final, conforme propuseram os estudiosos citados.

3
A pesquisa linguística em textos do português arcaico

No presente capítulo, há uma breve descrição da metodologia científica adotada neste estudo, que consiste, basicamente, na observação das rimas e da grafia das CSM. Nesse sentido, pode-se dizer que foram empregadas duas metodologias distintas para o estudo das vogais do PA: uma para as vogais tônicas e átonas finais, baseada nas rimas das CSM, e outra para as vogais pretônicas, baseada na observação da variação gráfica identificada no *corpus* referido.

Conforme já mencionado, as rimas das CSM são todas perfeitas (soantes), e isso significa que, a partir da vogal tônica, todas as vogais e consoantes dos termos rimantes entre si são idênticas, ou seja, possuem a mesma qualidade fônica (cf. Goldstein, 1985). Nesse sentido, apenas as vogais tônicas e postônicas podem ser estudadas a partir das rimas do *corpus* analisado, uma vez que as vogais pretônicas não são contempladas pela rima. Dessa forma, para as vogais pretônicas foi necessário adotar outro tipo de metodologia, baseada na grafia dos textos poéticos estudados, e não em suas rimas.

A seguir, estão descritas detalhadamente as metodologias adotadas para o estudo das vogais tônicas, átonas finais e pretônicas do PA, respectivamente.

Vogais tônicas

No que diz respeito às vogais tônicas do PA, a metodologia empregada baseia-se principalmente na observação e interpretação das rimas das CSM.

Conforme observado anteriormente, as rimas das cantigas medievais fornecem pistas relevantes a respeito da realização fônica das vogais portuguesas, em um momento passado da língua, que não possui registros orais. Com base nas rimas das cantigas em questão, foi possível obter informações a respeito das qualidades vocálicas do PA, principalmente no que diz respeito à distinção de timbre entre as vogais médias, conforme veremos neste capítulo.

Para a análise das rimas, considerou-se o levantamento, feito por Betti (1997), de todas as rimas possíveis nas 420 CSM. Nesse trabalho, intitulado *Rimario e lessico in rima delle* Cantigas de Santa Maria *di Alfonso X di Castiglia*, a autora aponta todas as rimas presentes nas cantigas medievais religiosas referentes a cada terminação levantada. Para a terminação -*issen*, por exemplo, Betti (idem, p.240) mostra que só a CSM 321 é constituída de rimas com essa terminação, conforme indicam os versos 15, 16 e 17 dessa cantiga, a seguir, retirados da obra da autora:

(3.1)

ISSEN 3

321 15 Sa madre con coita dela, / en tal que lla ben guar**issen**,
321 16 non catou de dar a meges, / todo quanto lle ped**issen**,
321 17 nen a físicos da terra, rogando-lles que a v**issen**,

Com base nas informações contidas em Betti (idem), mapeamos todas as vogais possíveis, em posição tônica, nas CSM. Também foram consultadas as cantigas presentes nas edições de Mettmann (1986a, 1988, 1989), quando os dados de Betti (op. cit.) causaram dúvidas de interpretação.

Como as primeiras gramáticas do português são posteriores ao século XIII – as gramáticas de Fernão de Oliveira e de João de Barros datam do século XVI (cf. Mattos e Silva, 2006, p.43) –, não foi pos-

sível obter informações sobre as vogais do século XIII consultando o trabalho de gramáticos contemporâneos à época. Consultaram-se, entretanto, as gramáticas históricas do português e os estudos mais específicos sobre o PA, como os trabalhos de Maia (1986), Mattos e Silva (2006) e Ramos (1985).

Além disso, em determinados momentos, foi indispensável o recurso aos dados do PB atual para interpretar os dados do PA, obtidos a partir das rimas das CSM, sobretudo no que diz respeito à relação entre os grafemas e os fonemas referentes às vogais médias da época. Quando os dados do PB atual não foram suficientes para interpretar essa relação entre os grafemas e os fonemas do PA, fez-se necessário o recurso à etimologia das palavras que causaram problemas de interpretação.

Primeiramente, fez-se o levantamento de todos os grafemas vocálicos que apareciam, em posição tônica, nas rimas do *corpus* consultado. Foram identificados os seguintes grafemas vocálicos nas rimas das CSM:

(3.2)

<a>
<e>
<i> e <y>
<o>
<u>

Tendo em vista o sistema fonológico de vogais tônicas do PA, constituído de sete fonemas – /a, e, ɛ, i, o, ɔ, u/ –, de acordo com os estudiosos mencionados no capítulo 2, nosso primeiro objetivo foi verificar, com base no *corpus* analisado, a real ocorrência de dois fonemas vocálicos para cada grafema referente às vogais médias do PA, ou seja, identificar, para o grafema <o>, os fonemas /o/ e /ɔ/, e, para o grafema <e>, os fonemas /e/ e /ɛ/, já que a grafia do PA, assim como a do PB atual, nada pode revelar a respeito da distinção de timbre entre suas vogais médias em posição acentuada.

Foram assim mapeadas, com base em Betti (1997), todas as rimas das CSM que apresentavam uma vogal média em posição tônica.

Depois disso, verificamos, para cada terminação, se havia termos que não rimavam entre si. Para a terminação *-eu*, por exemplo, observamos que havia dois grupos de palavras que jamais rimavam entre si no *corpus* considerado: um constituído de verbos na terceira pessoa do singular do pretérito do indicativo (*morreu, perdeu, prendeu* etc.), e outro composto por pronomes como *eu, meu, seu,* entre outros termos. Essa impossibilidade de rima entre palavras terminadas por grafemas idênticos (<eu>) levou-nos a considerar a hipótese de que a vogal média, presente nas palavras de um grupo, não apresentava a mesma qualidade fonológica da vogal média presente nas rimas do outro grupo.

Depois de identificada, tanto para as vogais médias anteriores quanto para as vogais médias posteriores, a ocorrência de vogais com qualidades distintas, representadas por um mesmo grafema (<e> e <o>), o próximo passo foi verificar o fonema vocálico que esses grafemas estavam representando em cada um dos termos que não rimavam entre si.

Nesse momento da pesquisa, recorreu-se ao PB atual ou às gramáticas históricas e aos manuais de filologia da língua, a fim de identificar a real correspondência entre os grafemas e os fonemas vocálicos investigados. Para os grupos de palavras relativos à terminação *-eu*, por exemplo, após consultar o PB atual, verificou-se que a vogal média do grafema <eu> representa, nos dois grupos, o mesmo fonema /e/ (*morr/e/u* e *m/e/u*, por exemplo), no estágio atual da língua. Os dados do PB atual, nesse caso específico, não contribuíram para a interpretação dos dados do PA, fazendo-se necessário, portanto, o recurso à etimologia dos termos referidos. Ao consultarmos as gramáticas históricas e os manuais de filologia do português, verificamos que a vogal média, presente na sílaba tônica das palavras que compunham um dos grupos relativos à terminação *-eu*, era proveniente de um *e* breve latino e deveria, pois, originar, no português, uma vogal média aberta /ɛ/. Identificamos, assim, para essa terminação, os fonemas referentes a cada grupo de palavras (ver os resultados obtidos no capítulo 4).

Com base nesse procedimento, foram interpretados todos os dados referentes às vogais médias anteriores e posteriores do PA.

Pode-se dizer, portanto, que a metodologia empregada na interpretação dos dados do PA, no que diz respeito à distinção de timbre entre as vogais médias da época, enquadra-se na seguinte proposta de Maia (1997, p.304-5):

> Para interpretar correctamente os textos antigos no que se refere às relações entre grafemas e fonemas, pode constituir, em muitos casos, uma grande ajuda o conhecimento do estado fonológico moderno, embora seja necessário ter constantemente presente que o que importa é pôr em relação os grafemas com os fonemas da época a que os textos se referem e não com os fonemas actuais. Por outro lado, é também extremamente útil o recurso ao testemunho de gramáticos coevos ou de época ligeiramente posterior, constituindo as suas observações um útil marco de referência no processo evolutivo da língua. Algumas vezes, para esclarecer dúvidas concretas, os textos poéticos da época fornecem alguns dados, sobretudo no que se refere às formas que, pelo facto de aparecerem em rima, nos oferecem informações bastante seguras sobre certos aspectos da pronúncia desse período.

Esta pesquisa, entretanto, seguiu o caminho inverso do que foi descrito por Maia (idem), na medida em que partimos das rimas dos textos poéticos para obter as informações sobre a realização fônica das vogais médias do PA e, com base nessas informações, recorremos aos dados do PB atual e às gramáticas históricas da língua. Portanto, neste estudo, as rimas dos textos poéticos foram utilizadas como ponto de partida para o estudo das vogais tônicas do PA, principalmente no que diz respeito à distinção de timbre entre as vogais médias da época, e não apenas "algumas vezes, para esclarecer dúvidas concretas", como procedeu Maia (idem).[1]

1 Conforme observamos anteriormente, o *corpus* estudado por Maia (1997) consiste em textos em prosa não literária remanescentes do PA. Nesse sentido, Maia não poderia ter como ponto de partida a observação de rimas, uma vez que elas inexistem em seu *corpus*. No entanto, por fornecerem dados mais precisos da realização fonética do timbre vocálico, em determinados momentos de seu estudo, essa autora precisou recorrer às rimas das cantigas medievais para comprovar seus dados.

No que diz respeito à vogal baixa (/a/) do PA, como não foi possível identificar, com base nas rimas do *corpus* estudado, diferentes realizações fonéticas para o fonema /a/ (*a* aberto e *a* fechado), recorremos à grafia das CSM, a fim de identificar variações gráficas que trouxessem pistas sobre a realização fonética dessa vogal no PA. Dessa forma, investigamos a ocorrência de possíveis variações entre <a> e <e>, no que se refere à representação gráfica de um mesmo termo (***a**ntre/**e**ntre*, por exemplo), que pudessem sustentar a hipótese sugerida por alguns estudiosos de que, no PA, haveria mais de uma realização fonética para a vogal /a/ em posição acentuada.

No quarto capítulo, mostramos detalhadamente como essa metodologia foi aplicada em todos os dados do PA, obtidos com base na observação das rimas das CSM.

Vogais átonas finais

A metodologia empregada para o estudo das vogais postônicas finais do PA, conforme já mencionado, baseia-se principalmente na observação das rimas das CSM.

O primeiro passo, em relação às vogais átonas finais, foi fazer um levantamento, com base em Betti (1997), de todas as rimas do *corpus* que apresentavam vogal postônica em sua constituição. Em seguida, investigamos quais eram os grafemas que representavam as vogais átonas finais, nas rimas em questão, a fim de verificar se haveria possibilidade de rima entre <o> e <u>, bem como entre <e> e <i> – caso todos esses grafemas fossem identificados, em posição postônica final, nas rimas do *corpus* referido.

Tendo analisado a ocorrência das vogais átonas finais nas rimas das CSM, consultamos também o glossário de Mettmann (1972), a fim de observar a ocorrência dessas vogais nos demais termos do *corpus* que, por não terem aparecido em posição de rima, não haviam sido analisados anteriormente.

Todos os dados referentes às vogais postônicas finais identificadas nas rimas e na grafia das CSM serão indicados e interpretados no próximo capítulo.

Vogais pretônicas

Não é possível, conforme observado anteriormente, empregar, para as vogais pretônicas do PA, a mesma metodologia empregada, neste estudo, para o estudo das vogais tônicas e postônicas, uma vez que as rimas dos textos poéticos não contemplam as vogais pretônicas. Dessa forma, a metodologia aqui adotada para o estudo das vogais pretônicas do PA baseia-se na grafia das CSM.

No capítulo 2, mostramos que há frequentes variações no que diz respeito à realização das vogais pretônicas do PB atual. Conforme observado no capítulo referido, estudos variacionistas desenvolvidos em diversas regiões do País revelam que, em determinadas variedades do português, além das vogais médias fechadas ([e, o]), ocorrem as vogais médias abertas ([ɛ, ɔ]) em posição pretônica. Ainda de acordo com esses estudos, em certas variedades do PB, é frequente a elevação das vogais médias em posição pretônica: *consiguiam, pindurar, cubrir, custumam* (Carmo, 2009).

Com relação ao PA, só é possível obter pistas a respeito da ocorrência de variações fonéticas entre suas vogais pretônicas com base na observação das frequentes variações gráficas identificadas no *corpus*. Como não havia, naquele momento da língua, um padrão ortográfico fixado, é muito comum identificar no *corpus* analisado variação na grafia de um mesmo termo, como o substantivo *igreja* que aparece, nas CSM, grafado de diversas maneiras: *egreja* (CSM 65, 69, 76, 91, 329, 409, 410) / *eigreja* (CSM 8, 9, 12, 15, 280) / *igreja* (CSM 35, 45, 52, 53, 59) etc.

Nesse sentido, a metodologia empregada para o estudo das vogais pretônicas do PA baseia-se principalmente na identificação de variações gráficas, que foram investigadas no já mencionado glossário organizado por Walter Mettmann (1972), no qual estão registrados todos os termos, e suas variantes gráficas, presentes nas CSM.

Dessa forma, o primeiro passo desta pesquisa foi identificar os grafemas vocálicos correspondentes às vogais pretônicas do PA, no *corpus* analisado. Em seguida, fizemos um levantamento de todos os termos que apresentavam variação gráfica entre as vogais pretôni-

cas. Dos termos levantados, separamos aqueles que apresentavam variação entre os grafemas <e> e <i>, e entre <o> e <u>, a fim de identificar possíveis variações fonéticas entre vogais médias ([e, o]) e altas ([i, u]), em posição pretônica, no PA.

Consideramos essas variações gráficas como indícios de que havia, no PA, levantamento de vogal pretônica, pelo menos em determinados contextos. Há sempre a discussão em torno da possibilidade de obter pistas a respeito da fala corrente em um período passado da língua, do qual não há registros orais, utilizando como recurso apenas a documentação escrita remanescente daquele período, conforme declara Mattos e Silva (2006, p.42-3):

> Discute-se muito sobre a relação entre os dados que a documentação medieval fornece e a língua então falada. Isto é, discute-se se é possível chegar, através da documentação escrita, ao português corrente. Há até quem defenda que sobre a documentação arcaica só se possam construir gramáticas de textos, nunca uma gramática de um estado de língua passado.
>
> Consideraremos, contudo, que, sendo a documentação escrita que permanece, e sendo esta uma representação convencional da fala, desta teremos nos documentos um reflexo que permite tirar conclusões até certo ponto seguras, no nível fônico-mórfico, já que, não havendo então uma normatização ortográfica, a análise da variação da escrita oferece indícios para alguma percepção da voz. Do mesmo modo, se o que está escrito procura espelhar a voz e esta nos falta, pelo escrito se pode depreender, embora não integralmente, a língua no seu uso primeiro, em qualquer dos níveis em que se pode estruturá-la: fônico, mórfico, sintático, discursivo. Também a ausência de um controle gramatical normativo faz com que no texto medieval a variação seja constante, fato que também é indicador de usos da fala.

Este estudo está considerando, pois, essas palavras de Mattos e Silva (idem), ao interpretar as variações gráficas identificadas no *corpus* como possíveis variações fonéticas do português falado na época dos trovadores.

Segundo Massini-Cagliari (1998, p.176-7), não é possível considerar a escrita do PA, em sua fase trovadoresca, como fonética. Dessa forma, não seria adequado interpretar a grafia dos cancioneiros medievais portugueses como uma representação fiel dos sons da fala da época. Entretanto, como não havia, no século XIII, convenções ortográficas que regularizassem as correspondências entre grafemas e fonemas da época, torna-se possível considerar, com maior liberdade, que as variações gráficas, identificadas no *corpus* analisado, estão refletindo variações fonéticas do PA.

Ainda sobre a relação que se pode estabelecer entre grafemas e fonemas no estudo de um momento passado da língua que não apresenta registros orais, Maia (1997, p.300-3) declara o seguinte:

> Quando se faz a análise de qualquer material grafemático pretende-se averiguar a relação entre o respectivo sistema grafemático e o sistema fonológico ou, se possível, o grau de correspondência entre as unidades das formas escrita e falada da língua nessa época. Tal tarefa não é, naturalmente, fácil, dado que os sistemas de escrita são, a maior parte das vezes, insuficientes e imperfeitos no seu modo de representar a língua falada, já que a escrita não representa os sons concretos da fala, mas sons-tipo e, a partir daí, os fonemas. As dificuldades são evidentemente maiores quando se pretende fazer a análise de textos antigos, correspondentes a épocas em que faltam por completo as informações fonéticas de gramáticos contemporâneos. Desse modo, a interpretação dos grafemas medievais, isto é, o estabelecimento da relação entre grafemas e fonemas nas línguas da Idade Média, que constitui o "problema central" do estudo das línguas escritas dessa época, é uma tarefa bastante delicada e problemática [...]. Apesar disso, algumas – ou mesmo muitas – formas da língua falada escaparam na transcrição de documentos desse teor e, através da sua análise e interpretação, muitos dados se podem obter e algumas conclusões se podem formular.

Pretendemos, portanto, investigar, nas CSM, essas "formas da língua falada" que "escaparam na transcrição" do documento, ob-

tendo, assim, informações sobre a língua falada no século XIII, com base na análise da grafia do *corpus* considerado.

Como desconhecemos os falantes do PA que escreveram as CSM,[2] não podemos, obviamente, considerar fatores extralinguísticos na interpretação das variações gráficas identificadas no *corpus*. Dessa forma, após identificar as variações na grafia das vogais pretônicas do PA, restava-nos apenas analisar o contexto em que essas variações ocorreram, a fim de identificar possíveis condicionamentos fonéticos para o levantamento dessa vogal.

No que diz respeito à variação entre vogais médias abertas ([ε, ɔ]) e fechadas ([e, o]) em posição pretônica, não foi possível obter pistas a respeito de sua ocorrência, no *corpus* analisado, porque a análise da grafia, somente, não fornece esse tipo de informação. A exemplo do que ocorre no português atual, há apenas dois grafemas referentes às vogais médias do PA – <e> e <o> – tanto em posição tônica quanto em posição pretônica. Como as vogais pretônicas não são contempladas pelas rimas, não foi possível, como fizemos para as vogais tônicas, identificar uma distinção de timbre entre as vogais médias, em posição pretônica, valendo-se de uma metodologia baseada nas rimas das CSM.

Por fim, para a vogal baixa (/a/), a fim de identificar possíveis variações fonéticas para esse fonema (*a* aberto e *a* fechado) no PA, também foram consideradas variações gráficas que envolvessem o grafema <a>. Investigamos, pois, nas CSM, possíveis variações entre <a> e <e>, no que se refere à representação gráfica de um mesmo termo (*rom**a**ria*/*rom**e**ria*, por exemplo), com o objetivo de obter pistas sobre diferentes realizações fonéticas do /a/ pretônico no PA.

No próximo capítulo, estão indicadas e interpretadas todas as variações gráficas entre as vogais pretônicas identificadas no *corpus* analisado.

2 Ver, no primeiro capítulo deste livro, a discussão apresentada sobre a autoria das CSM.

4
O sistema vocálico do português arcaico nas *Cantigas de Santa Maria*

Neste capítulo, apresentamos aspectos relacionados às vogais tônicas, pretônicas e postônicas do PA, a fim de confirmar ou não os sistemas vocálicos que os estudiosos, mencionados no capítulo 2, apontaram para o PA.

Vogais tônicas

No capítulo 2, mostramos que os estudiosos apontam, para o PA, um sistema vocálico constituído de sete vogais, em posição acentuada, que pode ser representado da seguinte maneira:

(4.1)

/i/ /u/

/e/ /o/

/ɛ/ /ɔ/

/a/

Tendo em vista o que afirmaram os estudiosos sobre o sistema vocálico do PA, o que se pretende, neste capítulo, é verificar o que revelam os dados, coletados a partir da análise das CSM, a respeito

do sistema vocálico em posição tônica do PA. Em outras palavras, o objetivo é verificar em que medida o *corpus* analisado confirma (ou não) a ocorrência de sete vogais tônicas no sistema vocálico do PA.

Primeiramente, é preciso identificar os grafemas utilizados, no *corpus* em questão, para representar os fonemas vocálicos do PA. Com base na observação das CSM, presentes nas edições organizadas por Mettmann (1986a, 1988, 1989), foram identificados os seguintes grafemas vocálicos em posição acentuada:

(4.2)

<a>

<e>

<i> e <y>

<o>

<u>

Conforme se pode observar, com exceção dos grafemas <i> e <y>, que representam, no *corpus* analisado, o fonema vocálico /i/, os grafemas identificados nas CSM (edição de Mettmann), para o PA, são exatamente os mesmos que se verificam para o PB atual.

O grafema <u> não apresenta grandes dificuldades de interpretação, uma vez que está representando um único fonema (/u/), se considerarmos, para o PA, o sistema vocálico anteriormente indicado, constituído de sete vogais em posição acentuada.

O mesmo pode-se dizer em relação ao grafema <a>, que estaria representando um único fonema (/a/). Contudo, como veremos mais adiante, alguns estudiosos (cf. Maia, 1997; Said Ali, 1964) consideram a possibilidade de haver, no PA, mais de uma realização fonética para a vogal /a/ (*a* aberto e *a* fechado), como ocorre no PE atual, em que há, por exemplo, duas realizações possíveis para a vogal baixa do sufixo -***a***_mos_: uma para os verbos flexionados na primeira pessoa do plural do presente do indicativo, e outra para os verbos, também na primeira pessoa do plural, mas do pretérito perfeito do

indicativo; ou, para citar um exemplo do PB atual, quando a vogal /a/ aparece em determinados contextos nasais. Mais adiante, veremos o que nos revelam os dados do PA, coletados das CSM, a respeito do grafema <a> e suas possíveis realizações fonéticas naquele momento da língua.

No que diz respeito às vogais médias, há, no PA, assim como no português atual, apenas dois grafemas para representar os quatro fonemas vocálicos referentes às vogais médias anteriores e posteriores: /e, ɛ, o, ɔ/, se considerarmos o quadro de sete vogais em posição acentuada que os estudiosos apontaram para o PA.

Pode-se dizer, então, que o que ocorre com os grafemas que representam as vogais médias do PA é exatamente o contrário do que ocorre com os grafemas que representam o fonema /i/, na medida em que há, para a vogal alta anterior (/i/), dois grafemas vocálicos representando um único fonema /i/, enquanto, para as vogais médias, há um único grafema vocálico representando dois fonemas: <e> representando /e/ e /ɛ/, entre as vogais médias anteriores, e <o> representando /o/ e /ɔ/, entre as vogais médias posteriores. A grafia do PA, assim como a do português atual, não revela, portanto, a diferença de timbre que se verifica entre suas vogais médias em posição tônica.

Se a grafia do PA nada pode revelar a respeito da diferença de timbre entre suas vogais médias em posição acentuada, o recurso a textos poéticos torna-se indispensável, uma vez que a rima de tais textos pode fornecer pistas satisfatórias sobre a ocorrência de vogais médias abertas (/ɛ, ɔ/) e fechadas (/e, o/), em posição acentuada, em um período remoto da língua, cujo único material disponível para a análise é de natureza escrita, já que não há registros orais da língua falada na época dos trovadores.

Vogais médias

Sobre a diferença de timbre entre as vogais médias do PA, Mattos e Silva (2006, p.51) declara:

> Quanto à questão da diferença de timbre entre as vogais médias anteriores e posteriores – /e/ : /ɛ/ , /o/ : /ɔ/ – neste caso, estamos diante de uma oposição fonológica e não apenas fonética. Mesmo a escrita não dando nenhuma pista gráfica, já que os grafemas são apenas dois para os quatro fonemas, se pode ter a certeza de que a oposição existia. [...] há rimas da poesia medieval e, sobretudo, há a correspondência histórica sistemática, a regra geral, do latim em relação ao português, com exemplificações em qualquer das gramáticas históricas do português, apesar das exceções.

Conforme observa a autora, as rimas da poesia medieval podem comprovar a ocorrência de vogais médias abertas e fechadas no sistema fonológico, em posição tônica, do PA. Dessa forma, com base nas rimas das CSM, pretendemos demonstrar que os dois grafemas <e> e <o> representam, na escrita do PA, quatro fonemas vocálicos – /e, ɛ, o, ɔ/ – referentes às vogais médias anteriores e posteriores do sistema vocálico em posição tônica do PA.

Conforme mencionado anteriormente, baseamo-nos em informações contidas em Betti (1997) e mapeamos, assim, todos os termos que apareciam em posição de rima nas 420 CSM. Em seguida, verificamos as possibilidades e impossibilidades de rima entre vogais representadas por uma mesma letra.

As rimas das CSM, como já observamos, são todas perfeitas,[1] e isso significa que, a partir da vogal tônica, todas as vogais e consoantes dos termos que rimam entre si devem ser idênticas – caso contrário, não haveria possibilidade de rima entre esses termos. Dessa forma, ao analisarmos os grupos de termos rimantes entre si, poderemos afirmar, com toda certeza, que, a partir da vogal tônica, as vogais de todos os termos do grupo possuem as mesmas qualidades, ou seja, são idênticas. Da mesma forma, a impossibilidade de rima entre termos constituídos de uma mesma terminação revela a ocorrência de vogais com qualidades fonológicas diferentes, em

---

1 Ver a distinção entre rimas soantes (perfeitas) e rimas toantes (imperfeitas) no capítulo 3.

cada uma das terminações, isto é, a ocorrência de grafemas idênticos representando fonemas distintos – exatamente a informação que pretendemos buscar no *corpus* analisado.

Nesse sentido, a impossibilidade de rima, nas CSM, entre os termos *meu* e *morreu*, por exemplo, indica a ocorrência de vogais médias com qualidades fonológicas distintas em cada um dos termos, embora ambos apresentem a mesma terminação *-eu*, isto é, embora ambos os fonemas sejam representados pelo mesmo grafema <e>. Partindo desse mesmo raciocínio, pode-se afirmar que a possibilidade de rima, no *corpus* estudado, entre os termos *maior* e *amor*, por exemplo, revela a ocorrência de fonemas idênticos em cada uma das terminações, ou seja, a terminação *-or* do termo *maior* possui, no PA, exatamente o mesmo fonema vocálico que compõe a terminação *-or* do termo *amor* – diferentemente, portanto, do que ocorre no PB atual, em que as terminações dos termos *amor* e *maior* são constituídas de fonemas vocálicos distintos: /o/ e /ɔ/, respectivamente.

Vogais médias anteriores

No que diz respeito à realização das vogais médias anteriores do PA, Maia (1997, p.339) declara o seguinte:

> À semelhança do que acontece na actual grafia do português e do galego, o grafema *e* dos antigos documentos galego-portugueses podia representar, em sílaba tónica, tanto [ẹ̜] como [ẹ̥]. O problema está em saber se a distribuição de [ẹ̜] e [ẹ̥] é a mesma que actualmente.[2]

No mapeamento das rimas das CSM, organizado por Betti (1997), foram identificadas, entre as rimas com vogal média anterior tônica, sete terminações, a saber *-eu, -eo, -er, -era, -eran, -eron* e *-esse*, que compunham termos que não rimavam entre si, nas cantigas medievais religiosas. Partindo dessas terminações, investigamos a

2 Os símbolos [ẹ̜] e [ẹ̥] transcritos por Maia (1997) correspondem aos símbolos da IPA [ɛ] e [e], respectivamente.

ocorrência, no *corpus* analisado, de dois fonemas distintos (/e/ e /ɛ/), em posição acentuada, entre as vogais médias anteriores do PA.

No que diz respeito à terminação *-eu*, identificaram-se os seguintes grupos de palavras: um constituído de verbos da segunda conjugação, flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo (por xemplo, *morreu, prometeu, perdeu* etc.), a que chamaremos de primeiro grupo; e outro, a que chamaremos de segundo grupo, constituído dos pronomes possessivos *meu, teu* e *seu*, do pronome pessoal *eu*, além de outros termos, tais como o substantivo *judeu*, e apenas um verbo flexionado na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, a forma *deu*.[3] Os termos presentes em cada grupo rimam entre si nas CSM, mas jamais aparecem rimando com os termos do outro grupo.

A seguir, apresentamos alguns trechos das cantigas medievais religiosas que exemplificam essas possibilidades e impossibilidades de rima no *corpus* analisado:

(4.3)

A dona mui bon marido **perdeu**,
e con pesar del per poucas **morreu**;
mas mal conorto dun fillo **prendeu**
que del avia, que a fez prennada.
Sempre seja beita e loada
Santa Maria, a noss' avogada.
(3ª estrofe da CSM 17)

(4.4)

Des que foron dentr', assi lles **conteceu**
que logo San Pedr' ant' o altar **varreu**,

---

3 Aparece, no *corpus* analisado, em uma única rima, a forma *leu* (CSM 97), que não corresponde, ao contrário do que se poderia pensar, ao verbo *ler*, flexionado na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Segundo Mettmann (1972, p.173), em seu glossário dos termos das CSM, *leu* significa, no *corpus* analisado, *facilmente, possivelmente*.

e aos judeus tan tost' **appareceu**
omagen da Virgen pintada seer.
Non devemos por maravilla tẽer
d' a Madre do Vencedor sempre vencer.
(10ª estrofe da CSM 27)

(4.5)

Esto dito, fogiu o **judeu**;
mai-los diabos, com' aprix **eu**,
cada un deles logo sinal **deu**
quando ouveron do om' a sair.
Razon an os diabos de fogir
ant' a Virgen que a Deus foi parir.
(9ª estrofe da CSM 109)

(4.6)

Que me livrou de sas mãos | u era en poder **seu**;
e porend', enquant' eu viva, | sempre no coraçon **meu**
a terrei pera servi-la, | e nunca me será **greu**
de ren que por ela faça, | ca mui ben enpregad' é.
O que diz que servir ome | aa Virgen ren non é,
aquest' é de mal recado | e ome de maa fe.
(11ª estrofe da CSM 311)

A impossibilidade de rima entre os termos do primeiro grupo com os termos do segundo grupo evidencia o fato de haver, na terminação *-eu*, um único grafema <e> representando dois fonemas vocálicos: /e/ e /ɛ/. Como no PB atual tanto os verbos flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo quanto os pronomes *eu, meu, teu, seu*, assim como o termo *judeu*, apresentam, em suas sílabas tônicas, uma vogal média anterior fechada (/e/); a questão que se coloca é a de saber em qual dos grupos rimantes os termos apresentavam, no PA, uma vogal média anterior aberta (/ɛ/) em suas sílabas tônicas.

Se o estado atual da língua, nesse caso específico, não pode contribuir para a interpretação dos dados do PA, resta-nos recorrer à história da língua, verificando, com base na etimologia de alguns desses termos, o timbre vocálico que suas vogais médias deveriam apresentar, no PA, de acordo com sua origem no latim clássico.

De acordo com as gramáticas históricas e os manuais de filologia do português, a vogal média dos pronomes *eu* e *meu* é proveniente de uma vogal média anterior breve (*ĕ*) do latim clássico: *ĕgo* e *mĕu*. Conforme mencionado no capítulo 2, de acordo com as regras de substituição do sistema vocálico do latim clássico pelo sistema vocálico do português, em posição acentuada, todo *ĕ* latino teria originado, no PA, uma vogal média aberta (/ɛ/). Nesse sentido, pode-se dizer que os dados históricos levam-nos a acreditar que os pronomes *eu* e *meu* apresentavam, no período arcaico, uma vogal média aberta /ɛ/ em suas sílabas tônicas.

Essas informações ajudam-nos a resolver a questão anteriormente colocada a respeito do timbre vocálico dos termos que compõem os dois grupos identificados para a terminação -*eu*, a saber: um primeiro constituído de verbos no pretérito perfeito do indicativo, e um segundo de que fazem parte os pronomes *eu* e *meu*, entre outros termos. Tendo em vista a etimologia dos pronomes *eu* e *meu*, somos levados a acreditar que os termos do segundo grupo apresentavam, no PA, um fonema vocálico /ɛ/, diferente, pois, daquele que apresentam no PB atual e, por isso, jamais aparecem rimando, no *corpus* analisado, com os termos do segundo grupo, que apresentam tanto no PA quanto no PB atual uma vogal média fechada (/e/) em suas sílabas tônicas.

Dessa forma, como se pode observar, se identificamos o fonema vocálico presente em apenas dois dos termos do segundo grupo, nem precisamos analisar os demais termos desse grupo para afirmar, com toda certeza, que ocorre, em todos esses termos, a mesma vogal média, ou seja, o fonema vocálico /ɛ/, já que todos rimam entre si nas CSM.

Não seria necessário, portanto, consultar a etimologia do termo *judeu* para identificar o timbre que sua vogal média deveria apresentar no PA, já que as rimas das CSM evidenciam a ocorrência de uma vogal média aberta /ɛ/ na realização desse termo, naquele momento

da língua. Entretanto, consultamos a etimologia do termo *judeu* a fim de obtermos uma última comprovação a respeito do timbre da vogal média presente nos termos do segundo grupo.

De acordo com as gramáticas históricas e os manuais de filologia do português, a vogal média do termo *judeu* é proveniente do ditongo *ae* do latim clássico. Conforme mencionado no capítulo 2, o ditongo *ae* do latim clássico originou, no português, a vogal média aberta /ɛ/, de acordo com o esquema de substituição das vogais latinas pelas portuguesas em posição acentuada. Dessa forma, não resta a menor dúvida de que os termos do segundo grupo apresentavam, no PA, um fonema vocálico, em posição tônica, diferente daquele que apresentam no PB atual, na medida em que a vogal média dos termos *eu, meu, judeu* – e de todos os outros termos que compõem o segundo grupo – era pronunciada, no PA, com um timbre vocálico aberto: /ɛ/.

Williams (1975, p.45), valendo-se também das rimas da poesia medieval, já havia considerado a possibilidade de a vogal média de palavras como *eu*, *meu* e *judeu* ser pronunciada com um timbre vocálico aberto (/ɛ/), em um momento passado do português, quando afirma, justamente a respeito dos termos *eu, meu, judeu* e *deus*, que: "Essas palavras rimam nos primitivos cancioneiros entre si, mas não com a terminação -*eu* da terceira pessoa do singular dos pretéritos fracos; é, por conseguinte, provável que o *e* não se tivesse ainda fechado pelo tempo".

Silva Neto (1952, p.413), valendo-se também das rimas de textos poéticos, é categórico ao afirmar que, de fato, a vogal média dessas palavras já foi pronunciada com timbre aberto no português:

> Palavras como *eu* (< *ĕgo*), *meu* (< *mĕu*), *teu* (< **tĕu*, por *tŭu*), *seu* (< **sĕu*, por *sŭu*), *deu* (< **dédut*, por *dedit*), *Deus* (< *Dĕus*), *judeu* (< *judaeu*) e outras, correspondentes a *e* aberto latino, soavam ainda abertas e, por essa razão, não podiam rimar com a 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito dos verbos em *er*: *perdeu, temeu*.

Fica comprovado, portanto, que os termos do segundo grupo, referente à terminação -*eu*, apresentavam, no PA, um fonema vocálico

diferente daquele que apresentam no PB atual, ou seja, apresentavam o fonema vocálico /ɛ/, em posição tônica: */ɛ/u, m/ɛ/u, s/ɛ/u, jud/ɛ/u* etc., ao passo que os termos do primeiro grupo apresentavam, no PA, o mesmo fonema vocálico que apresentam no PB atual, isto é, o fonema vocálico /e/: *morr/e/u, promet/e/u, perd/e/u* etc. Nesse sentido, fica evidenciada não somente a ocorrência de dois fonemas vocálicos distintos entre as vogais médias do PA em posição acentuada, como também a mudança de timbre por que passaram as vogais médias de determinados termos ao longo da história da língua. No Apêndice A, estão indicados os quadros que apresentam todos os termos identificados no *corpus* estudado que fazem parte de cada um dos grupos referentes à terminação *-eu*.

É importante observar que alguns dos termos do primeiro grupo, cujas vogais médias eram pronunciadas com um timbre vocálico aberto (/ɛ/) no PA, tais como *meu, seu* e *judeu*, aparecem também na forma plural (com terminação *-eus*), no *corpus* analisado, e rimam com os substantivos *Deus*, *Galileus*, *Fariseus*, entre outros, conforme mostram os exemplos a seguir:

(4.7)

Dizend' aquesto, a Emperadriz, muit' amiga de **Deus**,
vyu vir ha nave preto de si, chẽa de **romeus**,
de bõa gente, que non avia y mouros nen **judeus**.
Pois chegaron, rogou-lles muito chorando dos ollos **seus**,
dizendo: "Levade-me vosc', ay, amigos **meus**!"
E eles logo conssigo a foron coller.
Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer,
Santa Maria deve sempr'ante si põer.
(20ª estrofe da CSM 5)

(4.8)

Mas ante les disse: "Ide preegar
o meu Evangeo per cada logar,
e quantos creveren e se batiçar
quiseren de grado, logo serán **meus**.

Subiu ao ceo o Fillo de ***Deus***
Por dar Parays' aos amigos ***seus****.*

Os que non creveren, perdudos serán;
mai-los outros os diabres ditarán
dos omẽes e lenguages falarán
mais que aqueles que albergan **romeus**,
Subiu ao ceo o Fillo de ***Deus***
Por dar Parays' aos amigos ***seus****.*

Nen lles nuzirá se beveren poçon,
e guarrán de todo mal e de lijon
aos enfermos." E aqueste sermon
fez em Mont' Olivete ant' os **ebreus**.
Subiu ao ceo o Fillo de ***Deus***
Por dar Parays' aos amigos ***seus****.*

Pois est' ouve dito, nas nuves subiu,
e a gent' aos ceos subi-lo viu,
que a voz dos angeos logo oyu
que lles diss' assi: "Varões **Galileus**,
Subiu ao ceo o Fillo de ***Deus***
Por dar Parays' aos amigos ***seus****.*

Ena maneira que o veedes dacá
subir ao ceo, ben assi verrá
joyga-lo mund' e os mortos fará
resurgir, que non creen os **fariseus**."
Subiu ao ceo o Fillo de ***Deus***
Por dar Parays' aos amigos ***seus****.*
(trecho da CSM 426)

A possibilidade de rima entre esses termos não só revela a ocorrência do fonema vocálico /ɛ/, na terminação *-eus* de todas essas palavras, como também aponta outros exemplos de palavras do português cujas vogais médias mudaram de timbre, ao longo da história

da língua, tais como *Deus* (do latim *dĕus*), *Galileus* (do latim *galilaeu*), *Fariseus* (do latim *pharisaeu*). Esses termos rimam entre si, nas CSM, mas jamais aparecem rimando com o termo *sandeus*, cuja vogal média, segundo Parkinson (2000c), era pronunciada, no PA, com timbre vocálico fechado (/e/).[4] O quadro que indica todas as rimas em *-eus*, presentes nas CSM, também está apresentado no Apêndice A.

Para as demais terminações consideradas (*-eo, -er, -era, -eran, -eron* e *-esse*), torna-se mais simples a identificação dos fonemas vocálicos correspondentes ao grafema <e>, uma vez que há uma equivalência entre PA e PB atual no que diz respeito aos fonemas e grafemas vocálicos identificados em cada um dos termos analisados, construídos a partir das referidas terminações. Em outras palavras, ao contrário do que ocorreu com as palavras terminadas em *-eu*, os termos que compõem cada um dos grupos referentes às terminações *-eo, -er, -era, -eran, -eron* e *-esse* apresentavam, no PA, os mesmos fonemas vocálicos que apresentam no PB atual.

Assim, após identificar as possibilidades e impossibilidades de rima entre as palavras com uma mesma terminação, estabelendo, em seguida, dois grupos de termos rimantes entre si, não tivemos grandes dificuldades para descobrir qual fonema vocálico, /e/ ou /ɛ/, deveria ser atribuído a cada um dos grupos, bastando observar a ocorrência desses termos no PB atual para obter tal informação.

É importante observar que, ao formularmos hipóteses para o PA com base em dados do PB atual, consideramos as seguintes palavras de Maia (1997, p.304): "para interpretar correctamente os textos antigos no que se refere às relações entre grafemas e fonemas, pode constituir, em muitos casos, uma grande ajuda o conhecimento do estado fonológico moderno".

Partindo desse raciocínio, analisamos as vogais médias presentes em cada uma das terminações já referidas. Para terminação *-eo*,

---

4 O termo *sandeu*, no singular, aparece rimando, nas CSM, com verbos da segunda conjugação na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. No plural, o termo *sandeu* aparece na rima de apenas uma cantiga e também forma par rimante com verbos na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito: *defendeu/contendeu/sandeus/creeu* (CSM 146).

foram identificados dois pequenos grupos de termos rimantes entre si: um primeiro grupo constituído de verbos flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito, tais como *viveo, recebeo, respondeo* etc., entre outros termos, e um segundo grupo constituído dos substantivos *ceo* (*céu*), *veo* (*véu*) e *ebreo* (*ebreu*), além da forma *Aqué o*. Os trechos das CSM apresentados a seguir exemplificam essas possibilidades e impossibilidades de rima no *corpus* estudado:

(4.9)

O estadal enviado, e a muleta **viveo**.
Quand' esto viu o meno, gran prazer en **recebeo**
e deu-ll' enton que comesse, e a muleta **comeo**,
loando todos a Virgen, a que Deus deu avantalla
A que faz o ome morto resorgir sen nulla falla,
ben pode fazer que viva outra morta animalla.
(trecho da CSM 178)

(4.10)

El a dona mais fremosa | d' outra ren viu e **meteo**
mentes enas sas feituras, | ca o demo o **venceo**;
e depois do Avangeo | ssa offerta ll' **ofereo**
a dona e en gẽollos | Ile foi a mão beijar.
Quen souber Santa Maria | ben de coraçon amar,
pero o tent' o diabo, | nunca o fará errar.
(3ª estrofe da CSM 206)

(4.11)

Assi guardou a Rea do **Ceo**
a ssa omagen, que nen sol o **veo**
tangeu o fogo, come o **ebreo**
guardou no forno con ssa vestidura.
Torto seria grand' e desmesura
de prender mal da Virgen ssa figura.
(4ª estrofe da CSM 39)

Considerando o estado atual da língua, em que a vogal média anterior, em posição tônica, de verbos flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo é pronunciada com um timbre vocálico fechado (/e/), ao passo que a vogal média anterior de monossílabos tônicos como *véu* e *céu*, por exemplo, é pronunciada com um timbre vocálico aberto (/ɛ/), atribuímos o fonema vocálico /e/ aos termos do primeiro grupo, e o fonema vocálico /ɛ/, aos termos do segundo grupo. Os quadros com todas as rimas em *-eo* identificadas no *corpus* analisado estão indicados no Apêndice A.

No que diz respeito à terminação *-er*, identificaram-se os seguintes grupos de termos rimantes entre si: um constituído de verbos no infinitivo, tais como *comer, vencer, querer, prometer, vender* etc., além do substantivo *prazer*, e outro constituído de verbos também da segunda conjugação, mas flexionados na terceira pessoa do singular do futuro do subjuntivo, tais como *disser, quiser, souber, crever*[5] etc., ou, no caso do verbo *querer*, flexionado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo (*quer*), além do substantivo *moller* (*mulher*). As rimas a seguir exemplificam algumas dessas possibilidades e impossibilidades de rima no *corpus* analisado:

(4.12)

De com' o jograr cantava | Santa Maria **prazer**
ouv', e fez-lle na viola | ha candea **decer**;
may-lo monge tesoureiro | foi-lla da mão **toller**,
dizend': "Encantador sodes, | e non vo-la leixaremos".
A Virgen Santa Maria
todos a loar devemos,
cantand' e con alegria,
quantos seu ben atendemos.
(4ª estrofe da CSM 8)

5 É importante observar que a forma *crever*, que aparecerá outras vezes no *corpus* analisado, flexionada em outros tempos e modos verbais (*creveron, crevesse*), corresponde ao verbo *creer* (*crer*), flexionado, no PA, na terceira pessoa do singular do futuro do subjuntivo, e não ao infinitivo do verbo *escrever*, como se poderia pensar, interpretando, assim, uma possível mudança no timbre da vogal temática desse verbo ao longo da história da língua.

(4.13)

U Deus por Santa Maria este rogo foi **fazer**,
o frade que era morto foi-ss' en pees log' **erger**,
e contou ao convento como ss' ouver' a **perder**,
se non por Santa Maria, a que Deus lo deu en don.
Par Deus, muit' é gran razon
de poder Santa Maria mais de quantos Santos son.
(9ª estrofe da CSM 14)

(4.14)

Seu padre del era morto; mas ha pobre **moller**
sa madr' era que fiava a lãa mui **volonter**,
per que ss' ambos governavan; mas quen m'ascoitar **quiser**,
direi-ll' eu de com' a Virgen quis no meno mostrar.
Como pod' a Groriosa mui ben enfermos sãar,
assi aos que non saben pode todo saber dar.
(2ª estrofe da CSM 53)

(4.15)

E San Tomas lle disse: "Sennor, mui m' é **mester**,
por que creudo seja desto, se vos **prouguer**,
que algun sinal aja, que quando o **disser**
que eu amostrar possa." E ela lle lançou
Des quando Deus sa Madre aos çeos levou,
de nos levar consigo carreira nos mostrou.
(23ª estrofe da CSM 419)

Conforme se pode verificar, basta observar a realização desses termos, no PB atual, para afirmar que o primeiro grupo mencionado é constituído de termos que apresentam, no PA, como no PB atual, o fonema vocálico /e/ em posição tônica, enquanto os termos do segundo grupo apresentam o fonema vocálico /ɛ/ em suas sílabas acentuadas. No Apêndice A, estão apresentados os quadros que indicam todos os termos, identificados no *corpus* analisado, que compõem cada um dos grupos abordados anteriormente para a terminação *-er*.

No que diz respeito à terminação *-era*, também foram identificados dois grupos distintos de termos rimantes entre si: o primeiro grupo é constituído de alguns poucos verbos da segunda conjugação flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito mais que perfeito do indicativo, tais como *prendera, prometera, vendera* etc., enquanto o segundo grupo é constituído de outros verbos da segunda conjugação também flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito mais que perfeito do indicativo, tais como *dissera, trouxera, quisera* etc., além da forma verbal *era* e do substantivo *fera*, bastante recorrente nas rimas. A seguir, estão apresentados alguns trechos das CSM que exemplificam essas possibilidades e impossibilidades de rima no *corpus*:

(4.16)

Pois que viu o cavaleiro que ssa font' assi **perdera**
por prazer da Groriosa, que lla aposto **tollera**,
deu a erdad' u estava a fonte ond' el **vendera**
a agu' àquele convento, onde pois foron viçosos.
Tanto son da Groriosa seus feitos mui piadosos,
que fill' aos que an muyto e dá aos menguadosos.
(8ª estrofe da CSM 48)

(4.17)

El nunca **quisera**
casar, mas mui **fera**-
mente garçon **era**;
poren lle fazia
ssa luxuriosa
voontade que **ouvera**
sempr' e boliçosa,
Quena festa e o dia
da mui Groriosa
quiser guardar todavia,
seer-ll-á piadosa.
(3ª estrofe da CSM 195)

Levando-se em conta a ocorrência desses termos no PB atual, pode-se afirmar que os termos do primeiro grupo apresentavam no PA, assim como apresentam no PB atual, uma vogal média fechada /e/ em posição tônica, enquanto os termos do segundo grupo apresentam, tanto no PA quanto no PB atual, um fonema vocálico /ɛ/, ou seja, uma vogal média aberta em posição tônica. Estão indicados, no Apêndice A, os quadros com todos os termos com terminação *-era* identificados nas rimas das CSM.

Para a terminação *-eran*, foram identificados dois pequenos grupos, ambos constituídos de verbos da segunda conjugação, flexionados na terceira pessoa do plural do pretérito mais que perfeito do indicativo: do primeiro grupo fazem parte apenas os termos *encolleran* e *meteran*, e do segundo grupo, as formas verbais *poseran, fezeran, manteveran, jouveran, ouveran, trouxeran, preseran, vẽeran* e *fezeran*, além do verbo *ser*, flexionado na terceira pessoa do plural do imperfeito do indicativo (*eran*), que aparece uma única vez em posição de rima, no *corpus* analisado. A seguir, estão indicados alguns exemplos dessas rimas nas CSM:

(4.18)

Que amba-las suas mãos assi s' **encolleran**,
que ben per cabo dos onbros todas se **meteran**,
e os calcannares ben en seu dereito
se meteron todos no corpo maltreito.
Da que Deus mamou o leite do seu peito,
non é maravilla de sãar contreito.
(2ª estrofe da CSM 77)

(4.19)

E per Morabe passaron / que ante passad' **ouveran**,
e sen que perdud' avian / todo quant' ali **trouxeran**,
atan gran medo da sina / e das cruzes y **preseran**,
que fogindo non avia /niun redẽa tẽuda.
Pero que seja a gente/ d'outra lei e descreuda,
as que a Virgen mais aman, / a esses ela ajuda.
(7ª estrofe da CSM 181)

Embora os verbos de ambos os grupos (exceto a forma verbal *eran*) apresentem, em sua composição, a mesma vogal temática *-e* e os mesmos morfemas flexionais (*-ra*, morfema modo-temporal, indicando pretérito mais que perfeito do indicativo, e *-n*, morfema número-pessoal, indicando terceira pessoa do plural), os verbos do primeiro grupo não podem rimar com os verbos do segundo grupo, porque a vogal temática, presente nos verbos do primeiro grupo, não apresenta a mesma qualidade, em termos fonológicos, da vogal temática presente nos verbos do segundo grupo, isto é, os verbos do primeiro grupo apresentam um fonema vocálico /e/ em posição tônica, enquanto os verbos do segundo grupo apresentam um fonema vocálico /ɛ/, em suas sílabas acentuadas, tanto no PA quanto no PB atual. Os quadros com todos os termos em *-eran* presentes nas rimas das CSM estão indicados no Apêndice A.

Como se pode observar, os verbos do segundo grupo (*poseran, fezeran, manteveran, jouveran, ouveran, trouxeran, preseran, vẽeran, fezeran, eran*) correspondem à forma plural dos verbos terminados em *-era*, que faziam parte do segundo grupo referente a essa terminação, anteriormente mencionado neste capítulo. Com exceção das formas verbais *era* e *eran*, todos os demais verbos estão flexionados na terceira pessoa do singular (*-era*) e do plural (*-eran*) do pretérito mais-que-perfeito do indicativo. No caso dos verbos na terceira pessoa do plural, é importante observar que, diferentemente do que acontece no PB atual, esses verbos não se confundem no PA, pelo menos na escrita, com os verbos do pretérito perfeito do indicativo, também flexionados na terceira pessoa do plural, uma vez que esses verbos são representados, no *corpus* estudado, por terminações diferentes: *-eran*, para os verbos da segunda conjugação flexionados na terceira pessoa do plural, no mais que perfeito do indicativo, e *-eron*, para os verbos da segunda conjugação flexionados na terceira pessoa do plural, no perfeito do indicativo, conforme veremos a seguir.[6]

---

6 No glossário dos termos das CSM, organizado por Mettmann (1972), o filólogo, quando indica as conjugações de determinados verbos que ocorrem no *corpus* estudado, aponta as terminações *-eron* e *-eran* para os verbos, flexionados na segunda pessoa do plural, do perfeito e mais-que-perfeito do indicativo, respectivamente.

Com relação à terminação -*eron*, os dois grupos identificados, no *corpus* analisado, eram constituídos de verbos da segunda conjugação flexionados na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo. Embora ambos os grupos sejam constituídos de verbos com a mesma vogal temática -*e*, os verbos de um grupo não podem rimar com os verbos do outro grupo, uma vez que a vogal temática dos verbos do primeiro grupo não apresenta a mesma qualidade, em termos fonológicos, da vogal temática dos verbos do segundo grupo, embora ambas sejam representadas pelo mesmo grafema <e>. Comparemos, então, as formas verbais que compõem cada um dos grupos: o primeiro grupo é constituído de verbos como *morreron, prenderon, perderon*, entre outros, que apresentam, tanto no PA quanto no PB atual, um fonema vocálico /e/ em posição acentuada, ao passo que o segundo grupo é constituído de verbos como *fezeron, quiseron, disseron* etc., que apresentavam no PA, como apresentam no PB atual, um fonema vocálico /ɛ/ em posição tônica. Vejamos alguns exemplos dessas possibilidades e impossibilidades de rima nas CSM:

(4.20)

Porque jajũad' avian. Porend' os mouros **venceron**,
e correron depos eles e mataron e **prenderon**
todos con quantos lidaron, e chaga non **receberon**;
poren disseron: "Ai, Virgen, beita sejas, amen."
Maravillo-m' eu com' ousa a Virgen rogar per ren
aquele que as sas festas non guarda e en pouco ten.
(9ª estrofe da CSM 277)

(4.21)

Quand' est' ouveron dito, eno mar a **poseron**
u a feriss' as ondas, e assi lle **disseron**:
"A ti e nos deffende destes que non **creveron**
nen creen no teu Fillo, ca mester nos seria."
Pois aos seus que ama defende todavia,
dereit' é que defenda a ssi Santa Maria.
(9ª estrofe da CSM 264)

Os quadros com todos os termos que compõem as rimas em -*eron*, nas CSM, estão apresentados no Apêndice A.

Por fim, temos os dois grupos constituídos de palavras terminadas em -*esse*: ambos os grupos são formados por verbos da segunda conjugação no imperfeito do subjuntivo. A vogal temática -*e*, presente nos verbos do primeiro grupo (*perdesse, morresse, vivesse* etc.), corresponde ao fonema vocálico /e/, tanto no PA quanto no PB atual, enquanto a vogal temática -*e*, presente nos verbos do segundo grupo (*soubesse, quisesse, dissesse* etc.), corresponde ao fonema vocálico /ɛ/. Além dos verbos, foram identificados o pronome demonstrativo *esse*, entre os termos do primeiro grupo, e o substantivo próprio *Jesse*, entre os termos do segundo grupo – ambos aparecem em uma única rima das CSM. Os exemplos a seguir demonstram algumas rimas em -*esse* no *corpus* analisado:

(4.22)

E de coraçon que a **acorresse**
lle rogou enton, como non **perdesse**
seu fill' en prijon, mais que llo **rendesse**.
E ssa demanda lle foi ben cabuda;
Santa Maria senpr' os seus ajuda
e os acorr' a gran coita sabuda.
(6ª estrofe da CSM 62)

(4.23)

Ca pero a gran beldade
dela fez que a **quisesse**
o novio de voontade
e que lle muito **prouguesse**,
a Virgen de piadade
lle fez que o non **fezesse**.
E do leit' enton s'ergia
Quen leixar Santa Maria
por outra, fará folia.
(18ª estrofe da CSM 132)

Os quadros com todas as rimas em *-esse*, identificadas no *corpus* analisado, também estão indicados no Apêndice A.

Enfim, tendo em vista os dados apresentados, que indicam as possibilidades e impossibilidades de rima, nas CSM, entre terminações idênticas, construídas a partir de um mesmo grafema <e>, pode-se concluir, a respeito das vogais médias anteriores do PA em posição tônica, que apresentavam, naquele momento da língua, uma distinção de timbre vocálico, na medida em que podiam ser abertas (/ɛ/) ou fechadas (/e/). Dessa forma, no que diz respeito às vogais médias anteriores do PA, o *corpus* aqui analisado confirma o sistema vocálico em posição acentuada apresentado pelos estudiosos no capítulo 2: um sistema fonológico em que ocorrem dois fonemas vocálicos, /e/ e /ɛ/, referentes às vogais médias anteriores – fonemas esses que são representados, tanto no PA quanto no PB atual, por um mesmo grafema <e>.

Com base no *corpus* analisado, também foi possível constatar que a vogal média anterior, presente em determinados termos do português, mudou de qualidade fonológica ao longo da história da língua, na medida em que foram identificados termos cuja vogal média anterior em posição tônica apresentava um timbre vocálico no PA diferente daquele que apresenta no PB atual. Alguns exemplos dessa mudança de timbre vocálico são os termos *meu, seu, teu, eu, judeu, galileu, fariseu, Deus,* entre outros. A vogal média anterior presente em todos esses termos era pronunciada, no PA, com um timbre vocálico aberto (/ɛ/), diferentemente, portanto, do que ocorre no PB atual, em que a vogal média anterior de todos esses termos é pronunciada com um timbre vocálico fechado (/e/).

Todos esses termos são apontados pelas gramáticas históricas e pelos manuais de filologia do português como casos que representam uma exceção à regra de substituição da vogal média breve (*ĕ*) ou do ditongo *ae* do latim clássico pela vogal média anterior aberta (/ɛ/) do português. De acordo com essas gramáticas históricas e esses manuais de filologia do português, esses casos de exceção podem ser explicados pelo processo de metafonia: o timbre vocálico da semivogal *u*, presente em todos esses termos, teria influenciado o timbre da vogal

média anterior, tornando-a mais alta, ou seja, transformando uma vogal média-baixa (/ɛ/) em uma vogal média-alta (/e/).

Alguns desses estudos consideram a hipótese de a vogal média anterior desses termos apresentar, em um momento passado do português, um timbre vocálico diferente daquele que apresenta no PB atual. Este estudo vem confirmar que a vogal média anterior, presente em todos os termos arrolados, apresentava, no PA, um timbre vocálico diferente daquele que apresenta no PB atual. O presente estudo, portanto, mostra que, no PA, a regra de substituição das vogais do latim clássico pelas vogais médias anteriores do português fora respeitada – pelo menos no que diz respeito à vogal média dos termos anteriormente apontados – e que o processo de metafonia descrito pelos estudiosos teria atuado posteriormente, na história da língua portuguesa, modificando o timbre da vogal média desses termos e tornando-os, assim, uma exceção à regra de substituição fartamente descrita pelos filólogos da língua.

Além dos termos já mencionados, foram identificadas outras palavras, no *corpus* analisado, cuja vogal média anterior teria mudado de timbre ao longo da história da língua. A primeira dessas palavras é o substantivo *enveja* (*inveja*), proveniente do latim *invĭdĭa* (cf. Machado, 1952, p.1237), que aparece rimando, nas CSM, com verbos do tipo *seja* e *deseja* e com o substantivo *igreja*, cujas vogais tônicas apresentavam, no PA e no PB atual, um timbre fechado (/e/):

(4.24)

Ao demo non pro[u]gue | dest', e con grand' **enveja**
revolveu a pousada | o que maldito **seja**;
el que toda maldade | ama sempr' e **deseja**
fez o prazer em doo | tornar, Ca lle prazia.
Parade mentes ora
como Santa Maria
d' acorrer non demora
a quen por ela fia.
(7ª estrofe da CSM 241)

No Apêndice A, está indicado o quadro com todas as rimas em -*eja* presentes no *corpus* analisado. Com base nas rimas das CSM, pode-se constatar que, no PA, a vogal média anterior do termo *enveja* era pronunciada com um timbre vocálico fechado, respeitando o esquema de substituição da vogal latina /ĭ/ pela vogal média-alta /e/ do português, não ocorrendo, naquele momento da língua, o seguinte fato citado por Nunes (1960, p.47): "vocábulos há, como [...] *enveja* [...], em que o *ê* se acha representado por *é*".

A ocorrência da vogal média /ɛ/, no termo *inveja* do PB atual, também poderia ser explicada pela influência da vogal átona final /a/, que teria aberto o timbre da vogal tônica, tornando-a um grau mais baixa, ou seja, transformando uma vogal média-alta /e/ em uma vogal média-baixa /ɛ/.

O presente estudo mostra que, no PA, esse processo de assimilação ao timbre da vogal átona pela vogal tônica, tradicionalmente chamado de metafonia, ainda não teria atuado sobre o termo *inveja*. Maia (1997), em seu rico estudo sobre o PA, valendo-se de uma extensa documentação em prosa não literária, discute a situação de termos como *inveja*, cuja vogal média da sílaba tônica é proveniente de um *ĭ* ou *ē* do latim clássico, mas que apresentam, no português atual, uma vogal média aberta /ɛ/, por influência da vogal átona final /a/. Maia (idem, p.343) levanta uma questão acerca da datação em que o processo de metafonia teria modificado o timbre da vogal média desses termos, na língua portuguesa:

> Como é sabido, o português culto actual tem ę na sílaba tónica de algumas dessas formas, em virtude da metafonia produzida por -*a* que levou à abertura da vogal tónica. [...] Importante será, pois, determinar a cronologia deste fenómeno metafónico. Trata-se de um fenómeno relativamente recente na língua, consumado apenas em época posterior ao século XVI. De facto, a análise das grafias de João de Barros no que se refere a formas deste tipo revela invariavelmente vogal fechada, não aparecendo ainda nenhuma grafia indicadora de vogal aberta. Sendo assim, parece não haver dúvida de que o grafema *e* de formas deste tipo documentadas nos textos

portugueses de Entre-Douro-e-Minho analisados neste trabalho representa [e̥].[7]

Conforme se pode observar, Maia (1997) constatou em seu material de estudo que, no PA, a vogal média de termos como *enveja* ainda era fechada (/e/). Considerando-se o fato de que essa autora analisa dados de escrita tabeliônica (em prosa), remanescente do PA, pode-se dizer que nosso estudo não apenas confirma essa afirmação de Maia (idem), como também reforça a constatação desta, na medida em que trazemos informações baseadas em textos poéticos cujas rimas fornecem pistas muito mais seguras em termos de realização fônica de vogais. A partir do timbre das vogais médias dos termos *igreja, seja, deseja*, entre outros, com os quais o substantivo *enveja* aparece rimando nas CSM, pode-se afirmar, com toda certeza, que, naquele momento da língua, século XIII, a vogal média anterior do termo *enveja* (*inveja*) era pronunciada com um timbre vocálico fechado (/e/), diferente, pois, daquele que apresenta no PB atual (/ɛ/).

Ainda com base nas rimas das CSM, foi possível verificar que também a vogal média do pronome demonstrativo *essa* e do substantivo *promessa* era pronunciada, no PA, com um timbre vocálico diferente daquele que apresenta no PB atual. Esses termos aparecem rimando, no *corpus* analisado, com os termos *abadessa* e *condessa*, conforme se pode observar a seguir:

(4.25)

[E di log' a **essa**]
que é **abadessa**,
que nunca **condessa**
sigo colleria
que mais proveitosa
lle seja, ca, mia **promessa**,

7 Os símbolos [e̥] e [e̜] utilizados por Maia (1997) correspondem às vogais médias [e] e [ɛ], respectivamente.

non é revoltosa.
Quena festa e o dia
da mui Groriosa
quiser guardar todavia,
seer-ll-á piadosa.
(12ª estrofe da CSM 195)

(4.26)

Sen tod' esto de linnage mui[t]' alt' era, e mellor
falava d'outra moller. E por aquesto a **essa**
fillou por ssa conpanneira e por ssa aguardador,
porque muito a preçava de sen, a **abadessa**;
e u quer que ya
ja mais aquela monja | nunca de ssi partia,
ante a metya
en todo-los seus feitos | cada que os fazia.
Do dem' a perfia
nona toll' outra cousa | come Santa Maria.
(2ª estrofe da CSM 285)

A respeito da pronúncia, no PA, do pronome demonstrativo *essa*, Maia (1997, p.346) declara: "a comprovar a pronúncia com [ẹ̥] no período e na região a que se referem os documentos estudados está o facto de a forma pronominal *essa* rimar várias vezes com *abadessa* nos cancioneiros trovadorescos". A autora, portanto, está se valendo das rimas da poesia medieval para dar sustentação às suas constatações, feitas com base em documentação em prosa, remanescente do PA. O quadro com todas as rimas em *-essa* presentes nas CSM está indicado no Apêndice A.

Há, ainda, para serem consideradas, as vogais médias do pronome pessoal feminino *ela* e do pronome demonstrativo *aquela*, ambas provenientes de um ĭ do latim clássico: *ĭlla* (cf. Machado, 1952, p.825) e *eccu ĭlla* (cf. idem p.226), respectivamente. Conforme mencionado no capítulo 2, todo ĭ do latim clássico teria originado, no português,

uma vogal média fechada /e/ em posição acentuada. Os pronomes *ela* e *aquela*, portanto, representariam uma exceção a essa regra de substituição, e a vogal média aberta /ɛ/ desses pronomes também seria justificada pela influência da vogal átona final /a/.

Maia (1997, p.345), com base na documentação que analisa em seu estudo, constatou que, no PA, a vogal média desses pronomes ainda era fechada (/e/):

> Particularmente interessante é o estudo do valor do grafema *e* nas formas do feminino do pronome pessoal e do pronome demonstrativo, largamente representadas nos documentos portugueses e galegos [...]. Estas formas incluem-se perfeitamente dentro do grupo anteriormente tratado: originariamente havia [ẹ̥] na sílaba tónica – representando historicamente ẹ̥ do latim vulgar – e *-a* no final da palavra. Na época em que se situam os documentos abrangidos pelo presente estudo, o grafema *e* da sílaba tónica representaria seguramente [ẹ̥].

Com base nessa afirmação de Maia (idem), preocupamo-nos em verificar se as rimas das CSM forneciam pistas a respeito da realização da vogal média anterior desses pronomes no PA. Verificou-se que tanto o pronome pessoal *ela* quanto o pronome demonstrativo *aquela* rimam, no *corpus* analisado, com formas verbais acompanhadas de clíticos (o pronome pessoal átono *a*), tais como: *vence-la, move-la, prende-la*. A seguir, apresentamos alguns exemplos dessas rimas no *corpus* analisado:

(4.27)

O cambiador fillou outra balança mayor **daquela**,
e coidou aquela carta per mayor peso **vence-la**;
mas pero non meteu tanto na balança que **move-la**
per ren podesse de terra. Enton fillou dous bolssões
Senpre devemos na Virgen a ter os corações,
ca per ela guaannamos de Deus mui grandes per dões.
(12ª estrofe da CSM 305)

(4.28)

Outro dia o alcayde / vẽo irad' e sannudo / a ssa casa por **prende-la**,
Se ll'a sortella non desse, / pois lle dava seus din[n]e[i]ros, / que morreria por **ela**.
Enton chorand' a mesquinna / rogou que a ascoitasse,
Dizendo que lla daria, /sol que ll'o seu entregas[s]e.
Como Jesu-Cristo fezo / a San Pedro que pescasse
un pexe en que achou ouro / que por ssi e el peytãsse,
outrossi fez que ssa Madre / per tal maneira livrasse
a hũa moller mesquynna, / e de gran coita tirasse.
(20ª estrofe da CSM 369)

Tais possibilidades de rima, identificadas no *corpus* analisado, levam-nos a acreditar que esses pronomes apresentavam, no PA, uma vogal média anterior fechada /e/, diferente, pois, daquela que apresentam no PB atual. Este estudo vem, novamente, reforçar uma constatação de Maia (1997) para o PA.

Identificamos ainda no *corpus* analisado outros casos de palavras terminadas em *-ela*, pronunciadas com vogal média aberta, no PB atual (*sela* e *donzela*, por exemplo), rimando com as referidas formas verbais seguidas de clíticos (*vee-la*, por exemplo), como indica o trecho da CSM 153 transcrito a seguir:

(4.29)

Ali sse desaprendeu
dela log' a **sela**
e ant' o altar caeu
da Madre-**donzela**,
que senpre quer nosso ben;
e ya por **vee-la**
gente daquend' e dalen.
Quen quer que ten en desden
a Santa Maria,
gran mal lle verrá poren.
(6ª estrofe da CSM 153)

Essa rima leva-nos a afirmar, também para os termos *sela* e *donzela*, que eles apresentavam, no PA, uma vogal média fechada /e/, diferente daquela que apresentam no PB atual, em que são pronunciadas com um timbre vocálico aberto /ɛ/, muito provavelmente por influência da vogal átona final /a/.

Como os termos *donzela* e *sela*, assim como o pronome pessoal *ela*, aparecem, no *corpus* analisado, rimando também com termos como *bela*, *capela* etc., que apresentam, no PB atual, uma vogal média anterior aberta /ɛ/ em suas sílabas tônicas, a questão que se coloca é a seguinte: é a vogal média dos termos *ela, aquela, bela* e *donzela*, entre outros, que apresentava um timbre vocálico fechado (/e/), no PA, ou é a vogal média presente nas formas verbais acompanhadas de clíticos, tais como *vee-la, vence-la, move-la, prende-la* etc., que era pronunciada, no PA, com um timbre vocálico diferente daquele que apresenta no PB atual?

A constatação de Maia (1997), anteriormente apontada para os pronomes *ela* e *aquela*, constitui um argumento a favor de considerar-se a ocorrência de uma vogal média anterior fechada (/e/) em todas as palavras com terminação -*ela* identificadas nas rimas das CSM (o quadro com todas essas palavras está indicado no Apêndice A).

O fato de que, com exceção da forma verbal *deu*, todas as formas verbais identificadas nas rimas do *corpus* analisado conservaram, no PB atual, a mesma vogal média, em posição acentuada, que apresentavam no PA (*morreu, viveu, perdeu, prometeu, fazer, poder, temer, quiser, quer, prometera, trouxera* etc.), também constitui um argumento a favor de considerar-se que, no PA, a pronúncia da vogal média de formas verbais como *vence-la, move-la, prende-la*, entre outras, era a mesma que no PB atual. Esse argumento, entretanto, será descartado se levarmos em consideração as rimas da CSM 180, em que aparecem as formas verbais *vela* (do verbo *velar*) e *revela*, rimando com as demais palavras terminadas em -*ela*.

(4.30)

Desta guisa deve Santa Maria
seer loada, ca Deus lle quis dar

todas estas cousas por melloria,
porque lle nunca ja achassen par;
e por aquesto assi a loar
deviamos senpre, ca por nos **vela**.
Vella e Mina,
*Madr' e **Donzela**,*
Pobre e Reynna,
*Don' e **Ancela**.*
[...]
Outra Dona seer non poderia
atal com' esta, ca Deus foi juntar
en ela prez e sen e cortesia
e santidade, u mercee achar
pode tod' ome que a demandar;
e con tod' esto, nunca nos **revela**.
Vella e Mina,
*Madr' e **Donzela**,*
Pobre e Reynna,
*Don' e **Ancela**.*
(trecho da CSM 180)

Se considerarmos que há uma vogal média fechada (/e/) em todas as palavras terminadas em *-ela* que compõem as rimas das CSM, teríamos de assumir que formas verbais como *vela* e *revela*, ao contrário das demais formas verbais identificadas nas rimas do *corpus* em questão, não se mostram conservadoras quando comparamos sua ocorrência no PA e no PB atual. Nesse sentido, teríamos de considerar que a vogal média anterior, presente no radical de verbos da primeira conjugação, como *velar* e *revelar*, não era pronunciada, no PA, com um timbre vocálico aberto, nas formas da terceira pessoa do singular – *vela* e *revela* –, diferentemente, portanto, do que ocorre no PB atual.

Pode-se dizer, pois, que a terminação *-ela* mostrou-se um tanto problemática no que diz respeito à identificação do fonema vocálico que apresenta, em posição acentuada, no PA. Se considerarmos que, naquele momento da língua, a vogal média anterior de todas as pala-

vras terminadas em *-ela* que constituem as rimas das CSM era pronunciada com um timbre vocálico fechado (/e/), teríamos de assumir que todos esses termos, com exceção dos verbos acompanhados de clíticos, apresentam uma vogal média, em suas sílabas tônicas, diferente daquela que apresentam no PB atual – inclusive as formas verbais *vela* e *revela*. Se considerarmos a ocorrência de uma vogal média aberta (/ɛ/), na sílaba tônica de todos esses termos, teríamos de assumir, ao contrário do que fez Maia (1997), que a vogal média anterior dos pronomes *ela* e *aquela* já era pronunciada com um timbre vocálico aberto no PA. Além disso, teríamos de justificar a ocorrência da vogal média anterior aberta nas formas verbais acompanhadas de clíticos: *prende-la, vence-la, move-la*, entre outras. Diante desse impasse, o máximo que nos arriscamos a afirmar, a respeito desses termos, é que há a possibilidade de a vogal média anterior, presente na sílaba tônica dessas palavras, ser pronunciada, no PA, com um timbre vocálico fechado (/e/), mas que os dados analisados não nos permitem apontar, com toda certeza, o timbre vocálico que esses termos apresentavam no PA.

Enfim, tendo em vista tudo o que foi discutido neste capítulo sobre as vogais médias anteriores do PA, o presente estudo identificou, com base na observação das rimas das CSM, a ocorrência de vogais médias anteriores abertas (/ɛ/) e fechadas (/e/) no PA, confirmando, pois, o que os estudiosos haviam afirmado: a ocorrência de dois fonemas, /e/ e /ɛ/, referentes às vogais médias anteriores, representados, tanto no PA quanto no PB, por um único grafema <e>. Fica, assim, comprovado, com base nos dados anteriormente apresentados, que, no PA, as vogais médias anteriores podiam ser abertas ou fechadas, havendo, pois, uma distinção fonológica de timbre vocálico entre elas.

Identificamos também, com base nas rimas das CSM, termos cujas vogais médias anteriores em posição tônica mudaram de timbre ao longo da história da língua. Foram identificados termos cujas vogais médias anteriores em posição acentuada apresentavam, no PA, um timbre vocálico diferente daquele que apresentam no PB atual. Todos esses termos, identificados no *corpus* analisado, constituem casos que representam, no PB atual, uma exceção à regra de substi-

tuição das vogais do latim clássico pelas vogais do português. Este estudo mostrou que, no PA, essa regra de substituição, fartamente descrita pelas gramáticas históricas e pelos manuais de filologia do português, fora respeitada e que, em um momento mais recente da língua (posterior ao século XVI, ao que tudo indica),[8] o processo tradicionalmente chamado de metafonia atuou sobre a vogal média desses termos, modificando, assim, seu timbre vocálico etimológico.

Enfim, tendo em vista o que foi anteriormente apresentado a respeito das transformações por que passaram as vogais médias anteriores de determinados termos do português, ao longo da história da língua, elaboramos os seguintes quadros:

Quadro 13 – Evolução histórica dos termos com vogal média anterior breve no étimo latino

Latim	Português arcaico	Português brasileiro
ĕ	**ɛ**	**e**
ĕgo (clássico) *ĕo (vulgar)	/ɛ/u	/e/u
mĕu	m/ɛ/u	m/e/u
dĕus	D/ɛ/us	D/e/us

Quadro 14 – Evolução histórica dos termos com ditongo *ae* no étimo latino

Latim	Português arcaico	Português brasileiro
ae	**ɛ**	**e**
iudaeu	jud/ɛ/u	jud/e/u
Galilaeu	Galil/ɛ/u	Galil/e/u
Pharisaeu	Faris/ɛ/u	Faris/e/u

Quadro 15 – Evolução histórica dos termos com vogal alta anterior breve no étimo latino

Latim	Português arcaico	Português brasileiro
ĭ	**e**	**ɛ**
invĭdia	env/e/ja	inv/ɛ/ja
ĭpsa	/e/ssa	/ɛ/ssa
promĭssa	prom/e/ssa	prom/ɛ/ssa

8 Ver as citações de Maia (1997) apresentadas ao longo deste capítulo.

Vogais médias posteriores

No que diz respeito às vogais médias posteriores, em posição tônica, do PA, Maia (1997, p.382) declara que "nos sistemas gráficos usados nos antigos documentos portugueses e galegos, o grafema *o* podia representar tanto [ǫ] como [o̥],[9] tal como acontece com a actual grafia do português e do galego".

Partindo da mesma metodologia empregada no estudo das vogais médias anteriores do PA, observamos a ocorrência da vogal média posterior em todas as rimas das CSM, a fim de obtermos informações sobre a realização dessa vogal no PA. Como para as vogais médias anteriores, nosso objetivo era verificar se os dados do presente estudo confirmariam dois fonemas vocálicos, /o/ e /ɔ/, em posição acentuada, referentes à vogal média posterior do PA. Em outras palavras, o que se pretende, no presente item deste capítulo, é identificar, com base nas rimas das CSM, a distinção de timbre (aberto e fechado) que os estudiosos apontaram para as vogais médias posteriores em posição acentuada do PA.

Com base nesse raciocínio, observamos todas as rimas das cantigas medievais religiosas, construídas a partir de uma vogal média posterior (*o*) em posição tônica, a fim de obtermos pistas que pudessem comprovar a ocorrência, no PA, de dois fonemas vocálicos, /o/ e /ɔ/, representados por um único grafema <o>, em posição acentuada.

Ao contrário do que ocorreu com as vogais médias anteriores, não foram identificadas, no *corpus* consultado, muitas terminações construídas a partir de um *o* tônico que pudessem ser divididas em dois grupos de termos que não rimavam entre si. Das rimas analisadas aqui, apenas a terminação *-ores* constituía termos que não rimavam entre si nas CSM.

O primeiro grupo de palavras terminadas em *-ores*, identificadas no *corpus* analisado, é constituído da forma plural de substantivos terminados em *-or*, tais como *amores, sabores, sennores* (*senhores*), *frores* (*flores*) etc., termos que apresentam, no PB atual, uma vogal

---

9 Os símbolos [o̥] e [ǫ], utilizados por Maia (1997), correspondem às vogais médias posteriores fechada ([o]) e aberta ([ɔ]), respectivamente.

média posterior fechada (/o/) em suas sílabas tônicas. Fazem parte desse primeiro grupo, entretanto, adjetivos como *mellores* (*melhores*), *mayores* (*maiores*) e *mẽores* (*menores*), que apresentam, no PB atual, uma vogal média posterior aberta (/ɔ/). Do segundo grupo identificado para a terminação *-ores*, fazem parte os verbos *chores* e *demores*, que rimam entre si, mas não rimam com os termos do primeiro grupo. A seguir, apresentamos alguns exemplos dessas possibilidades e impossibilidades de rima nas CSM:

(4.31)

O jograr sse foi com via, | dando mui grandes **loores**
aa Virgen groriosa, | acorro dos **peccadores**;
e quantos aquesto oyron, | os grandes e os **mẽores**,
teveron este miragre | por nobr' e por piadoso.
Como o nome da Virgen | é aos bõos fremoso,
assi é contra os maos | mui fort' e mui temeroso.
(10ª estrofe da CSM 194)

(4.32)

Ela é lume dos **confessores**
e avogada dos **peccadores**
e a mellor das santas **mellores**;
demais nosso com senpre deseja.
Santa Maria bẽeita seja,
ca espell' é de Santa Eigreja.
(3ª estrofe da CSM 280)

(4.33)

Entre Deus e as gentes | que foren **pecadores**.
Poren vay-te ta via | e leixa teus **pastores**
que guarden teus gãados; | ca muito son **mayores**
de Deus as sas merçees | ca ren que foss' osmada.
Bẽeyto foi o dia | e benaventurada
a ora que a Virgen | Madre de Deus, foi nada.
(19ª estrofe da CSM 411)

(4.34)

Ca um sant' om' y está
que end' é Patriarcha
daquela terra e á
em pode-la comarca,
e conssello te dará
bõo, se Deus [me] parca.
Busca barca
e vai tost', e non **chores**
nen **demores**,
e faz ta romaria."
Con seu ben
Sempre ven
com ajuda
connoçuda
de nos Santa Maria.
(15ª estrofe da CSM 115)

Considerando o fato de que as formas rizotônicas[10] dos verbos *chorar* e *demorar*, no imperativo negativo, tais como *chores* e *demores*, entre outras, apresentam uma vogal média posterior aberta (/ɔ/) no PB atual, e o fato de os substantivos *amor*, *sabor, flor* e *senhor* apresentarem uma vogal média posterior fechada (/o/) no PB atual, somos levados a atribuir o fonema vocálico /ɔ/ às vogais médias posteriores do segundo grupo, e o fonema vocálico /o/, às vogais médias posteriores do primeiro grupo – ambos os fonemas representados pelo mesmo grafema <o>, conforme se pôde observar.

Nesse sentido, pode-se dizer que os dados levam-nos a considerar a ocorrência de dois fonemas vocálicos, /o/ e /ɔ/, em posição acentuada no PA, confirmando, assim, no que diz respeito às vogais

10 A respeito do timbre da vogal média em determinadas formas verbais cujo acento incide sobre a vogal do radical do verbo (formas rizotônicas), e não sobre sua vogal temática (formas arrizotônicas), ver Câmara Jr. (2007, p.110).

médias posteriores, o sistema vocálico proposto pelos estudiosos no segundo capítulo deste livro. O quadro com todas as rimas em *-ores*, identificadas no *corpus* analisado, está indicado no Apêndice B.

Quanto à vogal média posterior dos adjetivos *mellores, mayores* e *mẽores* – que aparecem rimando, no *corpus* analisado, com substantivos como *amores* e *sennores* –, pode-se dizer que era pronunciada, no PA, com um timbre vocálico fechado (/o/), diferente, pois, daquele que apresenta no PB atual. Diante dessa constatação, fomos observar a ocorrência desses adjetivos na forma singular nas rimas das CSM, a fim de verificar se, no singular, esses adjetivos também apareciam rimando com termos com vogal média posterior fechada na sílaba tônica.

Quando se observaram as rimas das cantigas medievais religiosas, verificou-se que os comparativos *mellor* (*melhor*), *peor/peyor* (*pior*), *mayor* (*maior*) e *mẽor* (*menor*), assim como os termos *redor*, *arredor* e *derredor*, aparecem rimando, no *corpus* analisado, com palavras como *amor* e *Sennor*, entre outras, cujas vogais tônicas apresentam um timbre fechado (/o/) tanto no PA quanto no PB atual. Vejamos alguns exemplos dessas possibilidades de rima nas CSM:

(4.35)

O menỹo o **mellor**
leeu que leer podia
e d'aprender gran **sabor**
ouve de quanto oya;
e por esto tal **amor**
con esses moços collia,
con que era **leedor**,
que ya en seu tropel.
A Madre do que livrou
dos leões Daniel,
essa do fogo guardou
un menỹo d'Irrael.
(2ª estrofe da CSM 4)

(4.36)

Mas daquesto nos fez el o **mayor**
ben que fazer podia,
u fillou por Madr' e deu por **Sennor**
a nos Santa Maria,
que lle rogue, quando sannudo **for**
contra nos todavia,
que da ssa graça nen do seu **amor**
non sejamos deitados.
Muito valvera mais, se Deus m' anpar,
que non fossemos nados,
se nos non désse Deus a que rogar
vai por nossos pecados.
(1ª estrofe da CSM 30)

(4.37)

Non porque de Nostro **Sennor**
disse mal, mais que da **Flor**,
sa Madre, disse **peor**.
E poren sinal
Quen diz mal
da Reynna Espirital,
log' é tal
que mereç' o fog' ynfernal.
(8ª estrofe da CSM 72)

(4.38)

Tornar, ca avia mui gran **sabor**
de da-la garça al Rei, seu **sennor**.
Mai-la agua o troux' a **derredor**
de guisa que lle fez perde-lo sen.
Ena gran coita sempr' acorrer ven
a Virgen a quen fia en seu ben.
(7ª estrofe da CSM 142)

(4.39)

Enton começaron todos | cantando a dar **loor**
aa Virgen groriosa, | Madre de Nostro **Sennor**;
e pois deitaron-s' a prezes | cab' o altar en **redor**,
rezando per seus salteiros | quanto podian rezar.
Atan gran poder o fogo | non á per ren de queimar
como á Santa Maria, | quando quer, de o matar.
(13ª estrofe da CSM 332)

(4.40)

Este dous fillos avia, | e Domingo o **mayor**
chamavam, e ao outro | Pedro, que era **mẽor**.
Estes ambos o servian | muito, [de] que gran **sabor**
avia o ome bõo, | e fazia gran razon.
As mãos da Santa Virgem | que tangeron acaron
Jhesu-Christo, muy ben poden | sacar presos de prijon.
(3ª estrofe da CSM 359)

(4.41)

Este çeg' ourivez fora | que non ouvera **mellor**
en tod' o reyno de França | ne-nas terras **arredor**,
e en servir sempr' a Virgen | avia mui gran **sabor**;
e porend' hũ' arca d'ouro | fora mui rica lavrar
Ben pode Santa Maria | seu lum' ao çego dar,
pois que dos pecados pode | as almas alumẽar.
(2ª estrofe da CSM 362)

Todas essas rimas confirmam que, de fato, a vogal média posterior dos adjetivos terminados em *-or*, tais como *menor, maior, melhor* e *pior*, bem como dos termos *redor* e derivados (*arredor* e *derredor*), era pronunciada, no PA, com um timbre vocálico diferente daquele que apresenta no PB atual, ou seja, a vogal média posterior desses termos era fechada (/o/) no PA. O quadro com todas as rimas em *-or*, identificadas no *corpus* analisado, está indicado no Apêndice B.

É importante observar que todos esses termos que apresentam, no PB atual, uma vogal média posterior diferente daquela que apresentavam no PA – *maior, menor, melhor, pior, redor* etc. – são apontados pelos estudiosos como casos que representam uma exceção à regra de substituição do sistema vocálico do latim clássico pelo sistema vocálico do português, já que eles apresentam, no PB atual, uma vogal média posterior aberta (/ɔ/) quando deveriam apresentar uma vogal média fechada (/o/), uma vez que essa vogal é proveniente de um *ō* latino. Este estudo vem demonstrar que, no PA, esse esquema de substituição das vogais do latim clássico pelas vogais do português, em posição tônica, fora respeitado, na medida em que todos esses termos apresentavam, naquele momento da língua, conforme mostraram as rimas das CSM, uma vogal média posterior fechada (/o/).

Para explicar a ocorrência, no PB atual, da vogal média posterior aberta (/ɔ/) nos termos anteriormente apontados, os estudiosos da língua lançam mão da analogia:[11] a vogal média teria se tornado aberta, nessas palavras, por causa da analogia com o termo *mor*, cuja vogal tônica aberta é proveniente da contração de *oo* latinos – *majore*

11 A ideia de "analogia" é bastante recorrente entre os estudos de filologia, mas, no caso da mudança de timbre em palavras como *maior, menor, melhor, pior* etc., a explicação "analógica" adotada pelos filólogos é problemática, porque considera apenas um lado da questão (a comparação com formas como *mor*), mas desconsidera o outro lado (a possibilidade de comparação com formas como *amor*, por exemplo). Entretanto, a explicação linguística, nesse caso, não parece tão simples e evidente. Para Wetzels (1992), que retoma Câmara Jr. (2007), a ocorrência dos timbres médio-baixos /ɛ, ɔ/ está diretamente ligada à posição do acento, e a posição do acento, nesses casos, está diretamente relacionada à ocorrência do travamento silábico /R/, que força a localização do acento na última sílaba (cf. Massini-Cagliari, 1999, 2005). No entanto, o travamento silábico, isoladamente, não explica a alteração no timbre da vogal, uma vez que, em *amor*, a abertura da vogal média não ocorreu. Esse caso exigiria, portanto, reflexões mais aprofundadas para obter uma interpretação adequada dessa mudança de timbre. Não nos aprofundaremos, no entanto, nessa questão, porque o objetivo do presente estudo é estabelecer o sistema vocálico do PA realizado nas CSM – e estabelecer o percurso diacrônico do timbre vocálico de todas as palavras, do PA ao PB, foge ao escopo deste livro. Deixaremos, pois, essa questão para ser investigada em pesquisas futuras, diretamente relacionadas à diacronia das vogais portuguesas.

> *maor* > *moor* > *mor* –, como declara Coutinho (1974, p.105): "por analogia com *mor*, em que o *ó* resultou da contração de *oo*, tornou-se também aberto o *ō* latino, nas seguintes palavras portuguesas: *minōre* > *menor*, *meliōre* > *melhor*, *peiōre* > *pior*".

Coutinho (idem), entretanto, afirma que, "na antiga língua", a vogal média posterior desses adjetivos era pronunciada com timbre fechado (/o/) – pronúncia essa que, segundo o autor, permanece na Galiza.

Nunes (1960, p.52-3), ao explicar o fenômeno da analogia que teria tornado aberta a vogal tônica dos termos anteriormente mencionados, também considera que essa vogal era fechada, em um momento passado do português:

> Em certos vocábulos aparece ou *ó*, quando era de esperar *ô*, ou ainda *u*, contrariamente à regra dada; explica-se o facto já pela influência de outros sons, como em [...] *maior*, *menor* (arc. *mẽor*), *melhor*, *pior*, *arredor*, *hora*, nos quais predominou o *o* regularmente aberto de formas de terminação idêntica, *mor*, *ora*, por exemplo, em que *ó* está por *oo* de *ao* [...].
>
> Note-se, porém, que na língua antiga muitos destes nomes, terminados em *-or*, como *maior*, *menor*, *melhor*, *pior*, *arredor*, *derredor*, *agora*, etc., conservavam o *ô* originário, como se reconhece na poesia de então, e continuam a mantê-lo nalgumas falas populares.

Em nota, Nunes (idem, p.53) lança mão de um exemplo retirado de um canto camoniano para sustentar sua afirmação: "Camões, no canto VI, estância 40, ainda faz rimar *milhores* com *amores*".

Silva Neto (1952, p.413) também afirma que a vogal tônica desses adjetivos era pronunciada com timbre vocálico fechado no português antigo: "as vogais tônicas dos comparativos *maior* (< *maiōre*), *melhor* (< *meliōre*), *mẽor* (< *mĭnōre*), *peor* (< *peiōre*) eram fechadas, o que está dentro das normas, uma vez que provém do *o* fechado latino em posição acentuada".

Ramos (1985) também considera que a vogal média posterior, presente na sílaba tônica desses adjetivos, era pronunciada, no PA,

com um timbre vocálico diferente daquele com que é pronunciada no português atual. Ramos (1985, p.92) aponta, inclusive, o possível momento da língua em que esse timbre vocálico teria se modificado, conforme se pode observar:

> Em *maior* como também nos outros comparativos *melhor* e *peor* e em outras palavras em *-or*, provenientes do latim -ŌREM, passaram a ter uma vogal aberta /ɔ/, por influência analógica com a forma *mor* (lat. MAJORE- > maor > moor > mor) em que a vogal aberta é explicada através da contracção das duas vogais. Esta contaminação analógica situa-se, por certo, no período em que os hiatos começam a resolver-se (finais do século XIII até, mais ou menos, aos finais do século XV).

Tendo em vista as afirmações dos estudiosos a respeito da realização, no PA, da vogal média posterior dos adjetivos mencionados (*melhor, pior, maior* e *menor*), pode-se dizer que o presente estudo vem confirmar e reforçar o que disseram os estudiosos sobre a mudança no timbre da vogal média posterior presente nesses adjetivos.

O presente estudo vem, portanto, afirmar que, na segunda metade do século XIII, período em que foram escritas as CSM, a vogal tônica dos adjetivos *melhor, pior, maior* e *menor* era ainda pronunciada com um timbre fechado (/o/) – pronúncia essa que se manteve até o século XVI (pelo menos) se considerarmos a rima de *Os lusíadas*, entre *milhores* e *amores*, mencionada por Nunes (1960).

Há, ainda, para serem considerados, os adjetivos com sufixo *-osa*, como *formasa* e *gloriosa*, que representam, pois, a forma feminina dos adjetivos terminados em *-oso*. Com base nas rimas das CSM, verificou-se que também esses adjetivos apresentavam, no PA, uma vogal média posterior diferente daquela que apresentam no PB atual, na medida em que esses adjetivos aparecem, no *corpus* analisado, rimando com o substantivo *esposa*, que apresenta uma vogal média posterior fechada (/o/) tanto no PA quanto no PB atual. Os trechos das cantigas a seguir mostram essa possibilidade de rima no *corpus* analisado:

(4.42)

Eles disseron: "Avemos | a Virgen mui **groriosa**,
que de Deus foi Madr' e Filla, | e criada e **esposa**,
e pariu e ficou virgen, | cousa mui **maravillosa**."
Enton diss' o gentil logo: | "A omagen m' amostrade."
Com' en si naturalmente | a Virgen á piadade,
assi naturalment' ama | os en que á caridade.
(18ª estrofe da CSM 335)

(4.43)

Virgen Madre ***groriosa****,*
de Deus filla e ***esposa****,*
santa, nobre, ***preciosa****,*
quen te loar saberia
ou podia?
(refrão da CSM 340)

No Apêndice B, indicamos o quadro com todas as rimas em -*osa* identificadas no *corpus* analisado. A possibilidade de rima entre os adjetivos terminados em -*osa* e o substantivo *esposa* revela que, no PA, a vogal média posterior, presente na sílaba tônica de adjetivos femininos como *formosa*, *gloriosa* e *maravilhosa*, entre outros, era pronunciada com um timbre vocálico fechado (/o/), diferente, portanto, daquele que apresenta no PB atual (/ɔ/).

Esses adjetivos terminados em -*osa* também são apontados pelos estudiosos como casos que representam uma exceção à regra de substituição das vogais do latim clássico pelas vogais do português, na medida em que apresentam, no PB atual, uma vogal média posterior aberta (/ɔ/), quando deveriam apresentar uma vogal média posterior fechada (/o/), por ser ela proveniente de um *ō* latino.

As gramáticas históricas e os manuais de filologia do português atribuem a ocorrência da vogal média posterior aberta /ɔ/, nessas palavras cuja vogal tônica é proveniente de um *ō* latino, à influência da vogal baixa (/a/), presente na sílaba átona final desses termos,

que teria tornado aberta (/ɔ/) a vogal média da sílaba tônica. A esse respeito, Williams (1975, p.51) afirma que o "*o̥* tônico do latim vulgar seguido de uma sílaba terminada por *a*" se transforma em "*ǫ*", como em "*formōsam* > *formǫsa*".[12]

Coutinho (1974, p.105) explica da mesma forma a presença da vogal aberta /ɔ/ nesses adjetivos: "por influência do *a* final, o *ō* torna-se igualmente aberto: *hōra* > *hora*, *fōrma* > *forma*, *formōsa* > *formosa*".

O presente estudo vem, portanto, afirmar que, no PA, século XIII, a forma feminina de adjetivos como *formoso, glorioso, maravilhoso* etc. ainda não havia passado pelo processo de transformação que tornou aberta sua vogal média posterior, em posição acentuada, muito provavelmente por influência da vogal átona final (/a/), responsável pela marcação do gênero feminino nesses termos. Dessa forma, pode-se dizer que o presente estudo confirma as seguintes palavras de Ramos (1985, p.92):

> Em *fremosa* temos também a vogal fechada /o/. Não tinham ainda ocorrido fenómenos que viriam transformar a vogal fechada na correspondente vogal aberta. Em *fremosa* vai actuar a metafonia que provoca a abertura do /o/ em /ɔ/. Podemos dizer que nos finais do século XVI ou talvez um pouco antes, teríamos já *fremoso* com a vogal fechada e *fremosa* com a vogal aberta.

Também investigamos, nas rimas das CSM, termos como os substantivos *jogo* e *fogo*, cujas vogais médias posteriores, em posição tônica, são provenientes de um *ŏ* do latim clássico. No português atual, esses substantivos representam uma exceção à regra de substituição das vogais do latim clássico pelas vogais portuguesas, na medida em que, ao contrário dos adjetivos anteriormente estudados, esses substantivos apresentam, em suas sílabas tônicas, uma vogal média posterior fechada (/o/), quando deveriam apresentar uma vogal média posterior aberta (/ɔ/), por ser ela proveniente de um *ŏ* latino, conforme

---

12 Os símbolos [o̥] e [ǫ], adotados por Williams (1975), correspondem às vogais médias posteriores fechada ([o]) e aberta ([ɔ]), respectivamente.

observa Maia (1997, p.382): "Consideraremos, em primeiro lugar, as formas paroxítonas de substantivos, adjectivos e particípios passados que têm na sílaba tónica o grafema *o*, historicamente representante de ŏ do latim". Como exemplos dessas formas, Maia (idem, p.382-3) aponta termos como *fogo*, *logo*, *novos*, *ovos*, *porco*, *porcos*, entre outros.

Conforme se pode observar, com base nos exemplos de Maia (idem), trata-se de termos que, no plural, apresentam, atualmente, vogal média posterior aberta (/ɔ/), mas que, no singular, apresentam vogal média fechada (/o/), contrariando a regra de substituição do *ŏ* latino pelo *ó* português.

Dessa forma, no PB atual, somente quando aparecem no plural, esses termos apresentam uma vogal tônica correspondente a sua origem latina, ou seja, a vogal média aberta /ɔ/:[13]

(4.44)

cŏrvos > c/ɔ/rvos
cŏrpos > c/ɔ/rpos
fŏgos > f/ɔ/gos
jŏcos > j/ɔ/gos
ŏvos > /ɔ/vos
pŏrcos > p/ɔ/rcus
nŏvos > n/ɔ/vos
ŏclos > /ɔ/lhos
pŏrtos > p/ɔ/rtos
ŏssos > /ɔ/ssos
grŏssos > gr/ɔ/ssos
pŏstos > p/ɔ/stos
tŏrtos > t/ɔ/rtos
mŏrtos > m/ɔ/rtos
fŏssos > f/ɔ/ssos

Termos cujas vogais tônicas não são provenientes de um *ŏ* latino não apresentam, no português atual, vogais distintas, em suas síla-

---

13 Exemplos retirados de Silva Neto (1952, p.190).

bas tônicas, no singular e no plural, conforme se pode observar nos seguintes exemplos, retirados de Silva Neto (1952, p.193):

(4.45) Vogal média proveniente de *ō* latino

rōstros > r/o/stos
spōnsos > esp/o/sos
tōtos > t/o/dos

(4.46) Vogal média proveniente de *ŭ* latino

dŭplos > d/o/bros
fŭscos > f/o/scos
gŭrdos > g/o/rdos
gŭstos > g/o/stos
rŭsseos > r/o/xos
lŭpos > l/o/bos

Silva Neto (idem, p.192) afirma, no entanto, que "em alguns exemplos insulados, causas inda meio obscuras – preponderantemente imitativas ou devidas à ultracorreção – desarticularam a harmonia do timbre", como nos seguintes exemplos:

(4.47)

pŭteos > p/ɔ/ços
medŭllos > mi/ɔ/los
mŭrnos > m/ɔ/rnos

Quanto aos termos no singular, as gramáticas históricas e os manuais de filologia do português explicam o fechamento da vogal tônica pela influência da vogal átona final fechada (/u/), ou seja, com base no processo de metafonia. Dessa forma, Nunes (1960, p.51) afirma: "*ó* passa frequentemente a *ô* [...], quando precede a sílaba final e esta termina em *o* (metafonia); assim fŏcu-, *fogo*, grŏssu-, *grosso*, jŏcu-, *jogo*, cŏrbu-, *corvo*, mŏrtu-, (por mortuu) *morto*, ŏssu-, *osso*, tŏrtu-, *torto*, etc". Também para Coutinho (1974, p.105), o fechamento da vogal tônica, nesses termos, pode ser explicado pela influência da vogal átona final: "por influência da vogal final *u* ou da

semivogal *i*, encontra-se às vêzes *ŏ* representado em português por *ô*: *cŏrvu* > *corvo*, *pŏrcu* > *porco*, *fŏcu* > *fogo*, *jŏcu* > *jôgo*, *hŏdie* > *hoje*, *fŏrtia* > *fôrça*". Da mesma forma, Williams (1975, p.49) afirma: "*ǫ* tônico do latim vulgar seguido de uma sílaba terminada por *o* > *ǫ*: *fŏcum* > *fŏgo; pŏpŭlum* > *pọ̥vo; pŏsĭtum* > *pôsto*".[14]

Nenhum dos autores estudados levantou a hipótese de esses termos apresentarem, no PA, uma vogal média posterior com timbre vocálico aberto (/ɔ/). Entretanto, preocupamo-nos em observar a ocorrência de tais termos nas rimas das CSM, a fim de verificar com que timbre vocálico era pronunciada a vogal tônica de cada um deles. Dos termos apontados pelos autores, apenas *fogo* e *jogo* foram identificados nas rimas das CSM, como mostram os seguintes exemplos:

(4.48)

Quisera-se Musa ir con elas **logo**.
Mas Santa Maria lle diss': "Eu te **rogo**
que, sse mig' ir queres, leixes ris' e **jogo**,
orgull' e desden.
Ay, Santa Maria,
quen se per vos guya
quit' é de folia
e senpre faz ben.

E se esto fazes, d'oj' a trinta dias
seerás comig' entr' estas conpannias
de moças que vees, que non son sandias,
ca lles non conven."
Ay, Santa Maria,
quen se per vos guya
quit' é de folia
e senpre faz ben.
(trecho da CSM 79)

14 Os símbolos [ǫ] e [ọ̥], adotados por Williams (1975), correspondem aos símbolos [ɔ] e [o], respectivamente, nos padrões da IPA.

(4.49)

O meirỹo, que foi fort' e bravo,
mandou fillar log' aquela moller,
e por queima-la non deu un cravo,
ca muito fazia ben seu mester.
Nen fez em **jogo**
nen fillou **rogo**,
mas ao **fog[o]**
a levou que ardia.
Na malandança
noss' amparança
e esperança
é Santa Maria.
(8ª estrofe da CSM 255)

(4.50)

U dirán as tronpas: | "Mortos, levade-vos **logo**"
di-ll'u o perdiste | que ta coita non foy **jogo**.
Madre de Deus, ora | por nos teu Fill' essa ora.
(9ª estrofe da CSM 422)

Conforme se pode observar, o substantivo *jogo* aparece rimando, no *corpus* analisado, com o advérbio *logo*, que apresenta, ainda no português atual, uma vogal tônica aberta /ɔ/. O substantivo *fogo*, por sua vez, aparece em uma única cantiga (em posição de rima) e forma par rimante com *jogo*. Dessa forma, pode-se constatar que, no PA, a vogal média posterior, presente na sílaba tônica desses substantivos (*jogo* e *fogo*), era pronunciada com timbre vocálico aberto (/ɔ/), não tendo ocorrido, naquele momento da língua, o processo de metafonia, que fechou a vogal desses substantivos, mas não exerceu influência na pronúncia da vogal tônica do advérbio *logo*, proveniente do latim *lŏcu* (cf. Nunes, 1960, p.51). O quadro com todas as rimas em *-ogo* identificadas no *corpus* analisado está indicado no Apêndice B.

Há, ainda, para serem investigados, os casos de palavras terminadas em *-oz* e *-ol*, tais como *voz e sol*, provenientes do latim *vōcem*

e *sōlem* (Williams, 1975, p.50), respectivamente, cujas vogais tônicas apresentam, no português atual, um timbre vocálico aberto /ɔ/, contrariando, assim, o esquema de substituição das vogais latinas pelas portuguesas, que declara que todo *ō* do latim originou uma vogal média posterior fechada (/o/) no português.

Williams (idem) aponta esses termos como casos de exceção à regra de substituição das vogais posteriores e comenta que são termos que entraram na língua por via erudita ou semierudita: "o *ō* do latim clássico se tornou português *ǫ* num grupo de palavras em que a maioria é de eruditas ou semi-eruditas: [...] *sōlem* > *sǫl*; [...] *vōcem* > *vǫz*".

Nunes (idem) explica a abertura da vogal média posterior, presente na sílaba tônica de palavras terminadas em *-oz*, lançando mão da analogia: "em certos vocábulos aparece ou *ó*, quando era de esperar ô, ou ainda *u*, contrariamente à regra dada; explica-se o facto já pela influência de outros sons, como em *foz, voz, noz,* em que houve analogia com nomes em -ŏce".

Quanto à pronúncia dessas palavras, no PA, não foi possível verificar, com base nas rimas das CSM, se elas apresentavam uma vogal média posterior fechada (/o/), em suas sílabas tônicas, naquele momento da língua, uma vez que tais palavras aparecem em poucas rimas, que não fornecem pistas satisfatórias a esse respeito, conforme indicam os seguintes trechos retirados de algumas CSM:

(4.51)

O marỹeiro, poi-la ena barca meteu, ben come **fol**
disse-lle que fezesse seu talan, e seria sa **prol**;
mas ela diss' enton: "Santa Maria, de mi non te **dol**,
neno teu Fillo de mi non se nenbra, como fazer **sol**?"
Enton vẽo voz de ceo, que lle disse: "**Tol**
tas mãos dela, se non, farey-te perecer."
Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer,
Santa Maria deve sempr' ante si põer.
(16ª estrofe da CSM 5)

(4.52)

Pois a nav' u a Emperadriz ya aportou na **foz**
de Roma, logo baixaron a vea, chamando: "**Ayoz**."
E o maestre da nave diss' a un seu ome: "Vai, **coz**
carn' e pescado do meu aver, que te non cost' hũa **noz**."
E a Emperadriz guaryu un gaf', e a **voz**
foy end', e muitos gafos fezeron ss' y trager.
Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer,
Santa Maria deve sempr' ante si põer.
(21ª estrofe da CSM 5)

(4.53)

[E] assy viian alá dentr' o **sol**
como sobre terra; e toda sa **prol**
fazer-lles fazia, e triste nen **fol**
non foi niun deles, nen sol enfe[r]mar
Assi pod' a Virgen so terra guardar
o seu, com' encima dela ou no mar.
(8ª estrofe da CSM 226)

(4.54)

San Pedr[o], e os outros | todos a hũa **voz**
en terra se deitaron, | pedindo per **Ayoz**
perdon a Santo Thomas; | e diss' el: "Hũa **noz**
non daria por esto, | pois con verdad' estou."
Des quando Deus sa Madre | aos çeos levou,
de nos levar consigo | carreira nos mostrou.
(30ª estrofe da CSM 419)

Enfim, por meio da observação das rimas das CSM, identificamos a ocorrência de vogais médias posteriores abertas (/ɔ/) e fechadas (/o/), no PA, confirmando, pois, o que os estudos abordados no capítulo 2 haviam afirmado para o sistema vocálico em posição acentuada do PA: a ocorrência de dois fonemas, /o/ e /ɔ/, referentes às vogais médias posteriores, representados, tanto no PA quanto no PB,

por um único grafema <o>. Fica, assim, comprovado, com base nos dados apresentados, que, no PA, as vogais médias posteriores podiam ser abertas ou fechadas, havendo, pois, uma distinção fonológica de timbre vocálico entre elas.

Identificamos também, com base nas rimas das CSM, termos cujas vogais médias posteriores em posição tônica mudaram de qualidade, em termos fonológicos, ao longo da história da língua. Foram identificados termos cujas vogais médias posteriores em posição acentuada apresentavam, no PA, um timbre vocálico diferente daquele que apresentam no PB atual. Todos esses termos, identificados com base no *corpus* analisado, constituem casos que representam, no PB atual, uma exceção à regra de substituição das vogais do latim clássico pelas vogais do português. Este estudo demonstrou que, no PA, essa regra de substituição, fartamente descrita pelas gramáticas históricas e pelos manuais de filologia do português, fora respeitada. Apenas em um período mais recente da língua portuguesa, houve uma mudança no timbre vocálico dessas palavras (que poderia ser explicada por meio do processo de metafonia, por exemplo), que as distanciou de suas formas etimológicas, não nos permitindo identificar, em suas vogais tônicas, um timbre vocálico correspondente à quantidade que possuíam em sua origem latina.

Com base no que foi anteriormente apresentado sobre as transformações por que passaram as vogais médias posteriores do português, ao longo da história da língua, chegamos aos seguintes quadros:

Quadro 16 – Evolução histórica dos termos com vogal média posterior longa no étimo latino

Latim	Português arcaico	Português brasileiro
ō	o	ɔ
meliōre	mell/o/r	melh/ɔ/r
peiōre	pe/o/r	pi/ɔ/r
maiōre	mai/o/r	mai/ɔ/r
formōsa	frem/o/sa	form/ɔ/sa
gloriōsa	glori/o/sa	glori/ɔ/sa

Quadro 17 – Evolução histórica dos termos com vogal média posterior breve no étimo latino

Latim	Português arcaico	Português brasileiro
ŏ	**ɔ**	**o**
jŏcu	j/ɔ/go (substantivo)	j/o/go (substantivo)
fŏcu	f/ɔ/go	f/o/go

Se compararmos os quadros 16 e 17 aos quadros 13 e 15, referentes à evolução histórica das vogais médias anteriores, notaremos que o comportamento das exceções não parece linear entre vogais médias anteriores e posteriores, embora a regra (de substituição das vogais latinas pelas vogais portuguesas) apresente-se como bastante linear, no que diz respeito às vogais médias anteriores e posteriores, conforme mostra o esquema a seguir:[15]

(4.55)

Vogais anteriores **Latim > Português**	**Vogais posteriores** **Latim > Português**
ĕ > /ɛ/	ŏ > /ɔ/
ē > /e/	ō > /o/
ĭ > /e/	ŭ > /o/

Nos casos que representam, no PB atual, uma exceção a essa regra de substituição das vogais latinas pelas portuguesas, parece não haver, pelo menos nos dados obtidos por nós, a mesma linearidade observada, conforme mostra o Quadro 18.

Entretanto, o fato de não termos encontrado, nas CSM, exemplos de palavras com vogal média /e/, na sílaba tônica, proveniente de um *ē* latino, que represente, no PB atual, uma vogal média aberta /ɛ/, não significa que casos desse tipo não possam ser identificados na língua. Williams (1975, p.48) aponta exemplos de exceção à regra de

15 Não estamos considerando, aqui, a substituição dos ditongos *ae* e *oe* latinos pelas vogais /ɛ/ e /e/, respectivamente, do português.

Quadro 18 – Evolução histórica das vogais médias anteriores e posteriores do português

Vogais anteriores	Vogais posteriores
Latim > PA > PB	**Latim > PA > PB**
ĕ > ɛ > e *mĕu > m/ɛ/u > m/e/u*	**ŏ > > o** *jŏcu > j/ɔ/go > j/o/go*
ē > e > ɛ ---	**ō > o > ɔ** *gloriōsa > glori/o/sa > glori/ɔ/sa*
ĭ > e > ɛ *invĭdia > env/e/ja > inv/ɛ/ja*	**ŭ > o > ɔ** ---

substituição das vogais latinas envolvendo a vogal *ē* do latim clássico: *aphotēcam > bod/ɛ/ga, rēgulam > r/ɛ/gra*, entre outros casos – todos terminados em *a*. Esses dados apresentam, pois, correspondente entre as exceções verificadas para a vogal média posterior: *gloriōsa > glori/ɔ/sa*, por exemplo. Nesse caso, pode-se dizer que há uma linearidade, entre vogais médias anteriores e posteriores, no que diz respeito às exceções à regra de substituição das vogais latinas pelas portuguesas.

Não foi possível, entretanto, verificar qual era o timbre da vogal média anterior dos termos *bodega* e *regra*, no PA, com base no *corpus* analisado, porque não há, nas CSM, rimas terminadas em *-ega* e *-egra*. Contudo, não está descartada a possibilidade de esses termos apresentarem, no PA, uma vogal média anterior fechada (/e/), em posição tônica, diferente daquela que apresentam no PB atual.

No caso da exceção envolvendo a vogal breve *ŭ* do latim clássico, os estudiosos consultados não apontaram exemplos, no português, em que essa vogal tivesse originado uma vogal média aberta /ɔ/. A exceção, portanto, não foi registrada por nós e nem pelos estudos abordados. Nesse caso específico, parece não haver uma linearidade entre vogais médias anteriores e vogais médias posteriores, conforme indicado no Quadro 18. Quanto aos demais casos de exceção, pode-se dizer que, de modo geral, comportam-se de forma linear em vogais médias coronais e em vogais médias dorsais do português.

Vogais médias anteriores e posteriores do PA

Tendo em vista tudo o que foi abordado sobre as vogais médias (anteriores e posteriores) em posição acentuada do PA, pode-se dizer, enfim, que o presente estudo conseguiu, conforme propôs no início desta discussão, comprovar, com base nas observação das rimas das CSM, a distinção de timbre vocálico (aberto e fechado) entre as vogais médias em posição tônica do PA.

Nesse sentido, tanto para as vogais médias anteriores quanto para as vogais médias posteriores, foi confirmada a ocorrência de dois fonemas vocálicos: um aberto e um fechado, representados por um único grafema. Quanto às vogais anteriores, mostramos que o grafema <e> representa, no *corpus* analisado, os fonemas /e/ (vogal média-alta ou fechada) e /ɛ/ (vogal média-baixa ou aberta). Para as vogais posteriores, provamos que o grafema <o> representa, nas CSM, os fonemas /o/ (vogal média-alta ou fechada) e /ɔ/ (vogal média-baixa ou aberta).

Portanto, no que diz respeito às vogais médias do PA em posição acentuada, este estudo chega ao seguinte sistema vocálico:

(4.56)

/e/ /o/

/ɛ/ /ɔ/

Dessa forma, pode-se dizer que os dados obtidos confirmam, no que diz respeito às vogais médias, o sistema vocálico do PA em posição acentuada proposto pelos estudiosos no segundo capítulo deste livro.

Verificamos também que a vogal média em posição tônica de algumas palavras do PB atual, apontadas pelos estudiosos da língua como exceções à regra de substituição das vogais do latim clássico pelas vogais médias do português, era pronunciada, no PA, com um timbre vocálico diferente do atual. Mostramos, neste capítulo, que a regra de substituição das vogais latinas pelas portuguesas fora respeitada no PA, tendo ocorrido, em um momento mais recente da

língua (posterior ao século XVI, muito provavelmente), uma alteração no timbre vocálico de determinados termos que os distanciou de sua origem latina, tornando-os exceções à regra de substituição descrita pelos filólogos.

Sobre os processos que alteraram o timbre original da vogal média desses termos, ao longo da história da língua, Mattos e Silva (2006, p.53-4) declara o seguinte:

> Mais difícil de se determinar é o momento em que se dá a metafonia que muda o timbre de /ɛ/ em /e/ (como em *mĕtu* > *m/e/do*) ou /e/ em /ɛ/ (como em *monēta* > *mo/ɛ/da*) ou /ɔ/ em /o/ (como em *fŏcu* > *f/o/go*), ou /o/ em /ɔ/ (como em *formosa* > *form/ɔ/sa*), já que na grafia não se distingue o timbre das vogais médias. [...] Pode-se inferir que os processos metafônicos já atuavam, criando "exceções" à regra geral, desde muito cedo na história da língua, mas não se pode afirmar em que itens do léxico, a não ser naqueles que apresentassem reflexos nas grafias. Depois do século XVI, com o auxílio dos gramáticos da língua portuguesa, é que se pode, com mais segurança, ter informações mais precisas, embora rarefeitas.

Essa autora, como se pode observar, considera que não seja possível identificar em quais palavras do PA o processo de metafonia já teria atuado no século XIII. No entanto, provamos que, com base na análise das rimas de textos poéticos, é possível verificar, sim, "em que itens do léxico" o processo de metafonia já teria atuado (ou não) no PA – se esses itens aparecerem em posição de rima, evidentemente.

Nosso estudo, portanto, além de trazer informações a respeito do timbre vocálico com que eram pronunciadas certas palavras, em um momento passado da língua do qual não há registros orais, também traz pistas importantes a respeito da datação do início do período de atuação de certos processos morfofonológicos (como a metafonia) no contínuo temporal da língua. Podemos afirmar que, na segunda metade do século XIII, período em que foram escritas as CSM, o processo de metafonia ainda não havia atuado sobre os termos analisados neste livro, e que, naquele momento da língua, portanto,

a vogal tônica desses termos conservava o timbre correspondente a seu étimo latino.

Vogal /a/

De acordo com as gramáticas históricas e os manuais de filologia do português, a vogal baixa /a/ do português é proveniente tanto do *ă* breve quanto do *ā* longo, do latim clássico.

Segundo Câmara Jr. (2007, p.42), no PB, a posição tônica da vogal *a*, diante de consoante nasal na sílaba seguinte, "torna a vogal baixa central levemente posterior, em vez de anterior, o que auditivamente lhe imprime um som abafado", isto é, o *a* aberto do PB torna-se fechado diante de um contexto nasal. Esse *a* fechado, entretanto, de acordo com o autor, não corresponde a um fonema da língua, sendo apenas uma realização fonética da vogal baixa central.

No que diz respeito à realização dessa vogal no PE, Câmara Jr. (idem) afirma:

> baseados nessa pronúncia normal (lisboeta), os modernos fonólogos europeus, como Helmut Lüdtke e Jorge Morais Barbosa, estabelecem dois fonemas /a/ no português europeu (/a/ levemente anterior e claro, substituído na pronúncia normal brasileira pela variante posicional [â], levemente posterior e abafado diante de consoante nasal da sílaba seguinte) e /â/, justamente, que aí pode, ou não, aparecer, formando oposição com /a/.[16] O exemplo clássico é a oposição, na primeira conjugação verbal, entre -*ámos* (terminação no pretérito perfeito: "ontem cantamos") e -*amos* (terminação no presente: "cantamos agora e sempre").

Maia (1997, p.313) também comenta as diferenças entre o PE padrão e PB atual no que diz respeito à realização da vogal /a/ nas

16 Os símbolos /a/ e /â/ utilizados por Câmara Jr. (2007) correspondem aos símbolos /a/ e /ɐ/, respectivamente, do alfabeto da IPA.

conjugações do presente e do pretérito dos verbos em -*ar*: "Como se sabe, actualmente a língua da zona central do País distingue entre o presente -*amos* (com [ḁ̃]) e o pretérito -*ámos* (com [a̜]).[17] No Sul, aliás como no português do Brasil, encontra-se -*amos* (com [ḁ̃]) tanto para o presente quanto para o pretérito".

Quanto às realizações do fonema /a/ no PA, Maia (1997, p.313-5) declara o seguinte:

> Do testemunho concordante dos três gramáticos do século XVI podemos concluir com segurança que *a* aberto e *a* fechado são apenas duas realizações diferentes do mesmo fonema /a/: [ḁ], quando seguido de nasal inicial da sílaba seguinte, e [a̜] em qualquer outro contexto. Embora os gramáticos não o digam expressamente, creio que, com bastante segurança, se pode afirmar que *a* seguido de nasal não só era realizado como mais fechado, mas mais ou menos nasalizado. Aliás, o fechamento da vogal deve ter resultado da nasalação produzida pela proximidade das consoantes nasais *m*, *n* ou *nh*.
>
> Resumindo: [...] [ḁ] e [a̜], mais ou menos nasalizado, eram, na sílaba tónica, variantes combinatórias do mesmo fonema, cada uma determinada por contextos fónicos bem determinados: [ḁ] ocorria quando seguido de consoante nasal inicial de sílaba seguinte e [a̜] em qualquer outro contexto.

Mattos e Silva (2006, p.51) discute as possíveis realizações do fonema /a/ nas formas verbais (presente e pretérito) da primeira conjugação no PA:

> A discussão em torno de /a/ acentuado no português arcaico fica assim polarizada. Contudo, pode-se admitir que ainda não era essa diferença fônica, se ela existia, utilizada como um traço distintivo para marcar a oposição entre aquelas formas verbais do presente e do perfeito. Além disso, pelo que se sabe de teoria fonética, pode-se

17 Os símbolos [ḁ] e [a̜] utilizados por Maia (1997) correspondem ao *a* fechado e *a* aberto, respectivamente.

> também afirmar que é uma realização natural as vogais seguidas de nasal se articularem mais fechadas que em outros contextos.

Com base nesse raciocínio, Mattos e Silva (2006, p.54) conclui que no PA: "não se pode ter certeza se já haveria uma distinção fonética entre [a̜] e [ḁ],[18] seguido de nasal, mas se pode admitir que uma oposição fonológica entre central aberta e fechada não existia".

Não foi possível identificar, nas CSM, rimas que comprovassem as diferentes realizações fonéticas do fonema /a/ no PA. Entretanto, o *corpus* analisado poderá trazer contribuições satisfatórias se considerarmos os argumentos utilizados por Said Ali (1964, p.34) para comprovar a ocorrência de duas realizações fonéticas para a vogal /a/ em posição acentuada no "português antigo":

> A distinção que em Portugal se faz entre *a* aberto e *a* fechado data de longo tempo. Não teria nos primeiros séculos da língua escrita a mesma extensão que hoje tem; mas que *a* fechado existia em português antigo conclui-se da circunstância de representar-se às vêzes, em sílaba átona, *a* etimológico pela letra *e*, e outras vêzes *e* etimológico pela letra *a*: *ventajem, estronomia, estrolosia, estroso, rezom, epocalipse, fantesia, mes* (em *Leal Conselheiro* alternando com *mas*), *abóbedas, tomás de equino* (*Leal Cons.*), *apístola, avangelho*, etc.

Diante de tais afirmações, preocupamo-nos em observar no glossário das CSM – organizado por Mettmann (1972) – se havia palavras que apresentavam uma alternância entre a vogal *a* e a vogal *e* em suas grafias. Foram identificadas alternâncias desse tipo não só entre as vogais pretônicas, conforme mencionara Said Ali (op. cit.), mas também entre as vogais tônicas das palavras do PA.[19]

---

18 Os símbolos [a̜] e [ḁ] utilizados por Mattos e Silva (2006) correspondem à vogal baixa aberta e fechada, respectivamente.

19 Como, neste capítulo, estamos tratando especificamente da realização tônica da vogal /a/, vamos apresentar, aqui, somente as variações gráficas, identificadas no *corpus* consultado, referentes à vogal baixa em posição tônica. As variações identificadas para a vogal /a/ em posição pretônica serão apresentadas mais adiante.

O Quadro 19 indica as variações gráficas referentes à vogal /a/ em posição acentuada, identificadas no *corpus* analisado.

Quadro 19 – Variação entre <a> e <e> em posição tônica, em termos do PA

<a>	<e>
antre (CSM 185)	**e**ntre (CSM 65, 193, 245, 267, 30, 411, 60, 14, 57, 79, 91, 404, 254, 419, 48, 69, 281)
quar**a**nta (CSM 417)	quar**e**nta (CSM 307 F)
preg**a**iras (CSM 57)	pregu**e**iras (CSM 151)

É interessante observar que, dos três casos de variação identificados no *corpus*, dois ocorrem diante de contexto nasal:

(4.57)

__a__ntre/*__e__ntre*

quar__a__nta/*quar__e__nta*

Esses dados reforçam as afirmações de Maia (1997) e Mattos e Silva (2006) sobre a realização fonética da vogal /a/ diante de contexto nasal, no PA. As variações indicadas em (4.57) sugerem que, no PA, a vogal /a/ realizava-se, muito provavelmente, como [ɐ] (fechado), diante de consoante nasal.

Tendo em vista as afirmações dos autores estudados, a respeito da realização do fonema /a/ no PA, bem como os dados anteriormente apresentados, pode-se concluir que havia, muito provavelmente, naquele momento da língua, apenas um fonema /a/, que podia ser realizado como aberto ou fechado, conforme o contexto em que se encontrava.

Vogal alta anterior (/i/)

Conforme mencionado no início deste capítulo, foram identificados, no *corpus* analisado, dois grafemas vocálicos, <i> e <y>, representando a vogal alta anterior /i/ em posição acentuada no PA.

O grafema <i> é mais recorrente, no *corpus* analisado, do que o grafema <y>, aparecendo na maioria dos termos identificados. Há termos que são grafados invariavelmente com <i> (por exemplo, *perd**i**, aprend**i**, aqu**i***) ou com <y> (algumas flexões do verbo *ouvir*: *o**y**, o**y**a,* entre outras), mas há termos que apresentam ora o grafema <i>, ora o grafema <y>, para representar o mesmo fonema /i/ (por exemplo, *ass**i**/ass**y**; al**i**/al**y***).

Granucci (2001, p.59), ao observar a ocorrência da vogal /i/ nas *cantigas de amigo*, identificou três grafemas vocálicos representando a vogal alta anterior (/i/): <i>, <y> e <j>.[20] Conforme se pode observar, o grafema vocálico <j>, identificado no *corpus* consultado por Granucci (idem), não foi identificado nas CSM – pelo menos nas edições organizadas por Mettmann (1986a, 1988, 1989). Pode ser que, nos manuscritos originais das cantigas medievais religiosas, esse grafema seja identificado. Todavia, não nos preocupamos em consultar os grafemas vocálicos das cantigas originais porque, nesse caso específico, o número de grafemas identificados para a vogal /i/ não influenciaria as interpretações fonológicas destinadas a esse fonema. Ao contrário do que se verificou para as vogais médias – em que havia um único grafema vocálico representando dois fonemas –, no caso da vogal alta anterior (/i/), há mais de um grafema representando o mesmo fonema. Nesse caso, portanto, não há muito que se discutir, uma vez que já foram identificadas evidências (mais de um grafema) que comprovam a ocorrência do fonema vocálico /i/ entre as vogais tônicas do PA. Vejamos, pois, o que diz Maia (1997, p.421) ao comparar o estudo da vogal /i/ ao estudo dos demais fonemas vocálicos, principalmente os referentes às vogais médias:

> O estudo destes grafemas [da vogal /i/] terá que ser inevitavelmente de natureza diferente do que foi feito em relação aos

20 Massini-Cagliari (1998, p.163) também verificou que mais de um grafema representava a vogal [i] nas *cantigas de amigo*, contidas no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* (CBN). Além dos grafemas (<i, j, y>) apontados por Granucci (2001), Massini-Cagliari (idem) identificou o grafema <h>, representando o som [i] em ditongos crescentes.

anteriores. De facto, através do estudo analítico antes realizado, revelou-se a polivalência dos referidos grafemas, sobretudo com mais segurança e evidência no que se refere a *e* e *o*. O trabalho então empreendido consistiu essencialmente em determinar o valor fónico e fonológico de cada um dos grafemas nos vários tipos de formas que sucessivamente foram analisadas. Neste momento, depara-se com uma situação totalmente distinta e menos importante sob o ponto de vista que nos ocupa: o mesmo fonema pode aparecer representado por diferentes grafemas – *i*, *y*, *j* [21] – alternando o emprego de cada um deles também no interior do mesmo texto. Em relação ao fonema /i/, os textos analisados revelam, pois, uma situação de poligrafia.

Não há, portanto, grandes dificuldades na identificação do fonema /i/ no sistema vocálico em posição acentuada do PA. A ocorrência desse fonema em posição acentuada no *corpus* analisado foi comprovada não por um, mas por dois grafemas: <i> e <y>. A comprovar que os dois grafemas representam um único fonema no *corpus* consultado, está a possibilidade de rima entre os grafemas distintos, já que, se eles representassem vogais com qualidades fonológicas diferentes, não haveria possibilidade de rima entre eles.

(4.58)

Aquela nav' y meteran per cordas, com' **aprendi**,
no rio que estrei' era, e non podia pois d' **y**
sair per nulla maneira; porend' estava **assy**
a nave come perduda, que ata en Monpesler
Ben pode seguramente demanda-lo que quiser
aa Virgen tod' aquele que en ela ben crever.
(2ª estrofe da CSM 271)

21 Conforme se pode observar, Maia (1997) também identificou, em seu material de análise, o grafema <j>, entre os grafemas que representam o fonema vocálico /i/.

Os dados comprovam, portanto, a ocorrência da vogal alta anterior (/i/) em posição acentuada no sistema vocálico do PA e mostram que ela aparece representada, no *corpus* analisado, pelos grafemas <i> e <y>.

Vogal alta posterior (/u/)

A vogal alta posterior (/u/) em posição acentuada não oferece dificuldade alguma de interpretação, conforme observamos anteriormente, uma vez que esse fonema está representado, no *corpus* analisado, por um único grafema vocálico <u>.

Nesse sentido, pode-se dizer que o *corpus* analisado confirma a ocorrência do fonema /u/, no sistema vocálico do PA, em posição acentuada, e mostra que ele está sendo representado, nas CSM, por um único grafema vocálico <u>. A seguir, está indicado um exemplo de rima, envolvendo a vogal <u> na sílaba tônica, na CSM 216:

(4.59)

Enton foi Santa Maria con el ao logar **u**
estava o demo. Quando viu a Madre de **Jesu**
Cristo, o demo lle disse: "Mentira fezische **tu**
en trager Santa Maria e a ta moller leixar."
O que en Santa Maria de coraçon confiar,
non se tema que o possa per ren o dem' enganar.
(8ª estrofe da CSM 216)

No capítulo 1, ao abordarmos aspectos referentes à periodização do PA na história da língua, mostramos que estudiosos como Michaëlis de Vasconcelos (1946) e Coutinho (1974) consideram que uma das diferenças linguísticas entre o PA (fase trovadoresca) e o português moderno está no fato de que, no século XIII, a vogal tônica, presente no morfema do particípio passado de verbos da segunda conjugação, era o <u> (*vend**u**do, sab**u**do, tem**u**do*), e não o <i> (*vend**i**do, sab**i**do, tem**i**do*). Naquele momento da língua, portan-

to, de acordo com os estudiosos, o particípio de verbos da segunda conjugação não se confundia com o particípio de verbos da terceira conjugação, como ocorre no português atual: *vendido, sabido, temido, perdido, conhecido* (verbos da segunda conjugação: *vender, saber, temer, perder, conhecer*); e *partido, servido, vestido, ferido* (verbos da terceira conjugação: *partir, servir, vestir, ferir*).

Com base nessas considerações de Michälis de Vasconcelos (1946) e Coutinho (1974), investigamos, nas CSM, a ocorrência do particípio passado de verbos de segunda e de terceira conjugação, a fim de verificarmos se os dados obtidos confirmavam as afirmações dos autores referidos.

Verificamos, com base na análise das CSM, que, de fato, no século XIII o particípio passado de verbos de segunda conjugação não se confundia com o particípio de verbos de terceira conjugação. A seguir, estão indicadas algumas ocorrências do particípio passado, em verbos da segunda conjugação, que foram registradas no *corpus* analisado:

(4.60)

*ascond**u**do*
*atrev**u**do*
*connoç**u**do*
*convert**u**do*
*deffend**u**do*
*perd**u**do*
*tem**u**do*
*venç**u**do*[22]

A terminação *-udo*, que constituía o particípio passado de verbos de segunda conjugação no PA, aparece nas rimas de 32 CSM (2, 9, 19, 25, 28, 34, 37, 61, 65, 69, 95, 115, 145, 175, 192, 205, 208, 213, 237, 255, 267, 297, 328, 333, 345, 348, 355, 375, 376, 403, 406, 422). O trecho da CSM 95, transcrito a seguir, constitui um exemplo desse tipo de rima no *corpus* analisado:

22 Exemplos retirados das rimas da CSM 28.

(4.61)

Mais o almiral dos mouros era **entendudo**,
que nom' Arrendaff' avia, e ome **sisudo**,
e nenbrou-lle daquel ome que fora **metudo**
ena sota da galea e y **ascondudo**,
e teve que por est' era seu feyto **perdudo**
e diss': "Amigos, fol éste quen a Deus contralla."
Quen aos servos da Virgen de mal se traballa
de lles fazer, non quer ela que esto ren valla.
(8ª estrofe da CSM 95)

As rimas terminadas em *-ido*, nas CSM, não contemplam verbos da segunda conjugação, conforme se pode observar no exemplo a seguir:

(4.62)

Este joyzo logo foi **comprido**,
e o romeu morto foi **resorgido**,
de que foi pois Deus **servido**;
mas nunca cobrar
pod' o de que foi **falido**,
con que fora pecar.
Non é gran cousa se sabe | bon joyzo dar
a Madre do que o mundo | tod' á de joigar.
(14ª estrofe da CSM 26)

Sistema vocálico do PA em posição tônica

Os dados deste estudo, interpretados ao longo do presente capítulo, confirmam, pois, para o PA, o sistema vocálico (oral) constituído de sete vogais em posição tônica apontado pelos estudiosos e indicado no segundo capítulo deste livro:[23]

23 Neste livro, apresentamos apenas os resultados de nossa investigação sobre o sistema vocálico oral do PA em posição acentuada. Seu sistema vocálico nasal em posição tônica será um dos temas abordados em nossos próximos estudos.

(4.63)

/i/ /u/
/e/ /o/
/ɛ/ /ɔ/
/a/

O PB atual conserva esse sistema vocálico, constituído de sete fonemas, em posição acentuada – se considerarmos para o PB atual o sistema vocálico proposto por Câmara Jr. (2007), apresentado no capítulo 2. As mudanças que se verificaram, com base no *corpus* analisado, estão relacionadas às vogais médias (anteriores e posteriores) de determinados termos do português, que mudaram de timbre, ao longo da história da língua, influenciadas por processos de natureza assimilatória, como a metafonia, conforme demonstrado ao longo deste capítulo.

Vogais pretônicas

Conforme mencionado no capítulo 2, os estudiosos apontam, para o PA, um sistema vocálico constituído de cinco vogais em posição pretônica:

(4.64)

/i/ /u/
/e/ /o/
/a/

Tendo em vista esse sistema fonológico de vogais pretônicas apontado pela literatura consultada, o objetivo deste item é verificar em que medida os dados obtidos confirmam ou não as informações dos estudiosos sobre as vogais pretônicas do PA.

Quando se analisou a grafia das CSM, foram identificados os seguintes grafemas vocálicos em posição pretônica:

(4.65)

<a>
<e>
<i> e <y>
<o>
<u>

O grafema <y> aparece no *corpus* como uma variante gráfica de <i>, ou seja, não foram identificados termos escritos invariavelmente com <y>.[24] Dessa forma, pode-se dizer que a vogal alta /i/ é representada pelo grafema <i> nas CSM, ocorrendo, em alguns poucos termos, variação entre esse grafema e o grafema <y>:

(4.66)

__i__guaes (CSM 114) /*__y__gual* (CSM 81, 292, 72)
__i__greja (CSM 74, 75) /*__y__greja* (CSM 35, 45, 52, 53, 59)

Na grande maioria dos termos, a vogal alta /i/ aparece invariavelmente representada pelo grafema <i>, conforme indicam os seguintes exemplos retirados do *corpus*:

(4.67)

c__i__dade (CSM 5, 9, 14, 15, 28, 69)
d__i__zer (CSM 2, 32, 46, 156, 283)
f__i__car (CSM 81, 86, 407)
pr__i__meiro (CSM 67, 91, 96, 154, 156, 187)

No que diz respeito aos demais grafemas, também foram identificados termos invariavelmente grafados com <a>, <e>, <o> e <u> na posição pretônica, conforme mostram os exemplos a seguir:

(4.68)

__a__brir (CSM 4, 234)
__a__gora (CSM 15, 16, 65, 71)

24 Ver nota 20 sobre os grafemas identificados por Massini-Cagliari (1998, p.163), na escrita do CBN, para representar o som [i].

*d**e**ver* (CSM 18, 25, 64, 192, 198)
*v**e**rtude* (CSM 9, 21, 30, 54, 57, 65, 73)
*f**o**rmiga* (CSM 399)
*m**o**ller* (CSM 1, 5, 6, 17, 21, 58, 75, 76)
*cr**u**el* (CSM 4, 27, 165, 393)
*m**u**dar* (CSM 54, 93, 295, 361)

Esses exemplos comprovam a ocorrência, no *corpus* analisado, de cinco grafemas em posição pretônica que representam, muito provavelmente, os cinco fonemas vocálicos apontados pelos estudiosos, no segundo capítulo deste livro, para o sistema de vogais pretônicas do PA.

Embora a grande maioria dos termos não apresente variação quanto à representação escrita de suas vogais pretônicas, foram identificadas algumas variantes gráficas, principalmente entre <e> e <i>, e entre <o> e <u>, em posição pretônica, nas CSM.

Tomando como exemplo algumas variedades do PB atual, em que há frequentes variações entre [e] e [i], assim como entre [o] e [u], em posição pretônica – pelo menos em determinados contextos – interpretamos esses casos de variação gráfica, identificados no *corpus* analisado, como indícios de possíveis variações fonéticas entre as vogais pretônicas do PA.

Também foram identificados, embora em menor quantidade, termos que apresentavam variação gráfica entre <e> e <a> em posição pretônica.

A seguir, apresentam-se as variações gráficas, identificadas nas CSM, entre os grafemas <e> e <i>, <o> e <u>, <a> e <e>.

Grafemas <e> e <i>

Maia (1997) revela que identificou, ao analisar documentos do PA, um número considerável de variações gráficas entre <e> e <i> em posição pretônica. Para Maia (idem, p.355), esses casos de varia-

ção gráfica podem estar refletindo flutuações fonéticas do português falado na época:

> Em posição átona, mas particularmente na sílaba pretónica, o grafema *e* apresenta-se, nos textos estudados, bastante instável, podendo alternar com outras vogais ou ditongos, ou até, algumas vezes, desaparecer: essa instabilidade gráfica é, certamente, o reflexo das profundas flutuações fonéticas que podiam sofrer as vogais átonas no antigo galego-português. [...] Aliás, o timbre das vogais átonas, sobretudo de *e* e *o* pretónicos, esteve, na fase antiga das línguas peninsulares, sujeito a grandes vacilações fonéticas, umas vezes de tipo espontâneo, outras, devido a fenómenos de tipo assimilatório.

Maia (1997) constata, pois, com base na análise de seu *corpus*, que "as vacilações fonéticas" a que esteve sujeita a vogal *e*, em posição pretônica, no PA, podiam ser espontâneas ou condicionadas por fenômenos do tipo assimilatório. Segundo a autora, o processo de harmonia vocálica (*midida*) é um dos principais responsáveis pelas variações entre <e> e <i>, em posição pretônica, no *corpus* que analisou.

Identificamos, nas CSM, os seguintes casos de variação gráfica entre <e> e <i> condicionada pela harmonia vocálica:

(4.69) Verbos:[25]

comedir (CSM 115, 126, 143, 154, 295, 401) /*comidir* (CSM 423)
consentir (CSM 14, 64) /*consintir* (CSM 281)
ferir (CSM 12, 31, 35, 47, 239) /*firir* (CSM 31 To, 59 To, 63 To)
pedir (CSM 21, 22, 44, 64, 98) /*pidir* (CSM 44 To, 98 To, 401)
repentir (CSM 10, 94, 204, 390) /*repintir* (CSM 98 To)

25 Neste capítulo, os verbos foram arrolados no infinitivo, porque estamos considerando a forma de entrada desses vocábulos no dicionário de Mettmann (1972), de onde foram retiradas as variantes apontadas aqui. Esses verbos, no entanto, aparecem conjugados em muitas das cantigas já indicadas. O mesmo vale para os verbos listados no próximo item deste capítulo, referente às vogais pretônicas posteriores.

(4.70) Não verbos:

crerezia (CSM 11, 115, 125, 208, 253, 405) / *crerizia* (CSM 66, 285)
eregia (CSM 15 T, 18) / *erigia* (CSM 15 E, To)
ferida (CSM 15, 22, 28, 35, 38, 84, 141, 159) / *firida* (CSM 28 To, 63 To, 84 To)
menina (CSM 79, 84, 94, 122, 132, 133, 180 T, 195, 378) / *minina* (CSM 180, 317, 285, 321)
menino (CSM 4, 5, 6, 21, 23, 53 T, 138 T, 215, 269, 378) / *minino* (CSM 53, 115, 149, 323, 393, 403, 406)
vegia (CSM 221, 266, 269, 319, 333) / *vigia* (CSM 15, 52, 116, 124, 144, 151, 182, 193, 234, 244)
verilla (CSM 19, 224) / *virilla* (CSM 19 T, To)
vezinna (CSM 104, 241, 315) / *vizĩa* (CSM 104 To)
vezinno (CSM 323, 389, 392, 411) / *vizinno* (CSM 359) / *vizĩo* (CSM 23 To)

A grande maioria desses termos preserva, no PB atual, a grafia com a vogal média etimológica <e> (*ferir, pedir, ferida, menino* etc.). Por sua vez, a variante com [i] (*firir, pidir, firida, minino*) é bastante frequente na fala de muitas variedades do PB atual, conforme mostram alguns estudos variacionistas desenvolvidos no País e indicados no segundo capítulo deste livro. A harmonia vocálica, de maneira geral, é bastante recorrente no PB atual, sendo, ainda, a responsável por grande parte dos casos de elevação de vogal pretônica na fala de algumas variedades da língua (cf. Carmo, 2009). Esses fatos constituem um argumento a favor de se considerarem as variações gráficas, apontadas em (4.69) e (4.70), como reflexos de variação fonética recorrente na língua falada no século XIII.

Desses termos, apenas *virilha* (*virilla*), *vizinho* (*vizinno/vizĩo*), *vizinha* (*vizĩa*) e *vigia* apresentam, no PB atual, uma vogal alta /i/ em suas sílabas pretônicas. Verificamos no dicionário etimológico de Machado (1952) que a vogal pretônica do vocábulo *vigiar* é proveniente de um *i* breve latino (*vĭgĭlāre*), que originou, no PA, a vogal média /e/ em posição pretônica, conforme indicado no segundo capítulo deste livro. Esses dados levam-nos a afirmar que, no PA,

ocorria a forma com vogal média etimológica <e>, representada em *vegia*, que variava com *vigia*, por causa da influência da vogal alta /i/, presente na sílaba tônica. Ao longo da história da língua, a variante fonética (*vigia*) foi incorporada pela fonologia e pela ortografia do português, em detrimento da variante com vogal média etimológica (*vegia*).

De uma maneira interessante, esses dados levam-nos a refletir sobre as relações que se podem estabelecer entre forma fonética, forma etimológica, forma ortográfica e forma de base quando se analisa a ocorrência de uma vogal em um termo qualquer. A vogal alta /i/, por exemplo, presente na forma de base e na ortografia padrão do termo *vigia* no PB atual, é proveniente de uma variante fonética, e não de uma variante etimológica (*vegia*), conforme mencionado anteriormente. No caso de um termo como *ferida*, a vogal pretônica etimológica <e> permanece (pelo menos na ortografia) no PB atual, embora a vogal alta [i] esteja constantemente presente na fala de muitas variedades da língua, provocada pela influência da vogal alta /i/ da sílaba tônica (harmonia vocálica).

No que diz respeito ao vocábulo *vizinno* (*vizinho*), verificamos, em Cunha (2000, p.826), que sua vogal pretônica é proveniente de um *i* longo latino (*vīcīnus*). A vogal etimológica, portanto, não explica a ocorrência da variante grafada com <e> no *corpus* analisado, uma vez que o *i* longo do latim originou, no PA, a vogal alta /i/ (*vizinno*), conforme mencionado no segundo capítulo deste livro. A grafia com <e>, nas variantes *vezinno* e *vezinna*, pode ter aparecido, nas CSM, por influência da grafia de termos como *vegia*, grafados com <e> etimológico, mas pronunciados, muito provavelmente, com [i], em determinadas situações, se considerarmos as variações gráficas (fonéticas?) já apontadas.[26]

Também foram identificados, nas CSM, casos de harmonia vocálica envolvendo a vogal alta posterior (/u/) na sílaba tônica:

---

26 Os dicionários etimológicos consultados não informaram se a vogal pretônica do termo *virilha* (derivado de *viril*) era longa ou breve no latim: *virīlis* (Cunha, 2000, p.824).

(4.71)

fegura (CSM 82, 149) / *figura* (CSM 29, 39, 44, 47, 76, 196, 256)
sesudo (CSM 62 E) / *sisudo* (CSM 28, 54, 65, 67, 95)
creatura (CSM 29, 39, 40, 201, 224, 335, 340, 399) / *criatura* (CSM 392)
meudo (CSM 208 F, 337 E, 119 T, 208 E) / *miudo* (CSM 28 E, T, To; 31 E, T; 46 T, To; 117 E, T; 119 E)
ameude (CSM 46 E, T; 67 T, To; 146, 161, 175, 184, 255 E) / *amiude* (CSM 42 To, 257, 303 E)
feuza (CSM 362) / *fiuza* (CSM 51, 362 To, F)

No caso de *fegura/figura*, a variação estendeu-se para o derivado nas variantes gráficas *fegurar/figurar*, também identificadas no *corpus*. Todos esses termos apresentam, no PB atual, uma vogal alta /i/ em suas sílabas pretônicas: *figura, figurar, sisudo, criatura, miúdo, amiúde* e *fiúza*.

Williams (1975, p.54) mostra que a vogal pretônica do termo *figura* é proveniente de um *i* breve latino (*fĭgūram*), que originou, no PA, uma vogal média /e/ em posição pretônica. Dessa maneira, a grafia com a vogal média, nas variantes *fegura* e *fegurar*, no *corpus* analisado, pode ser atribuída à origem dessas vogais no latim clássico. Os dados levam-nos a acreditar que, no PA, existia a forma *fegura*, com <e> etimológico, que variava com *figura*, não apenas na grafia, mas também, muito provavelmente, na fala, se considerarmos que a variação gráfica está refletindo uma variação fonética da época. Ao longo da história da língua, a variante com vogal média etimológica (*fegura*) deu lugar à variante fonética com vogal alta (*figura*), na sílaba pretônica, que foi incorporada pelos sistemas fonológico e ortográfico do português.

A grafia com vogal média da variante *creatura*, identificada no *corpus*, também pode ser atribuída a sua origem no latim clássico: *crĕatura* (cf. Machado, 1952). A variação gráfica entre *creatura* e *criatura* leva-nos a acreditar que, no PA, a vogal média (etimológica) do termo *creatura* variava com a vogal alta (*criatura*) na escrita e, muito provavelmente, na fala da época. Não podemos afirmar,

entretanto, como fizemos para o substantivo *figura*, que a vogal alta /i/, presente no termo *criatura* do PB atual, possa ser atribuída ao processo de harmonia vocálica, em razão da influência da vogal alta /u/ da sílaba tônica, uma vez que esse termo é um derivado do verbo *criar*,[27] que já aparece com vogal alta no *corpus* analisado.

Quanto à grafia com <e> na variante *feuza*, identificada no *corpus* analisado, não podemos explicá-la com base na etimologia da palavra, uma vez que verificamos, em Nunes (1960, p.57), que sua vogal pretônica é proveniente de um *i* longo do latim clássico (*fīdūcia*). A grafia com vogal média em *feuza* não é, portanto, etimológica, como em *fegura*. Ao contrário, a vogal etimológica, nesse caso, é a presente na variante *fiuza*, que permanece no PB atual. Como afirmamos para as variantes gráficas *vezinno* e *vezinna*, a grafia com vogal média em *feuza* pode ter sido adotada por influência dos termos grafados com <e>, mas pronunciados, muito provavelmente, com [i], diante de uma vogal alta na sílaba tônica – pelo menos em algumas variedades do PA – se considerarmos as variações gráficas, apontadas em (4.69), (4.70) e (4.71), como reflexos de variações fonéticas verificadas naquele momento da língua. Nesse caso, poderíamos arriscar dizer que quem grafou *feuza* considerou, possivelmente, que a vogal média /e/ (e não /i/) representasse a vogal etimológica (como em *fegura*), e que uma grafia com <i> refletiria apenas uma variação da fala (também como em *figura*) e que, por isso, não seria a mais "adequada" para ser adotada (seria, pois, um caso de hipercorreção no PA?).[28]

Além da harmonia vocálica, Maia (1997, p.366) aponta o fenômeno de assimilação à vogal alta da sílaba seguinte, que precede imediatamente a tônica (*cymjteiro*), como um dos responsáveis pela elevação da vogal pretônica /e/ no PA.

---

27 Os casos de levantamento de vogal pretônica em hiatos, como em *criar, incendiar* e *diante*, serão discutidos mais adiante.

28 Não encontramos informações etimológicas sobre a vogal pretônica das variantes *sesudo/sisudo*, *meudo/miudo* e *ameude/amiude*, anteriormente mencionadas, identificadas no *corpus*.

Identificamos, nas CSM, os seguintes casos de variação entre <e> e <i> relacionados à assimilação ao timbre da vogal alta (/i/) da sílaba adjacente:

(4.72)

arcediago (CSM 202 F, 204) / *arcidiago* (CSM 202)
avezimao (CSM 346) / *avizimao* (CSM 127, 329)
crocefigar (CSM 12 T, To; 267 F) / *crucifigar* (CSM 12, 99, 267)
esperital (CSM 16, 42, 91, 179, 324) / *espirital* (CSM 35)
nemigalla (CSM 65, 95, 117, 132, 178) / *nimigalla* (CSM 65 To, 75 E, To; 253 E)
pepion (CSM 85 T, 102, 145, 305) / *pipion* (CSM 85 E)
petiçon (CSM 146, 265, 305, 386, 401) / *pitiçon* (CSM 146 T, 401 To)
preguiçoso (CSM 37, 69, 171) / *priguiçoso* (CSM 363)

Para os derivados *petiçon* e *preguiçoso*, a explicação para o levantamento da vogal pretônica, nas formas *pitiçon* e *priguiçoso*, também pode estar nos substantivos primitivos *preguiça* ([*priguiça*]) e *pedir* ([*pidir*]) se levarmos em consideração as seguintes palavras de Bisol (1983, p.94): "o condicionamento por excelência é a vizinhança com alta seguinte (**medida ~ midida**) que se estende por paradigmas envolvendo vocábulos em que essa vogal não aparece (**aborrecer ~ aborricer ~ aborricido**)".

Maia (1997) também aponta a influência da consoante adjacente como um dos fatores responsáveis pela variação entre <e> e <i> no PA. Para a autora, muitos dos casos de redução vocálica, em documentos do PA, podem ser atribuídos à influência da consoante palatal – precedente (*Giraldo*) e seguinte (*myllor, piñor*).[29]

Identificamos, no *corpus* analisado, os seguintes casos de consoante palatal (na sílaba seguinte) favorecendo a variação entre <e> e <i>:

---

29 As consoantes grifadas em *myllor* e *piñor* correspondem às consoantes palatais /ʎ/ e /ɲ/, respectivamente.

(4.73) Consoante /ʒ/

legeiro (CSM 107 T) / *ligeiro* (CSM 242, 262, 354, 379, 408)
vergĩindade (CSM 2 To) / *virgĩindade* (CSM 2, 55, 90, 105, 132)

(4.74) Consoante /ɲ/

pennor (CSM 25, 62, 305, 369) / *pinnor* (CSM 62 T, To)

Bisol (1983, p.81), em seu estudo sobre a variação da vogal pretônica na diacronia do português, aponta casos de variação entre <e> e <i>, em determinados momentos da história da língua, condicionada pela influência da consoante velar adjacente (precedente ou seguinte).

Identificamos, no *corpus* analisado, os seguintes casos de variação entre <e> e <i>, envolvendo a consoante velar, seguinte ou precedente:

(4.75) Consoante /k/ (seguinte)

Alecante (CSM 339) / *Alicante* (CSM 339 F)

(4.76) Consoante /k/ (precedente)

crestal (CSM 235) / *cristal* (CSM 165, 172, 292)
creschandade (CSM 309) / *crischãidade* (CSM 107, 325)
creschão (CSM 205, 385) / *crischão* (CSM 4, 15, 25, 34, 46, 65, 253)
escrever (CSM 97, 251, 265) / *escriver* (CSM 110)

(4.77) Consoante /g/ (seguinte)

mengar (CSM 185) / *mingar* (CSM 253)
menguar (CSM 50, 308) / *minguar* (CSM 155, 180, 348, 414)
menguado (CSM 1, 6, 23, 48, 75, 111, 211) / *minguado* (CSM 253, 273, 335)
vengar (CSM 125 To, 177, 379) / *vingar* (CSM 2, 5, 15, 35, 65, 72, 125, 215, 238)
vengador (CSM 15 To) / *vingador* (CSM 15)

vengança (CSM 15 T, To; 115 E, To; 238 E) / *vingança* (CSM 9, 15, 19, 57, 117, 136, 154, 235, 289, 326) [30]

Maia (1997) também identifica, em documentos do PA, casos de variação da vogal pretônica em início absoluto de palavra. A esse respeito, Maia (idem, p.357) declara: "da análise dos diferentes tipos de grafia documentados em inicial absoluto, pode concluir-se que no galego-português, pelo menos desde o século XIII, /e/ se realizava, ou podia realizar-se, como [i] e, por vezes, como o ditongo *ei* [é̯i]".[31]

No *corpus* analisado, foi identificada a variação gráfica entre <e>, <i> e <ei>, em posição inicial absoluta, na palavra ***i**greja*, que aparece grafada, nas CSM, como ***e**greja*, ***ei**greja* e ***i**greja*. Segundo Williams (1975, p.55), todo *ei-* inicial do PA tornou-se *i* no português atual. O autor, inclusive, cita o substantivo *igreja* entre seus exemplos. Pode-se dizer, pois, que a variação gráfica, identificada no *corpus*, revela a ocorrência de três variantes diferentes no PA, *egreja/eigreja/igreja*, entre as quais, *egreja* está bem próxima da forma latina (*eclĕsĭam*), e *igreja* corresponde à forma verificada no português atual.

Identificamos também variação entre <e> e <i>, em posição inicial absoluta, diante de consoante nasal ou sibilante, refletindo, pois, a variação da vogal epentética:

(4.78) Nasal

enchar (CSM 54, 404) / *inchar* (CSM 199, 201, 244, 308, 315)
Engraterra (CSM 85 T) / *Ingraterra* (CSM 35, 221, 226)

(4.79) Sibilante

estoria (CSM 78, 115) / *istoria* (CSM 219)

---

30 É importante observar que a consoante nasal /N/ está travando a vogal pretônica de todos os exemplos de (4.77) – o que também pode estar favorecendo o levantamento da pretônica.

31 O ditongo [é̯i] transcrito por Maia (1997, p.357) corresponde ao ditongo [eɪ̯] nos padrões da IPA.

A comprovar a ocorrência da vogal epentética, diante de sibilante, estão os diversos casos de variação gráfica em termos que aparecem, no *corpus* consultado, ora grafados com vogal inicial <e>, ora grafados apenas com <s> inicial, sem preencher, portanto, o *onset* da sílaba, conforme demonstram os seguintes exemplos:[32]

(4.80)

sclarece (CSM 15) / ***e**sclarecer* (CSM 164)
scolar (CSM 291, v.11) / ***e**scolar* (CSM 291, v.1)
scrito (CSM 139) / ***e**scrito* (CSM 35, 65, 97, 219, 261, 384, 386)
scritura (CSM 53, v.2) / ***e**scritura* (CSM 6; 53, v. 38; 364, 384, 392, 403, 419)
scuso (CSM 102, 214) / ***e**scuso* (CSM 212, 305)

Também foi identificada, nas CSM, variação entre <e> e <i> em casos que a vogal pretônica encontra-se em hiato com a vogal tônica da sílaba seguinte – pelo menos no PA.

(4.81)

*alum**e**ar* (CSM 36, 49, 313 E, F; 316 E, F; 332 E; 340 E, 362) /
*alum**i**ar* (CSM 92)

Discussões sobre o estado atual da língua à parte, no que diz respeito à realização desses encontros vocálicos como hiato ou ditongo,

32 Massini-Cagliari (2005, p.98), ao analisar a ocorrência, nas CSM, da consoante <s>, em início de palavra, seguida de outra consoante (por exemplo, *strela, Spirito, sclareceu* etc.), constata que essa sequência sempre ocorre, no *corpus* analisado, depois de palavra terminada em vogal: o que "liga o 'S desgarrado' à coda da sílaba anterior". Nos casos em que não há uma vogal precedendo a sequência S+C (consoante), a autora mostra que o editor das CSM (Mettmann, 1986a, 1988, 1989) insere um <e> epentético para "acertar" a contagem das sílabas poéticas dessas cantigas. De acordo com Massini-Cagliari (idem), na CSM 384 (v.18), por exemplo, Mettmann (1989, p.282) insere uma vogal <e>, ao perceber que, sem essa vogal, o verso não teria o número de sílabas poéticas exigido pela métrica do poema: "que ao çeo semella quand' é con sas [e]**spl**andores".

são interessantes as seguintes palavras de Maia (1997, p.368-9) sobre a história dessas vogais pretônicas do português:

> O grafema *e* da sílaba pretónica, quando seguido de vogal tónica com a qual se encontra em hiato, pelo menos durante os primeiros séculos do período estudado, pode representar a vogal *e* (possivelmente *e* fechado) ou *i*. Como é sabido, neste contexto, a vogal *e* passou a *i*, inicialmente com valor vocálico e, portanto, constituindo núcleo de sílaba, passando mais tardiamente a ter valor assilábico, ou seja, de semivogal. Nuns casos, essa alteração da língua falada fixou-se na grafia (cf. *incendiar, diante, vier, criança,* etc.), continuando, no entanto, muitas formas a manter, ainda hoje, as grafias mais antigas (cf. *nomear, geada, passear,* etc.). [...] As escassas formas com *i* (*y* ou *j*) (cf. *criança, diante, vier*) provam que, pelo menos desde o séc. XIII, *e* pretónico em hiato com a vogal da sílaba tónica tinha começado a fechar-se em *i*.

Foram identificados também, nas CSM, casos de encontros vocálicos, como os já apontados, invariavelmente grafados com vogal <e>: *d**e**ante, d**e**anteiro, ad**e**ante,* entre outros.

Por fim, alguns casos de variação gráfica, identificados no *corpus* em questão, são entre termos derivados, construídos a partir dos sufixos *-idade* e *-mento*, conforme se pode observar nos exemplos a seguir:

(4.82) Sufixo *-idade*

*enferm**e**dade* (CSM 218, 221, 321, 367) / *enferm**i**dade* (CSM 54, 65, 93, 134, 166)

(4.83) Sufixo *-mento*

*atrev**e**mento* (CSM 34) / *atrev**i**mento* (CSM 34 T, To)
*entend**e**mento* (CSM 320, 382, 418) / *entend**i**mento* (CSM B, 34, 297, 423)

No caso dos termos com sufixo *-mento*, pode-se dizer que a vogal <e>, presente em cada uma das variantes, está relacionada à

vogal temática *e* dos verbos *atrev**e**r* e *entend**e**r*, a partir dos quais foram formados os substantivos *atrevimento* e *entendimento*, respectivamente.

De todas as variações identificadas no *corpus*, o levantamento da pretônica não pôde ser atribuído a um dos contextos fonéticos anteriormente mencionados em pouquíssimos casos:

(4.84)

*c**e**lorgião* (CSM 157, 177, 385) / *c**i**lurgiano* (CSM 177 M)
*mant**e**nente* (CSM 9, 15, 23, 25, 34) / *mant**i**nente* (CSM 253 E, 374)
*offer**e**çon* (CSM 31, 327, 417 To) / *offer**i**çon* (CSM 417 E)

Esses casos ficam ainda mais reduzidos se considerarmos o contexto da sibilante /s/ como favorecedor do levantamento de /e/ em posição pretônica, já que essa consoante partilha do mesmo traço (coronal) da vogal alta [i]. Embora não tenha sido mencionado por Maia (1997) e Bisol (1983), como favorecedor de redução vocálica (para a vogal /e/), o contexto da sibilante aparece em um dos casos de variação anteriormente apontados:

(4.85) Consoante /s/

*c**e**lorgião* / *c**i**lurgiano*

Além disso, se levarmos em consideração que a consoante /t/ também partilha o mesmo traço (coronal) da vogal alta [i], também explicaremos a variação em:

(4.86) Consoante /t/

*mant**e**nente* / *mant**i**nente*

Dessa forma, pode-se dizer que, para a grande maioria das variações gráficas entre <e> e <i>, identificadas no *corpus* analisado, havia um contexto fonético-fonológico favorecedor do levantamento da vogal pretônica. Esse fato constitui mais um argumento a favor de se considerarem essas variações gráficas como reflexos de variação

fonética da língua falada no século XIII, uma vez que o levantamento da pretônica ocorreu, na grande maioria dos dados indicados, em contextos específicos e bem delimitados, que são responsáveis pelo levantamento da vogal pretônica /e/ na fala de muitas variedades do PB atual, conforme revelam os estudos variacionistas desenvolvidos em diversas regiões do País (ver capítulo 2).

Com base no que foi exposto, pode-se dizer, portanto, que há, no *corpus* analisado, frequentes variações gráficas entre a vogal média <e> e a vogal alta <i>, condicionadas ou não pela influência de vogais ou consoantes adjacentes. Essas variações gráficas, identificadas no *corpus*, refletem, muito provavelmente, variações fonéticas da língua falada na época dos trovadores. Os dados obtidos mostram, inclusive, que muitos dos contextos fonético-fonológicos produtivos, no PB atual, quanto ao levantamento de vogal pretônica /e/, são bem antigos na língua: parecem atuar desde o século XIII.

Quanto à ocorrência das vogais anteriores, no sistema vocálico do PA, em posição pretônica, pode-se concluir, com base nos dados apresentados, que, no PA, ocorriam tanto /i/ como /e/ em posição pretônica, e, em determinadas situações, havia variação entre [e] e [i].

A comprovar a ocorrência dos fonemas /e/ e /i/, no *corpus* analisado, estão os muitos exemplos de palavras grafadas invariavelmente com <e> ou <i> em posição pretônica. Conforme observamos no início deste capítulo, a grande maioria dos termos identificados nas CSM não apresentava variação gráfica entre suas vogais pretônicas. No que diz respeito ao fonema /i/, aparecia representado pelo grafema <i>, na grande maioria dos termos identificados no *corpus*, que apresentava uma vogal alta na sílaba pretônica, conforme indicam os exemplos apontados em (4.67) (*c**i**dade, d**i**zer, f**i**car, pr**i**meiro*). O grafema <e> também representava, na maioria dos termos identificados, o fonema vocálico /e/, proveniente das vogais latinas *ĕ, ē* e *ĭ*. Além disso, foram identificados muitos termos, no PA, grafados invariavelmente com vogal média <e> em posição pretônica, proveniente de um *ĭ* do latim clássico, e que já não apresentam a mesma vogal, no português atual, conforme mostram os seguintes exemplos: ***e**mperador, **e**mperio, **e**nveja, l**e**cença, v**e**rtude, v**e**rtuoso*, entre outros.

Grafemas <o> e <u>

Sobre a variação gráfica entre as vogais posteriores em posição pretônica inicial absoluta, Mattos e Silva (2006, p.59), valendo-se também de exemplos retirados das CSM, declara o seguinte:

> Nessa distribuição, a grafia variável entre <o> / <u> e até mesmo o ditongo <ou> – simétrico ao que ocorre com <e>, <i>, <ei> – é esporádica; contudo está documentada [...] Nas *Cantigas de Santa Maria* (séc. XIII) e nos *D.S.G*[33] (séc. XIV) ocorrem: *homildade/humildade, homilde/humilde, homildoso /humildoso, homildança/humildança* (com ou sem *h* inicial); também *orgulho/urgulho*. Vale notar que em todos os exemplos destacados a vogal que tem representação gráfica variável está seguida de vogal alta na sílaba vizinha. Seria alteamento, se admitirmos a realização alteada, condicionado; mais um caso, portanto, de harmonização vocálica.

Das variantes apontadas por Mattos e Silva (idem), no que diz respeito às CSM, identificamos apenas a variação **_o_**_mildade/_**_u_**_mildade_, registrada no glossário organizado por Mettmann (1972), no qual foram registrados os termos **_o_**_mildança_, **_o_**_mildoso_ e **_o_**_rgullo_, todos sem nenhuma indicação a respeito da coexistência de variantes gráficas no *corpus* estudado.

No que diz respeito à variação gráfica entre as vogais posteriores, em posição pretônica interna, ou seja, em posição não inicial, Mattos e Silva (op. cit., p.60) afirma:

> Simetricamente ao que se passa na variação <e> / <i> nessa mesma posição, ocorre com as posteriores grafadas <o> / <u>: a variação gráfica mais destacada ocorre quando na sílaba acentuada estão /i/ e /u/, vogais ou semivogais. O mesmo fenômeno assimilatório, ou seja, a harmonização na direção da vogal alta, já está indicado na grafia do documento do século XIII.

33 *Diálogos de São Gregório*.

Nos dados que coletou, Maia (1997) também aponta a harmonia vocálica como um dos fatores responsáveis pela variação entre <o> e <u> em posição pretônica. Identificamos, nas CSM, os seguintes casos de variação entre vogais pretônicas posteriores, condicionada pela harmonização vocálica:

(4.87) Verbos

b**o**lir (CSM 21) / _b**u**lir_ (CSM 21 To)
desc**o**brir (CSM 93, 97, 115, 131, 149, 151, 159, 299, 316, 404, 405, 410) / _desc**u**brir_ (CSM 316 F)
destr**o**ir (CSM 15, 45, 90, 113, 267) / _destr**u**ir_ (CSM 384, 392, 401, 414)
f**o**gir (CSM 14, 17) / _f**u**gir_ (CSM 11, 33, 45, 155)
m**o**gir (CSM 325) / _m**u**gir_ (CSM 69)
n**o**zir (CSM 109, 134, 193) / _n**u**zir_ (CSM 5, 190)
**o**ngir (CSM 54, 93) / _**u**ngir_ (CSM 204, 404, 424)
rec**o**dir (CSM 5, 64, 244, 246, 317) / _rec**u**dir_ (CSM 184, 223, 257, 349, 399)
res**o**rgir (CSM 21, 143, 204, 224, 226) / _res**u**rgir_ (CSM 1, 76, 149, 168, 178)
s**o**bir (CSM 40, 45, 146, 165, 168, 180, 383) / _s**u**bir_ (CSM 285, 423)
s**o**mir-se (CSM 216) / _s**u**mir-se_ (CSM 36)
cons**o**mir (CSM 141, 222, 225) / _cons**u**mir_ (CSM 116, 413)

(4.88) Não verbos

Andal**o**zia (CSM 83 T, To) / _Andal**u**zia_ (CSM 83, 221, 235, 248, 367, 398)
T**o**dia (CSM 325 E; 344, v.12) / _T**u**dia_ (CSM 325 F; 326; 329; 344, v.1, 9, 18; 347)
mad**o**dinno (CSM 54, 55, 111, 152, 262, 407) / _mad**u**dinno_ (CSM 65 E, 367)
j**o**stiça (CSM 164, 175, 186, 291, 326, 352) / _j**u**stiça_ (CSM 78, 119, 164, 221, 291, 392, 401)
_j**o**iz_ (CSM 5, 72, 119, 235) / _j**u**iz_ (CSM 70, 76)
j**o**izo (CSM 26, 27, 48, 341, 401) / _j**u**izo_ (CSM 79, 240)

No caso de *j**o**stiça/j**u**stiça*, a variação estendeu-se para os derivados:

(4.89)

*j**o**sticeiro* (CSM 175, 193, 213, 349) / *j**u**sticeiro* (CSM 45, 302, 379, 392)
*j**o**sticiar* (CSM 193 T) / *j**u**stiçar* (CSM 193, 301, 357)

Conforme se pode observar, a grande maioria desses termos apresenta, no PB atual, uma vogal alta /u/ em suas sílabas pretônicas: *b**u**lir, destr**u**ir, f**u**gir, **u**ngir, ress**u**rgir, s**u**bir, s**u**mir* e *cons**u**mir*, entre os verbos, e *j**u**stiça, j**u**iz* e *j**u**ízo*, entre os nomes.

Dos exemplos arrolados em (4.87), somente *desc**o**brir* é grafado, no PB atual, com a vogal média etimológica <o>. Essa forma verbal (*desc**o**brir*), no entanto, é pronunciada com vogal alta [u] em posição pretônica por influência do timbre da vogal tônica, em muitas variedades do PB atual, conforme revelam os estudos variacionistas dedicados a esse tema (ver capítulo 2). Mais um argumento, portanto, a favor de se interpretarem as variações gráficas, apontadas em (4.87) e (4.88), como reflexos de variação fonética do português falado no século XIII: a variante gráfica *desc**u**brir* indica que a harmonia vocálica já era um fenômeno recorrente no português do século XIII.

No caso dos verbos *b**u**lir, destr**u**ir* e *f**u**gir*, as variantes grafadas com <o> (*b**o**lir, destr**o**ir, f**o**gir*), identificadas nas CSM, mostram que, naquele momento da língua (século XIII), a vogal etimológica <o>, proveniente de um *u* breve latino (*bŭllire, destrŭere, fŭgire*),[34] ainda ocorria no português (pelo menos na escrita). Por sua vez, as variantes grafadas com <u> levam-nos a acreditar que as formas com a vogal alta (*b**u**lir, destr**u**ir, f**u**gir*), presentes no PB atual, já apareciam, no PA, por causa do processo de harmonia vocálica. Além disso, esses dados levam-nos a afirmar que, ao longo da história da língua,

34 Informações retiradas de Cunha (2000). No segundo capítulo deste livro, mencionamos que o *u* breve latino originou, no PA, a vogal média /o/ em posição pretônica.

o português incorporou, em detrimento das variantes etimológicas (*bolir, destroir, fogir*), as variantes fonéticas (*bulir, destruir, fugir*), presentes na língua, ao que tudo indica, desde o PA.

Para as vogais pretônicas posteriores, cabe o mesmo raciocínio atribuído às vogais pretônicas anteriores, relacionado às associações que podem ser estabelecidas entre forma fonética, forma etimológica, forma ortográfica e forma de base de um determinado termo, no que diz respeito a suas vogais. A vogal alta /u/, presente na forma de base e na ortografia padrão de um termo como *fugir* no PB atual, é proveniente de uma variante fonética, e não de uma variante etimológica (*fogir*), como já mencionado. No caso do termo *descobrir*, a vogal pretônica etimológica <o> permanece (pelo menos na ortografia) no PB atual, mas a vogal alta [u] aparece com frequência na fala de muitas variedades da língua, por causa da influência da vogal alta /i/, presente na sílaba tônica (harmonia vocálica).

Quanto às variantes *m**o**gir*/*m**u**gir*, identificadas nas CSM, a grafia com <o> em *m**o**gir* não reflete a vogal etimológica do termo, uma vez que sua vogal pretônica é proveniente de um *u* longo latino (*mūgīre*), de acordo com Cunha (2000, p.537). Nesse caso, a vogal <u>, identificada na grafia atual desse termo (*m**u**gir*), corresponde a sua vogal etimológica (*ū*), e não à vogal de uma variante fonética, como em *b**u**lir* e *f**u**gir*. Dessa forma, a grafia com <o>, em *m**o**gir*, identificada no *corpus* analisado, talvez possa ser explicada pela influência da grafia de termos como *bolir* e *fogir*, por exemplo: quem grafou *mogir* teria acreditado que o /o/ fosse a vogal etimológica (como em *bolir* e *fogir*), e que uma forma grafada com <u> não seria a mais "adequada" porque refletiria apenas uma variação da fala, provocada pela harmonia vocálica.

Foi identificado, no *corpus* em questão, apenas um caso de variação entre <o> e <u> envolvendo a vogal alta /u/ na sílaba tônica (harmonia vocálica):

(4.90)

*sep**o**ltura* (CSM 15 To, 292, 312 F) / *sep**u**ltura* (CSM 15 E, T; 419)

Além disso, identificamos, no *corpus* analisado, um caso de variação entre <o> e <u> que pode ser atribuído à assimilação ao timbre da vogal alta /u/, presente na sílaba átona, que segue imediatamente a pretônica:

(4.91)

*env**o**rullar* (CSM 215) / *env**u**rullar* (CSM 180, 420)

Maia (1997) aponta ainda casos de variação entre <o> e <u>, em documentos do PA, condicionada pela influência da consoante adjacente. A autora mostra, assim, exemplos de redução vocálica, no PA, envolvendo a consoante labial (*p**u**dar, p**u**mares*), presente na sílaba contígua. Bisol (1983, p.81) também indica alguns casos de redução vocálica, em determinados momentos da história do português, condicionada pela influência da consoante labial (*alm**o**fada* ~ *alm**u**fada, b**o**stela* ~ *b**u**stela*), precedente ou seguinte.

Com consoante labial seguinte à vogal pretônica, foi identificado, nas CSM, o seguinte caso de variação:

(4.92) Consoante /b/

*ad**o**bar* (CSM 125, 286, 293) / *ad**u**bar* (CSM 95, 105, 172, 292, 335, 369)

Com consoante labial precedente à vogal pretônica, foram identificados, no *corpus* analisado, os seguintes casos de variação entre <o> e <u>:

(4.93) Consoante /b/

*b**o**rges* (CSM 311) / *b**u**rges* (CSM 93, 251, 265, 409)

(4.94) Consoante /m/

*com**o**yon* (CSM 104, 128) / *com**u**yon* (CSM 4 E, To; 104 To)

*escom**o**yon* (CSM 65) / *escom**ũ**yon* (CSM 65 T)

(4.95) Consoante /f/

*f**o**ndamento* (CSM 33, 364) / *f**u**ndamento* (CSM 358)

*f**o**rado* (CSM 211 M) / *f**u**rado* (CSM 211, 315)

Maia (1997) e Bisol (1983) também apontam casos de redução vocálica, na história do português, envolvendo a consoante palatal: *culler, muler, cunado*.[35]

Identificamos, nas CSM, os seguintes casos de variação envolvendo a consoante palatal, presente na sílaba seguinte:

(4.96) Consoante /ʒ/

cofojon (CSM 91, 239, 272) / *cofujon* (CSM 91 T, 272 F) / *confujon* (CSM 91 To)
celorgião (CSM 157, 177, 385) / *cilurgiano* (CSM177 M)

Embora Maia (idem) e Bisol (idem) não tenham apontado a consoante palatal que precede a vogal pretônica como favorecedora de variação entre <o> e <u>, identificamos, nas CSM, casos de variação envolvendo esse contexto:

(4.97) Consoante /ʒ/

jogar (CSM 6, 42, 136, 154, 156, 163, 254, 401) / *jugar* (CSM 174 E)
joigar (CSM 11, 26, 50, 75) / *juigar* (CSM 1, 235)

Para Bisol (op. cit., p.81), alguns dos casos de redução vocálica, identificados na diacronia do português, podem ser explicados pela influência da consoante velar (*colete* ~ *culete*) que precede a pretônica. Foram identificados, nas CSM, os seguintes casos de variação entre <o> e <u>, envolvendo a consoante velar precedente:

(4.98) Consoante /k/

ascoitar (CSM 16, 53, 214, 228, 236) / *ascuitar* (CSM 57, 65, 67, 99, 135)
coberto (CSM 28, 69, 154, 208, 318, 406) / *cuberto* (CSM 65, 208 F)
coidado (CSM 45 E, 199) / *cuidado* (CSM 45, 65, 83, 88, 218)

35 As consoantes grifadas correspondem às consoantes palatais /ʎ/ e /ɲ/, presentes nos termos do PB atual: *colher, mulher* e *cunhado*.

*c**o**idar* (CSM 75 E, T; 86 E; 104 E, To; 208 E; 209) / *c**u**idar* (CSM B, 4, 5, 8, 9, 26, 206, 213, 380)
*c**o**itelo* (CSM 84 E; 105 T, To) / *c**u**itelo* (CSM 5, 105, 157, 174, 184)
*c**o**lpar* (CSM 272 F) / *c**u**lpar* (CSM 38, 272)
*c**o**star* (CSM 5, 292, 306) / *c**u**star* (CSM 128, 218)
*c**o**teife* (CSM 22) / *c**u**teife* (CSM 194)
*cr**o**cefigar* (CSM 12 T, To; 267 F) / *cr**u**cifigar* (CSM 12, 99, 267)
*enc**o**berto* (CSM 401 To) / *enc**u**berto* (CSM 194, 401)

Maia (1997) e Bisol (1983) também não consideram a influência da consoante velar, na variação entre <o> e <u> pretônicos, quando esta sucede a vogal pretônica. Identificamos, no entanto, casos de variação entre <o> e <u>, no *corpus* analisado, envolvendo a consoante velar seguinte:

(4.99) Consoante /g/

*l**o**gar* (CSM 5, 7, 27, 28, 33, 34, 43, 63, 65, 94, 102, 121, 125, 281, 403) / *l**u**gar* (CSM 65, 71, 73, 75, 105)
*Port**o**gal* (CSM 271, 275) / *Port**u**gal* (CSM 95, 222, 224, 235, 237, 245, 267, 271, 275 F, 316, 416)

No caso das variantes *Port**o**gal* e *Port**u**gal*, é preciso ter em mente que o termo, envolvido nessa variação, é resultado da junção de duas palavras na história da língua: *Porto Gale*. Nesse caso, portanto, uma vogal átona final <o>, que podia ser realizada como [o] ou como [u], originou uma vogal pretônica em *Port**o**gal/Port**u**gal*.

A variação *l**o**gar/l**u**gar*, identificada no *corpus*, leva-nos a acreditar que, no PA, ocorria a forma com vogal média etimológica (do latim *locālis*),[36] representada na forma grafada com <o> (*l**o**gar*), que variava com *l**u**gar*. Ao longo da história do português, a forma com vogal alta (*lugar*) foi incorporada pela fonologia e pela ortografia da língua, em detrimento da forma com a vogal média etimológica (*logar*).

36 Ver Cunha (2000, p.482).

Das variações entre <o> e <u>, identificadas nas CSM, não apresentavam nenhum tipo de condicionamento aparente, que pudesse explicar a elevação da vogal pretônica, somente os seguintes casos:

(4.100)

***o**viar* (CSM 45, 419) / ***u**viar* (CSM 65, 108, 148, 228, 239, 345, 393, 420)
*pend**o**rar* (CSM 158, 159, 242, 271, 355) / *pend**u**rar* (CSM 13 E, T; 158 T; 242 F; 308)
*ress**o**citar* (CSM 11, v. 2; 21; 84 T; 111, v.2 ; 197) / *ress**u**citar* (CSM 6; 11, v.79; 43; 111, v.51; 168)
*s**o**spirar* (CSM 411) / *s**u**spirar* (CSM 71)
*vol**o**nter* (CSM 5, 35, 53, 115, 246, 256) / *vol**u**nter* (CSM 35 To)

Se considerarmos, no entanto, que a vogal alta presente na sílaba átona que segue imediatamente a vogal pretônica está influenciando a variação entre <o> e <u>, em ***o**viar*/***u**viar*, *ress**o**citar*/*ress**u**citar* e *s**o**spirar*/*s**u**spirar*, reduzimos os exemplos apontados em (4.100). Além disso, a variação *s**o**spirar*/*s**u**spirar* também pode estar associada à forma *suspiro*, que apresenta uma vogal alta na sílaba tônica.

Novamente, como para as vogais anteriores, a grande maioria das variações gráficas, identificadas nas CSM, ocorre diante de contextos específicos e bem-delimitados, que influenciam o levantamento de /o/, em posição pretônica, na fala de muitas variedades do PB atual (cf. Carmo, 2009). Esse fato, portanto, também como afirmamos para as vogais anteriores, constitui um argumento a favor de se interpretarem as variações gráficas, apontadas neste capítulo, como variações fonéticas do PA: muitos dos contextos fonético-fonológicos, responsáveis pela elevação da vogal pretônica /o/ em variedades do PB atual, já atuavam sobre as vogais do século XIII, conforme indicam os dados aqui apresentados.

Dessa forma, tendo em vista o que foi apresentado, pode-se dizer que a variação gráfica entre <o> e <u>, identificada no *corpus* analisado, reflete, muito provavelmente, variações fonéticas entre essas vogais no PA. Além disso, foi possível verificar que alguns casos de levantamento de vogal pretônica <o>, que se mostravam como

variantes fonéticas (ao que tudo indica), no PA, foram incorporados pela fonologia e pela ortografia da língua, em detrimento das variantes com vogal média etimológica, como é o caso do verbo *fugir*.

Este estudo, portanto, constitui um exemplo de como é possível obter informações fonéticas e fonológicas sobre as vogais pretônicas do português, partindo de dados escritos. Conforme se pôde observar ao longo deste capítulo, o presente estudo conseguiu estabelecer uma relação entre grafemas e fonemas do PA, assim como entre variação gráfica e variação fonética, partindo de uma metodologia adequada e de uma reflexão baseada em contextos fonético-fonológicos.

Enfim, no que diz respeito ao sistema vocálico do PA em posição pretônica, a conclusão para as vogais posteriores é a mesma apresentada para as vogais anteriores: havia, no PA, tanto o fonema /o/ quanto o fonema /u/ em posição pretônica, e, em determinadas situações, ocorria variação fonética entre essas vogais. A esse respeito, Bisol (1983, p.96) conclui, após seu estudo sobre as vogais pretônicas na diacronia do português:

> Este estudo parece apoiar a idéia de que havia no português antigo duas vogais e não uma só, tanto na série anterior quanto na posterior – a média e a alta – que se confundiam em determinados contextos, sob a pressão de um ou mais fatores como acontece com regras variáveis.

A comprovar a ocorrência dos dois fonemas /o/ e /u/ no PA, estão os muitos exemplos de termos invariavelmente escritos com <o> ou com <u> no *corpus* analisado. O fonema /u/, proveniente de um *ū* do latim clássico, aparece, na grande maioria dos termos, grafado invariavelmente com <u>, conforme demonstram os exemplos indicados em (4.68) (*cr**u**el, m**u**dar*). O fonema /o/ também aparece invariavelmente representado pelo grafema <o> na grande maioria dos termos identificados nas CSM, e muitos desses termos, como o substantivo *m**o**ller*, apresentavam, no PA, uma vogal média proveniente da vogal latina *ŭ*, diferente daquela que apresentam no PB atual (como *mulher*).

Grafema <a>

No que diz respeito ao fonema vocálico /a/ em posição pretônica, pode-se dizer que ele aparece, na grande maioria dos termos identificados no *corpus* analisado, representado pelo grafema <a>, conforme mostraram os exemplos apontados em (4.68) (***a**brir, **a**gora*).

Alguns termos identificados, entretanto, apresentaram variação entre os grafemas <a> e <e>. Conforme já mencionado, Said Ali (1964, p.34) afirma que a variação gráfica entre <a> e <e>, em alguns termos do PA, reflete uma possível distinção entre *a* aberto e *a* fechado, naquele momento da língua.

Em grande parte das variações gráficas, identificadas nas CSM, entre as vogais <a> e <e>, a vogal pretônica está travada por consoante nasal, conforme indicam os exemplos a seguir:

(4.101)

*Al**a**nquer* (CSM 316) / *Al**e**nquer* (CSM 271)
***A**mperadriz* (CSM 235, 419) / ***E**mperadriz* (CSM 5, 35, 115, 146, 298)
***a**nfaz* (CSM) / ***e**nfaz* (CSM 105, 122 T, 235)
*des**a**mparar* (CSM 51, 55, 171, 218, 299) / *des**e**mparar* (CSM 254)
*l**a**nterna* (CSM 134 T) / *l**e**nterna* (CSM 134, 405)

Nos demais casos de variação entre <a> e <e> pretônicos, identificados nas CSM, é a sibilante /S/ que aparece travando a vogal pretônica (do termo *esperar* e derivados), conforme indicam os seguintes exemplos:

(4.102)

***a**sperança* (CSM 23, 297, 303, 354, 386, 409) / ***e**sperança* (CSM 24, 62, 66, 119, 167, 241, 265)
***a**sperar* (CSM 195, 233, 368, 386, 417) / ***e**sperar* (CSM 42, 130, 419)
*des**a**sperado* (CSM 11, 65, 89, 201, 233) / *des**e**sperado* (CSM 11 To)
*des**a**sperar* (CSM 16, 272, 284) / *des**e**sperar* (CSM 16 To)
*des**a**sperança* (CSM 9, 154, 272) / *des**e**sperança* (CSM 9 To)

O termo *esperar* é proveniente do latim clássico *sperare*, de acordo com os manuais de filologia do português. Esse fato comprova, pois, a ocorrência de uma vogal pretônica epentética em todos esses termos.

Finalmente, para a vogal /a/, pode-se concluir que ela aparece, de uma maneira geral e quase invariável, representada pelo grafema <a> no *corpus* analisado. Em determinados contextos, entretanto, esse grafema varia com o grafema <e>, indicando possíveis variações fonéticas na realização do fonema /a/, no PA.

Sistema vocálico do PA em posição pretônica

Tendo em vista o que foi apresentado neste capítulo, sobre o comportamento das vogais pretônicas nas CSM, pode-se concluir que os dados obtidos comprovam a ocorrência de cinco vogais pretônicas no sistema fonológico do PA, confirmando, pois, o que disseram os estudiosos no segundo capítulo deste livro. Diante dessa constatação, apresentamos, a seguir, o sistema fonológico de vogais pretônicas do PA:

(4.103)

/i/ /u/
/e/ /o/
/a/

Vogais átonas finais[37]

Conforme mencionado no capítulo 2, Mattos e Silva (2006, p.55) propõe, para o PA, um sistema vocálico em posição átona final, cons-

37 Como os termos provavelmente proparoxítonos jamais aparecem em posição de rima (o que daria a certeza de sua pauta prosódica), no *corpus* analisado, estamos considerando apenas as vogais átonas finais para representar o sistema vocálico em posição postônica do PA. Todas as vogais postônicas identificadas nas rimas das CSM são, portanto, átonas finais.

tituído de três vogais: uma central, uma anterior e uma posterior. No tangente à realização fonética das vogais anteriores e posteriores, a autora afirma que haveria, no PA, variações que oscilariam entre [e] e [i], e entre [o] e [u], respectivamente. Para Granucci (2001, p.82), essas vogais átonas finais do PA podem ser representadas da seguinte maneira:

(4.104)

/e/ /o/
/a/

A literatura aqui abordada considera, pois, que, no PA, já se verificava a neutralização, que ocorre no PB atual, entre [e] e [i], e entre [o] e [u], em posição átona final. O objetivo agora é verificar o que os dados obtidos revelam sobre a realização das vogais do PA em posição átona final.

Foram identificados os seguintes grafemas vocálicos em posição átona final:

(4.105)

<a>
<e> e <i>
<o>

Conforme se pode observar, não identificamos, no *corpus* analisado, exemplos de termos grafados com a vogal <u> em posição átona final. No que diz respeito ao grafema <i>, aparece esporadicamente, nas CSM, sobretudo em algumas formas verbais (por exemplo, *fezisti*, *ouvi* etc.), sempre variando com o grafema <e> (por exemplo, *feziste, ouve* etc.). Pode-se dizer, portanto, que a vogal átona final anterior está representada, nas CSM, de uma maneira geral e quase invariável, pelo grafema <e>.

A seguir, apontamos e discutimos a ocorrência de cada um desses grafemas no *corpus* analisado.

Grafemas <e> e <i>

Sobre a variação entre os grafemas <e> e <i>, em posição átona final, em documentos do PA, Maia (1997, p.375-6) declara o seguinte:

> Em posição final, quer em final absoluto quer quando entravado por sibilante ou nasal, ocorre habitualmente, de modo relativamente estável, o grafema *e*. Contudo, nos textos estudados, registrei também formas em que, em vez do grafema *e*, surge o grafema *i*.
>
> O uso do grafema *-i* em vez de *-e* reflecte um fenómeno que já existiria na língua falada de então e que se manifesta ainda em vastas zonas dos actuais falares galego-portugueses: a realização de /e/ final como [i] ou como uma vogal de timbre intermédio entre *-e* e *-i*.

Ao analisarmos as rimas das CSM mapeadas por Betti (1997), identificamos as seguintes terminações com o grafema <e> em posição átona final:

(4.106) Em final absoluto

*-ad***e**
*-adr***e**
*-ag***e**
*-am***e**
*-and***e**
*-ar***e**
*-art***e**
*-ass***e**
*-ast***e**
*-av***e**
*-ec***e**
*-ed***e**
*-id***e**
*-iss***e**
*-ist***e**
*-obr***e**
*-ol***e**
*-om***e**
*-ont***e**
*-orr***e**
*-ort***e**
*-ost***e**
*-ouss***e**
*-ouv***e**
*-ud***e**
*-um***e**

(4.107) Em sílaba travada por sibilante /s/

*-ad***es**
*-agr***es**
*-ard***es**
*-ar***es**
*-art***es**
*-ast***es**
*-ec***es**
*-ed***es**
*-erd***es**
*-er***es**
*-ist***es**
*-obr***es**
*-oc***es**
*-ont***es**
*-or***es**
*-oz***es**

(4.108) Em sílaba travada por nasal /n/

*-ag***e***n*
*-ar***e***n*
*-ass***e***n*
*-az***e***n*
*-ec***e***n*
*-iss***e***n*

A seguir, estão indicados alguns trechos das CSM envolvendo essas terminações em suas rimas:

(4.109)

E nunca nos podia | ja mayor amizad**e**
mostrar que quand' adusse | mandado, con verdad**e**,
que Deus ome seria | pola grand' omildad**e**
que ouv' a Virgen sigo.
Muito foi noss' amigo
Gabriel, quando disse:
"Maria, Deus é tigo."
(2ª estrofe da CSM 210)

(4.110)

Entre Deus e as gentes | que foren pecador**e**s.
Poren vay-te ta via | e leixa teus pastor**e**s
que guarden teus gãados; | ca muito son mayor**e**s
de Deus as sas merçees | ca ren que foss' osmada.
Bẽeyto foi o dia | e benaventurada
a ora que a Virgen | Madre de Deus, foi nada.
(19ª estrofe da CSM 411)

(4.111)

Cabo do Fillo daquela omag**e**n
e diss' o menynno: "Queres papar?"
Mais la figura da Virgen mui sag**e**n

diss' a seu Fillo: "Di-lle sen tardar
que non ss' espante,
mais tigo jante
u sempre cant' e
aja solaz
e seja quito
do mui maldito
demo que scrito
é por malvaz."
Maravillosos e piadosos
e mui fremosos
miragres faz
Santa Maria,
a que nos guia
ben noit' e dia
e nos dá paz.
(3ª estrofe da CSM 139)

Não foram identificados casos de rima entre sílaba aberta e sílaba travada por sibilante ou nasal, envolvendo a vogal <e>, em posição átona final. No caso da terminação -*agen*, que aparece apenas na CSM 139, identificamos a variante -*age* que aparece em três cantigas, transcritas a seguir:

(4.112)

Pois foi en Santa Maria, mostrou-sse por bestia sag**e**:
meteu-sse na ssa eigreja e parou-ss' ant' a omag**e**;
e por aver ssa raçon
foi u as bestias metudas
eran, que ena maison
foran dadas ou vendudas.
Tanto, se Deus me perdon,
son da Virgen connoçudas
sas mercees, que quinnon

queren end' as bestias mudas.
(8ª estrofe da CSM 31)

(4.113)

E macar a dona de gran linnag**e**
era, non quiseron dela menag**e**
seus devedores; mais deu-lles en gag**e**
seu fill', onde foi pois mui repentuda.
Santa Maria sempr' os seus ajuda
e os acorr' a gran coita sabuda.
(3ª estrofe da CSM 62)

(4.114)

A moça, que sag**e**
foi, aquel viag**e**
fez com' é usag**e**;
foi quant' ir podia
aa mui briosa
abadess' e seu messag**e**
contou mederosa-
Quena festa e o dia
da mui Groriosa
quiser guardar todavia,
seer-ll-á piadosa.
(19ª estrofe da CSM 195)

Entre todas as terminações indicadas, apenas -*iste* apresenta variação com a terminação -*isti*, ambas referentes à segunda pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Tendo em vista essa variação gráfica, analisamos as rimas das CSM a fim de verificar se os verbos terminados em -*isti* rimavam com os verbos terminados em -*iste*. Não identificamos uma rima direta entre essas terminações, mas verificamos que elas ocorrem em uma mesma cantiga (CSM 40), conforme indicado a seguir:

(4.115)

Deus te salve, groriosa
Rea Maria,
Lume dos Santos fremosa
e dos Ceos Via.

Salve-te, que **concebiste**
mui contra natura,
e pois teu padre **pariste**
e ficaste pura
Virgen, e poren **sobiste**
sobela altura
dos ceos, porque **quesiste**
o que el queria.
Deus te salve groriosa...

Salve-te, que **enchoisti**
Deus gran sen mesura
en ti, e dele **fezisti**
om' e creatura;
esto foi porque **ouvisti**
gran sen e cordura
en creer quando **oisti**,
ssa mesageria.
Deus te salve, groriosa...

Salve-te Deus, ca nos **disti**
en nossa figura
o seu Fillo que **trouxisti**,
de gran fremosura,
e con el nos **remisti**
da mui gran locura
que fez Eva, e **vencisti**
o que nos vencia.
Deus te salve, groriosa...

Salve-te Deus, ca **tollisti**
de nos gran tristura

u por teu Fillo **frangisti**
a carcer escura
u yamos, e **metisti**
nos en gran folgura;
con quanto ben nos **visti**,
queno contaria?
Deus te salve, groriosa...
(CSM 40)

Nessa cantiga, embora não haja uma rima direta entre as terminações *-iste* e *-isti*, pode-se dizer que essas duas terminações estão representando, se não um mesmo som, um som bastante próximo (com diferença nada ou muito pouco perceptível), uma vez que, conforme se pode observar, as mesmas rimas são repetidas em todas as estrofes: *-iste, -ura, -iste, -ura, iste, -ura, -iste, -ia, -osa, -ia, -osa* e *-ia*. Pode-se dizer, pois, que esse fato constitui um argumento a favor de se considerar que, no PA, não havia oposição fonológica entre /e/ e /i/, em posição átona final.

Após analisar a ocorrência das vogais <e> e <i> nas rimas das CSM, consultamos todos os vocábulos presentes no glossário de Mettmann (1972), a fim de identificar casos de variação entre essas vogais em posição átona final nos demais termos do *corpus* analisado, que não haviam aparecido nas rimas. Foram identificados pouquíssimos casos de variação entre <e> e <i> em posição átona final. Na grande maioria dos casos, a variação ocorre entre formas verbais, conforme mostram os exemplos a seguir:

(4.116) Em final absoluto

(4.116a) Verbos

*ouv**e*** (CSM 1, 2, 4, 5, 7) / *ouv**i*** (CSM 25, 38)
*ouvist**e*** (CSM 241, 350, 420, 422) / *ouvist**i*** (CSM 40)
*dix**e*** (CSM 55, 125, 144, 233, 238) / *dix**i*** (CSM 196)
*dist**e*** (CSM 105) / *dist**i*** (CSM 40)
*fezist**e*** (CSM 6, 14, 32, 75, 84) / *fezist**i*** (CSM 40)

(4.116b) Nomes

sangue (CSM 38 T To, 73, 104, 133, 149) / *sangui* (CSM 38 E, 101, 104, 154, 222)

(4.117) Em sílaba travada por nasal /n/

orden (CSM 13, 42, 47, 59, 76, 82, 201, 204, 365) /*ordin* (CSM 7, 88, 154, 241, 354, 304, 332, 365)

Com base no que foi apresentado, pode-se dizer que os dados obtidos levam-nos a acreditar que, no PA, não havia, de fato, distinção fonológica entre as vogais /e/ e /i/ em posição átona final. Os casos de variação entre os grafemas <e> e <i>, nos exemplos indicados, apontam para possíveis variações fonéticas na realização desse fonema, no PA.

Grafema <o>

Ao analisarmos as rimas das CSM mapeadas por Betti (1997), não identificamos a ocorrência do grafema <u> em posição átona final. O grafema <o> aparece, portanto, em todas as rimas que apresentam uma vogal posterior em posição átona final:

(4.118) Em final absoluto

-aço	*-avo*	*-ico*	*-orto*
-ado	*-eço*	*-iço*	*-oso*
-afo	*-edo*	*-ido*	*-osso*
-ago	*-ego*	*-igo*	*-osto*
-allo	*-eiro*	*-indo*	*-ouco*
-alo	*-eito*	*-isto*	*-ouro*
-alto	*-ello*	*-ivo*	*-udo*
-ando	*-elo*	*-ogo*	*-uito*
-ano	*-ero*	*-oiro*	*-undo*
-anto	*-esto*	*-ojo*	*-uro*
-asso	*-eso*	*-ondo*	*-uso*

(4.119) Em sílaba travada por sibilante /s/

*-ad**o**s*
*-am**o**s*
*-an**o**s*
*-ant**o**s*
*-eir**o**s*
*-eit**o**s*
*-el**o**s*
*-em**o**s*
*-erm**o**s*
*-id**o**s*
*-ig**o**s*
*-ill**o**s*
*-oll**o**s*
*-ort**o**s*
*-os**o**s*
*-our**o**s*
*-ud**o**s*

(4.120) Em sílaba travada por nasal /n/

*-ar**o**n*
*-er**o**n*

Os exemplos apresentados a seguir mostram a ocorrência de algumas dessas terminações nas rimas das CSM:

(4.121)

E os panos con que era ende o altar copert**o**
eran ricos e mui nobres, esto sabemos por cert**o**;
e per cima da eigreja era o teito cobert**o**;
e ostias y menguavan e vynno branqu' e vermell**o**.
*A Madre de Deus que éste do mundo lum' e espell**o**,*
*sempre nas cousas minguadas acorre e dá conssell**o**.*

Ond' avo na gran festa desta Virgen en Agost**o**
que entrou u ome bõo, e viu estar desapost**o**
o altar e disse logo: "Par Deus, muit' é gran dost**o**
d'o feito da Virgen santa seer metud' a trebell**o**."
*A Madre de Deus que éste do mundo lum' e espell**o**,*
*sempre nas cousas minguadas acorre e dá conssell**o**.*
(trecho da CSM 273)

(4.122)

Ca os que y jajavan foron sãos e guarid**o**s,
e os que comeron carne, maltreitos e mal ferid**o**s;
e macar que sse preçavan de fortes muit' e d' ardid**o**s,

non foi tal que non dissesse: "Quen foss' og' en Santaren!"
Maravillo-m' eu com' ousa a Virgen rogar per ren
aquele que as sas festas non guarda e en pouco ten.
(7ª estrofe da CSM 277)

(4.123)

Quand' esto diss' o meno, | quantos s'y acertar**o**n
aos judeus foron logo | e todo-los matar**o**n;
e aquel que o ferira | eno fogo o queimar**o**n,
dizendo: "Quen faz tal feito, | desta guisa o rende."
A que do bon rey Davi
de seu linnage decende,
nenbra-lle, creed' a mi,
de quen por ela mal prende.
(17ª estrofe da CSM 6)

Entre as vogais posteriores, também não foram identificados casos de rima, no *corpus* analisado, entre sílaba aberta e sílaba travada por sibilante ou nasal, envolvendo a vogal <o>, em posição átona final.

Como mencionado anteriormente, não encontramos, nas CSM, termos grafados com <u> átono final.[38] A vogal posterior em posição átona final aparece invariavelmente representada pelo grafema <o>: *engan**o*** (CSM 26), *estad**o*** (CSM 65), *feit**o*** (CSM 6), *forn**o*** (CSM 258), *gross**o*** (CSM 242), *lour**o**s* (CSM 325), *raivos**o*** (CSM 393), entre outros exemplos.

Com base no que foi exposto, pode-se dizer que os dados obtidos levam-nos a acreditar que não havia, no PA, oposição fonológica entre /o/ e /u/ em posição átona final, confirmando, pois, a neutralização entre esses fonemas proposta pelos estudos abordados no segundo capítulo deste livro.

38 Identificamos apenas um caso de variação gráfica, nas CSM, envolvendo o grafema <u>, mas a vogal postônica, nesse caso, não é final: *dicip**o**lo* (CSM 426, 427) e *discip**u**lo* (CSM 398).

Pode-se dizer, portanto, que a conclusão para a vogal posterior em posição átona final é simétrica em relação ao que se concluiu para a vogal anterior: há, no PA, uma neutralização entre vogais médias e altas, nessa posição do acento, tanto para as vogais anteriores (/e/ e /i/) quanto para as vogais posteriores (/o/ e /u/).

É possível afirmar ainda que essa linearidade entre vogais anteriores e posteriores é parcial se levarmos em consideração os casos de variação gráfica entre <e> e <i>, e entre <o> e <u>, identificados nas CSM. Enquanto, para as vogais anteriores, foram identificados (embora poucos) exemplos dessa variação gráfica entre vogal média e vogal alta, para as vogais posteriores, não foram registrados termos grafados com <u> átono final.

O fato de não termos registrado casos de variação gráfica entre <o> e <u> em posição átona final, no *corpus* analisado, não prova, no entanto, que não ocorriam, no PA, variações fonéticas entre [o] e [u] átonos finais. A variação pode não ter sido registrada por razões morfológicas, por exemplo, já que a vogal <o> está, geralmente, associada à marca do gênero masculino no português. Por sua vez, a total falta de dados que registrem a ocorrência da vogal <u> em posição átona final, nas CSM, pode estar indicando que, naquele momento da língua (século XIII), ao contrário do que ocorre no PB atual, era mais comum a ocorrência de [o], nessa posição, do que de [u].

Grafema <a>

Quanto ao grafema <a>, não foram identificados casos de variação envolvendo esse grafema em posição átona final. Para Maia (1997, p.519):

> A vogal *a*, historicamente representante, quer de /ā/, quer de /ă/ do latim clássico, parece sujeita a poucas alterações. Efectivamente, nessa posição, são muito escassas as transformações que o estudo da grafia deixa entrever; de maneira quase uniforme, aparece o grafema *a*: CAUSA- > *cousa*, CAUSAS > *cousas*, MONETA > *moeda*, FACIAM > *faça*, FACIANT > *façam*, etc.

No tangente às rimas das CSM, foram identificadas, com base no levantamento de Betti (1997), as seguintes terminações com a vogal <a> em posição átona final:

(4.124) Em final absoluto

*-aç**a***	*-ann**a***	*-eit**a***	*-ert**a***	*-ill**a***	*-ouc**a***
*-ad**a***	*-ant**a***	*-ej**a***	*-erv**a***	*-int**a***	*-ous**a***
*-ag**a***	*-ar**a***	*-ell**a***	*-es**a***	*-ir**a***	*-ud**a***
*-al**a***	*-arc**a***	*-enç**a***	*-ess**a***	*-irg**a***	*-ull**a***
*-all**a***	*-ard**a***	*-end**a***	*-est**a***	*-iv**a***	*-ur**a***
*-alv**a***	*-art**a***	*-enn**a***	*-et**a***	*-onn**a***	
*-am**a***	*-at**a***	*-ent**a***	*-ev**a***	*-or**a***	
*-anc**a***	*-av**a***	*-er**a***	*-ez**a***	*-ort**a***	
*-anç**a***	*-edr**a***	*-ern**a***	*-id**a***	*-os**a***	
*-and**a***	*-eir**a***	*-err**a***	*-ig**a***	*-oss**a***	

(4.125) Em sílaba travada por sibilante /s/

*-ad**a**s*	*-ell**a**s*
*-all**a**s*	*-ent**a**s*
*-and**a**s*	*-ez**a**s*
*-ann**a**s*	*-id**a**s*
*-av**a**s*	*-ill**a**s*
*-eir**a**s*	*-inn**a**s*
*-ej**a**s*	*-ud**a**s*
*-el**a**s*	*-uit**a**s*
*-el**a**s*	*-ur**a**s*

(4.126) Em sílaba travada por nasal /n/

*-ar**a**n*
*-at**a**n*
*-av**a**n*
*-er**a**n*
*-ir**a**n*
*-or**a**n*

Os exemplos a seguir mostram a ocorrência de algumas dessas terminações, envolvendo a vogal átona final <a>, nas rimas das CSM:

(4.127)

Aqueste mour' er**a**
daquel om' e seu
cativo, e fer**a**-
ment' era encreu;
e ja o quiser**a**
de grad' e fezer**a**
crischão e der**a**
lle de seu aver.
Mais non poder**a**,
macar lo disser**a**,
con el, ca tever**a**
sempr' en descreer
Muitas vegadas o dem' enganados
ten os omes, porque lles faz creer
muitas sandeces; e taes pecados
desfaz a Virgen por seu gran saber.

Ena Grorios**a**,
e a razõar
mal e soberviosa**a**-
ment' e desdennar
que era 'ng[an]os**a**
muit' e mentiros**a**
sa fe e dultos**a**
e sen prol ter;
e tal revoltos**a**
cous' e enbargos**a**
e d' oir nojos**a**
non é de caber.
Muitas vegadas o dem' enganados...
(trecho da CSM 192)

(4.128)

Sequer enas bestias mud**a**s
nos mostra muitas ajud**a**s

grandes e mui con[n]osçud**a**s
a Sennor que todo vee.
En todo nos faz merçee
a Sennor que todo vee.
(2ª estrofe da CSM 375)

(4.129)

Que en Sopetran aor**a**n
muitos e ant' ela chor**a**n;
poren muito non demor**a**n
que non sejan perdõados
Aos seus acomendados
a Virgen tost' á livrados.
(6ª estrofe da CSM 83)

Para a vogal <a> em posição átona final, também não foram identificados, no *corpus* analisado, casos de rima entre sílaba aberta e sílaba travada por sibilante ou nasal.

Com base no exposto, pode-se dizer que as rimas e a grafia das CSM comprovam a ocorrência de um fonema /a/ em posição átona final, no PA, mas nada informam a respeito de possíveis variações fonéticas na realização desse fonema, naquele momento da língua.

Sistema vocálico do PA em posição átona final

Tendo em vista o que foi apresentado neste capítulo sobre os grafemas vocálicos, identificados nas CSM em posição átona final, pode-se dizer que os dados obtidos levam-nos a acreditar que o sistema fonológico de vogais átonas finais do PA era constituído de três vogais, que podem ser representadas da seguinte maneira:

(4.130)

/e/ /o/
/a/

Conclusão

Ao final da análise das rimas e da grafia das CSM, foi possível obter uma descrição fonológica dos sistemas vocálicos do PA em posição tônica, pretônica e átona final.

No que diz respeito às vogais tônicas do PA, identificamos, no *corpus* analisado, sete fonemas vocálicos: /a, ɛ, e, i, o, ɔ, u/. Com base na análise das rimas das CSM, foi possível identificar a distinção de timbre entre as vogais médias, em posição acentuada, do PA. Ao observarmos as possibilidades e impossibilidades de rima no *corpus* analisado, verificamos que havia, tanto para as vogais médias anteriores quanto para as vogais médias posteriores, a ocorrência de dois fonemas vocálicos sendo representados por um único grafema: <e>, representando /e/ e /ɛ/, entre as vogais médias anteriores; e <o>, representando /o/ e /ɔ/, entre as vogais médias posteriores.

Além disso, constatamos que a vogal média de alguns termos do PB atual em posição acentuada, tais como ***e**u, m**e**u, D**e**us, inv**e**ja, **e**ssa, glori**o**sa, form**o**sa, j**o**go, f**o**go*, entre outros exemplos, era pronunciada, no PA, com um timbre vocálico diferente do atual. Todos esses termos constituem casos que representam, no PB atual, uma exceção à regra de substituição das vogais do latim clássico pelas vogais médias do português. Este estudo provou que, no PA, essa regra de substituição, fartamente descrita pelas gramáticas históricas e pelos

manuais de filologia do português, fora respeitada. Apenas em um período mais recente da língua portuguesa (posterior ao século XVI, muito provavelmente), houve uma mudança no timbre vocálico dessas palavras que as distanciou de suas formas etimológicas, não nos permitindo identificar, em suas vogais tônicas, um timbre vocálico correspondente à quantidade que possuíam em sua origem latina.

Dessa forma, pode-se dizer que este livro, além de trazer informações a respeito do timbre vocálico com que eram pronunciadas certas palavras, em um momento passado da língua, que não possui registros orais, também traz pistas importantes a respeito da datação do início do período de atuação de certos processos assimilatórios (tais como a metafonia), no contínuo temporal da língua. Este estudo vem afirmar, portanto, que, na segunda metade do século XIII, período em que foram escritas as CSM, o processo tradicionalmente chamado de metafonia ainda não havia atuado sobre a vogal média dos termos aqui analisados, e que, naquele momento da língua, a vogal tônica desses termos conservava o timbre correspondente a seu étimo latino.

No tangente às vogais pretônicas do PA, os dados por nós obtidos apontaram um sistema fonológico constituído de cinco vogais: /a, e, i, o, u/. Foram identificados, no *corpus* analisado, frequentes casos de variação entre <e> e <i> e entre <o> e <u>, em posição pretônica. Verificamos que os contextos fonético-fonológicos em que ocorreram essas variações gráficas, nas CSM, favorecem o levantamento de vogal pretônica em muitas variedades do PB atual. Esse fato levou-nos a interpretar as variações gráficas identificadas no *corpus* considerado como possíveis casos de variação fonética entre as vogais pretônicas do PA. Além disso, concluímos que muitos dos processos responsáveis pela elevação da vogal pretônica, no PB atual, como a harmonia vocálica, são bem antigos na língua; parecem atuar desde o século XIII.

Também foi possível verificar que alguns casos de levantamento de vogal pretônica, que se mostravam como variantes fonéticas (ao que tudo indica), no PA, foram incorporados pela fonologia e pela ortografia da língua, ao longo da história do português, em

detrimento das variantes com vogal média etimológica, como em *v**i**gia, f**i**gura, f**u**gir, b**u**lir* e *destr**u**ir*. As variações gráficas entre vogal média e vogal alta em posição pretônica, identificadas no *corpus* analisado, levaram-nos a constatar que, no PA, ocorriam as formas com vogal média etimológica (*v**e**gia, f**e**gura, f**o**gir, b**o**lir* e *destr**o**ir*), que variavam, muito provavelmente, com *v**i**gia, f**i**gura, f**u**gir, b**u**lir* e *destr**u**ir*, na língua falada no século XIII, em razão do processo de harmonia vocálica.

Este estudo, portanto, além de trazer informações sobre a realização das vogais pretônicas, no PA, traz algumas reflexões sobre as relações que se podem estabelecer entre forma fonética, forma etimológica, forma ortográfica e forma de base, quando se analisa a ocorrência da vogal pretônica em um termo qualquer do português. Também mostra como é possível obter resultados satisfatórios a partir de uma relação entre dados diacrônicos e dados sincrônicos, bem como entre dados de escrita e dados de fala.

É importante ressaltar que, ao buscarmos, na grafia do PA, informações sobre a fala da época, não partimos da pressuposição de que os dados de escrita são mera transcrição da fala, uma vez que temos plena consciência de que esse não é o caso. Tendo em vista que as variações gráficas são recorrentes no *corpus* analisado, pelo fato de não haver, naquele momento da língua, um padrão ortográfico fixado, procuramos, nessas variações gráficas, "vazamentos" da fala do século XIII. Ao verificarmos que os contextos fonológicos que favoreciam a variação entre vogais pretônicas, nas CSM, eram os mesmos responsáveis pelo levantamento da vogal pretônica em muitas variedades do PB atual, constatamos que a variação gráfica aqui identificada não era gratuita, ao contrário, refletia características da realização fonética das vogais pretônicas no PA.

Pode-se dizer, portanto, que, ao estudarmos as vogais pretônicas do PA, conseguimos estabelecer uma relação entre grafemas e fonemas da língua, assim como entre variação gráfica e variação fonética, e, com base em uma metodologia adequada e uma reflexão fundamentada em contextos fonológicos, obtivemos informações relevantes sobre a realização fonética das vogais pretônicas do PA.

Quanto às vogais átonas finais do PA, os dados obtidos apontaram para um sistema vocálico constituído de três fonemas: /a, e, o/. Constatamos, pois, que, naquele momento da língua, já se verificava a neutralização entre /e/ e /i/, assim como entre /o/ e /u/, em posição átona final, que se verifica no PB atual.

Identificamos, no *corpus* analisado, alguns casos de variação gráfica entre <e> e <i> postônicos finais. Interpretamos essa variação gráfica como reflexo de possíveis variações fonéticas na realização da vogal /e/ em posição átona final, no PA.

Não foram identificados, nas CSM, casos de variação entre <o> e <u> átonos finais. Consideramos, no entanto, que o fato de não ter ocorrido variação gráfica entre as vogais posteriores em posição postônica final, no *corpus* analisado, não significa que não havia, no PA, variação fonética envolvendo as vogais [o] e [u] nessa posição do acento. Foram levantadas duas hipóteses para a ausência de variação entre <o> e <u>, em posição átona final, nas CSM: ou a variação não foi registrada por causas morfológicas, já que <o> está, geralmente, associado à marcação do gênero masculino, em português; ou a vogal alta <u> não foi registrada, em posição postônica final, porque naquele momento da língua (século XIII), ao contrário do que ocorre no PB atual, era mais comum a ocorrência de [o] nessa posição do que de [u].

Por fim, ao compararmos nossos resultados com aqueles obtidos por Granucci (2001), na observação das *cantigas de amigo*, verificamos que o presente estudo confirma os sistemas vocálicos do PA em posição tônica, pretônica e átona final, propostos pela autora, mas também traz novas informações sobre as qualidades vocálicas do PA. Dada a maior extensão e riqueza (lexical e rímica) das CSM, em relação às *cantigas de amigo*, alguns dados aqui identificados não foram contemplados por Granucci (idem) na análise das cantigas profanas. No caso de vogais médias que apresentavam, no PA, um timbre vocálico diferente daquele que apresentam no PB atual, Granucci (idem) identificou a mudança apenas nos adjetivos *mayor* (*maior*), *peyor* (*pior*) e *melhor* (*melhor*). A autora também não faz referência a variações gráficas entre as vogais pretônicas do PA.

Pode-se dizer, portanto, que este livro não apenas confirma as propostas de Granucci (2001) e de outras estudiosas que se debruçaram sobre os sistemas vocálicos do PA (Mattos e Silva, 2006; Maia, 1997; Ramos, 1985), mas também traz novas informações, sobretudo a respeito da realização das vogais médias em posição tônica, de determinados termos do PA, que passaram por mudanças, ao longo da história da língua, e sobre a variação entre as vogais pretônicas do português falado no século XIII.

Referências bibliográficas

AFONSO X, O SÁBIO. *Cantigas de Santa María*. Edición facsímile do Códice de Toledo (To). Biblioteca Nacional de Madrid (Ms. 10.069). Vigo: Consello da Cultura Galega, Galáxia, 2003.

BERTOLUCCI PIZZORUSSO, V. Cantigas de Santa Maria. In: LANCIANI, G.; TAVANI, G. (Org.) *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993a. p.142-6.

______. Alfonso X. In: LANCIANI, G.; TAVANI, G. (Org.) *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993b. p.36-41

BETTI, M. P. *Rimario e lessico in rima delle* Cantigas de Santa Maria *di Alfonso X di Castiglia*. Pisa: Pacini Editore, 1997.

BISOL, L. A Variação da pretônica na diacronia do português. *Letras de Hoje (Porto Alegre)*, v.17, n.1, p.80-97, 1983.

BORTONI, S. M. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? *Revista Estudos da Linguagem (Belo Horizonte)*, v.1, n.1, p.9-30, 1992.

BUENO, F. da S. *Estudos de filologia portuguesa*. 6.ed. São Paulo: Saraiva, 1967.

CAGLIARI, L. C. *Elementos de fonética do português brasileiro*. São Paulo: Paulistana, 2007.

CÂMARA JR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

______. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2007.

CARMO, M. C. do. *As vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista*. São José do Rio Preto, 2009. Dissertação (Mestrado

em Linguística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.

CASTRO, B. M. *As Cantigas de Santa Maria*: um estilo gótico na lírica ibérica medieval. Niterói: Eduff, 2006.

CELIA, G. F. *As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia – ES*. Campinas, 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

CLARKE, D. C. *Versification in Alfonso el Sabio's*. Cantigas. HR, 23, 1955. p.83-98.

CLEMENTS, G. N. The geometry of phonological features. *Phonology Yearbook, 2*, p. 225-52, 1985.

COLLISCHONN, G.; SCHWINDT, L. C. Harmonia vocálica no sistema verbal do português do sul do Brasil. *Estudos de Fonologia e de Morfologia (Porto Alegre)*, v.18, n.36, p. 73-82, 2004.

COSTA, A. de J. Os mais antigos documentos escritos em português: revisão de um problema histórico-lingüístico. *Revista Portuguesa de História (Coimbra)*, v.17, p.263-340, 1979.

COSTA, D. S. *Estudo do acento lexical no português arcaico por meio das Cantigas de Santa Maria*. Araraquara, 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. 6.ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

CRYSTAL, D. *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FERREIRA, M. P. The stemma of the marian cantigas: philological and musical evidence. *Bulletin of the cantigueiros de Santa Maria (Cincinnati)*, n.6, p.58-98, 1994.

FIDALGO, E. *As Cantigas de Santa Maria*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia, 2002.

FILGUEIRA VALVERDE, J. Introducción. In: ALFONSO X EL SABIO. *Cantigas de Santa María*: códice rico de El Escorial. Madrid: Castalia, 1985. p.11-63.

FREITAS, S. N. *As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança*. Belém, 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará.

GOLDSTEIN, N. *Versos, sons, ritmos*. São Paulo: Ática, 1985.

GONÇALVES, E. Apresentação crítica. In: GONÇALVES, E.; RAMOS, M. A. *A lírica galego-portuguesa (textos escolhidos)*. 2.ed. Lisboa: Editorial Comunicação, 1985. p.17-80.

GRANUCCI, P. M. F. *O sistema vocálico do português arcaico*: um estudo a partir das rimas das cantigas de amigo. Araraquara, 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

HAUY, A. B. *História da língua portuguesa I*: séculos XII, XIII e XIV. São Paulo: Ática, 1989.

LEÃO, Â. V. Questões de linguagem nas *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X. *Ensaios*, Associação Internacional de Lusitanistas (AIL), 2002. Disponível em: <http://www.pucrs.br/fale/pos/ail/leao01.htm>. Acesso em: 17 jan. 2005.

_______. Cantigas de Santa Maria *de Afonso X, o sábio.* Aspectos culturais e literários. São Paulo: Linear B; Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

LEE, S. Variação lingüística e vogais no PB. In: HORA, D. (Org.) *Vogais*: no ponto mais Oriental das Américas. João Pessoa: Ideia, 2009. p.29-43.

MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa.* Lisboa: Confluência, 1952.

MAIA, C. *História do galego-português*. 2.ed. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, Junta de Investigação Científica e Tecnológica, 1997. Reimpressão da edição do Inic, 1986.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Escrita do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*: fonética ou ortográfica? *Filologia e Lingüística Portuguesa*, n.2, p.159-78, 1998.

_______. *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores*: três momentos da história do acento. Araraquara: FCL, Laboratório Editorial, Unesp; São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.

_______. *A música da fala dos trovadores*: estudos de prosódia do português arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas. Araraquara, 2005. Tese (Livre-Docência em Fonologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

_______. Legitimidade e identidade: da pertinência da consideração das *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X como *corpus* da diacronia do português. In: MURAKAWA, C. de A. A.; GONÇALVES, M. F. (Org.) *Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa*. Araraquara: Laboratório Editorial da FCL/Unesp; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007a. p.101-26.

______. *Cancioneiros medievais galego-portugueses*: fontes, edições e estrutura. São Paulo: Martins Fontes, 2007b.

MATEUS, M. H. M.; D'ANDRADE, E. *The phonology of Portuguese.* Oxford: Oxford University, 2000.

MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico*: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

MELO, G. C. de. *Iniciação à filologia portuguesa.* 3.ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1967.

MESSNER, D. Conjecturas sobre a periodização da língua portuguesa. In: MASSINI-CAGLIARI, G. et al. (Org.) *Descrição do português: lingüística histórica e historiografia lingüística.* Araraquara: Laboratório Editorial da FCL/Unesp; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002. p.97-117. (Série Trilhas lingüísticas, 3).

METTMANN, W. Glossário. In: AFONSO X, O SÁBIO. *Cantigas de Santa Maria*. Coimbra: Universidade, 1972. v.4.

______. (Ed.) *Cantigas de Santa María (cantigas 1 a 100)*: Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1986a.

______. Introducción. In: ALFONSO X, EL SABIO. *Cantigas de Santa María (cantigas 1 a 100)*. Madrid: Castalia, 1986b. p.7-42.

______. (Ed.) *Alfonso X, el Sabio*. *Cantigas de Santa Maria* (cantigas 101 a 260). Madrid: Castalia, 1988.

______. *Cantigas de Santa María (cantigas 261 a 427)*: Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1989.

MICHAËLIS DE VASCONCELOS, C. *Lições de filologia portuguesa (segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13) seguidas das lições práticas de português arcaico*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1946.

MONTOYA MARTÍNEZ, J. *Composición, estructura y contenido del cancionero marial de Alfonso X*. Murcia: Real Academia Alfonso X el Sabio, 1999.

NUNES, J. J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*: fonética e morfologia. 6.ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1960.

O'CALLAGHAN, J. F. *Alfonso X and the* Cantigas de Santa Maria: a poetic biography. Leiden, Boston, Köln: Brill, 1998.

OLIVEIRA, M. A. Aspectos da difusão lexical. *Revista de estudos da linguagem*, ano 4, v.1, p.31-41, 1992.

PAMUK, O. *A maleta do meu pai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

PARKINSON, S. R. As *Cantigas de Santa Maria*: estado das cuestións textuais. *Anuario de Estudios Literarios Galegos (Vigo)*, p.179-205, 1998.

______. Layout and structure of the Toledo manuscript of the *Cantigas de Santa Maria*. In: ______. (Ed.) *Cobras e son*: papers on the text music

and manuscripts of the "Cantigas de Santa Maria". Oxford: Legenda, University of Oxford, 2000a. p.133-53.

_______. Layout in the *Códices ricos* of the *Cantigas de Santa Maria*. *Hispanic Research Journal (Leeds)*, v.1, n.3, p.243-74, Oct. 2000b.

_______. Phonology and metrics: aspects of rhyme in the *Cantigas de Santa Maria*. In: DEYERMOND, A. (Ed.) *Proceedings of the Tenth Colloquium*. London: Queen Mary and Westfield College, 2000c. p.131-44.

RAMOS, M. A. Nota lingüística; critérios de edição; normas de transcrição. In: GONÇALVES, E.; RAMOS, M. A. *A lírica galego-portuguesa (textos escolhidos)*. 2.ed. Lisboa: Editorial Comunicação, 1985. p.81-127.

ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. (Biblioteca do Estudante).

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SCHAFFER, M. E. The "Evolution" of the *Cantigas de Santa Maria*: the relationships between manuscripts T, F and E. In: PARKINSON, S. (Ed.) *Cobras e son*: papers on the text music and manuscripts of the "Cantigas de Santa Maria". Oxford: Legenda, University of Oxford, 2000. p.186-213.

SILVA, M. B. *As pretônicas no falar baiano*: a variedade culta de Salvador. Rio de Janeiro, 1989. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SILVA NETO, S. da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.

_______. *Introdução ao estudo da filologia portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

SNOW, J. T. Current status of *Cantigas* studies. In: KATZ, I. J.; KELLER, J. E. (Ed.) *Studies on the* Cantigas de Santa Maria: art, music and poetry. Madison: The Hispanic Seminary of Medieval Studies, 1987. p.475-86.

SOUTO CABO, J. A. Nas origens da expressão escrita galego-portuguesa. Documentos do século XII. *Diacrítica – Revista do Centro de Estudos Humanísticos* (Braga), v.17, p.329-87, 2003.

SPINA, S. *A lírica trovadoresca*. 3.ed. São Paulo: Edusp, 1991.

TAVANI, G. *Ensaios portugueses*: filologia e lingüística. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1988.

_______. Arte de trovar. In: LANCIANI, G.; TAVANI, G. (Org.) *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993. p.66-9.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. 6.ed. Lisboa: Sá da Costa, 1994.

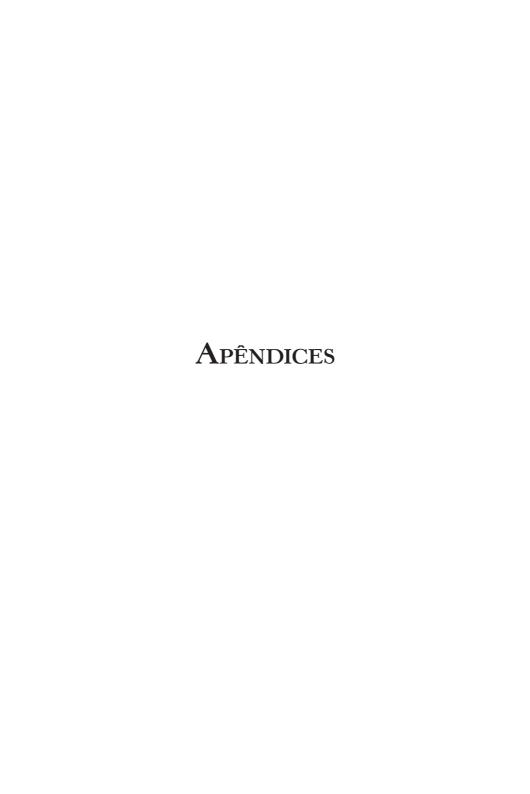
VASCONCELLOS, J. L. de. *Lições de filologia portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.

VIEGAS, M. C. *Alçamento das vogais pretônicas*: uma abordagem sociolingüística. Belo Horizonte, 1987. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.

______. O alçamento de vogais médias pretônicas e as conseqüências de diferentes recortes na amostragem. *Letras de Hoje (Porto Alegre)*, v.38, n.4, p.307-18, 2003.

WETZELS, W. L. Mid vowel neutralization in Brazilian Portuguese. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, v.23, p.19-55, 1992.

WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português*: fonologia e morfologia histórica da língua portuguesa. 3.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

XAVIER, M. F.; MATEUS, M. H. M. (Org.) *Dicionário de termos lingüísticos*. Lisboa: Cosmos, 1990. v.1

Apêndices

Apêndice A
Rimário das *Cantigas de Santa Maria*

Vogais médias anteriores (em posição tônica)

Rima *-eja*

/e/
seja/eigreja (CSM 9)
eigreja/seja/sobeja (CSM 23; 107; 136; 145; 179; 228; 231; 268; 304; 309; 325; 346; 352)
eigreja/seja (CSM 25; 94; 285)
deseja/peleja/enveja (CSM 67)
ygreja/sobeja/veja (CSM 69)
ygreja/seja/peleja (CSM 75; 78)
peleja/eigreja (CSM 89)
seja/peleja (CSM 115)
peleja/seja/sobeja (CSM 119)
eigreja/seja/veja (CSM 139)
enveja/peleja/sobeja (CSM 184)
eigreja/seja/peleja (CSM 196; 343)
seja/peleja/veja (CSM 200)
sobeja/eigreja/seja (CSM 214)
enveja/seja/deseja (CSM 241)
eigreja/sobeja/veja (CSM 247)

ygreja/seja (CSM 255)
seja/Eigreja/enveja/peleja/deseja/sobeja/veja (CSM 280)
seja/veja (CSM 310)
eigreja/seja/deseja (CSM 319)
veja/eigreija/sobeja (CSM 338)
ygreja/seja/sobeja (CSM 367; 393)
sobeja/ygreja/seja (CSM 398)
Eigreja/seja/sobeja/deseja/enveja/peleja (CSM 409)

Rima *-ejas*

/e/
sejas/envejas/ygrejas (CSM 78)

Rima *-ela*

/e/ ou /ɛ/ (?)
Castela/Conpostela (CSM A)
capela/bela (CSM 18)
capela/bela/Conpostela/alcavela (CSM 26)
bela/donzela/sela (CSM 49)
donzela/bela (CSM 59)
capela/donzela/bela (CSM 69)
capela/cela/escudela/bela (CSM 115)
donzela/bela/mazela (CSM 132)
vee-la/dela/põe-la (CSM 148)
sela/donzela/vee-la (CSM 153)
Donzela/Ancela/vela/caudela/sela/alcavela/mesela/almocela/stela/revela/cela/Castela (CSM 180)
caudela (CSM 190)
donzela/bela/ancela (CSM 201)
capela/mazela/alcavela (CSM 215)
bela/donzela/mazela (CSM 255)

capela/caudela (CSM 276)
capela/bela/ela/querela (CSM 285)
daquela/vence-la/move-la (CSM 305)
mazela/donzela (CSM 330)
capela/mesela/bela (CSM 345)
dela/ela/querela (CSM 360)
Castela/Compostela/bela (CSM 367)
prende-la/ela (CSM 369)
Castela/bela/Capela (CSM 398)

Rima *-eo*

/e/
avangeo/reçeo/creo (CSM 75)
viveo/recebeo/comeo (CSM 178)
respondeo/falleceo (CSM 192)
meteo/venceo/ofereo (CSM 206)

/ɛ/
Ceo/veo/ebreo (CSM 39)
ceo/veo (CSM 115)
Aqué o/ceo/veo (CSM 405)

Rima *-er*

/e/
dizer/ffazer (CSM B)
aver/fazer/poder/descreer (CSM 3)
prazer/comer/resprandecer/tẽer (CSM 4)
soffrer/põer/vencer/querer/prazer/fazer/morrer/traer/dizer/caer/saber/ toller/crecer/poder/perder/confonder/somerger/perecer/combater/guarecer/ gradecer/coller/trager/bastecer/aver/ronper/falecer/avorrecer (CSM 5)

entender/saber/sofrer/fazer (CSM 7)
prazer/decer/toller (CSM 8)
parecer/prazer/seer (CSM 10)
caer/seer/trager/perder/te)er/dizer/fazer/morrer/põer/socorrer/aver/prazer/ seer/falecer/toller/tanger/prender/erger/lezer/jazer/defender/viver (CSM 11)
fazer/põer/morrer (CSM 12)
fazer/prender/põer (CSM 13)
fazer/erger/perder (CSM 14)
offrecer/viver/prazer (CSM 15)
dizer/fazer/perder (CSM 16)
dizer/creer/trager (CSM 17)
veer/fazer (CSM 18)
dizer/fazer/toller (CSM 21)
falecer/temer/retraer/fazer/seer/correr/morrer/receber/jazer/coller/meter/ põer/erger/tanger/veer/dizer/nacer/parecer (CSM 24)
aver/valer/fazer/lezer/poder/seer/meter/creer/prazer/veer/dizer/render/ perder/põer/despender/morrer/entrameter/escaecer/compõer/render/ prender/falecer/temer/cometer/tender/soffrer/entender/volver/acreer/caer/ connocer/contender/correr/saber/parecer/trager/receber/asconder/escaecer/ nacer (CSM 25)
tẽer/vencer/morrer/fazer/receber/dizer/conceber/aver/acorrer/perder/veer/ seer/contender/prender/trager/tanger (CSM 27)
dizer/prender (CSM 28)
tẽer/receber/resprandecer/parecer/creer/poder (CSM 29)
prometer/toller/fazer/dizer/creer/arder/seer/connocer/meter/aver/correr/ veer/offerer/prender/põer/nacer/deffender/volver/caer/tẽer/guarecer/jazer/ soffrer/trager/correger/tanger/receber/coller (CSM 35)
seer/tanger/entender/aver/retraer/desfazer/meter/vender/perder/acaecer/ dizer/seer/trager/creer/cometer/bẽeizer/caer/erger/correr/descer/parecer/ veer/tẽer/fazer/asconder/roer/lezer/decer/ caber/trager/merger/render/ põer (CSM 38)
torcer/põer/parecer (CSM 42)
prazer/decer/prender (CSM 44)
seer/fazer/veer/dizer/creer (CSM 46)
meter/perder/sofrer (CSM 47)
dizer/guarecer/perder/escurecer (CSM 49)
decer/poder/prender (CSM 50)

poder/combater (CSM 51)
obedecer/nacer/prazer/prender/decer/monger/fazer/aver/saber (CSM 52)
dizer/fazer/arder (CSM 53)
seer/nacer/retraer/prazer/saber/fazer/leer/querer/compõer/crecer/escoller/ põer/prender/veer/ revolver/jazer/conver/ser/aver/dizer/tender/merecer/ mantẽer/morrer/tẽer/bẽizer (CSM 56)
aparecer/trager/acorrer (CSM 58)
dizer/tanger/erger (CSM 59)
perder/aver (CSM 60)
mor[r]er/caer/prender/seber/aver/temer/toller/cometer/tẽer/fazer/dizer/ apareçer/poder/ connocer/recreer/vençer/guareçer/perder/seer/offreçer (CSM 63)
dizer/parecer/prender (CSM 64)
perder/prazer/fazer (CSM 68)
dizer/tanger/naçer (CSM 72)
caer/viver/apareçer (CSM 73)
deffender/fazer/poder/pareçer/entrameter/morrer/compõer/chover/acorrer/ enpeeçer/perder/ valer (CSM 74)
fazer/põer/perder (CSM 76)
fazer/poder/aver (CSM 82)
veer/prazer/bẽeizer (CSM 84)
apareçer/dizer/esleer/seer (CSM 87)
comer/erger/seer (CSM 91)
poder/trager/veer (CSM 92)
dizer/prazer/aver (CSM 93)
prazer/querer/lezer/fazer (CSM 94)
acorrer/acorrer/valer/valer/morrer/fazer/connocer/prender/dizer/saber/ poder/entender/enquerer/escrever/ apõer/creer (CSM 97)
tẽer/fazer/dizer/retraer/prazer/aver/poder/prender/romper/desfazer/toller/ raer/abranger/lezer/seer/parecer/correr/querer/cometer/sofrer/morrer/ perder/erger/mover/falecer/tanger/perecer/ morrer/saber/escarnecer (CSM 99)
fazer/gemer/valer (CSM 101)
fazer/escarnecer/lezer/perder/aver/prender/erger/veer/viver/correr/ responder/merecer/prazer/ meter (CSM 104)
tẽer/correr/fazer/prender/meter (CSM 106)
dizer/seer/poder (CSM 108)
perder/nacer/poder (CSM 109)

obedecer/fender/mover/caer/sofrer/deffender/decer/volver/perecer/morrer/ bẽizer/poder/prazer/offerer (CSM 113)
prazer/erger/jazer (CSM 115)
prazer/morrer/acender (CSM 116)
fazer/põer/poder (CSM 121)
tẽer/creer/encender (CSM 123)
ben-fazer/poder/saber/fazer/poder (CSM 125)
valer/fazer/trager (CSM 126)
veer/meter/mover (CSM 127)
entender/connocer/aver (CSM 130)
seer/acorrer/lezer/prazer/dizer/aver/caer/morrer/fazer/querer/poder/perder/ gradecer/temer/ entender/parecer/detẽer/ prender/render/retraer (CSM 131)
bever/caer/morrer (CSM 133)
dizer/retraer/aver/entender/fazer (CSM 135)
meter/tẽer/torcer (CSM 138)
acorrer/poder/perder (CSM 142)
poder/creer/querer/falecer/prazer/correr/veer/dizer/meter/valer/morrer/ coller/prender (CSM 144)
dizer/querer/aver/defender (CSM 146)
fazer/trager/aver (CSM 155)
fazer/crecer/prender/dizer/confonder/compõer/nacer/perder/prazer/gemer/ lezer/erger/aver/ querer/bẽeizer/meter (CSM 156)
fazer/toller (CSM 162)
fazer/prender/guarecer (CSM 164)
poder/seer/fazer (CSM 165)
poder/valer/querer/saber/trager/perder/dizer/prazer/fazer/erger/viver/ bẽeizer (CSM 168)
poder/fazer/toller (CSM 169)
aduzer/creer/aver/prometer/correr/perder/trager/caer/dizer/seer/meter/ acorrer/retraer/saber (CSM 171)
dizer/creer/acorrer (CSM 173)
dizer/poder/caer (CSM 176)
prender/jazer/erger (CSM 183)
acorrer/defender/creer/perder/poder/aver/toller/veer/fazer/trager/meter/ trager/comer/morrer/ combater/põer/arder/caer/mover/seer (CSM 185)
retraer/acorrer/arder (CSM 186)

creer/fazer/valer/valer (CSM 190)
creer/saber/seer/fazer/dizer/poder/aver/descreer/tẽer/caber/meter/jazer/coller/perder/veer/arder/valer/temer/connocer/ receber/mantẽer/tender/aver/mantẽer/prazer/morrer (CSM 192)
poder/fazer (CSM 197; 230)
retraer/prazer/dizer (CSM 202)
dizer/leer/lezer (CSM 204)
dizer/doer/poder (CSM 206)
aver/creer/dizer (CSM 208)
põer/fazer/aduzer (CSM 209)
fazer/perder/aver/apparecer/defender/trager/meter/veer/dizer/lezer/entender/adormecer/asconder (CSM 212)
dizer/prazer/fazer (CSM 216)
meter/poder/mover (CSM 217)
fazer/acaecer/conpõer (CSM 219)
tẽer/fazer/poder (CSM 226)
perder/fazer/veer (CSM 229)
poder/valer/dizer/prender/perder/enssandecer/offerer/põer/fazer/põer/bẽeizer (CSM 232)
dizer/naçer/correger (CSM 234)
fazer/veer/adoecer (CSM 235)
apareçer/prender/erger (CSM 236)
desfazer/poder/connoscer (CSM 238)
aver/poder/dizer/fazer/prender/nacer/detẽer/receber (CSM 239)
fazer/lezer/seer (CSM 240)
creer/fazer/poder/morrer/acaecer/tẽer/caer/decender/saber (CSM 242)
escarnecer/dizer/bever (CSM 244)
aver/fazer/prender (CSM 245)
fazer/falecer/correger (CSM 246)
estender/encoller/mover (CSM 248)
avorrecer/aver/retraer/meter/tẽer/veer/prazer/querer/coller/tender/dizer/fazer/perder/render/correr/ensandecer/seer/guarecer/ desfazer/saber/trager/morrer/escrever (CSM 251)
prazer/tẽer (CSM 255)
comer/poder/fazer (CSM 258)

fazer/retraer/querer (CSM 259)
veer/prazer/retraer/veer/connocer/dizer/veer/seer/lezer/veer/querer/responder/veer/atender/prender/veer/fazer/saber/veer/responder/sofrer/veer/creer/leer/veer/nacer/erger/veer/caer/entender/veer/mover/detẽer/veer/trager/meter/veer/asconder (CSM 261)
tremer/caer/sofferer (CSM 262)
volver/seer/dizer (CSM 263)
leer/escrever/connocer (CSM 265)
trager/fazer/caber (CSM 266)
erger/dizer/responder (CSM 269)
perder/aver/dizer/caer/doer/fazer (CSM 270)
aver/combater/deffender (CSM 271)
seer/aver/mover (CSM 272)
dizer/fazer/poder (CSM 274)
seer/prender/morder (CSM 275)
põer/fazer (CSM 276)
seer/acorrer/aver/fazer/veer/jazer/fazer/bẽeizer/aver/poder/detẽer/guarecer (CSM 278)
fazer/aver/prometer (CSM 281)
aver/vencer/saber/fazer/nacer (CSM 283)
descreer/dizer/põer (CSM 284)
aver/prazer (CSM 285)
deffender/escarnecer/dizer/receber/contecer/jazer/fazer/veer/desfazer/bẽeizer/decer/fazer/seer (CSM 287)
prazer/aver/connocer (CSM 290)
seer/poder/põer (CSM 291)
fazer/aver/meter (CSM 292)
dizer/aver/correger (CSM 293)
retraer/aprender/fazer (CSM 295)
nacer/prazer/poder (CSM 298)
atrever/fazer/seer/dizer/aver/lezer/parecer/creer/meter/conceber/nacer/connocer (CSM 306)
veer/prazer/fazer (CSM 307)
chover/caer/morrer (CSM 311)
põer/nacer/poder/fazer/prazer/crecer/morrer/valer/dizer/offrecer/falecer/doer/deffender/toller/caer/bẽeizer/falecer/viver (CSM 313)

decer/fazer/desprazer (CSM 314)
merecer/põer/fazer (CSM 316)
comer/bever/morrer (CSM 318)
responder/correger/morrer/guarecer/veer/seer/trager/lezer/seer/bẽeizer/erger/fazer (CSM 324)
offrecer/aver (CSM 326)
seer/toller/fazer (CSM 327)
seer/tanger/caer/fazer/nacer/conceber/valer/põer/meter/mover/trager/escurecer/morrer/seer/off[e]recer/erger/saber (CSM 329)
fazer/poder/nacer (CSM 332)
poder/perder/fazer/morrer/erger/bever/comer/prazer/enssandecer/prender/seer (CSM 334)
entender/dizer/creer/contecer/caer/morrer/acorrer/asconder/aver (CSM 337)
acorrer/dizer/retraer/veer/fazer/coller/valer/lezer/põer/valer/enpeecer/prender/jazer/meter/veer/viver (CSM 339)
parecer/tẽer/nacer (CSM 342)
entender/prazer/poder/fazer/perder/conbater/acorrer/mãer/aprender/seer/veer/receber/perder/arder/meter/acender/morrer/aver/dizer/ retraer/põer/doer/seer/bẽeizer (CSM 345)
nacer/crecer/lezer/receber/dizer/bever/falecer/perder/aver/bẽeizer/seer (CSM 351)
veer/prazer/comer (CSM 353)
tẽer/aver/fazer/cre[c]er/põer/lezer/aver/poder/jazer/revolver/naçer/caber (CSM 361)
dizer/fazer/veer (CSM 362)
fazer/dizer/lezer/prazer/aver/guareçer/veer/pereçer/poder/merger/reçeber/offereçer (CSM 371)
aver/bever/guareçer (CSM 372)
dizer/prometer/offreçer (CSM 378)
viver/erger/ensandeçer/prazer/toller/morrer/esmoreçer/seer/fazer (CSM 381)
prazer/fazer/poder (CSM 382)
temer/reçeber/meter (CSM 390)
viver/correger/dizer/guareçer/morrer/aver/bẽeyzer/acorrer/caber (CSM 391)
dizer/offreçer (CSM 400)
fazer/viver/poder/perder/aver/prender/prazer/tẽer/aver/gradeçer (CSM 401)
leer/aver/fazer (CSM 404)

cofonder/defender/fazer/descreer/creer/morrer/erger/jazer/prazer/dizer/viver/aver/nacer (CSM 407)
dizer/connosçer/veer (CSM 415)
offerer/morrer/veer (CSM 417)
saber/prazer/prender (CSM 418)
aver/dizer/veer (CSM 419)
gradeçer/fazer (CSM 423)
descer/apareçer/veer/poder/fazer/connoçer/seer/podreçer/guareçer (CSM 424)
fazer/morrer/vençer (CSM 425)
deçer/nacer/prender (CSM 426)
connoçer/temer/prender/dizer/deçer/seer/prometer/saber/entender/meter/atender/reçeber/tremer/caer/deçender/lezer/detẽer/correr/leer/aprender/responder/creer/fazer/poder/erger/atanger/toller/temer/retraer/converter/soffrer/padecer/vençer/prazer/põer/aver (CSM 427)

/ɛ/
quiser/disser/aprouguer/souber (CSM B)
Senner/Moller/mester/volonter/quer (CSM 5)
Moller/mester/ouver (CSM 17)
dever/moller/senner (CSM 25)
volonter/quer/tever (CSM 35)
moller/mester/quer (CSM 42; 216)
moller/volonter/quiser (CSM 53)
quer/moller/mester (CSM 58)
mester/senner/Monpisler (CSM 63)
moller/prouguer/mester (CSM 64)
quiser/prouguer/moller (CSM 86)
Monpisler/quer/moller (CSM 98)
moller/volonter/mester (CSM 115; 246; 332)
quer/crever/ouver/mester/disser/moller/Monpesler/souber/quiser/fezer/estever/tever (CSM 123)
aprouguer/moller/mester (CSM 125)
moller/mester/[a]prouguer (CSM 131)
quer/moller/Monpesler/disser/mester (CSM 135)
moller/quer/mester (CSM 146; 147; 212; 269)

prouguer/moller/crever (CSM 186)
fezer/tever/moller/quer/aprouguer/ouver/mester (CSM 203)
moller/quiser/fezer (CSM 235)
fezer/quer/mester (CSM 240)
moller/Senner/ouver (CSM 245)
moller/mester (CSM 255)
volonter/moller/Monpisler (CSM 256)
Santander/mester/quer (CSM 263)
senner/sever/quer (CSM 265)
quiser/crever/Alenquer/Monpesler/mester/prouguer/tever/vẽer/poder/ disser/fezer/moller (CSM 271)
mester/moller/quer (CSM 272)
prouguer/moller/quiser (CSM 287; 372)
disser/quiser/poder (CSM 290)
quiser/prouguer/quer/souber/mester/disser/senner/moller/crever/ouver (CSM 296)
moller/mester/poder (CSM 316)
quiser/vẽer/quer/mester/prouguer/moller/souber/disser/Monpisler/quiser/ der/tever (CSM 318)
quiser/moller (CSM 326)
prouguer/quer/moller (CSM 353)
mester/quer/moller (CSM 356)
prouguer/quiser/moller (CSM 378)
fezer/quer/quiser (CSM 382)
mester/prouguer/disser (CSM 419)
mester/quiser (CSM 423)

Rima *-era*

/e/
prendera/prometera (CSM 9, v., v.44, 46)
perdera/tollera/vendera (CSM 48)
prometera/cosera (CSM 117)

prometera/cera/nacera (CSM 247)
bevera/soffrera/morrera (CSM 393, v.25-27)

/ɛ/
era/vẽera/posera (CSM 6)
quisera/vẽera (CSM 9; v.154, 156)
posera/fera (CSM 25; 369)
vẽera/fera (CSM 31)
quisera/tera/dera (CSM 43)
era/jouvera/quisera (CSM 54)
era/fera/vẽera (CSM 55)
quisera/podera(CSM 57)
quisera/fera (CSM 59)
fera/era/vẽera (CSM 65; 105; 366)
era/vẽera/fezera (CSM 67)
fezera/vẽera/fera (CSM 75)
era/fezera/dissera (CSM 78)
era/posera (CSM 81)
fezera/dissera/era (CSM 83)
avẽera/dera/fera (CSM 89)
era/fezera/mantevera/vẽera/prouguera (CSM 95)
ouvera/podera/quisera (CSM 96)
fezera/fera/dera/posera (CSM 115)
fezera/ouvera/fera (CSM 119)
era/fera/presera (CSM 129)
dissera/fezera/fera (CSM 132)
era/fera (CSM 151)
era/adussera/dissera (CSM 154)
era/dissera (CSM 156)
trouxera/avẽera (CSM 158)
fezera/ouvera/podera (CSM 166)
fera/ouvera/dera (CSM 167)

era/ouvera/fera (CSM 175; 237)
era/fera/quisera/fezera/dera/podera/dissera/tevera (CSM 192)
quisera/fera/era/ouvera (CSM 195)
presera/fera/ouvera (CSM 201)
era/fera/trouxera (CSM 215)
era/fezera/fera (CSM 221; 305)
vẽera/ouvera/jouvera (CSM 228)
fezera/era/fera (CSM 253)
ouvera/fera/fezera (CSM 255)
fera/fezera/ouvera (CSM 264)
fera/era/fezera (CSM 267)
conveera/dissera (CSM 285)
era/fera/fezera (CSM 312)
dera/era/fera (CSM 319)
era/tevera/estedera (CSM 323)
era/ouvera/podera (CSM 347)
era/fera/dera (CSM 352)
dissera/dera/era (CSM 355)
vẽera/fera/ouvera (CSM 357, v.11-13)
ra/vẽera (CSɱ 357, v. 357, v.26-28)
a/fera (CSM 365)
jouvera/dissera (CSM 411)

Rima *-eran*

encolleran/meteran (CSM 77)

/ɛ/
poseran/fezeran/manteveran/jouveran (CSM 115)
ouveran/trouxeran/preseran (CSM 181)
vẽeran/eran/fezeran (CSM 233)

Rima *-erdes*

/ɛ/
quiserdes/ouverdes/teverdes (CSM 45)
quiserdes/derdes/fezerdes (CSM 102)
poderdes/quiserdes/fezerdes (CSM 128)
quiserdes/souberdes/creverdes (CSM 237)

Rima *-eres*

/ɛ/
queres/deres (CSM 25)
creveres/queres/fezeres (CSM 65)
creveres/fezeres/queres (CSM 231)
fezeres/ouveres/quiseres (CSM 237)

Rima *-eron*

/e/
creceron/morreron (CSM 18; v.27, 29)
prenderon/tolleron (CSM 115; v.313-314)
colleron/venceron/perderon (CSM 181)
prenderon/connoceron/meteron (CSM 193; v.40-42)
correron/desbolveron/renderon (CSM 224; v.55-57)
venceron/prenderon/receberon (CSM 277; v.277; v.45-47)
correron/tangeron/perderon (CSM 323; v.323; v.35-37)
con[n]osçeron/meteron/mergeron (CSM 366)

/ɛ/
vẽeron/fezeron (CSM 18; v. 18; v.72, 74)
quiseron/poderon/poderon (CSM 19)

vẽeron/poderon/ouveron/trouxeron (CSM 26)
vẽeron/deron/teveron (CSM 37)
poseron/disseron (CSM 51; v.28-29)
deron/poderon (CSM 51; v. 51; v.77-78)
trouxeron/fezeron (CSM 57)
vẽeron/disseron/ouveron/ (CSM 65)
souberon/deron/veeron (CSM 69)
poseron/preseron/disseron/ouveron/deteveron (CSM 95)
ouveron/vẽeron/deron (CSM 96)
preseron/ouveron/trouxeron (CSM 102)
poseron/ouveron/souberon (CSM 105)
esteveron/fezeron/deron/poseron (CSM 115; v.43, 45, 47, 48)
trouxeron/fezeron/poseron (CSM 116)
vẽeron/poseron/disseron (CSM 128)
souberon/deron/ouveron (CSM 129)
trouxeron/fezeron/disseron (CSM 132)
fezeron/ouveron/poseron (CSM 175)
preseron/poseron/deron (CSM 193; v.15-17)
teveron/deron/fezeron (CSM 198)
deron/trouxeron/poderon (CSM 215)
vẽeron/deron/souberon (CSM 224; v.60-62)
trouxeron/quiseron/poderon (CSM 231)
souberon/ouveron/deron (CSM 233)
fezeron/severon/dolveron (CSM 241)
jouveron/poderon/desfezeron (CSM 243)
deron/fezeron (CSM 255)
poseron/disseron/creveron (CSM 264)
poseron/fezeron/ouveron (CSM 277; v.10-12)
disseron/vẽeron/trouxeron (CSM 312)
ouveron/fezeron/deron (CSM 319)
poderon/fezeron/ouveron (CSM 321)
deron/disseron/fezeron (CSM 323; v.55-57)

souberon/deron/fezeron (CSM 325; 399)
jouveron/fezeron/maseron (CSM 344)
vẽeron/deron/souberon (CSM 345)
poseron/fezeron/disseron (CSM 347)
fezeron/preseron/deron (CSM 355)
deron/preserom/poderon (CSM 379)
vẽeron/poseron/esteveron (CSM 384)
poseron/deron/fezeron/ouveron (CSM 403)
preseron/ouveron/reteveron (CSM 411)
fezeron/poseron (CSM 422)

Rima *-essa*

/e/
badessa/essa (CSM 7)
promessa/essa (CSM 115)
essa/abadessa/condessa/promessa (CSM 195)
dessa/prioressa/essa (CSM 222)
essa/abadessa (CSM 285)
deoessa/essa/promessa (CSM 335)

Rima *-esse*

/e/
acorresse/perdesse/rendesse (CSM 62)
guareçesse/morresse (CSM 77)
prendesse/morresse/vivesse (CSM 175)
enpeecesse/morresse/mordesse (CSM 225, v.26-28)
perdesse/ardesse/morresse (CSM 255)
tangesse/esse (CSM 276)
creesse/caesse/ergesse (CSM 309)
morresse/socorresse/vivesse (CSM 363)

/ɛ/
Jesse/soubesse/ouvesse/dissesse (CSM 20)
quisesse/podesse/désse (CSM 23)
ouvesse/trouxesse/désse (CSM 43)
fezesse/crevesse/désse (CSM 65)
prouguesse/crevesse/soubesse (CSM 67)
fezesse/soubesse (CSM 115)
quisesse/prouguesse/fezesse (CSM 132)
ouvesse/fezesse/podesse (CSM 137)
fezesse/dissesse/soubesse (CSM 139)
fezesse/ouvesse/soubesse (CSM 150)
désse/fezesse/presesse (CSM 182)
ouvesse/prouguesse/désse (CSM 225, v.36-38)
ouvesse/soubesse/quisesse (CSM 2 (CSM 247)
ouvesse/podesse/posesse (CSM 253)
désse/fezesse/ouvesse (CSM 305)
fezesse/podesse/ouvesse (CSM 312)
fezesse/presesse/dissesse (CSM 321)
ouves[s]e/fezesse/dissesse (CSM 328)
quisesse/dis[s]esse/fezesse (CSM 355)
dis[s]es[s]e/ouvesse/posesse (CSM 374)
désse/posesse/sevesse (CSM 375)
podesse/fezesse/désse (CSM 377)

Rima *-essen*

/e/
morressen/guareçessen (CSM 57)

/ɛ/
soubessen/vẽessen/fezessen (CSM 65)
trouxessen/dissessen/podessen (CSM 215)

fezessen/tevessen/ouvessen (CSM 309)
dessen/detevessen/fezessen (CSM 377)
vẽessen/quisessen/estevessen (CSM 379)

Rima *-eu*

/e/
tolleu/prendeu (CSM A)
recebeu/trameteu/sandeu/acolleu/meteu (CSM 5, v.89-93)
morreu/meteu/corregeu (CSM 13)
adormeceu/apareceu/'sclareceu (CSM 15, v.87, 89, 91)
sandeu/apercebeu/trameteu (CSM 16, v.35-37)
perdeu/morreu/prendeu (CSM 17)
perdeu/prometeu (CSM 18)
naceu/morreu/ensandeceu (CSM 21)
meteu/pareceu (CSM 25, v.95, 97)
entendeu/creeu (CSM 25, v.176, 178)
conteceu/varreu/appareceu (CSM 27)
deceu/appareceu (CSM 28)
fendeu/caeu/verteu (CSM 35, v.85-87)
ergeu/encolleu/creceu (CSM 42)
acorreu/tolleu/sandeu (CSM 47)
sandeu/comeu/conteceu (CSM 52)
guareceu/correu/colleu (CSM 53, v.20-22)
viveu/apareceu/creceu (CSM 56)
atendeu/adormeçeu/esterreçeu (CSM 58)
ergeu/meteu/correu (CSM 59)
tolleu/meteu (CSM 60)
couseçeu/connosçeu/entendeu (CSM 63, v.86-88)
sandeu/cometeu/prometeu (CSM 64)
beveu/perdeu/descreeu (CSM 72, v.17-19)
acorreu/soffreu/caeu (CSM 74)

creceu/tolleu/desaprendeu (CSM 76)
apareçeu/reçebeu/viveu (CSM 84)
conteçeu/morreu/apareçeu/ergeu (CSM 87)
pareceu/decendeu/tremeu (CSM 91)
adormeceu/apareceu/faleceu (CSM 92, v.29-31)
apareceu/tangeu/guareceu (CSM 101, v.29-31)
meteu/odeu/atendeu (CSM 104)
prometeu/caeu/ergeu/atendeu (CSM 106)
naceu/entendeu/creceu (CSM 108)
colleu/prendeu/apareceu (CSM 115, v.218, 220, 222)
naceu/prometeu/offereceu (CSM 122)
acorreu/morreu/torceu (CSM 123)
morreu/recebeu/enbarveceu (CSM 124)
pareceu/enssandeceu/encendeu (CSM 125, v.58-60)
meteu/fendeu/apareceu (CSM 131, v.76-78)
aprendeu/ardeu (CSM 134)
prendeu/meteu/anoiteceu/faleceu/adormeceu (CSM 135)
naceu/tolleu/apareceu (CSM 138, v.52-54)
meteu/tolleu/prendeu (CSM 142)
acorreu/caeu/tendeu (CSM 144, v.51-53)
defendeu/contendeu/creeu (CSM 146, v.45, 47, 51)
ascondeu/comeu/creceu (CSM 147)
deceu/tendeu/desaprendeu/caeu (CSM 153)
meteu/naceu (CSM 156)
vendeu/creceu/meteu (CSM 157)
recebeu/entendeu/esclareceu (CSM 164)
morreu/prendeu/ensandeceu (CSM 168)
meteu/prometeu/moveu (CSM 185)
ardeu/pareceu/remãeceu (CSM 186, v.75-77)
conteceu/recebeu/entendeu (CSM 204)
esmorreeeu/meteu/gemeu (CSM 212)
adoeceu/creeu/guareceu (CSM 235, v.45-47)
conteceu/naceu/morreu (CSM 244)

meteu/sandeu/connoceu (CSM 245, v.110-112)
apareceu/meteu/prendeu (CSM 246)
tendeu/recebeu/colleu (CSM 251, v.45-47)
tendeu/morreu (CSM 255)
despendeu/colleu/acaeceu (CSM 258)
naceu/obedeceu/sandeu/perdeu/acorreu/espavoreceu/morreu/naceu/ prendeu/ergeu/valeu (CSM 263)
ergeu/beveu/rendeu (CSM 269)
apareçeu/entendeu/connoceu (CSM 274)
atreveu/meteu/acendeu (CSM 275)
apareceu/cometeu/perdeu (CSM 281, v.20-22)
respondeu/creceu/torceu (CSM 284)
arremeteu/caeu/tangeu (CSM 286)
caeu/naceu/recebeu (CSM 287)
morreu/meteu/perdeu (CSM 292, v.31-33)
estorceu/caeu/ergeu (CSM 293)
sandeu/decendeu/descreceu (CSM 306)
conteceu/acendeu/tremeu (CSM 307)
escrareceu/prendeu/prometeu (CSM 313, v.76-78)
perdeu/tendeu/sandeu (CSM 314)
sandeu/prometeu/ergeu (CSM 317)
conteceu/deceu/estendeu (CSM 318)
naceu/tolleu/meteu (CSM 324)
tangeu/moveu/offereceu (CSM 329)
encendeu/aprendeu/correu (CSM 332)
conteceu/doeceu/prendeu (CSM 334)
prendeu/comeu/tendeu (CSM 339)
defendeu/comeu/colleu (CSM 353, v.11-13)
aconteçeu/prendeu/tolleu (CSM 356)
acorreu/meteu (CSM 380)
conteçeu/morreu/prendeu (CSM 381, v.5-7)
rendeu/meteu/prometeu (CSM 382)
sandeu/comeu/mordeu (CSM 404, v.55-57)
perdeu/tolleu/caeu (CSM 407, v.26-28)

prendeu/padeçeu/recebeu (CSM 419, v.15-17)
estendeu/deçendeu (CSM 423)
naçeu/apareçeu/connoçeu (CSM 424)
creçeu/deçendeu/tremeu (CSM 425)
prometeu/morreu/reçebeu/aprendeu/conteçeu/ençendeu/enssandeçeu/leeu/ confondeu/entendeu/converteu/conquereu/naçeu (CSM 427, v.7, 11, 16, 21, 26, 31, 36, 41, 46, 51, 56, 61, 66)

/ɛ/
eu/seu (CSM B)
seu/judeu/deu (CSM 3)
judeu/seu/eu/greu (CSM 4)
seu/deu/meu/eu/greu (CSM 5, v.26-30)
deu/eu/greu (CSM 15, v. 15, v.168, 170, 172)
seu/greu/eu (CSM 16, v.80-82)
deu/seu/eu (CSM 22; 92, v. 92, v.9-11; 265)
seu/eu (CSM 25, v.14, 16; 146, v.6-7)
greu/deu/seu (CSM (CSM 35, v.5-7)
seu/romeu (CSM 51)
deu/eu/eu (CSM 53, v.3, v.30-32)
seu/deu/teu (CSM 63, v. 63, v.56-58)
seu/deu/encreu (CSM 72, SM 72, v.27-29)
deu/seu/eu/Mateu/leu (CSM 97)
deu/eu/seu (CSM 101, v.39-41)
vergeu/greu (CSM 103)
judeu/e/meu (CSMM 109)
eu/deu/meu (CSMeu (CSM 115, v.185, 187, 189; 291)
eu/greu/meu (CSM 125, v.48-50)
greu/eu/greu (CSM 127)
eu/deu/seu (CSM 131, v.46-48; 281, v.70-72; 361)
teu/eu/meu(CSM 138, v.37-39)
seu/Matheu/eu (CSM 144, v.36-38)
romeu/eu/Andreu (CSM 155)
eu/seu/deu (CSM 176; 245, v.80-82; 292, v.96-98; 337)

eu/deu/teu (CSM 178)
eu/greu/encreu (CSM 186, v.(CSM 186, v.50-52)
seu/deu/greu (CSM 187)
seu/encreu (CSM 192)
seu/eu/deu (CSM 226)
eu/seu/greu (CSM 235, v.60-62)
seu/eu/teu (CSM 236)
meu/seu/deu (CSM 251, v.70-72)
deu/seu/greu (CSM 271)
eu/meu/seu (CSM 295)
teu/meu/seu (CSM 298)
seu/meu/greu (CSM 311)
eu, seu, greu (CSM 313, v.16-18)
greu/seu (CSM 326)
eu/meu/teu (CSM 353, v.31-33; 407, v.51-53)
deu/meu/eu (CSM 381, v.25-27)
greu/deu/eu (CSM 402)
teu/seu/meu (CSM 404, v.80-82)
meu/eu/seu (CSM 419, v.110-112)
seu/deu CSM 427, v.4, 6)

Rima *-eus*

/ɛ/
Deus/seus (CSM A; 162; 184; 230; 276; 427)
seus/Deus/meus/teus (CSM 3)
Deus/romeus/judeus/seus/meus (CSM 5)
Deus/seus/meus (CSM 8; 50; 50; 84; 115; 121; 177; 197; 226; 245; 258; 275; 293; 339)
Deus/judeus/seus (CSM 12)
Deus/seus/judeus (CSM 14; 27; 390; 404; 415; 424)
seus/Deus/meus (CSM 15; 64; 362)
Deus/meus/teus (CSM 16; 42; 98)

Deus/seus/meus/Mateus/judeus/Macabeus/teus/encreus/romeus (CSM 22)
Deus/judeus (CSM 25)
seus/Deus (CSM 27; 380)
seus/Deus/encreus (CSM 35; 138)
Deus/seus/teus (CSM 44; 131; 219; 314; 318)
Deus/seus/romeus/teus (CSM 49)
Deus/seus/Peiteus/judeus (CSM 51)
Deus/seus/romeus (CSM 52; 265)
Deus/teus/meus (CSM 58)
Deus/seus/Matheus (CSM 59)
Deus/meus (CSM 60; 255)
Deus/meus/seus (CSM 63; 125; 281)
seus/Deus/romeus (CSM 73)
seus/Deus/teus (CSM 76; 232)
Deus/teus/seus (CSM 80; 272)
Deus/romeus/seus (CSM 86; 316)
seus/Deus/judeus (CSM 91)
Deus/judeus/meus (CSM 109)
Deus/teus (CSM 113)
seus/Deus/seus (CSM 118)
meus/seus/Deus (CSM 122)
seus/Deus/judeus/encreus/eu's/meus/Macabeus/teus/Mateus (CSM 133)
Deus/seus/meus/encreus/judeus (CSM 135)
Deus/seus/encreus (CSM 146, v.55, 57, 59)
teus (eus/Mateus (CSM 155; 251; 282; 292)
romeus/seus/meus (CSM 157)
teus/encreus/Deus (CSM 165)
Deus/teus/encreus (CSM 185)
judeus/encreus/Deus (CSM 187)
Deus/encreus/seus (CSM 202)
Mateus/Deus/seus (CSM 223)
greus/Deus/seus (CSM 235)
Deus/judeos/seus (CSM 238)

meus/Deus/seus (CSM 274)
romeus/seus/Deus (CSM 278)
judeus/teus/Deus (CSM 286)
seus/Deus/Mateus (CSM 295; 353)
Deus/Mateus/romeus (CSM 313)
romeus/Deus (CSM 326)
teus/Deus/meus/seus/Matheus/romeus/encreus/Filisteus/Machabeus/judeus (CSM 401)
judeus/encreus/meus (CSM 419)
meus/seus (CSM 423)
Deus/judeus/encreus (CSM 425)
Deus/seus/judeus/encreus/Mateos/meus/romeus/ebreus/galileus/fariseus (CSM 426)

Apêndice B
Rimário das *Cantigas de Santa Maria*

Vogais médias posteriores (em posição tônica)

Rima *-ogo*

/ɔ/
rogo/logo (CSM 31; 89)
logo/rogo/meogo (CSM 65)
logo/rogo/jogo (substantivo) (CSM 79)
logo/meog'o (CSM 115)
meogo/logo/rogo (CSM 132; 161)
logo/moogo/rogo (CSM 149)
logo/rogo/jogo (verbo) (CSM 163)
logo/meogo (CSM 189)
logo/rogo/moogo (CSM 237; 399)
logo/rogo/logo (CSM 253)
jogo/rogo/fog[o] (substantivos) (CSM 255)
logo/meogo/rogo (CSM 411)
logo/jogo (substantivo) (CSM 422)

Rima *-or*

/o/
Sennor/loor (CSM A)
loor/Sennor/mellor/trobador (CSM B)
mellor/sabor/amor/leedor (CSM 4)
Emperador/sennor/valor/flor/amador (CSM 5)
sabor/Rocamador/Sennor (CSM 8)
Sennor/trobador/amor (CSM 10)
loor/amor/servidor (CSM 13)
Salvador/amor/sabor (CSM 14)
sabor/Sennor/for/mayor/Enperador/Criador/amor/peyor/Salvador/traedor/pavor/malfeitor/vingador/lidador/tremor/loor/justador/sabedor/chufador/coor/preegador/door (CSM 15)
sabor/sennor/Salvador (CSM 16)
mayor/sabedor/devỹador (CSM 17)
sabor/loor (CSM 18)
pavor/sabor/Sennor (CSM 21)
lavrador/desamor/sennor (CSM 22)
Sennor/for (CSM 25)
Sennor/pavor/ajudador (CSM 27)
peccador/Sennor (CSM 28)
mayor/Sennor/for/amor (CSM 30)
sabor/mayor/pavor (CSM 35)
Sennor/pecador/cambiador/Sennor/sabor/Sennor/pavor/door/amor/Sennor/enganador/Sennor/traedor/ mellor/for/Sennor/valor/Sennor/mayor/rogador (CSM 41)
sabor/Sennor/amador (CSM 42)
Salvador/for/açor/mayor/derredor/Sennor/servidor/mellor/sabor/caçador/amor (CSM 44)
amor/Criador/door (CSM 50)
Sennor/defendedor (CSM 51)
loor/Sennor/pastor (CSM 53)
amador/amor/Sennor (CSM 58)
Sennor/Salvador/pecador (CSM 59)
sennor/Almançor/derredor (CSM 63)

sennor/amor/for (CSM 64)
mercador/amor/sabor (CSM 68)
mayor/mellor/Sennor (CSM 70)
Sennor/flor/peor (CSM 72)
coor/tintor/mellor (CSM 73)
pintor/loor/Sennor (CSM 74)
malfeitor/pelejador/derredor (CSM 76)
amor/Sennor/sabor/pavor/razõador/for/pecador (CSM 80)
pavor/coor/derredor (CSM 82)
Sennor/amor/door (CSM 84)
arredor/Mayor/Sennor (CSM 86)
sabedor/servidor/Sennor/sabor (CSM 87)
for/Sennor/amor (CSM 92)
pavor/coor/Sennor/amor (CSM 94)
Sennor/pecador/peyor/sabor/enganador/mayor/roubador/pavor/door/ Salvador/sabedor/mellor/aguardador/ for/coor/loor (CSM 96)
Sennor/mayor/for/enqueredor/mellor (CSM 97)
Sennor/Salvador/amor (CSM 101; 133)
Sennor/Fror/loor/mellor/pavor/sabor/traedor/peor/cheiror/guardador/ morador/sabedor/ Salvador/derredor/ pecador/coor/mayor (CSM 102)
pavor/prior (CSM 103)
pavor/loor/Sennor (CSM 104)
Sennor/soltador/guiador/pavor (CSM 106)
traedor/Criador/Sennor (CSM 108)
loor/sabor/pecador (CSM 109)
sabor/mayor/Sennor (CSM 115)
Sennor/flor/ajudador (CSM 121)
Emperador/sennor/mellor (CSM 122)
Sennor/for/mayor (CSM 123)
arredor/Mẽor/Sennor (CSM 124)
pavor/derredor/Salvador (CSM 125)
Sennor/sofredor/door (CSM 126)
sabor/Sennor/mellor (CSM 127; 235)
entendedor/Sennor/pavor/amor/peyor/pecador/for/mayor/sabor (CSM 130)
sabor/Sennor/emperador (CSM 131)

Mẽor/amor/sabor/ajudador/Sennor (CSM 135)
sabor/Sennor/derredor (CSM 142)
pavor/Sennor (CSM 144)
mayor/mantẽedor/alynnador/sabor/amor/mayor/Sennor (CSM 146)
malfeitor/roubador/pecador (CSM 155)
redor/loor/Sennor (CSM 157)
sabedor/alvor (CSM 162)
prior/servidor/amor (CSM 164)
Sennor/pecador/mẽor (CSM 168)
Sennor/mellor/loor (CSM 170)
loor/Sennor/amor (CSM 176; 324)
amor/sennor/mezcrador (CSM 177)
Salvador/lavrador/sabor (CSM 178)
derredor/pavor/Salvador (CSM 185)
derredor/mayor/traedor (CSM 186)
Sennor/sabedor/loor (CSM 187)
loor/derredor/Sennor (CSM 188)
loor/Sennor/mayor (CSM 197; 282)
sabor/loor/valor/sabedor/ajudador/acabador/mellor/amor/sennor/Vitor (CSM 202)
sabor/Sennor/amor (CSM 203)
sabor/Sennor/door (CSM 204; 206; 209)
sabor/amor/servidor (CSM 207)
loor/Sennor/lavor (CSM 208; 252)
mellor/derredor/door (CSM 212)
Sennor/for/peor/sabor/peccador/Salvador/door/loor/Rocamador (CSM 217)
dormidor/refertor/parlador (CSM 226)
loor/Sennor/defendedor (CSM 229)
loor/Salvador (CSM 230)
caçador/açor/sabedor (CSM 232)
Salvador/traedor/pecador (CSM 238)
Sennor/for/amor (CSM 240)
Salvador/mellor/amor (CSM 244)

for/Sennor/peccador/peor/Salvador/fror/sabor/mellor/soffredor/traedor/ Sennor/derredor/loor/pavor/sabor/ coor/servidor/prior/dultador/amor/ deffendedor/furador/departidor/esmolnador/Remiidor/malfeitor (CSM 245)
fror/odor/amor (CSM 251)
redor/pavor (CSM 255)
Salvador/amor/loor (CSM 258)
amor/door/Sennor (CSM 259)
mellor/amor/door (CSM 263)
mellor/Emperador/sennor (CSM 265)
lavor/pavor/loor (CSM 266)
Sennor/servidor/Salvador/amor/prophetizador/pastor (CSM 270)
Sennor/Azamor/mayor (CSM 271)
mayor/amor/sennor (CSM 272)
lavor/pastor/mellor (CSM 274)
sennor/Sennor/sabor (CSM 276)
Sennor/trobador/door/Sennor/loador/Sennor/for/mellor/rezõador/ajudador/ pavor/redor/coor/galardõador/sãador/umor (CSM 279)
amor/Sennor/pavor (CSM 281)
mellor/aguardador (CSM 285)
loor/Sennor/mellor (CSM 286)
peor/peccador/traedor (CSM 287)
loador/Sennor/Salvador (CSM 290)
peccador/Sennor/for (CSM 291)
sabor/pavor/Sennor (CSM 292)
remedador/sabor/amor (CSM 293)
lavor/mellor/esprandor (CSM 295)
amor/peccador/Salvador/sabor/door/for/pavor/temor/mellor/traedor/ enganador/Remĩidor/soffredor/servidor/ tomador/esmolnador (CSM 298)
Sennor/for/redor/sabor/pavor/mayor/door/resprandor/loor/mellor/temor (CSM 307)
loor/Sennor/for (CSM 311)
mellor/Sennor/pecador (CSM 313)
caçador/sabor/mellor (CSM 314)
trobador/amor/prior (CSM 316)
peyor/door/Sennor (CSM 317)

redor/sabedor (CSM 326)
door/Salvador/for (CSM 327)
derredor/pavor/mayor (CSM 329)
Sennor/Sennor/Salvador (CSM 330)
loor/Sennor/redor (CSM 332)
sabor/Sennor/lavrador (CSM 334)
Sennor/Salvador/pavor (CSM 337)
sabedor/calafetador/mellor (CSM 339)
redor/Sennor/coor (CSM 342)
Sennor/for/razõador/peccador/mayor/peccador/Sennor/peccador/fror/ peccador/sabor/peccador (CSM 350)
sennor/amor/mayor (CSM 353; 419)
lavor/Sennor/enganador/peor/sabedor/mellor/mayor/ajudador/mayor (CSM 356)
mayor/mẽor/sabor (CSM 359)
arredor/sabor/coor (CSM 361)
mellor/arredor/sabor (CSM 362)
loor/Sennor/Salvador (CSM 372)
Sennor/Salvador/destorvador/peor/for/mellor/mercador/coor/consellador/ door/sabedor/enderredor/guardador/ mayor (CSM 378)
loor/mellor (CSM 380)
for/Sennor/mellor (CSM 382)
mellor/Sennor/Salvador/sabor/amor/for/door/queymador (CSM 390)
Sennor/door/for (CSM 391)
loor/sabor (CSM 400)
Sennor/for/mellor/amor/sabor/guardador/for/traedor/consellador/pedidor (CSM 401)
pecador/valor/loor (CSM 402)
Sennor/amor/pecador (CSM 404)
door/Sennor/sabor (CSM 407)
mellor/Salvador/sabor (CSM 410)
Salvador/guardador/Sennor (CSM 417)
temor/amor/Sennor (CSM 418)
Sennor/amor (CSM 424)
mayor/Sennor/sabor (CSM 425)

Rima *-ores*

/o/
frores/sennores/doores/sabores/pecadores/amores (CSM 10)
roubadores/malfeitores (CSM 57)
loores/sennores/amores (CSM 114; 257)
amores/pecadores/mẽores/sabedores/sabores/odores/errores/amargores/ sennores (CSM 152)
loores/doores/pecadores (CSM 166)
loores/pecadores/amores (CSM 174)
loores/peccadores/mẽores (CSM 175; 194)
loores/sennores/traedores (CSM 193)
sabedores/mayores/fiadores (CSM 214)
loores/sennores/peccadores (CSM 243; 335)
trobadores/sennores (CSM 260)
loores/mẽores/peccadores (CSM 264)
confessores/peccadores/mellores (CSM 280)
loores/sennores/mellores (CSM 288)
sennores/peccadores/doores (CSM 289)
lavradores/preegadores/ardedores (CSM 304)
loores/sennores/mayores (CSM 315; 341)
peccadores/doores/sabedores (CSM 333)
alvores/peccadores/errores (CSM 340)
pecadores/doores/sennores (CSM 355)
flores/caçadores/moradores/lidadores/doores/mayores/mellores/lavradores/ sabedores/montadores/con[n]osçedores/loores/braadadores/sabores/aradores/ sennores (CSM 366)
loores/sennores (CSM 369)
loores/sennores/doores (CSM 370)
loores/amores/pecadores (CSM 376)
peccadores/roubadores/mellores/mercadores/dessabores/sabedores/ malfeitores/corredores/chufadores/fiadores/loores/pobladores/mayores (CSM 379)
frores/loores/sabores/colores/[e]splandores/mellores/errores/loadores/ sennores/mayores/doores/doctores/oydores/pavores/peccadores (CSM 384)
loores/mayores/sabores (CSM 389)

loores/sennores/guardadores (CSM 398)
sabores/loores/pecadores/doores (CSM 406)
frores/odores/peccadores (CSM 408)
emperadores/loores/sennores/amores/peccadores/oradores/sabedores/ sabores/frores/mellores (CSM 409)
pecadores/pastores/mayores (CSM 411)
pavores/pecadores (CSM 422)

/ɔ/
chores/demores (CSM 115)

Rima *-osa*

/o/
Groriosa/preciosa (CSM 2)
groriosa/fremosa (CSM 40; 276)
groriosa/ceosa (CSM 42)
Groriosa/mentirosa/piadosa (CSM 43)
piadosa/perigoosa/misericordiosa (CSM 65)
groriosa/omildosa/Piadosa (CSM 71)
vergonnosa/gloriosa/piadosa/religiosa/saborosa/viçosa/doorosa/fumosa/ astrosa/nojosa/preçiosa/revoltosa/Tolosa/fremosa/perigoosa/goyosa/ maravillosa/espantosa/poderosa (CSM 78)
Groriosa/fremosa/maravillosa (CSM 79)
groriosa/piadosa/poderosa (CSM 83; 116)
groriosa/piadosa/astrosa (CSM 89)
fremosa/aguçosa (CSM 94)
dultosa/Groriosa/saborosa/Preciosa/perigoosa/fremosa/costosa/lubregosa/ piedosa/nojosa/tẽevrosa/sospeitosa/poderosa (CSM 106)
Groriosa/preciosa/piadosa (CSM 107; 114)
Groriosa/poderosa (CSM 115)
groriosa/poderosa/piadosa (CSM 129; 179)
Groriosa/fremosa/amorosa (CSM 132)
piadosa/fremosa (CSM 134)

Groriosa/poderosa/astrosa (CSM 136; 147)
Groriosa/dultosa/piadosa (CSM 137)
fremosa/espantosa/groriosa (CSM 149)
groriosa/lussuriosa (CSM 151)
Groriosa/fremosa/saborosa (CSM 152)
Groriosa/astrosa (CSM 153)
groriosa/poderosa/tẽevrosa/cobiiçosa/piadosa/nojosa/vagarosa/astrosa/ saborosa/Tolosa/pedragosa/viçosa/aguçosa/Preciosa (CSM 158)
fremosa/groriosa/vagarosa (CSM 172)
Tolosa/vergonnosa/perigoosa (CSM 175)
groriosa/fremosa/perigoosa (CSM 181)
Groriosa/soberviosa/'ng[na]osa/mentirosa/dultosa/revoltosa/enbargosa/ nojosa (CSM 192)
Groriosa/piadosa/Preciosa/poderosa/fremosa/amorosa/luxuriosa/boliçosa/ viçosa/saborosa/ menguadosa/avondosa/vergonnosa/esposa/coitosa/ omildosa/malavegosa/astrosa/desejosa/ dultosa/chorosa/religiosa/Tolosa/ querelosa/proveitosa/revoltosa/perigoosa/ervosa/queixosa/ sospeytosa/ Graciosa/temerosa/aguçosa/trigosa/enganosa/amargosa/deleytosa/goyosa/ briosa/ mederosa/revatosa/mentirosa/orgullosa/desdennosa/espantosa/lixosa/ apressurosa/affanosa/ maravillosa/vertuosa/despeitosa/sannosa (CSM 195)
Groriosa/astrosa/piadosa (CSM 201)
Gloriosa/preciosa/poderosa (CSM 218)
Groriosa/fremosa/vagarosa (CSM 227)
groriosa/saborosa/queixosa (CSM 237)
esposa/fremosa/Groriosa (CSM 241)
Tolosa/groriosa/piadosa (CSM 253)
groriosa/fremosa/menguadosa (CSM 273)
viçosa/saborosa (CSM 285)
groriosa/fremosa/astrosa (CSM 294)
groriosa/piadosa/preciosa (CSM 303)
fremosa/Esposa/maravillosa (CSM 309)
groriosa/coitosa/vagarosa/piadosa/dultosa/graciosa/raviosa/queixosa/ chorosa/trigosa/preciosa/ fremosa/esposa/merceosa/goyosa/avondosa/ saborosa/dovidosa (CSM 319)
groriosa (CSM 320)
viçosa/saborosa/deleitosa (CSM 328)

groriosa/esposa/maravillosa (CSM 335)
groriosa/esposa/preciosa (CSM 340)
fremosa/perigoosa/temerosa (CSM 346)
fremosa/groriosa/graciosa (CSM 349)
groriosa/preciosa/piadosa/astrosa (CSM 350)
Gloriosa/astrosa/vergonnosa (CSM 355)
gloriosa/fremosa/pavorosa (CSM 358)
gloriosa/piadosa (CSM 369)
Gloriosa/piadosa/poderosa (CSM 375)
fremosa/groriosa/preçiosa (CSM 377)

SOBRE O LIVRO

Formato: 14 x 21 cm
Mancha: 23,7 x 42,5 paicas
Tipologia: Horley Old Style 10,5/14
1ª edição: 2010

EQUIPE DE REALIZAÇÃO

Coordenação Geral
Marcos Keith Takahashi